



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

RICARDO DA SILVA KAMINSKI

**INDIGNADOS NO CENÁRIO DA CRISE: MOVIMENTOS SOCIAIS
ANTI-SISTÊMICOS NO SÉCULO XXI E A EMERGÊNCIA DA CULTURA
POLÍTICA EM REDE.**

FORTALEZA

2014

INDIGNADOS NO CENÁRIO DA CRISE: MOVIMENTOS SOCIAIS ANTISSISTÊMICOS
NO SÉCULO XXI E A EMERGÊNCIA DA CULTURA POLÍTICA EM REDE.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Sociologia.

Área de concentração: Cidade, Movimentos Sociais e Práticas Culturais

Orientação: Profa. Dra. Alba Maria Pinho de Carvalho

FORTALEZA

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

K23i Kaminski, Ricardo da Silva.

Indignados no cenário da crise: movimentos sociais antissistêmicos no Século XXI e a emergência da cultura política em rede / Ricardo da Silva Kaminski. – 2014.
238 f.: il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2014.

Orientação: Profa. Dra. Alba Maria Pinho de Carvalho.

1. Cultura política. 2. Movimentos sociais. 3. Capitalismo. 4. Democracia. 5. Occupy Wall Street. I. Título.

CDD 301

RICARDO DA SILVA KAMINSKI

INDIGNADOS NO CENÁRIO DA CRISE: MOVIMENTOS SOCIAIS
ANTISSISTÊMICOS NO SÉCULO XXI E A EMERGÊNCIA DA CULTURA POLÍTICA
EM REDE.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Sociologia, do Departamento
de Ciências Sociais da Universidade Federal do
Ceará, requisito parcial para obtenção do Título de
Mestre em Sociologia. Área de concentração:
Cidade, Movimentos Sociais e Práticas Culturais

APROVADA EM: ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Alba M. Pinho de Carvalho – (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Jawdat Abu-El-Haj
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Leonardo Damasceno de Sá
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Lúcio Oliver Costilla
Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a quem me conduziu pelos caminhos da pesquisa, minha orientadora e amiga Dra. Alba Maria Pinho de Carvalho, pela dedicação incansável, pelo apoio incondicional e principalmente por sua renomada maestria em saber fazer aflorar, na alma neófito de seus alunos e orientandos, a vontade de conhecer o mundo em suas contradições e riquezas sociológicas. As muitas horas em que experimentamos o tempo da convivência fraterna entre textos, cafés e conversas, ficarão marcadas em minha alma de eterno estudante e aprendiz.

Meus mais sinceros e cordiais agradecimentos ao Prof. Dr. Leonardo Damasceno Sá e ao Prof. Dr. Jawdat Abu-El-Haj, que muito me honraram com suas contribuições intelectuais no processo de qualificação e agora retomam seu olhar aguçado sobre esta dissertação. Sou grato pelos momentos em sala de aula, que sempre contribuíram profundamente para minha formação acadêmica.

Agradeço, imensamente, ao Prof. Dr. Lúcio Oliver Costilla, da Universidade Nacional Autónoma do México, professor titular do Centro de Estudos Latino-americanos, por sua disponibilidade em dialogar com esta produção acadêmica e por sua contribuição junto à Rede Universitária de Pesquisadores sobre a América Latina (RUPAL).

Sou eternamente grato aos meus pais, Walkiria e Aristóteles Kaminski, por sempre terem apoiado minha trajetória entre muitas idas e vindas nos percalços e caminhos da vida. Seu apoio e compreensão nos momentos difíceis e nas horas iluminadas da convivência familiar ecoam pelo futuro. Sua herança imaterial é a riqueza incomensurável da sede pelo saber em aventurar-se a explorar as fronteiras do desconhecido. Aos meus queridos irmãos, Leandro e Fábio Kaminski, pelas longas horas de diálogo sobre os mistérios do mundo, da vida e do ser, meus agradecimentos mais profundos.

Sou profundamente grato à minha amada companheira de vida, Luciana, a quem conheci na graduação, com quem me casei durante o mestrado. Nossa história estará sempre ligada a esta universidade. Agradeço pelo apoio incondicional nas horas difíceis, pelas noites em claro que passamos estudando e produzindo juntos e pelas horas de felicidade da convivência cotidiana, entre um livro e outro.

Agradeço a todos os professores que contribuíram para minha formação acadêmica e profissional. Sua herança em minha vida nunca terá fim. Aos amigos e colegas de mestrado (turma 2012), sou grato pelo carinho na contribuição crítica e apoio mútuo na produção

acadêmica. Meus mais sinceros agradecimentos ao CNPq, que possibilitou o tempo livre para a realização desta pesquisa.

Finalmente, agradeço aos amigos que fiz no transcorrer da pesquisa de campo, Alexandre, Jez, Paul, Christopher, Ana, Dri, Titi, Rafa, Marcelo Netto, porque contribuíram com sua visão revolucionária e práticas libertárias na transformação da minha visão de mundo e pelo enriquecimento de minhas experiências de vida nos momentos instigantes que passamos juntos. Mais do que trocas de saberes e simbólicas, agora partilhamos modos de existir em conexões que transcendem o tempo-espaço, mesmo ante a maior distância entre nós. Sou grato pelo esforço coletivo e pelos desdobramentos da pesquisa que ora apresento.

RESUMO

Esta dissertação consubstancia a tese de que as redes de movimentos sociais que emergiram na segunda metade do século XXI – no cenário da crise que se intensificou a partir de 2008 –, estão a configurar uma *cultura política em rede*, com base em práticas culturais antissistêmicas. Tais redes de *constelações políticas*, características da cibercultura, procuram redefinir os parâmetros *do político* nas culturas dominantes do *sistema* capitalista, desenvolvendo estratégias rizomáticas de recodificação cultural, no sentido de reconfigurar as relações assimétricas de poder e os limites da democracia representativa na sociedade contemporânea. A pesquisa, realizada no período de 2011 a 2013, foi desenvolvida a partir de uma netnografia com o Movimento Occupy Wall Street, mais especificamente com uma das suas constelações políticas, os Novads. No sentido de configurar as características dessa cultura política em rede, procurou-se estabelecer correlações entre as práticas culturais comuns em suas interconexões com outros movimentos, como o Ocupa Sampa, no Brasil e o Movimento dos Indignados, na Espanha. A rede mundial que conecta indivíduos e grupos sociais pelo ciberespaço, configura vínculos interpessoais, a consolidar novas formas de existência: teias simbólicas e diferentes valores político-culturais são criados e fortalecidos em conexões com outros movimentos, em uma multiplicidade de atores e espaços culturais e institucionais, dentro e fora das fronteiras nacionais. Emerge desta rede viva e rebelde, portanto, uma cultura política antissistêmica, forjada nas práticas e saberes interpessoais e organizacionais destes grupos sociais.

Palavras-chave: Cultura política. Movimentos sociais. Capitalismo. Poder. Democracia. Occupy Wall Street.

ABSTRACT

This dissertation substantiates the thesis that networks of social movements that emerged in the second decade of the twenty-first century – in the scene of the crisis which intensified since 2008 - are setting up a network political culture, based on anti-systemic cultural practices. Such networks of political constellations, characteristics of cyberculture, seek to redefine the parameters of the political in the dominant culture of the capitalist system, developing rhizomatic strategies of cultural recoding, in order to reconfigure thus the asymmetrical relations of power and the limits of representative democracy in contemporary society. The research, conducted in the period from 2011 to 2013, was developed from a netnography approach with Occupy Wall Street movement, more specifically with one of its political constellations, the Novads. In order to configure the features of network political culture, sought to establish correlations between common cultural practices, in their interconnections with other movements, such as Ocupa Sampa in Brazil and the Spanish Indignants movement. The worldwide network that connects individual and social groups by cyberspace configures interpersonal links to consolidate new forms of existence: symbolic webs and different political and cultural values are created and strengthened in connections with other movements in a multiplicity of actors on cultural and institutional spaces, within and across national borders. Emerges from this lively and rebellious network an anti - systemic political culture forged in the practices and interpersonal and organizational knowledge. Emerges from this lively and rebellious network an anti-systemic political culture forged in the practices and interpersonal and organizational knowledge.

Keywords: Political Culture. Social movements. Capitalism. Power. Democracy. Occupy Wall Street.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Meme produzido pelo Adbusters	145
Figura 2. Nicole Novad realizando uma performance.....	161
Figura 3. "Occupation" "Dim Tim" (Paul McLean).....	170

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. CRISE DO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO E A EMERGÊNCIA DAS REDES DE MOVIMENTOS ANTISSISTÊMICOS: UMA CULTURA POLÍTICA DO SÉCULO XXI	16
2.1. A CRISE DO CAPITALISMO NO LIMIAR DO SÉCULO XXI E A EMERGÊNCIA DO PRECARIADO.....	16
2.2. DOS RIZOMAS DAS INDIGNAÇÕES ÀS CONSTELAÇÕES POLÍTICAS: O EVENTO HISTÓRICO DA CONSTITUIÇÃO DE REDES DE MOVIMENTOS ANTISSISTÊMICOS.	28
2.2.1. <i>Onda global de indignação e ocupações: da Praça Tahir ao Zuccotti Park.</i>	28
2.2.2. <i>Os nodos da rede de movimentos antissistêmicos na América Latina</i>	35
2.3. OS NODOS BRASILEIROS DA REDE DE MOVIMENTOS ANTISSISTÊMICOS: REVOLTAS DE JUNHO DE 2013, A EXPERIÊNCIA RIZOMÁTICA DAS MULTIDÕES NA TERRA BRASILIS.	39
2.3.1. <i>As revoltas de junho de 2013: rizomas de indignação no Brasil</i>	39
2.3.2. <i>Configuração da rede de movimentos sociais antissistêmicos: aproximações à teoria dos movimentos sociais</i>	49
2.4. CULTURA POLÍTICA EM REDE: HIPERCONEXÕES EM REDE, RADICALIDADE DEMOCRÁTICA E DESCENTRALIZAÇÃO DO PODER	59
2.4.1. <i>Sobre cultura política e mudança social</i>	59
2.4.2. <i>Cultura política em rede: a política cultural como estratégia de transformação da ordem cultural política dominante</i>	67
3. A SOCIOLOGIA DO TEMPO PRESENTE: UM DESAFIO À INVESTIGAÇÃO SOCIOLÓGICA.....	85
3.1. DO “CONCRETO AO ABSTRATO”: QUANDO A REALIDADE SOCIAL INTERPELA O PESQUISADOR, TORNANDO-SE OBJETO DE PESQUISA. 85	
3.2. MÉTODO EM PERSPECTIVA: MOMENTOS DA DINÂMICA INVESTIGATIVA.....	93
3.2.1. <i>Percursos netnográficos nas teias da cibercultura: metodologia de pesquisa no campo virtual</i> ..	97
3.2.2. <i>Observação não-participante: netnografia do Movimento 15-M</i>	100
3.2.3. <i>O pesquisador-sujeito à Wacquant: netnografia do movimento Occupy Wall Street ou como me tornei um Novad.</i>	101
3.2.4. <i>Estar lá: metodologia de pesquisa no campo presencial</i>	106
4. CULTURA POLÍTICA EM REDE: NETNOGRAFIA COM OS NOVADS E INTERSEÇÕES POLÍTICO-CULTURAIS	110
4.1. CULTURAS POLÍTICAS E PRÁTICAS CULTURAIS CARACTERÍSTICAS DA CIBERCULTURA	110
4.2. UMA ABORDAGEM SOCIOANTROPOLÓGICA PARA CONFIGURAR O POLÍTICO: INSPIRAÇÕES GEERTZIANAS	ERRO!
INDICADOR NÃO DEFINIDO.	
4.3. OS MOVIMENTOS DA MODERNIDADE E AS PERSPECTIVAS DO HIBRIDISMO CULTURAL NA ÓTICA DE CANCLINI	112

4.4.	O "TERRITÓRIO PERDIDO" E AS FRONTEIRAS DA CULTURA EM HOMI BHABHA: UMA PERSPECTIVA SOBRE DIFERENÇAS CULTURAIS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO.....	114
4.5.	AS REVOLTAS DO PRECARIADO: A BASE SOCIAL DA REDE DE MOVIMENTOS ANTISISTÊMICOS.	115
4.6.	AS FORMAS MORFOGÊNICAS DAS REDES DE MOVIMENTOS ANTISISTÊMICOS: RIZOMA, OCUPAÇÃO, DIÁSPORA E CONSTELAÇÃO.....	119
4.6.1.	<i>Rizoma: morfogênese da multidão indignada na cibercultura.....</i>	125
4.6.2.	<i>Ocupação: a territorialização do rizoma antissistêmico.....</i>	137
4.6.3.	<i>Diásporas: transições da forma ocupação às constelações políticas.....</i>	155
4.6.4.	<i>A constelação política dos Novads.....</i>	159
4.6.5.	<i>Produção cultural dos Novads: NovadZine End of the World Edition.....</i>	166
4.6.6.	<i>Ethos Novad: nomadismo ontológico cosmopolita.....</i>	172
4.6.7.	<i>Radicalidades democráticas: os indignados e a crítica ao estatuto da representação.....</i>	181
4.6.8.	<i>Mudar o mundo sem tomar o poder?.....</i>	188
4.6.9.	<i>Jogo e anti-jogo contra os mecanismos e dispositivos de dominação do capital.....</i>	192
4.6.10.	<i>Microrrevolução: ontogênese, produção cultural e contradispositivos.....</i>	197
4.6.11.	<i>Indivíduo social como sujeito autônomo criativo.....</i>	211
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	217
	REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

1. INTRODUÇÃO

O limiar da segunda década do século XXI foi marcado por inúmeros protestos que tomaram as ruas dos principais centros urbanos nos cinco continentes. No Oriente Médio, na Europa e nas Américas eclodiram os movimentos sociais mais significativos desse período de revoltas populares, que se iniciaram em dezembro de 2010. No ano seguinte, o ciclo de protestos que impulsionou multidões às ruas dos grandes centros urbanos nos países do Norte constituiu um acontecimento histórico fundacional de novas redes de movimentos sociais antissistêmicos, característicos da cibercultura. Tais movimentos proclamam a reinvenção da política e a instituição de uma nova ordem social radicalmente democrática.

Constituindo uma rede mundial descentralizada e difusa – com diferentes expressões em diversos países da Europa e nas Américas – os movimentos antissistêmicos desenvolvem modos de insurgência contra os sistemas políticos dominantes. Mobilizando multidões a ocupar ruas e praças públicas nas grandes cidades produzem, com isso, narrativas que questionam formas hegemônicas e sistemas políticos e as relações de poder dominantes nas democracias eleitorais. Ao formularem críticas contumazes ao aparelhamento político e ideológico do Estado pelo capital, tais atores políticos levantam questões relacionadas à democracia representativa, ao mundo do trabalho e ao poder das corporações na sociedade contemporânea. São espaços materiais e virtuais que (re)configuram vínculos interpessoais, a consolidar novas formas de consciência crítica: teias interorganizacionais e diferentes valores político-culturais são criados e fortalecidos com outros movimentos, em uma multiplicidade de atores e espaços culturais e institucionais, transcendendo fronteiras nacionais. Emerge uma nova cultura política, forjada nas práticas e saberes interpessoais e organizacionais que sustentam os grupos constituintes dessas redes.

São justamente nestas culturas políticas emergentes, a consubstanciar novas formas do pensar e do fazer político que marcaram a segunda década do Século XXI, que reside o foco analítico do objeto deste trabalho dissertativo, circunscrito às redes de movimentos antissistêmicos no período de 2010-2013. A tese fundamental desta pesquisa é que a produção cultural das *constelações políticas*, que se articulam em redes características da cibercultura, consiste em tentativas de redefinir os parâmetros do que conta como político nas culturas democráticas hegemônicas, por meio de estratégias de recodificação cultural que visam equalizar politicamente, com isso, os limites da democracia representativa e as relações assimétricas de poder na sociedade contemporânea.

Ao pesquisar o “presente se fazendo”, impõem-se inevitavelmente dois grandes desafios: um teórico, outro metodológico. O primeiro, porque a novidade de práticas, de saberes, de atores, de formas de comunicação, mobilização e expressão exigem teorizações inovadoras num processo permanente de revisão, ampliação e criação conceitual; o segundo, porque trabalhar o presente, com novas conexões de tempo-espço, implica criar dinâmicas investigativas novas, explorando as potencialidades das novas tecnologias de informação e comunicação.

Esta complexidade teórico-metodológica apresenta-se até mesmo na própria designação dos atores que constituem a rede de movimentos, ao buscar-se o delineamento de características comuns, tanto nos saberes e nas práticas políticas, quanto na visão de mundo e identidades que se configuram nos grupos, optou-se pelo elemento que mais caracteriza o processo deflagrador das redes em processos de *enxameamento* – *swarming*¹ – das multidões, nas ruas e praças: a indignação. Apesar deste termo, neste período, frequentemente estar relacionado com o Movimento dos Indignados, que se desenvolveu na Espanha, o sentimento de indignação difusa esteve presente em todas as mobilizações e ações diretas que ocorreram nesse período, nos cinco continentes. É a indignação a base emocional comum a complexa diversidade de movimentos e grupos que surgem antes, durante e depois das “manifestações”.

Indiscutivelmente, a crise estrutural do capital que se revela nos anos 2008/2009, circunscreve os cenários nos quais onde estes movimentos tensionam com as assimetrias e contradições do capital expostos pela crise, que vêm se desdobrando em processos de precarização estrutural do trabalho e da vida. Por isso, pareceu mais apropriado, adotar o termo “os indignados, no cenário da crise”, já que este denomina toda uma miríade de grupos, células autônomas e movimentos sociais que se desenvolveram a partir das mobilizações nas grandes cidades neste período, especialmente na fase *rizomática*². Tais formas heterogêneas de grupos de ativistas autônomos, movimentos sociais e distintas coletividades, que se articulam em redes constituídas, antes, durante e após o ato fundacional da *ocupação*, foram denominadas de *constelações políticas*.

Este texto, apresentado para a defesa de dissertação de mestrado, consubstancia o esforço investigativo desenvolvido, de forma intensa e sistemática, em dois anos e meio de

¹ O termo enxameamento, em inglês, *swarm* ou *swarming*, é frequentemente utilizado para designar os processos de confluência de grande número de pessoas quanto ao comportamento. Neste caso específico, é utilizado para designar o processo de aglomeração das multidões, em protesto nas ruas e praças das grandes cidades que ocorreram naquele período.

² O termo *rizoma* refere-se a uma das categorias desenvolvidas no âmbito desta pesquisa, em conjunto com os Novads, do Movimento Occupy Wall Street, e será desenvolvida no segmento 2 e 3.

pesquisa³. Nesta empreitada, na condição de pesquisador, trabalho efetivamente uma tessitura teórico-empírica produzida no acompanhamento sistemático de determinados movimentos – o Movimento dos Indignados, o Occupy Wall Street, especialmente os *Novads*, e o Ocupa Sampa - em busca de elementos de uma cultura política emergente, com base em perspectivas teóricas, também emergentes, no campo dos próprios movimentos e das teorias no âmbito das ciências sociais. Inegavelmente, esta tarefa consiste em uma “aventura sociológica” do sujeito pesquisador, imiscuindo-se em um campo eminentemente contemporâneo, tentando abrir caminhos, algumas vezes veredas, para chegar à compreensão de movimentos que nos circunscrevem nos circuitos da História e da mudança cultural, política e social.

Neste desbravar de rotas, muitas vezes, deparei-me em uma “Torre de Babel”, precisando recorrer a traduções linguísticas e, sobretudo, culturais. Muitos termos e conceitos, muitas ideias e propostas, emergem nos meus percursos netnográficos, exigindo contemporizar-me com o novo que se delineava, interpelando-me constantemente em minha língua materna e em outras línguas, principalmente inglês e espanhol. Assim, este texto de dissertação, em sua dinâmica expositiva, apresenta três grandes segmentos que constituem os capítulos desta dissertação.

No primeiro segmento, apresento criticamente o cenário da crise no contexto da civilização do capital, procurando trazer à tona as questões que incidem sobre processos crescentes de precarização laboral e existenciais que ampliam a condição de proletariedade, atingindo um número cada vez maior de trabalhadores. Abordo a configuração do precariado, defendendo que tal condição existencial e laboral consubstancia a base social da rede de movimentos sociais que emergiram na segunda do Século XXI. Numa segunda parte deste segmento apresento a fenômeno histórico da emergência da rede de movimentos antissistêmicos, procurando estabelecer paralelos e identificar especificidades entre as diversas formas e contextos sociopolíticos nos quais se desenvolveram em sua história. Nesta parte do texto configura-se um histórico das manifestações no cenário da crise, partindo da Primavera Árabe de 2011 e chegando à “Primavera” brasileira de junho de 2013. Procura-se, também, estabelecer as conexões, em uma espécie de genealogia, entre as redes de movimentos no tempo e no espaço. Na última parte deste primeiro segmento, abordo o fenômeno histórico do

³ Cabe salientar que o processo de investigação começa antes do curso de mestrado, mais precisamente, em maio de 2011, quando eclodem os movimentos e começo a sentir-me interpelado a uma análise sociológica deste fenômeno contemporâneo.

surgimento destes novíssimos atos sociais no Brasil, contextualizados no âmbito da rede de movimentos antissistêmicos que o precedeu.

No segundo segmento da dissertação, desenvolvo uma reflexão epistemológica sobre o desafio de uma investigação sociológica sobre o presente, diante de um fenômeno em movimento na cibercultura do século XXI. Assim, delinea-se o que foi denominado “movimento do concreto ao abstrato”, demarcando o percurso na construção do objeto, a partir das interpelações da realidade. Em seguida, adentra-se na dinâmica do método de investigação, com destaque para os percursos *netnográficos* vivenciados nas “teias” da cibercultura.

A seguir, o terceiro segmento consubstancia os principais elementos comuns, em uma tentativa de configuração das práticas culturais e saberes dos grupos pesquisados. A questão da cultura política emergente nas práticas culturais e saberes dos atores sociais é abordada procurando delinear as principais características comuns que aproximam indivíduos e grupos sociais na rede de movimentos antissistêmicos. Posteriormente, adentrando na base social da rede de movimentos, procurou-se relacioná-la a discussão contemporânea sobre o precariado.

Em outra parte do terceiro segmento, uma proposta interpretativa das *formas* ou *modalidades*, assumidas pela rede de movimentos sociais é apresentada, a partir de categorias nativas e de desdobramentos da pesquisa de campo. Por último, a cultura política e a visão de mundo dos Novads, principal grupo social pesquisado, em suas práticas culturais, modos de vida e estratégias revolucionárias são desenvolvidos num exercício relacional com o objeto de pesquisa.

Na conclusão são apresentados os elementos que, como desdobramento desta pesquisa, resultaram em um conjunto de características que atribuo à determinada cultura política, emergente destes processos e movimentos antissistêmicos em rede e que demarcaram a história da segunda década do século XXI.

2. CRISE DO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO E A EMERGÊNCIA DAS REDES DE MOVIMENTOS ANTISSISTÊMICOS: UMA CULTURA POLÍTICA DO SÉCULO XXI.

2.1.A crise do capitalismo no limiar do século XXI e a emergência do precariado.

Desde que surgiu no horizonte da História, o capitalismo está sujeito às mais variadas tensões relacionadas a determinados períodos de desenvolvimento histórico, dos quais emergem forças antagônicas ao sistema como um todo na forma de movimentos sociais, revoltas e processos revolucionários. Tais atores sociais frequentemente levantam-se contra o Estado que atua em favor de interesses corporativos e que, historicamente, desenvolvem estratégias visando conquistar posições de poder que viabilizem a mudança social rumo a formas societárias alternativas. Na História das lutas políticas, revoltas e revoluções os agentes políticos colocam o Estado como fator central e objeto desta disputa no campo do poder. No capitalismo do século XXI, porém, as lutas antagônicas ao sistema, produzem uma cultura política diferente; assim, cabe ao cientista social procurar compreendê-la, com um desafio ao desvendamento dos fenômenos do tempo presente.

Os movimentos sociais que desenvolvem formas críticas ao capitalismo contemporâneo, na medida em que consolidam suas práticas e saberes, produzem elementos culturais heterônomos aos dos sistemas culturais dominantes, incluindo a produção cultural na esfera do político. Apresentam, portanto, as “impressões digitais” de seu tempo histórico e carregam consigo toda uma cosmogonia política e de formas societárias alternativas ao sistema dominante.

O sistema do capital, de tempos em tempos, enfrenta períodos de crises mais ou menos graves, que são reproduzidas pelos próprios mecanismos de produção e de acumulação do valor, em contradição com os mecanismos de reprodução das relações sociais (MARX, 2002) e dos valores culturais necessários à manutenção e ao desenvolvimento do sistema como um todo (SAHLINS, 2013). As ondas de revoltas e de ímpetus revolucionários, guardam uma estreita relação com as características históricas das mudanças sociais, das formas de governo e do próprio papel e função do Estado como detentor do monopólio da violência e gestor dos interesses da sociedade civil, em toda sua diversidade e conflitualidade de interesses com as classes dominantes que detém o poder político e econômico.

O capitalismo sempre foi objeto central de debates em diversas áreas do conhecimento, especialmente na sociologia, que se desenvolveu com a herança genética que caracteriza a

própria modernidade. Inúmeros autores clássicos e contemporâneos, que atuam no campo das ciências sociais, abordaram, e ainda abordam, sob diferentes perspectivas teóricas críticas, a temática complexa e abrangente do capitalismo de seu tempo, seja no interesse de desvendar seus mecanismos de funcionamento, seja com o objetivo de compreendê-lo em suas contradições ou nos efeitos destrutivos de sua lógica em termos econômicos, políticos, sociais, culturais e ambientais.

Desde o advento da modernidade, a história da civilização do capital é repleta de acontecimentos marcados pelo signo da crise, de tensões e de lutas políticas, nas quais cada classe social, grupo ou agente político procura estabelecer mecanismos que visam assumir posições de poder e operar mudanças estruturais no sistema ou garantir o funcionamento dos mecanismos de dominação e exploração. Nas estratégias desenvolvidas por tais grupos e movimentos sociais, o Estado, quase sempre, assume o papel central nesta disputa.

Na contemporaneidade, é cada vez mais evidente o crescente domínio das relações sociais calcadas no valor econômico e no “cálculo racional” relativo a fins, como destacou Weber (2004), subsumindo as formações culturais heterônomas ao capital. Mesmo governos tidos como de esquerda, como em países da América Latina, ou com valores políticos aparentemente muito distintos, passam gradativamente a adotar o “modelo único” de “progresso”. Um progresso de caminho único e linear que, desde seu surgimento, está associado ao “ser moderno”, a um futuro “necessário” e “incontestavelmente certo” de “desenvolvimento”. É o desperdício provocado pela *razão indolente* (SANTOS, 2005) que contamina formas distintas de saber e de viver que não estejam fundamentadas na cultura do valor.

O modo de produção capitalista, entretanto, revolucionou as estruturas econômicas e sociais do *Ancient Regime*, redefinindo e modificando as instituições, valores e relações de poder da nobreza ao clero, revolucionando a compreensão acerca da economia, do Estado e das formas de governo até então vigentes, redefinindo dialeticamente neste percurso histórico os sistemas sociopolíticos e culturais da vida pública e o *modus vivendi* do tempo-espaço privado.

O capital, e o sistema de valores e instituições que o reproduz socialmente, tornou-se global e oniabrangente, de uma maneira ou de outra, interferindo em todas as culturas. Contudo, não constitui simplesmente uma entidade material, conforme afirma Mészáros que, sob a ótica marxista, alerta sobre o caráter alienante e subliminar dos mecanismos de dominação simbólicas que o reproduzem nos processos ontológicos de sujeitos e grupos sociais:

Cumpramos o capital com um modo historicamente determinado de controle da reprodução sociometabólica. Esse é o seu significado fundamental. Penetra em todos os lugares. Com certeza o capital é também

uma entidade material; ouro, negócios bancários, mecanismos de preço, mecanismos de mercado, etc. Mas, muito além disso, o capital também penetra no mundo da arte, no mundo da religião e das igrejas, governando as instituições culturais da sociedade. Não é possível pensar em nenhum aspecto de nossa vida que não seja, nesse sentido, controlado pelo capital sob as circunstâncias presentes (Mészáros, 2007, p. 68).

Os elementos constitutivos do sistema do capital (como por exemplo, o capital monetário e mercantil: produção esporádica originária de mercadorias) remonta há milhares de anos na história, entretanto, durante a maior parte do tempo, esses subsistemas aparecem como formas subordinadas de sistemas específicos de controle social, que predominavam historicamente nos vários períodos, inclusive os modos de produção escravista e feudal. Nos últimos dois séculos o capital vem consolidando sua vigência como um “sistema orgânico” progressivamente onabrangente. Assim, nos termos de Marx, para compreender o capitalismo como uma totalidade orgânica com as instituições e relações sociais, em sua forma sistêmica:

É preciso ter em mente que as novas forças de produção e as novas relações de produção não se desenvolvem a partir do nada, nem caem do céu, nem nascem tampouco do útero da ideia que a si mesma se põe; mas se formam no interior e em antítese ao desenvolvimento da produção existente e às relações de propriedade tradicionais herdadas. Se em pleno sistema burguês cada relação econômica pressupõe todas as outras em sua forma econômica burguesa, e tudo o que foi posto é, portanto, também um pressuposto, então o mesmo se dá com qualquer sistema orgânico. Esse mesmo sistema orgânico, como totalidade, tem seus pressupostos, e seu desenvolvimento em direção à totalidade consiste precisamente em subordinar a si todos os elementos da sociedade, ou criar a partir dela os órgãos de que ainda carece; eis como historicamente ele se torna uma totalidade (MARX, 2002 p. 203).

Marx ressalta que o capitalismo é o único sistema, em comparação histórica com as formas anteriores, que desenvolveu-se revolucionando as próprias bases fundamentais de produção e as relações sociais de tempos em tempos, de crise em crise, conforme pode-se notar no seguinte trecho de *O Capital*, no qual se analisa a indústria como modelo de produção emergente à época:

a indústria moderna nunca considera e trata como definido o modo atual de um processo. Sua base é revolucionária, enquanto a de todos os outros modos de produção anteriores era, essencialmente, conservadora” (MARX, 2002, p. 45).

Marx, portanto, destaca o caráter *necessariamente*⁴ revolucionário – em termos de modo de produção – do capitalismo em comparação aos modos de produção que o antecederam.

⁴ Necessariamente porque sem o constante processo de revolucionar suas próprias bases de produção o capitalismo não sobreviveria às crises, decorrentes da própria contradição central do capital e do seu sociometabolismo que entra em conflito com as relações sociais de produção, sob a perspectiva da teoria marxiana do valor.

Contudo, no processo de desenvolvimento do sistema do capital, um salto histórico dá-se quando o capitalismo constrói, depois de quatro séculos de existência, as bases materiais de sua reprodução, que são a divisão do trabalho e a industrialização (Houtart, 2007). Desde então, o capitalismo constitui um sistema civilizatório que se expandiu à esfera global, universalizando-se como referência de progresso: tornou-se progressivamente, apesar das resistências políticas antagônicas, uma meta universal.

Com o desenvolvimento do capitalismo, as formas de vivenciar o espaço-tempo passaram a sofrer constantes modificações, sempre num mesmo sentido, em que os espaços vão diminuindo e o tempo parece transcorrer de forma cada vez mais acelerada, diminuindo distâncias geográficas e intensificando a velocidade das transformações sociais. O “encurtamento do espaço-tempo”, nos termos de David Harvey (1989) é uma característica própria do capitalismo. Com o passar do tempo, o capitalismo realiza um novo salto revolucionário sobre suas próprias bases fundamentais, o sujeito social amplifica-se, a divisão do trabalho complexifica-se e diversifica-se em novas tecnologias ampliam a base material de sua reprodução: a informática e as novas tecnologias de informação e comunicação lhe conferem dimensões virtuais, ampliando seu domínio global.

Neste novo cenário o capital necessita de acumulação constantemente acelerada para responder ao tamanho dos investimentos em tecnologias cada vez mais sofisticadas, transcendendo as fronteiras de acumulação para enfrentar as crises do capital produtivo e do capital financeiro. O resultado é que, no mundo contemporâneo do “fim da história”, todos os grupos humanos, sem exceção, estão submetidos à lei do valor.

Os movimentos sociais antissistêmicos atacam esse processo resultante do valor-dissociação e a subsunção do desenvolvimento técnico e científico ao desenvolvimento econômico, conforme é possível constatar no discurso de uma ativista do Movimento Ocupa Sampa, que destaca como este caráter excludente do sistema produz distinção de classe e fragmenta as lutas contra o capital:

o sistema está cheio de mecanismos para excluir... a USP... até chegar aqui... limitar, excluir... Vestibular serve para te excluir, mas não é só por isso. É porque não é interessante colocar gente da favela que vai começar estudar história, filosofia, ter mais pensamento crítico... situação em que vive, vai questionar, levar para família, amigo, vizinho... Se isso acontecesse... daqui a pouco ia estourar a revolução. Mas é interessante para o sistema continuar funcionando... de que novas descobertas sejam feitas para o mundo ser sempre reformulado... para a tecnologia continuar avançando... coisas que servem ao capital (Angélica, 2013).

Em termos contemporâneos “o futuro se apresenta como o horizonte do imprevisível” (HARVEY, 1989) e o novo milênio desenvolve-se sob o signo da incerteza, a produzir

emergência de graves problemas sociais, econômicos e ambientais, Este cenário de crises e ansiedades em relação ao futuro, impulsionaram a indignação persistente de multidões nos grandes centros urbanos na Europa, nas Américas, no Oriente Médio, na Ásia e na Oceania. Como o capitalismo tornou-se, com o passar do tempo, onabrangente, conseqüentemente, as cosmogonias políticas antissistêmicas, na forma de resistência, também transformaram-se em uma rede global, como em uma dança dialética e agonística de lutas que se desenrolam nas ondas da história em que as classes sociais dominantes, ao regularem, através da política, *a fome e o ganho* (Sahlins, 2013), levam ao surgimento e ao desenvolvimento de seus antagonistas.

Vive-se, pois, em uma era de mudanças e incertezas existenciais, de ansiedade generalizada, em um clima de “fim de mundo”, sob o signo do apocalipse (ZIZEK, 2011). Na segunda década do séc. XXI, a geração atual vivencia o que não parece, nem de longe, corroborar a tese do “fim da história” de Fukuiama. Tese esta que, conforme destaca Mészáros, corrobora o “*imperativo tirânico do tempo do capital*” como única visão de futuro possível. Para as correntes políticas de esquerda e críticas ao sistema do capital, os processos revolucionários, as revoltas e levantes populares são considerados potencialmente produtores de alternativas, e na tradição marxista da dialética da luta de classes, como o motor da própria história:

A tirania do imperativo do tempo do capital encontra sua completude apropriada com respeito à escala onabrangente de desenvolvimento no arbitrário “fim da história”. Assim, não há como romper com o imperativo de tempo do capital sem obrigatoriamente asseverar – não apenas em concepções teóricas alternativas, mas sobretudo pela estratégia prática abrangente de transformação revolucionária – o caráter radicalmente ilimitado da história (Mészáros, 2007, p. 50)

Sob este prisma, portanto, a tese do fim da história perde todo o sentido, já que a incerteza característica do tempo presente inspira revoltas das multidões que se espalharam pelas ruas, praças e espaços públicos, indicando que os ventos da mudança social, nunca pararam de soprar.

O crescente poder das grandes corporações no interior do Estado democrático de direito, exercendo domínio sobre os sistemas eleitorais, sobre aspectos econômicos de mercado e sobre as redes de relações políticas, fica cada dia mais evidente, ao transformar sistematicamente periféricas as demandas da maioria da população, mais especificamente, dos trabalhadores que vivenciam processos sociais de precarização laborais e existenciais, cada vez mais graves, especialmente a partir da segunda metade do século XX. As assimetrias entre o poder do capital e o da classe trabalhadora torna-se gritante aos olhos de todos. O poder do capital sobre o Estado

e sobre a classe política é a face mais cruel e desafiadora que leva ao questionamento da democracia representativa enquanto forma de governo viável.

A crise agravada a partir de 2008, não consiste apenas em uma crise do sistema econômico-financeiro internacional, mas constitui um fenômeno com consequências sociais, políticas e culturais, demarcando um “divisor de águas histórico” (MÉSZÁROS, 2011), com possíveis implicações para a democracia liberal representativa e para a cultura política dominante. Em tempos de crise, afirma David Harvey, “a irracionalidade do capitalismo se torna evidente para todos” (2011, p. 175), desvelando as contradições que do processo de crescimento e expansão *ad infinitum* imposto sobre um número cada vez maior de nações, classes e grupos sociais subalternos.

A despeito do aclamado “progresso” capitalista, propugnado como receita mítica de desenvolvimento pela linguagem econométrica, persistentemente repetida como um mantra em todas as esferas da vida social, essa irracionalidade cobra um alto preço às custas do trabalho e da natureza, destituindo direitos sociais historicamente conquistados, degradando as condições de vida e relegando significativas parcelas de trabalhadores às margens do mundo do trabalho. Mais recentemente, o que surpreende é que tais processos avançam também nos países centrais do capitalismo contemporâneo, ampliando a condição de precariedade laboral e existencial no seja no Norte, seja no Sul global.

Para alguns analistas otimistas, como Bresser-Pereira (2011), emergirá da crise atual um “novo capitalismo”, embora sua natureza seja de difícil previsão, com uma forte tendência de expansão da democracia, tornando-a mais social e participativa. István Mészáros afirma o oposto, ao defender que não é apenas o modelo de crescimento e modernização sem transtornos que se despedaça, “mas ironicamente, é também o *slogan* do crescimento sustentado sobre uma base política e social que preserva as possibilidades de um progressivo desenvolvimento democrático” (2011, p. 50). Mészáros, portanto, alerta para o perigo do aumento da repressão e da violência do Estado em defesa dos interesses do capital em momentos de crise e ameaças políticas relevantes.

Contudo, na maioria dos países em que as multidões tomaram as ruas – em inúmeras ondas de revoltas e indignação que iniciaram em 2010-2011–, diante dos posicionamentos e das estratégias autoritárias dos governos formalmente democráticos a da repressão e violência do Estado em nome da ordem social –, a olhos vistos, se intensificam e ampliam processos de violações de direitos civis e direitos humanos. Cada vez mais, táticas militaristas são utilizadas e legalizadas contra a própria sociedade civil, sob a denominação de política antiterrorismo, seja contra inimigos estrangeiros sem fardas, seja contra os cidadãos, classificados e julgados

“preventivamente” enquanto “terroristas domésticos” por sua “periculosidade presumida” ao sistema como um todo.

O processo de crise, que se agravou a partir de 2008, impõe as piores consequências sociais e econômicas com maior intensidade aos trabalhadores e à burguesia assalariada, representados pela metáfora dos 99% criada pelo Movimento Occupy Wall Street. Em meio às proposições mais ou menos radicais das redes de movimentos antissistêmicos, há um estrato social que pretende melhorar a qualidade de vida nos grandes centros urbanos, mas principalmente, impedir que sejam corrompidos direitos e garantias já conquistadas e que parecem estar constantemente sob ameaça em tempos voláteis e conturbados.

Nesse sentido, para compreender os problemas que se acumulam e as contradições, cada vez mais explosivas, é impossível contornar um cenário em que se ressaltam as dimensões estruturais da crise – que estourou em 2008 nos Estados Unidos e se espalhou pelo resto do mundo –, a qual também constituiria uma crise de dominação que pode levar ao recrudescimento o sistema de controle social capitalista de “tolerância repressiva” (MESZÁROS, 2011) nos regimes democráticos. O que hoje se destaca cada vez mais perceptível no capitalismo global do século XXI é a crescente parcela da humanidade “destituída de propriedade” que se encontra em contradição com um mundo de riquezas e de cultura existente de fato (ALVES, 2012).

Em termos econômicos e geopolíticos, para compreender o modelo que vinha funcionando até a crise de 2008, é preciso remontar a construção do cenário a partir da década de 1970, conforme explica Slavoj Žižek (2013), utilizando-se de uma metáfora do *Minotauro global* (2012) de Yanis Varoufakis:

A característica principal é que a crise em andamento não diz respeito a uma regulação bancária de gastos arriscados, negligentes, ineficaz etc. Um ciclo econômico está chegando ao fim, um ciclo que começou no início da década de 1970, quando nasceu o que Varoufakis chama de “Minotauro global”, o monstruoso mecanismo que governou a economia mundial do começo da década de 1980 até 2008 (ŽIZEK, 2013, p. 28).

As principais economias, fortalecidas por esses processos de produção de excedentes como, por exemplo, a Alemanha, Japão e posteriormente a China começaram a produzir mercadorias em abundância para consumo nos Estados Unidos. Uma mudança crucial, portanto, ocorreu neste período quando o modelo de acumulação e de referência internacional de valor passou do padrão-ouro para o dólar, inaugurando uma nova estratégia dos EUA no cenário global, para financiamento dos déficits crescentes. Assim, esses déficits começaram a funcionar:

O fim da década de 1960 e o começo da década de 1970 não foram apenas épocas de crise do petróleo e da “estagflação”; a decisão de Nixon de substituir o padrão-ouro pelo dólar foi sinal de uma mudança muito mais radical no funcionamento básico do sistema capitalista. No fim da década de 1960, a economia dos Estados Unidos não era mais capaz de continuar reciclando seus excedentes para a Europa e a Ásia, esses excedentes se tornaram déficits. Em 1971, o governo dos Estados Unidos respondeu ao declínio com um movimento estratégico audacioso: em vez de procurar diminuir os déficits explosivos do país, decidiu fazer o oposto, isto é, aumentar os déficits. E quem pagaria por eles? O mundo todo! Como? Por meio de uma transferência permanente de capital que atravessava incessantemente os dois grandes oceanos para financiar os déficits dos Estados Unidos (ibidem).

Quase 70% dos lucros obtidos no mundo por esses países foram transferidos para os Estados Unidos, na forma de fluxo de capital para Wall Street, que o transformou em investimentos diretos, quotas, novos instrumentos financeiros, novas e velhas formas de empréstimos (PILKINGTON, 2012). Esse influxo, segundo Zizek “é como a dízima paga a Roma na Antiguidade ou as oferendas que os Gregos faziam ao Minotauro” (2013, p. 29).

Contudo, depois de um longo período de acumulação, que se inicia após a Segunda Guerra Mundial, os agentes do capital – compreenda-se os governos dos principais países capitalistas com suas relações orgânicas com os núcleos privados de centralização do capital e do poder financeiro e da grande indústria mundial, o que Negri e Hardt (2005) denominaram de Império – puderam encontrar, a partir de 1978-1980, respostas às barreiras resultantes de suas contradições internas, conforme destacado por François Chesnais (2012):

Em 1973-1975, com a recessão, terminou o período chamado “os trinta gloriosos” cujo fundamento foi – nunca é demais repetir – a imensa destruição de capital produtivo e meios de transporte e comunicação provocada pelo efeito sucessivo da crise dos anos 1930 e da Segunda Guerra Mundial. O capital encontrou-se novamente confrontado com suas contradições internas, sob a forma do que alguns chamaram de “crise estrutural do capitalismo (CHESNAIS, 2012).

Para Chesnais foram dadas três respostas sucessivas que permitiram ao capital prolongar a acumulação por mais de 30 anos. Na primeira tentativa, após o “relançamento keynesiano” em 1975-77 – houve a adoção, a partir de 1978, de políticas neoconservadoras de liberalização e de desregulamentação com o que se teceu a mundialização do capital. A “terceira revolução industrial” das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) estiveram intimamente associadas a isso e consistiram em um fator que contribuiu para assegurar seu êxito, tratando-se de uma resposta, sobretudo, política. Este desenvolvimento das NTICs, associado às recentes conquistas tecnocientíficas na engenharia genética e no campo da nanotecnologia, estariam na base da mais recente revolução produtiva do capitalismo, que se deparou com uma crise de superacumulação da riqueza e superprodução (CHESNAIS, 2012), já no início do século XXI.

Depois veio a segunda tentativa que foi o “regime de crescimento” onde o instrumento central de acumulação passou a ser o endividamento privado e, em menor escala, o endividamento público. Neste cenário de mais de cinco décadas, Chesnais defende que a crise é o resultado de um processo de superacumulação e superprodução, nos termos da contradição central do capital, segundo a teoria do valor:

A excepcional duração da fase de acumulação, que teve momentos de desaceleração e uma quantidade crescente de advertências (especialmente a crise asiática de 1988), mas nunca um verdadeiro corte, a que se soma a integração da China, ao finalizar esse período, no mercado mundial, fazem com que a superacumulação seja a maior barreira que o capital encontra novamente diante de si. Mais além dos traços específicos de cada grande crise, a razão primeira de todas elas, é a superacumulação de capital. A insaciável sede de mais valia do capital e o fato de que o capital “se paralisa não onde exige a satisfação das necessidades, mas sim onde impõe a produção e a realização do lucro” (Marx, 1973: III, 276), explicam que as crises sejam sempre crises de superacumulação de meios de produção, cujo corolário é a superprodução de mercadorias (CHESNAIS, 2014).

A partir do momento em que a crise financeira começou – em 2007 e 2008 – a dificultar os mecanismos de endividamento e a provocar a contração do crédito, alguns setores como o setor imobiliário e da construção nos EUA, Irlanda, Espanha e Reino Unido e algumas indústrias como a automotiva nos EUA e na Europa evidenciaram estar com uma supercapacidade muito forte de produção (CHESNAIS, 2014). Contudo, a partir do final de 2008, houve uma destruição dessa capacidade de produção na Europa e nos EUA.

A obrigação dos governos de buscarem socorro em empréstimos cresceu continuamente nos Estados Unidos, levando a “captura do Estado” pelos grandes bancos e isso produziu, em parte, a fase atual, que está marcada por uma contradição característica do crescimento durante período tão prolongado. Diante desse quadro, Chesnais (2014) alerta que, em nível mundial, não se avista nenhuma “saída da crise” num horizonte temporal previsível e destaca que as condições da reprodução social das classes populares e médias estão cada vez mais ameaçadas, convergindo sua opinião àquelas que defendem a emergência do que Guy Standing (2009) denominou de “precariado”, sujeitos a intensificação de processos socioeconômicos de precarização do mundo do trabalho e da própria vida, a ampliar a condição de proletariado (ALVES, 2012) da classe média. Neste cenário, o crescimento da pobreza e a pauperização galopante que afeta setores assalariados destaca-se diante de todos, em contraste com o enriquecimento das elites:

A incapacidade de conceber qualquer outro “regime de crescimento” reflete a quase intocável força econômica e política da oligarquia político-financeira que constitui esse 1%. O movimento Ocupa Wall Street é um primeiro sinal do enfraquecimento desta dominação, mas até que não ocorra um terremoto mundial que inclua os Estados Unidos, a política econômica norte-americana seguirá reduzida às injeções de dinheiro do Banco Central (FED), ou seja, a

fazer funcionar a máquina de fabricar cédulas, sem que ninguém saiba até quando isso pode durar. (CHESNAIS, 2014).

O sistema do capital, em sua lógica de expansão incontrolável, amplia crescentemente a condição de precariedade laboral e existencial, a produzir a exclusão em massa de trabalhadores das relações de trabalho, em um metabolismo social regido pela lógica de mercantilização que submete as dimensões ontológicas da vida social – culturais e simbólicas – e da própria natureza ao predomínio da lógica do valor. Neste sentido, pode-se destacar o que Mézáros afirma a este respeito, ao enfatizar que este metabolismo encarna uma contradição central do processo de reprodução do capital, especialmente na contemporaneidade:

o sistema de controle do metabolismo social atingiu um estágio em que lhe é necessário expulsar centenas de milhões de indivíduos do processo de reprodução social (do próprio processo de trabalho) [...] um sistema de reprodução não pode se autocondenar mais enfaticamente do que quanto atinge o ponto em que as pessoas se tornam supérfluas ao seu modo de funcionamento. Esta não é uma projeção para o futuro [...] é a gritante realidade mundial e o rumo, negativo e do qual não se escapa do avanço do capitalismo (1997, p. 152).

Estes mecanismos de reprodução social, a que Mezsáros denomina *sociometabolismo do capital*, se desenvolvem por meio de dispositivos de saber e de poder – evocando, aqui uma linguagem foucaultiana – representando formas de domínio estrutural e culturais.

Conforme argumenta Alba Carvalho, este padrão de “dominação social abstrata, sutil, indefinida do sistema do capital, articula-se, na contemporaneidade, com as formas de opressão, discriminação, exclusão e expropriação da humanidade no âmbito do racismo, do sexismo, da religião, a encarnar um neocolonialismo”, constituindo formas de hibridização dos dispositivos de poder e de saber “com as formas da opressão da colonialidade, a impor modos de vida, formas de sociabilidade, permeados por riscos e inseguranças” (CARVALHO, 2009). As consequências perversas do processo de expansão sem limites, que o capital impõe a um número cada vez maior de nações e seus povos desencadeiam processos crescentes de precarização laboral e existencial.

A crise agravada a partir de 2008, não resulta apenas uma crise do sistema econômico-financeiro internacional, mas efetivamente constitui um fenômeno com consequências sociais, políticas e culturais, demarcando um “divisor de águas” histórico (MÉSZÁROS, 2011), com possíveis implicações para a democracia liberal representativa e para a cultura política dominante. Mézáros alerta, em *A crise estrutural do capital (2011)*, que é preciso construir uma teoria da transição, viabilizando a oportunidade da crise para instituir o que ele denomina de uma “política radical”. Essa política radical, a meu ver, vem sendo desenvolvida por uma

miríade de constelações políticas que constituem a rede de movimentos antissistêmicos e que emergiram após 2011.

Dentre os motivos que levaram a amplificar a indignação das multidões, desde 2011, pode-se considerar que a crise desempenhou uma função de *evento-estopim-mor* diante de ameaças crescentes nas últimas décadas. *Processo que ameaçam à extinção da vida humana, e que, de fato, estão extinguindo a vida animal⁵ e a biodiversidade*: ameaças ambientais sem precedentes e desastres naturais são frequentemente atribuídas a mudanças climáticas como consequências da ação inconsequente do ser humano que explora, até a extinção, os recursos biológicos e naturais. *Ciência distópica funcional ao capital*: o extraordinário desenvolvimento científico e tecnológico desvinculado das necessidades humanas. *Ameaças de concentração ou má-distribuição de renda e de alimentos, incluindo água*: níveis inéditos de pobreza mundial e o aumento do excedente populacional. *Ameaças aos direitos civis, a democracia substantiva e a liberdade individual e coletiva*: o declínio dos sistemas morais⁶ e políticos.

A despeito da tese neoliberal do Estado mínimo, a função estatal ganha centralidade na cena pública, principalmente em tempos de crise, sendo alvo de disputas ideológicas que são travadas na arena política, orientando os modelos de desenvolvimento e a seletividade das políticas econômicas, sociais e ambientais dos programas partidários. Se as elites correm o risco de perder parte de sua riqueza, a sociedade, sob pena de corrosão de empregos e de direitos sociais, é coagida a socorrê-los, sofrendo as consequências dos cortes e arrochos em nome do saneamento das contas públicas impostos pelos draconianos programas de “austeridade fiscal”.

A ideia falaciosa neoliberal, predominantemente difundida e amplamente defendida nesse período, foi que a causa principal da crise econômica e financeira residiria nos gastos excessivos do Estado. O que diverge claramente do fato histórico inegável de que a causa decisiva foram os grandes bancos privados e suas artimanhas para desdobrar e negociar créditos de alto risco – denominados *subprime*⁷ – e que receberam vultosas quantidade de dinheiro público para evitar a falência.

⁵ Um artigo publicado na edição de março de 2011, da revista *Nature*, um grupo de cientistas de instituições dos Estados Unidos levanta a questão de uma eventual sexta extinção em massa: BARNOSKY et all, *Has the Earth's sixth mass extinction already arrived?* Nature. (doi:10.1038/nature09678)

⁶ A este respeito Bauman (2014) acaba de publicar um livro que trata deste assunto, cujo título é “Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida”.

⁷ Em sentido amplo, *subprime* (do inglês *subprime loan* ou *subprime mortgage*) é um crédito de risco, concedido a um tomador que não oferece garantias suficientes para se beneficiar da taxa de juros mais vantajosa (*prime rate*). Em sentido mais restrito, o termo é empregado para designar uma forma de crédito hipotecário (*mortgage*) para o setor imobiliário, surgida nos Estados Unidos e destinada a tomadores de empréstimos que representam maior risco. Esse crédito imobiliário tem como garantia a residência do tomador e muitas vezes era acoplado à emissão

A crise, se intensificou a partir de 2008, faz emergir na cena pública o intervencionismo estatal para manter e reproduzir o sistema do capital. Inegavelmente, o Estado é um dos elementos do núcleo constitutivo do sistema de sociometabolismo do capital, em que “o sistema capitalista não sobrevive um dia sequer, sem uma das múltiplas formas de intervenção massiva do Estado” (MÉSZÁROS, 1997). Os fenômenos voláteis no mercado de valores, nas quedas violentas nos índices de bolsas e pedidos de concordatas de empresas e nações nos países centrais do capital – levando o Estado, em vários países, a disponibilizar recursos públicos para socorrê-las –, são elementos que estão presentes no discurso dos ativistas anticapitalistas e estimulam a emergência de uma esquerda renovada, assim como de novos movimentos sociais antissistêmicos articulados em redes locais e não-locais.

Ambos reforçam, mutuamente, suas críticas ao sistema e às graves consequências sociais e econômicas que as frequentes crises sistêmicas acarretam aos trabalhadores e à classe média. Portanto, o que fica evidente neste cenário é que, em momentos de crises, cai por terra a tese apologética que prega a “eternização do capital” de “mercado livre”, guiado pela “mão invisível”, que ao final das contas tem o Estado como seu principal agente regulador e fiador.

As multidões (consubstanciadas nas redes globais de movimentos sociais antissistêmicos) que levantaram-se contra o Império (a rede global do capital) atacam diretamente o Estado que ajusta a sua intervenção às exigências do sistema do capital, em suas diferentes fases, desenvolvendo um neointervencionismo estatal, funcional ao padrão de acumulação e formas de valorização do capital nos circuitos de sua mundialização, a garantir as regras de operação nos circuitos de expansão (CARVALHO, 2010), constituindo-se “um aparato que obedece a um projeto de desenvolvimento das forças políticas que o estão controlando” (CACCIA BAVA, 2010, p.2).

A base social que sustenta as constelações políticas antissistêmicas consubstanciam-se em uma configuração socioeconômica, conforme Giovanni Alves (2012), a constituir um novo tipo de proletariado que se alarga para as classes médias, denominado de **precariado**,

de cartões de crédito ou a aluguel de carros. O termo é derivado de prime lending rate - a taxa de juros contratada com os tomadores mais confiáveis. Assim, prime lending designa o crédito concedido aos tomadores confiáveis e subprime lending se refere ao crédito dado àqueles tomadores que têm maior risco de inadimplência. A diferença entre as duas taxas - subprime lending rate e prime lending rate - corresponde à remuneração do risco adicional envolvido no empréstimo dado a quem oferece garantias insuficientes. Por outro lado, numerosos créditos são concedidos a taxas variáveis. No caso dos créditos subprime, a taxa inicial pode ser atraente (teaser rate), ou seja, inferior à taxa fixa de um empréstimo normal. Para os credores, os empréstimos subprime eram considerados como individualmente arriscados - mas, coletivamente, seguros e rentáveis. A estimativa de rentabilidade baseava-se em uma hipótese de alta regular do preço dos imóveis, o que vinha acontecendo nos Estados Unidos, desde 1945. Assim, se um devedor se tornasse inadimplente, era sempre possível revender a propriedade com lucro. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Subprime>.

encarnando o crescimento da precariedade laboral, caracterizada pelo desemprego estrutural e por múltiplos processos de precarização do trabalho e da própria vida. Adentrando na base social de tais movimentos, constata-se que as mobilizações são resultantes de contradições do sistema do capital, revelando um fenômeno sociopolítico de amplitude. Delineia-se uma “nova camada social do proletariado”, que constitui o “precariado”, na abordagem teórica de Giovanni Alves (2012), ou uma “nova classe social perigosa”, conforme defende Guy Standing (2011).

Ao procurar delimitar o cenário no qual emerge o precariado, Alves defende que a verdadeira crise do nosso tempo histórico não é a crise das economias capitalistas, “mas sim a crise do homem como sujeito histórico (...) capaz de dar respostas radicais à crise estrutural do sociometabolismo do capital em suas múltiplas dimensões” (2011). Para compreender a noção de precariado o conceito de proletariedade é essencial, já que parece estar relacionado com um estado objetivo e subjetivo da vida social dos trabalhadores. Trata-se de uma condição social determinada que compreende tanto o mundo do trabalho, quanto a dimensão ontológica do sujeito-que-trabalha.

Dessa maneira a produção cultural das constelações políticas que atuam em redes passa a assumir uma dimensão crítica ao sistema, ao procurar estabelecer correntes contraculturais à cultura do “valor material” no capitalismo, como a define Marshal Sahlins (2013). A tese central desta pesquisa é que a produção cultural dessas constelações políticas busca redefinir os parâmetros do que conta como político, como estratégias de recodificação cultural, procurando refundar, portanto, os limites da democracia e o escopo do poder na sociedade contemporânea. Daí a relevância da dimensão ontológica, tanto no campo estrutural, quanto no campo cultural da produção e reprodução de contradispositivos de saber e poder desenvolvidos a partir de subjetividades rebeldes ao sistema do capital que passam a organizar suas lutas por meio das novas tecnologias de informação e comunicação.

2.2. Dos rizomas das indignações às constelações políticas: o evento histórico da constituição de redes de movimentos antissistêmicos.

2.2.1. Onda global de indignação e ocupações: da Praça Tahir ao Zuccotti Park.

Bombas de efeito moral e gás lacrimogêneo, balas de borracha e cassetetes empunhados por tropas de choque. Os braços repressivos do Estado a violar os corpos desarmados da multidão em praça pública; eis uma cena que bem poderia simbolizar o tempo histórico da segunda década do século XXI. Inúmeras ondas de protestos, em uma sequência viral de

manifestações da população contra a classe política, assumiram dimensões gigantescas nas ruas e praças ocupadas nos cinco continentes. O ano de 2011 constituiu um demarcador histórico para as lutas antissistêmicas, seja em nome da conquista da democracia como forma de governo em países Árabes de viés totalitário, seja como crítica ao sistema representativo, em nome da radicalização da democracia, no Ocidente.

Edgar Morin (1999) defendeu que o século XXI começa com os protestos ocorridos em Seattle⁸, os quais demarcaram o início dos movimentos antiglobalização e de um novo ciclo de revoltas e articulações da sociedade civil em nível transnacional, que vêm mobilizando atores sociais em redes plurais de movimentos, a desenvolverem perspectivas críticas aos efeitos socioeconômicos, ambientais, culturais e sociopolíticos do sistema capitalista, em sua expansão sem limites. Tais movimentos sociais transitam entre o eminentemente contemporâneo e formas históricas de mobilização política.

Os movimentos sociais mais significativos que demarcaram esse período de transição histórica de expansão do capitalismo global e das lutas antissistêmicas transnacionais da virada de século foram: a marcha Zapatista de Chiapas para a capital do México (2001), as manifestações da sociedade civil global em Gênova (2001), na Itália, na reunião do G8 e o caso das redes de mobilizações contra os governos e as corporações nos Estados Unidos, que ficaram conhecidas como J18⁹, N30¹⁰ e A16¹¹.

No cenário de incertezas e revoltas ao redor do mundo, que marcou a história da segunda década do século XXI, o levante da Praça Tahrir (*Midan al-Tahrir*, que não por acaso, por motivos históricos, significa “Praça da Libertação”), em 25 de Janeiro de 2011, demarcava a crista da onda de revoltas em vários países do mundo Árabe. A “Praça da Libertação” leva este nome justamente porque simboliza a Revolução Egípcia de 1952, quando o Egito deixou de ser uma monarquia constitucional e tornou-se uma república. A Praça Tahrir foi local de diversos protestos ao longo dos anos, como as Revoltas do Pão, em 1977, e os protestos em março de 2003, contra a Guerra do Iraque.

⁸ Ocorridos em dezembro de 1999.

⁹ O Carnaval Global Contra o Capital, 18 de junho (J18) de 1999. Foi um dia internacional de protesto para coincidir com a Cúpula do G8 em Colônia, Alemanha.

¹⁰ Protestos em torno da Conferência Ministerial da OMC de 1999. Ocorreu em 30 de novembro de 1999 (apelidado de “N30”), em Seattle nos Estados Unidos.

¹¹ A16 foi uma série de protestos em Washington contra o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial, que ocorreu em 16 abril de 2000.

A onda de revoltas do mundo árabe, como ocorreria em muitas outras cidades da Europa e das Américas, teve um estopim simbólico: em dezembro de 2010, com uma manifestação em Bahrein, teve início a sequência de revoltas de indignação popular, partir da autoimolação praticada por um jovem comerciante ambulante, que incendiara seu próprio corpo, em uma espécie de ato sacrificial em meio ao desespero imposto pela crescente precarização existencial de sua família. A autoimolação ocorrera por que o jovem comerciante não aguentava as condições precárias de vida e a expropriação de propina por parte da polícia – um representante do Estado, o que é bastante simbólico e representativo para compreensão desse fenômeno. O jovem tunisiano, Mohamed Bouazizi, cujo ato desesperado terminou com a própria vida, daria consequência ao que, mais tarde, viria a ser chamado de Primavera Árabe.

Protestos se espalharam pela Tunísia, levando o presidente Zine el-Abdine Ben Ali a fugir para a Arábia Saudita apenas dez dias depois. Ben Ali estava no poder desde novembro de 1987. A multidão que tomara o poder, *ocupando* um determinado espaço urbano, símbolo da revolução republicana egípcia, agora pretendia refundar o contrato social na democracia representativa como forma de governo a suplantando formas historicamente autoritárias. As revoltas do mundo Árabe assumiram a denominação de “primaveras” em alusão a Primavera de Praga, conhecida como um período de liberalização política na Tchecoslováquia que ocorreu em janeiro de 1968. A Primavera Árabe se espalhou por mais quinze países¹² em uma sequência de revoltas que levaram, em alguns países a revoluções e derrocada de alguns governos na região.

A conjuntura econômica internacional, imerso em cenários de profundas incertezas, demonstra sinais de uma possível crise estrutural (MÉSZÁROS, 2011), do qual emergem novos atores sociais, especialmente nos grandes centros urbanos, que proclamam a ocupação/reinvenção do poder e procuram decodificar e recodificar culturalmente aquilo que deve ou não figurar na esfera do político, visando a instituição de uma nova ordem social, radicalmente democrática, ou a transcendência dos modelos representativos dominantes.

Os protestos da Primavera Árabe exerceram grande influência nos ânimos do precariado europeu que por motivos economicamente semelhantes, mas politicamente distintos, foram às

¹² Tunísia, 18/Dez/2010; Argélia, 28/Dez/2010; Líbia, 13/Jan/2010; Jordânia, 14/Jan/2011; Mauritânia, 17/Jan/2011; Omã, 17/Jan/2011; Iêmen, 18/Jan/2011; Arábia Saudita, 21/Jan/2011; Líbano, 24/Jan/2011; Egito, 25/Jan/2011; Síria, 26/Jan/2011; Palestina, 28/Jan/2011; Iraque, 10/Fev/2011; Bahrein, 14/Fev/2011; Kuwait, 18/Fev/2011.

ruas na Europa, em maio de 2011. Logo após o *EuroMayDay*¹³, multidões insurgiram nas ruas da Grécia, em profunda recessão econômica naquele período. Na Espanha, os “Indignados” protestaram ocupando a *Praça del Sol*, em Madri, Barcelona e Valência. Em Bruxelas, sede do parlamento europeu, a *Marcha Popular Indignada*¹⁴ reuniu multidões que caminharam e mobilizaram-se em rotas vindas de Portugal, Itália, Grécia, Suíça, Alemanha, Bélgica, Holanda, Inglaterra e Irlanda.

Nas Américas, em maio de 2011, estudantes ocupam as ruas do Chile, em defesa de uma educação pública e gratuita. Os protestos estudantis, que haviam perdido o fôlego das mobilizações em 2010, retomaram as mobilizações e uniram-se aos trabalhadores, em greve geral, descontentes após trinta anos de supremacia do neoliberalismo chileno. Em setembro do mesmo ano, expressões do movimento eclodiram em Israel, onde cerca meio milhão de manifestantes tomaram as ruas, ocupando o Boulevard de Rotschild, em Tel Aviv. Então, no mesmo mês, a onda insurrecional das multidões chegou a América do Norte. Entre 15 e 17 de setembro de 2011, eclode em Nova York, o Movimento Occupy Wall Street (OWS), que ocupou no centro financeiro, político e militar do “Império”.

Contudo, a despeito da sequência que em cadeia espalhou-se pelo mundo nesse período histórico, é preciso distinguir os cenários e as motivações em cada região. Certamente, a crise do capital que vinha se agravando constituiu o *evento-estopim-mor* comum a todas estas revoltas. Entretanto, nos protestos iniciados no Norte da África, da Tunísia ao Egito, do Iêmen à Líbia, as multidões se aglomeraram nas praças e ruas lutando pela constituição da democracia formal, por meio de enfrentamentos aos regimes autoritários de seus países, em meio às tensões religiosas e multiétnicas a complicarem as conjunturas sociopolíticas da região, incluindo nesta disputa lutas populares pela secularização do Estado.

As mobilizações da Europa que ocorreram alguns meses depois, dezenas de milhares de indignados espanhóis ocuparam na *Puerta del Sol*, em Madri e também nas praças e ruas da Grécia, Itália, Inglaterra e Estados Unidos, protestando principalmente contra o aviltamento das contradições reveladas com a crise e contra a precarização do mundo do trabalho e das

¹³ *EuroMayday* é a denominação do que se consolidou como um período de protestos em cujo processo as ações e as demandas dos trabalhadores são apresentadas para combater a precarização generalizada das juventudes e a discriminação dos imigrantes na Europa. Uma expressão política transnacional de trabalhadores em situação laboral precária e de migrantes, que demarca o dia do trabalhador em mais de uma dúzia de cidades europeias. A primeira parada foi realizada em Milão, em 2001 e, a partir de 2004, o processo se espalhou por toda a Europa.

¹⁴ Foi uma mobilização social pacífica que teve lugar na Espanha, em conexão com os protestos em 2011 naquele país. Os indignados partiram a pé ou de bicicleta entre 20 e 25 de Junho 2011 a partir de 16 cidades espanholas para a *Puerta del Sol*, em Madrid, para participar da manifestação no dia 23 de julho de 2011 e da celebração do “II Encontro Nacional do 15-M “ e o Fórum Social 15-M.

condições de vida da classe média e dos trabalhadores, em geral. Estavam a denunciar as mazelas sociais, ambientais e econômicas provocadas pela expansão sem limites do sistema do capital que avança sobre os interesses da população ao controlar os agentes e o próprio Estado, e com isso, determinando o destino das políticas públicas a partir dos mecanismos de dominação inerentes aos sistemas políticos democrático-representativos em vigor.

Nos Estados Unidos, a partir do mês de setembro, uma série de eventos individuais e de pequenos grupos começou a ser realizado antes que o *rizoma* das indignações assumisse a forma *ocupação* no Zucotti Park. Entre estes protestos, no dia 11 de setembro, um grupo de ativistas, entre os quais estavam algumas pessoas que mais tarde constituiriam a constelação política denominada Novad, faz um discurso em frente ao Federal Hall¹⁵, o lugar do nascimento da própria república norte-americana, que fica situado em Wall Street, próximo ao Zuccotti Park. Entre estes ativistas estava um brasileiro, o principal interlocutor Novad para esta pesquisa que, na época, estava nos Estados Unidos para completar um curso de mestrado em medicina, que ele acabaria abandonando mais tarde. Neste dia, Atchu, como é conhecido pelos Novads, ficou em pé diante da estátua de George Washington, e fez uma performance política na forma de discurso inflamado contra o sistema para os transeuntes e turistas que passeavam em Wall Street, vigiado atentamente, mas a certa distância, por dois policiais.

Em um artigo intitulado “*Médico carioca é um dos organizadores de protestos anticrise em NY*”, veiculado na UOL, em 10 de outubro de 2011, o jornalista descreve o protagonismo de Atchu, como um dos organizadores do movimento:

Um médico carioca, de 28 anos, é um dos integrantes e organizadores dos protestos nos Estados Unidos contra o que consideram as “injustiças” do sistema financeiro norte-americano. Os protestos, que começaram em Nova York, já se estenderam para outras grandes cidades dos EUA como Washington, Los Angeles, Boston, Filadélfia, Seattle e Chicago. Um dia desses, por acaso, ganhou de uma amiga um folheto de uma organização canadense, a Adbusters, que reúne artistas, ativistas, estudantes e demais interessados no “novo movimento ativista social da era da informação”. A organização lançava a ideia de ocupar Wall Street, centro financeiro dos EUA, e propunha data e horário para uma primeira reunião. [Alexandre] Carvalho diz que estava lá “desde o começo”, com cerca de 150 pessoas. Ele diz que virou organizador do comitê de arte e cultura do movimento “Occupy Wall Street”. “Estamos fazendo várias ações de desobediência civil criativa”, conta. (...) “Fizemos uma marcha de zumbis em Wall Street. É um jeito de você entupir a máquina, fazer uma afirmação política, mas de um jeito estético e criativo.” (UOL, 2011)

¹⁵ O lugar onde, atualmente, situa-se Wall Street, foi onde George Washington fez o juramento de posse como primeiro presidente dos Estados Unidos. Foi a casa do primeiro Congresso, da Suprema Corte, e dos escritórios do Poder Executivo. A estrutura, mais tarde, também serviu como tesouro dos EUA. Agora, o prédio serve como um museu e memorial para o primeiro presidente e simboliza os primórdios dos Estados Unidos da América enquanto república e nação.

Antes de se iniciarem as ocupações em Wall Street, Atchu e mais alguns companheiros de luta, resolvem ocupar experimentalmente o centro financeiro do capital. E por conta de seu ativismo, acabou passando a noite preso com outros oito ativistas por tentar dormir na calçada em frente à Bolsa de Valores de Nova York, quando ainda faziam um “teste de território” antes de começarem efetivamente o acampamento no local. Ao ser perguntado pelo jornalista sobre o seu futuro, respondeu: “eu estou deixando a minha vida muito aberta agora, que está acontecendo esse movimento lindo por aqui” e concluiu a entrevista afirmando que “gostaria que esse movimento chegasse ao Brasil” (*ibidem*).

Mas a ocupação deu certo quando um pequeno grupo de *occupies* resolveram “ficar por ali” em Wall Street, quando cada vez mais juntavam-se aos pequenos grupos ao redor, mais e mais pessoas articuladas pelas redes sociais, movidas por sua indignação antissistêmica. Com o tempo a ocupação de Wall Street se mostrou inviável e o grupo mudou o lugar do acampamento para o Zuccotti Park em 17 de setembro de 2011. Entre os dias 15 e 16 foram feitas essas tentativas de ocupação de Wall Street, mas o efetivo policial era muito grande e dificultava qualquer ação nesse sentido. Da forma *rizomática*, caracterizada pela convergência de indivíduos e grupos para as ruas e praças, segue-se, então a *forma ocupação* assumida pelos movimentos, principalmente nas grandes cidades.

A *forma ocupação* do movimento Occupy Wall Street (OWS) teve início com a ocupação do Zuccotti Park e caracterizou-se pela heterogeneidade do pensamento político e das formas de manifestações políticas e culturais, muito semelhantes ao que ocorreu na semana que marcou Maio de 1968 na França e demarcou um divisor de águas na cultura do pensamento crítico ocidental, incluindo o pensamento político.

De fato, os movimentos de ocupação apresentam semelhanças com as revoltas populares ocorridas em maio de 1968 e com os movimentos antiglobalização da década de 1990, além de outros ciclos de protestos registrados pela história. Entretanto, é preciso levar em conta as especificidades de sua formulação política, as estratégias mediadas por novas tecnologias e formas de comunicação e informação, além das novidades do repertório e das categorias forjadas na luta, sem desconsiderar o próprio cenário contemporâneo de crise e as novas modalidades de dispositivos reacionários de controle social, violência e coerção antagônicos e resistentes à mudança social.

Nas últimas duas décadas do século XX, a intensificação dos processos de globalização impôs o ritmo e as direções das políticas neoliberais de ajuste e governança, especialmente para os países do Sul. Este projeto intervencionista, mediado pelo Estado e por instituições democráticas, produziu tensões sociais e políticas expressas em movimentos sociais de natureza

e abrangência bastante diversas. Em muitos aspectos, os movimentos sociais forjados nas contradições do capitalismo contemporâneo mostram-se inovadores e diferem daqueles que surgiram em cenários históricos anteriores, como os movimentos antiglobalização e as revoltas de Maio de 1968, apesar de terem herdado algumas características que os aproximam.

Com o tempo, o Movimento Occupy Wall Street, na dinâmica da *forma diáspora*¹⁶, desdobrou-se em cinco grandes tendências: *Tide*¹⁷, *Pivot*¹⁸, *Reclaim*¹⁹, *Novad*²⁰ e *Strike Debt*²¹. Dentre tais constelações a pesquisa desenvolveu-se mais profundamente com os Novads que propõem a refundação do anarquismo a partir de referenciais tanto inovadores – do qual emerge o movimento –, quanto clássicas e contemporâneas, relacionados às mais variadas fontes autorais do pensamento crítico, do anarquismo ao marxismo e do situacionismo ao “hipermodernismo”.

Os Novads vêm construindo sua cosmogonia política a partir de inspirações interdisciplinares desde campos diversos como a filosofia, arte, política, sociologia, história, estética, antropologia, biologia, física e outros. Para alguns Novads está sendo gestada uma escola de pensamento e uma estética revolucionária que pretende a liberação do humano dos dispositivos de dominação impostos pelos governos e pela classe política que governa em nome do capital e do Império.

¹⁶ Com base na concepção dos ativistas, foi possível desenvolver nesta pesquisa uma genealogia das formas que assumem os movimentos (OWS, os indignados europeus e outros grupos como o Ocupa Sampa no Brasil, por exemplo) quatro formações distintas: 1) *forma rizoma*, na qual as pessoas e grupos sociais diversos convergem para as ocupações de praças e ruas nos grandes centros urbanos; 2) *forma ocupação*, quando os ativistas ocupam determinado espaço público; 3) *forma diáspora*, marcada pela dispersão dos grupos das áreas ocupadas; e, 4) *forma constelações*, na qual a rede é constituída a partir da convergência de indivíduos que seguem o fluxo da diáspora por *gravitações políticas identitárias* em grupos menores, confluem para conglomerados, consolidando coletivos com certa identidade cultural, política, ideológica, temática, social, etc.

¹⁷ Grupo de maior aglomeração e a principal tendência (*o main stream*) do OWS contempla ativistas, intelectuais, universitários e uma grande variedade de ativistas norte-americanos e canadenses. Foi o grupo que inicialmente articulou, promoveu o chamado para a ocupação de Wall Street.

¹⁸ A tendência *Pivot* está mais ligada ao mundo acadêmico, aos intelectuais, à “nova esquerda” norte-americana.

¹⁹ *Reclaim* é a tendência que congrega os espiritualistas, mais próximas de “novos hippies” que fundamentam sua luta em princípios religiosos ou preceitos espiritualistas, ecológicos, etc.

²⁰ *Novad*, em uma das explicações atribuídas à origem etimológica do nome, surge a partir da fusão de “supernova” e “nômades”. É um grupo relativamente pequeno que congrega principalmente neoanarquistas, anarco-comunistas, socialistas e quem mais deseje fazer parte, já que é fundado na valorização da diversidade da heterogeneidade sociocultural como princípio geral do grupo, desde que partilhe do desejo de transformação radical da ordem hegemônica do capital.

²¹ *Strike Debt* [greve da dívida] é a tendência mais recente do OWS, que vem se organizado institucionalmente visando liquidar as dívidas produzidas pela crise financeira, não pagando-a ou criando mecanismos de negociação e compra coletiva da carteira de crédito para liquidá-la. Frequentemente é acusada de “jogar o jogo do império”.

No cenário globalizado de lutas emergiram os indignados europeus ou os “occupies” norte-americanos. Constituindo uma teia global descentralizada, ponto-a-ponto, com diferentes expressões em diversos países da Europa e das Américas, os movimentos antissistêmicos desenvolvem novos modos de insurgência, cujas causas mobilizam, voluntariamente, indivíduo a indivíduo, a confluírem em multidões a ocupar ruas e praças públicas nas grandes cidades, como o *rizoma* que se espalha silenciosamente no subterrâneo até culminar em um evento-estopim, eclodindo em espaços públicos como em um movimento de convergência política plural, unificada pelo sentimento de indignação antissistêmica.

Dessa maneira, por questionarem o sistema político dominante e por falarem uma linguagem – quase uma babilônia de dialetos – própria, muitas vezes incompreensível pela classe política no poder, produzem tensões contra os sistemas políticos tradicionais e colocam e questão a própria democracia representativa – algo aparentemente inquestionável, tido como o modelo por excelência de governo democrático, consolidado com a modernidade –, a partir de uma crítica contumaz ao aparelhamento político e ideológico do Estado pelo capital.

2.2.2. *Os nodos da rede de movimentos antissistêmicos na América Latina*

No dia 15 de outubro de 2011, o dia da mobilização global conhecido como 15-O, ganha força em várias cidades da América Latina. A ação denominada “Revolução Global”, foi um dia mundial de protestos e fez parte de uma série de ações articuladas e inspiradas pela “Primavera Árabe”, a “geração à rasca” portuguesa, os “indignados” espanhóis, os protestos gregos e pelo Movimento Occupy Wall Street. Manifestações globais foram realizadas neste dia em mais de 950 cidades em 82 países²².

A data foi escolhida para coincidir com o aniversário de cinco meses do primeiro protesto na Espanha, iniciado em 15 de maio, que conferiu o nome de 15-M ao movimento dos indignados espanhóis. Assembleias gerais, as redes sociais e listas de discussão foram usadas para coordenar os eventos. Em alguns protestos compareceram apenas algumas centenas, enquanto outros chegavam às centenas de milhares de pessoas, sendo o maior deles em Madrid, que atingiu meio milhão de manifestantes, e o segundo maior, da cidade de Barcelona, com 400 mil.

Articulados à rede global de protestos, milhares de “indignados” saíram às ruas em várias cidades do Chile e em diversos países latino-americanos. Em Santiago, onde cerca de

²² Fontes: <http://takethesquare.net/>; <http://www.france24.com/>; *Bangkok Post* e *San Francisco Chronicle*.

cem mil pessoas estavam concentradas, de acordo com os organizadores, exigiu-se a elaboração de uma nova Constituição que iria substituir a atual, produzida em 1980 durante a ditadura de Augusto Pinochet.

Na Argentina, também a partir do dia da mobilização global “15-O”, ocorreram protestos nas seguintes cidades: Buenos Aires, Córdoba, Mendoza, Rosário, San Miguel de Tucumán e San Salvador de Jujuy. Pelo menos oitocentos “indignados” de diferentes nacionalidades marcharam de forma pacífica pelas ruas de Buenos Aires, organizando uma “bicicletada” e diferentes atividades artísticas e protestos. Neste dia global de protestos, também ocorreram manifestações em cidades da República Dominicana, Cidade do México, Belo Horizonte, Campinas, Curitiba, Goiânia, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e São Paulo, Lima, Bogotá, Montevideo, Quito, San José de Costa Rica e Managua.

Sem dúvidas, o país latino-americano que teve um maior número de pessoas que aderiram à rede global do “Occupy” foi o Chile, especialmente pelo histórico e trajetória do movimento estudantil, que passou a retomar as manifestações mais fortemente depois da emergência dos indignados europeus. Após algumas manifestações do movimento estudantil, no último ano do governo de Ricardo Lagos, em abril de 2006, uma multidão de alunos do ensino médio ocupou as ruas para protestar no início do governo de Michelle Bachelet, inaugurando uma longa sequência de marchas e protestos pelo transporte escolar gratuito e pela diminuição do valor de inscrição da Prova de Seleção Universitária (PSU). As manifestações realizadas durante esse período ficaram conhecidas como o a “Rebelião dos Pinguins”.

Os conflitos sociais enfrentados pelo governo de Michelle Bachelet, gerados pelo movimento estudantil secundário foram, sem dúvida, os mais significativos dos últimos anos. A emergência de protestos dos jovens tem origem no período de transição democrática iniciada em 1990. Durante esse período, o movimento estudantil secundarista dedicou-se principalmente à tarefa de reconstrução de seus centros de estabelecimentos de ensino. Este fenômeno ocorre após o controle exercido pelas autoridades educacionais sobre crianças em idade escolar durante praticamente todo o período do regime militar. Apesar do controle, restrições e repressão aos jovens naqueles anos, o movimento secundarista mostrou bastante vitalidade e capacidade de organização, acumulando experiências de participação no processo de luta pela restauração da democracia no país (DE LA QUADRA, 2012). No decurso do ano de 2008, os alunos retomaram as mobilizações, mas estas já não tinham a força dos protestos de 2006.

Após a “Primavera Árabe” ocorrida em dezembro de 2010, e com o início dos protestos na Europa naquele momento – mais fortemente na Grécia e na Espanha, em 12 de maio de 2011 –, o movimento de estudantes chilenos retoma as mobilizações nas ruas e, conseqüentemente,

a força da ocupação em massa, após cerca de cinco anos do início do movimento. Nesta data ocorre a primeira manifestação nacional dos estudantes universitários filiados à Confederação de Estudantes do Chile (CONFECH). Este momento constitui um marco referencial a retomada das manifestações, em que estudantes invadiram os noticiários com uma voz poderosa e renovada contra o projeto neoliberal para a política de educação.

Milhares de estudantes marcharam pelo centro de Santiago e pelas ruas das principais cidades do país praticamente durante todo ano de 2011, contra a privatização e a mercantilização da educação no Chile; os nodos da rede global de movimentos antissistêmicos dos indignados se articularam, desde então, aos nodos da rede do movimento estudantil chileno, que passou a assumir cada vez mais um caráter mundial. A proposta do movimento estudantil chileno, que possibilitou a criação de uma plataforma global de mobilização, após 2011, também convoca para construir uma transversalidade das lutas sociais empreendidas por diversos atores, bem como a eliminação de todos os vestígios de desigualdade e inequidade no país (DE LA QUADRA, 2012).

Pelos desenvolvimentos posteriores fica evidente que, mesmo preservando sua origem nas lutas nacionais pela educação, o movimento está sintonizado com as demandas e com a cultura política transnacional dos indignados e dos demais “nós” da rede global do “Occupy”. Esta rede de manifestações globais, no Chile, também desencadeou manifestações de protesto do “Movimento Patagônia sem Represas” contra o projeto HidroAysén, que desenvolve a construção de cinco barragens nos rios Baker e Pascua, localizado na região sul país. Nas cidades de Aysén, Pelequén e Freirina, no decorrer de 2011, foram os habitantes de Punta Arenas que realizaram o “puntarenazo”. Somaram-se ao 15-O, manifestações setoriais feitas por diferentes categorias de trabalhadores da mineração, pesca, florestal, funcionários de imposto e os agentes de saúde.

A luta mundial do movimento estudantil contra a crescente mercantilização da educação e para a educação emancipatória livre ganha força em junho de 2012, ao destacar a natureza global da luta contra os sintomas do sistema econômico dominante. Respondendo à necessidade de se articular à rede de movimentos ao redor do mundo para lutar por uma educação diferente grupos e ativistas coordenaram a primeira greve mundial de estudantes da história em 18 de outubro, e que teve continuidade de 14 a 21 de novembro de 2012.

Instituiu-se naquele momento uma Plataforma Internacional do Movimento Estudantil vinculada à rede de movimentos antissistêmicos. Entre as principais reivindicações feitas pelos alunos consta a mobilização por uma educação pública gratuita e de qualidade, assim como a demanda pelo fim do lucro nos estabelecimentos de ensino, o fim da educação municipalizada,

melhorias na infraestrutura na escola básica, no ensino médio e superior, além do passe escolar gratuito durante todo o ano.

No México, a experiência do movimento zapatista constituiu uma referência para os novos movimentos da rede “Occupy” que eclodiram em 2011. O Estado como o novíssimo movimento social, conforme defendido por Boaventura de Sousa Santos, a exemplo das experiências da Bolívia e do Equador, com a proposta do multiculturalismo e da governança desde os movimentos sociais, podem servir como referências a novas propostas de radicalização da democracia, seja pelas possibilidades que apresentam no campo do poder e do sistema político, seja pelas fragilidades e contradições enfrentadas no campo político, social, econômico ou cultural frente aos movimentos reacionários do “império”.

Os conflitos e tensões políticas passam a configurar um cenário marcado por drásticas mudanças do capitalismo e das formas de repressão, coerção e dominação em âmbito global, em que as redes transnacionais do capital assumem novas dimensões a partir de 11 de setembro de 2001, quando tem início a política antiterrorista norte-americana (cada vez mais globalizada), e tudo o que ela acarreta como consequência para os movimentos sociais que se atrevem a enfrentar o império na forma multidão e na forma do anonimato que a cibercultura possibilita.

É justamente sobre este terreno que as características dos “novos” movimentos sociais têm encontrado uma expressão excepcional. O que está acontecendo na Bolívia é um exemplo claro do que Negri tem dito a propósito das novas determinações da luta de classes, porque resulta absolutamente evidente que isso é o que está em jogo. Quando o problema é proposto a partir da perspectiva da luta de classes, toma-se como foco da abordagem o que os capitalistas estão também se perguntando a partir de sua posição:

Na medida em que a produção não é mais uma produção que não pode ser concentrada em lugares fixos, que o controle social possa passar sobre a organização da classe trabalhadora central, na medida em que as lutas têm destruído a capacidade do Estado-nação de intervir com seus próprios meios na luta de classes para bloqueá-la e dominá-la, a estrutura mesma do Estado-nação está em crise, por que não é capaz de exercer sua dominação senão dentro de um sistema mundial, de um sistema que tem que negociar com outros (NEGRI, 2010, p. 24).

Esta é uma situação em que os elementos de decisão política se tornam cada vez mais transcendentais. É uma situação em que o que está em crise é a forma mesma do governo constitucional e do Estado democrático de direito. O exemplo da Venezuela também pode ser evocado como referência de tentativa de ruptura em relação ao centro do poder capitalista.

Neste cenário de conflitos, a situação da América Latina é muito interessante, já que estão presentes as condições características dos novos movimentos, tanto no terreno da crítica

da representação, como no terreno da crítica do conceito de trabalho e também no âmbito da crítica do poder. Pela situação em que se encontra o poder do capitalismo global, as lutas e movimentos emancipatórios na América Latina procuram romper a relação de dependência com os países centrais do capitalismo contemporâneo.

Esta busca de ruptura é um elemento absolutamente fundamental da condição dos movimentos, assim como do ponto de vista da análise da configuração global do capitalismo, já que esta relação é uma consequência do fato inescapável de que os países da América Latina também se encontram em uma situação de interdependência no mundo global, o que determina condições absolutamente novas e distintas quanto à soberania, a autodeterminação constitucional e quanto ao poder no âmbito do Estado-nação.

2.3. Os nodos brasileiros da rede de movimentos antissistêmicos: revoltas de junho de 2013, a experiência rizomática das multidões na Terra Brasilis.

2.3.1. As revoltas de junho de 2013: rizomas de indignação no Brasil

Apesar das ondas de indignação na Europa e na América do Norte terem se intensificado em 2011, apenas em junho de 2013, um histórico ciclo de protestos teve início, “contaminando”, como um vírus as veias abertas do país tropical. Ruas e avenidas, becos, vielas e praças, espaços públicos e privados de um dos países mais desiguais do mundo foram sendo *ocupados* por multidões indignadas que se avolumavam, gradualmente, como um “tsunami” ameaçador ao poder político e econômico instituído. Armadas apenas com seus cartazes, máscaras e gritos de ordem, as novas formas de lutas e resistências, características da cibercultura e do mundo globalizado, levantaram-se contra as “velhas” instituições democráticas e contra o sistema político que possibilita que a classe política desconsidere impunemente as reais necessidades e demandas da maior parte dos cidadãos, em nome dos interesses privados corporativos e dos agentes financeiros do capital.

Neste período junino de tumultos e revoltas, o Brasil inaugura a sua versão das “primaveras” que vinham ocorrendo na Europa, na América do Norte e no mundo árabe. O evento-estopim dos protestos das multidões nas cidades árabes²³ foi a autoimolação de um

²³ Tunísia, em 18/Dez/2010; Argélia, em 28/Dez/2010; Líbia, 13/Jan/2010; Jordânia, 14/Jan/2011; Mauritânia, 17/Jan/2011; Omã, 17/Jan/2011; Iêmen, 18/Jan/2011; Arábia Saudita, 21/Jan/2011; Líbano, 24/Jan/2011; Egito, 25/Jan/2011; Síria, 26/Jan/2011; Palestina, 28/Jan/2011; Iraque, 10/Fev/2011; Bahrein, 14/Fev/2011; e, Kuwait, 18/Fev/2011.

jovem comerciante no Iêmen e em outros quatro países. No Egito foi a ocupação da Praça Tahir e, na Turquia, a da Praça Taksim. Nas cidades da Europa²⁴, o evento catalizador foi a repressão violenta dos manifestantes na Grécia e a ocupação da Praça Del Sol, em Madri²⁵. Nas cidades da América do Norte, a ocupação de Wall Street e depois do Zuccotti Park, em Nova York.

O processo de enxameamento (*swarming*), mediado pelas redes sociais digitais, que levou multidões a ocupar ruas e praças das grandes cidades brasileiras, também teve início com um “evento-estopim”: a ação direta do Movimento Passe Livre (MPL) em São Paulo, Porto Alegre e Rio de Janeiro, e a subsequente ação violeta da forma policial militar do Estado contra manifestantes no soberano exercício democrático do direito de livre associação e expressão política em espaços públicos.

O ciclo brasileiro de manifestações teve início com os primeiros atos organizado pelo MPL, no dia 6 e 7 de junho de 2013, contra o aumento da tarifa de transporte público. Ironicamente, foi a violenta repressão do aparato estatal policial, no intento de dissipar as manifestações, que desempenhou o papel catalizador que levaria multidões às ruas no ciclo seguinte de levante popular. No terceiro dia de protestos, em 11 de junho, 20 manifestantes são presos e, a partir desse momento, o efeito de enxameamento passa a tomar forma, convergindo multidões, que se articulavam e mobilizavam espontaneamente pelas redes sociais digitais.

A imprensa nacional, em 13 de junho passa a engrossar o caldo repressor e de controle social, pede um ponto final nas manifestações, exigindo que se restrinja o acesso à Avenida Paulista, tachando os manifestantes de vândalos, defendendo que para combatê-los, dever-se-ia utilizar a força da lei, cumprindo “investigar, identificar e processar os responsáveis” já que “como em toda forma de criminalidade, (...) a impunidade é o maior incentivo à reincidência” (Folha de São Paulo, 2013). Em 14 de junho jornalistas são feridos nas manifestações e o *mainstream* midiático muda relativa e temporariamente de posição contra a desproporção do uso da força indiscriminada da política militarizada brasileira contra cidadãos que protestam nas ruas.

²⁴ A partir do dia 25 de março de 2011, com a revolta na Grécia, teve início um ciclo de protestos que tomaram as ruas e praças de XXX cidades europeias e que durou persistentemente por mais de dois anos e, atualmente, apesar da fase de aparente esvaziamento, ainda mobiliza muitas formas de protestos.

²⁵ O movimento Democracia Real Ya (DRY), foi o propulsor da manifestação do dia 15 de Maio que deu origem ao movimento 15M (movimento dos “indignados”), contava com o apoio de quinhentas associações bastante diversas e rechaçava a colaboração de partidos políticos e sindicatos, defendendo a independência dos protestos de qualquer ideologia política institucionalizada. Aliaram-se à iniciativa do DRY os coletivos ATTAC, Anonymous, NoLesVotes e Juventud SIN Futuro. Assim como o MPL no Brasil, os dois últimos movimentos europeus já haviam organizado manifestações anteriores menos numerosas.

Em 15 de junho a presidente Dilma Rousseff é vaiada na abertura da Copa das Confederações e neste ponto do processo de *swarming* os *nodos* de grupos brasileiros em outros países passam a manifestar-se em solidariedade aos manifestantes brasileiros que saía às ruas, assim como vinha ocorrendo nos países do Norte desde 2011. A partir do dia 17 de junho outras capitais aderem às manifestações de rua. Neste dia, a revolta popular atinge a sede do poder legislativo carioca, quando manifestantes, como numa guerrilha urbana, ocupam a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

Aprecia que a era dos *riots* que já vinha ocorrendo em outras tantas grandes cidades do Norte, agora se espalhava virulentamente pelas ruas brasileiras, conectando simbolicamente os indignados europeus e os *occupies* norte-americanos à rede transnacional de grupos cidadãos globais que se somavam às multidões em revolta contra os desmandos da classe política em detrimento das reais necessidades e demandas da população.

A partir desse momento, as mobilizações extrapolavam radicalmente a intenção inicial e a pauta reivindicada pelo MPL e tornavam-se um processo de mobilização sem precedentes na história brasileira, somente comparável às grandes mobilizações do período de redemocratização da década de 1980 ou ao “Fora Collor”, mas que, pelas condições socioeconômicas e políticas e pelo cenário contemporâneo globalizado de crise estrutural do capital, e pela abrangência e influência das novas tecnologias de informação e comunicação, não encontram paralelos precedentes significativos ou semelhantes na História.

O ciclo de protestos continuou se espalhando para as cidades de Norte a Sul do Brasil até o dia 27 de junho, fechando a etapa que coincide com o processo de enxameamento ou *swarming*, característica das “primaveras” do século XXI, denominada de “rizoma”²⁶. Desde o dia 20 de junho até o dia da pátria, 7 de setembro de 2013, quando este texto estava em fase de produção, ainda ocorreram manifestações em que usar máscaras, roupas pretas ou portar vinagre e carvão passou a ser considerado ato subversivo, passível de apreensão, averiguação e até prisões.

No Brasil deste período, apesar do momento de relativa estabilidade econômica e pleno emprego, a energia acumulada no rizoma das subjetividades indignadas toma forma de enxameamento nas ruas, em junho de 2013, quando o Movimento Passe Livre puxa uma ação direta nas ruas de São Paulo, em Porto Alegre e Rio de Janeiro, em pleno período da Copa das

²⁶ Estas etapas (*rizoma, diáspora e constelações*) ou dimensões das “primaveras” que vêm ocorrendo desde 2011, principalmente, em grandes cidades de todo o ocidente, constituem categorias analíticas desenvolvidas na pesquisa a partir de contribuições dos *novades* (uma constelação do movimento *Occupy Wall Street*) e são desenvolvidas na última seção deste texto.

Confederações. Muitos elementos apresentados pela onda de protestos que tomou o país desde então, podem ser identificados nas primaveras europeias e no OWS. Além da questão da mobilidade urbana, outro elemento catalisador dos protestos se mostrou evidente: a eficiência o Estado em promover as reformas e grandes obras com recursos públicos em favor dos interesses da FIFA, de grupos privados do negócio do futebol e das grandes corporações, contrastou com a fragilidade, falta de recursos, a ineficiência e baixa qualidade das políticas públicas de educação, saúde, transporte e moradia, entre outras.

A partir desta data, reconfiguraram-se os atores e movimentos sociais (novos e “velhos”, de esquerda e de direita, do governo e da sociedade civil) e as dinâmicas que constituem o cenário político no país. Os protestos encarnados pelos movimentos de ocupação, questionavam (com maior ou menor radicalidade) as instituições políticas modernas circunscritas no campo da democracia. No núcleo da crítica dos “*occupies*”, que se espalhou pelo mundo, está o modelo liberal de democracia representativa, a luta veemente contra a corrupção da classe política, o capitalismo especulativo e a relação orgânica dominante do mercado neoliberal com o Estado e os governos, cujos interesses favorecem o capital em detrimento dos direitos trabalhistas, dos direitos humanos, do meio ambiente, das políticas públicas e de demandas sociais básicas da população. Assim, a crise estrutural do capital expressa, portanto, também uma crise política das instituições democráticas que os movimentos de ocupação denunciam em meio a distintas proposições.

Muito se especula sobre as reais origens das manifestações no Brasil, já que o país vivencia uma economia relativamente estável, e apresenta indicadores de pleno emprego, apesar da gritante desigualdade social que ainda apresenta e da alquimia duvidosa da política econômica governamental para manter os índices de inflação e crescimento nos “eixos”. Com base nestas relações globais entre atores sociais de uma gigantesca rede heterogênea e plural, seria um equívoco histórico, teórico e metodológico ignorar as conexões transnacionais ou simbólicas que se constituem mutuamente e considerar apenas o contexto nacional na busca de compreender e explicar tais fenômenos. As relações e conexões dos *nodos* da rede aparecem tanto nas referências simbólicas e conceituais, quanto na formulação crítica, e nas práticas culturais dos diferentes grupos e constelações que se articulam para as ações diretas, ou mesmo visando construir estratégias mais duradouras.

Com base em uma entrevista recente concedida à Revista Cult (2013), é possível identificar alguns elementos da cosmovisão do MPL, em relação ao contexto das constelações dos “*occupies*” que vêm tomando forma desde 2011. Apesar do movimento não representar os “*occupies*” brasileiros – até porque a própria noção e legitimidade do estatuto da representação

estão sendo questionadas pela cosmogonia política dos atores que constituem as constelações do movimento –, a título de análise dos elementos fundantes dessa nova cultura política, a ser devidamente configurada no âmbito das ciências sociais, importa destacar que as pautas e reivindicações dos ativistas, guardadas suas especificidades, apresentam relações estreitas e simbologias semelhantes com as das ocupações e primaveras que vêm ocorrendo há mais de três anos em alguns países do Norte.

Na medida em que o MPL desenvolve sua cosmovisão e prática cultural política em torno da possibilidade de “uma vida sem catracas”, o poder simbólico assume dimensões que afrontam os fundamentos sedimentados da sociedade de mercadorias, cuja cidadania vem sendo reduzida a inclusão de parcelas da população no mercado consumidor, em favor do progresso e do modelo de desenvolvimento econômico neodesenvolvimentista em curso. Em tempos de crise estrutural, em que o slogan e a lógica da mercadoria incorporam e ressignificam todas as dimensões da vida humana e ambiental, a luta pela garantia da existência de circuitos que funcionem fora da esfera mercadológica, no âmbito da civilização do capital, *per se*, constitui um poderoso instrumento contradispositivo dos poderes consolidados nas instituições democráticas e nos sistemas políticos modernos.

Se a visão de um “mundo sem catracas” está diretamente relacionada à mobilidade urbana e, ao mesmo tempo, aos fluxos do capital, de pessoas e de mercadorias, está diretamente relacionada, portanto, ao fluxo de trabalhadores. A catraca é evocada como signo da mercadorização que não conhece limites e avança cada vez mais sobre os circuitos da vida e da mobilidade urbana, especialmente nas grandes cidades, em favor dos interesses do capital, em detrimento do tempo e dos recursos parcos de trabalhadores e estudantes.

O momento de deslocamento, então, assume uma dimensão de liminaridade, nem tempo de vida e lazer, nem tempo de trabalho. Mas, apesar dessa liminaridade que caracteriza o “nem lá nem cá”, este tempo é também mediado pela lógica da mercadoria que a tudo abarca, em que o valor do transporte urbano é representativo considerando o valor do salário mínimo e o tempo de vida, trabalho e lazer de trabalhadores nos grandes e médios centros urbanos.

Inspirados nas outras “primaveras”, militantes do MPL, evocam a terminologia da *ação*

*direta*²⁷, do *processo*²⁸, da *indignação*²⁹, da *heterogeneidade* das cosmogonias políticas e ideológicas da rede em movimento, da *falência da representação política* e da emergência de novos horizontes políticos em bandeiras “pretas”³⁰ e “vermelhas”, do questionamento das ideologias no poder e da legitimidade dos sistemas político-partidários em regimes democráticos representativos.

Como a maioria das outras constelações políticas, grupos e movimentos sociais que existiam antes da emergência dos “processos primaveris”, o MPL, fundado em 2003, passa a constituir um *nodo* ou uma *constelação política* da rede que compõe uma sociedade civil global, com referenciais teóricos, políticos e simbólicos característico da era digital. A dimensão sincrônica das subjetividades em convergência nas multidões das “primaveras”, em articulação local da ação direta sistemática e contínua dos indignados europeus, ou dos ocupies norte-americanos com os brasileiros, é sintetizada *em paralaxe* com a dimensão diacrônica, com a história de cada ator coletivo a integrar as constelações do “céu do Occupy”³¹.

Dáí resulta que o desenvolvimento histórico dos atores coletivos, como no caso do MPL, dos movimentos sociais feministas, LGBT, campesino, socialistas, anarquistas, etc., que se constrói paulatinamente no tempo histórico das práticas culturais cotidianas, é amplificado e converge às ruas em uma explosão de indignação de outras subjetividades a partir de outros pontos de vistas, por vezes bastante heterogêneos nas finalidades e nas visões de mundo, nas identidades e nas ideologias. Mesmo visões totalmente opostas podem convergir às ruas em momentos de enxameamento das multidões como estes ocorridos nas primaveras desde 2011.

²⁷ *Direct Aions* é uma expressão frequentemente utilizada pelos ativistas do Occupy Wall Street e pelos Indignados espanhóis, referindo-se aos atos de mobilizações, protestos e performances realizadas por grupos e constelações que compõem o movimento.

²⁸ O movimento OWS desenvolveu-se em segmentos especializados pra as mobilizações e ações diretas, bem como para o fortalecimento dos saberes e estratégias do pós-occupy. Um destes segmentos organizativos do movimento chama-se *Occupy Process*, que tema função de debater e consolidar as formas mais horizontais de processo democráticos para as tomadas de decisões, considerando que a questão processual (o procedimentalismo como a questão central para a radicalização da democracia). Em formatos diferentes, o movimento 15M espanhol, organiza-se em várias comissões, sendo uma delas responsável pelo debate e consolidação de procedimentos e métodos horizontais de mediação de conflitos e tomada de decisão.

²⁹ Referência ao *Indignez vous* (Stephan Hessel, 2010) e aos indignados espanhóis que empunhavam simbolicamente seu livro como um panfleto revolucionário.

³⁰ Referem-se aos grupos anarquistas e neanarquistas que vem fortalecendo suas bandeiras desde que teve início “a era dos riots”, incluindo grupos como o Black Block, que defende ações de vandalismo contra o patrimônio das grandes corporações, governo e empresas ligadas ao sistema financeiro.

³¹ A expressão “céu do Occupy” é frequentemente evocada pelos ativistas do movimento ao se referirem às constelações políticas que se formaram no processo de diáspora a partir de indivíduos que se aglomeraram por gravidade/afinidade identitária e política. A noção de céu remete a infinitude do “espaço” revolucionário que contempla uma gama imensa de cosmogonias que se associam na luta contra o sistema, compondo uma multidão de constelações que se atraem mutuamente na forma de redes e conexões gravitacionais entre constelações.

Ativistas do OWS e do 15M relatam que, tanto num continente como no outro, participavam das manifestações, mais ou menos, de acordo com o momento, grupos tanto de extrema esquerda quanto de extrema direita. Este fenômeno também ocorreu nas manifestações de junho de 2013 no Brasil, especialmente a partir do dia 17 em diante.

Revolucionários e fascistas, neoanarquistas e comunistas, grupos conservadores e movimentos populares, desde o início das *ocupações*, disputam o poder de definir o significado e o sentido histórico das manifestações no contexto local e global, tanto no âmbito da política interna quanto externa. Para citar um exemplo bastante emblemático destas disputas pelo significado e orientação das *ocupações* e, conseqüentemente, pela possibilidade de determinar os futuros desdobramentos em termos de luta pelo poder simbólico, basta retomar o que ocorreu na Grécia neste período após a crise econômica, desde que teve início a “primavera grega” em 25 de Março de 2011. O movimento neonazista Aurora Dourada³² passa a assumir cadeiras no parlamento grego e cresce significativamente no país com seu discurso nacionalista, racista e fascista em oposição aos grupos anarquistas, com os quais guerreavam constantemente com bandeiras, paus e pedras nas ruas do centro de Atenas e nas arenas políticas e ideológicas que se instituíram e reforçaram em luta agonística desde então.

Nas três fases distintas, desenvolvidas com base em classificação defendida pelos próprios ativistas do OWS – *rizoma (enxameamento ou swarming), diáspora e constelações* –, que caracterizam os processos de “primaveras” dos *occupies*, especialmente no ocidente, é possível identificar o “perigo” que Guy Standing atribui ao precariado, que carrega o potencial de produzir uma “política do paraíso” ou descambar para uma “política do inferno”:

Há um perigo que, ao menos que o precariado seja compreendido, a sua emergência pode levar a sociedade para uma “política do inferno”. Isso não é uma previsão. É uma possibilidade perturbadora. Ela somente será evitada se o precariado puder se formar uma classe-para-si, com agencia eficaz, e força para forjar uma nova “política do paraíso”, uma agenda levemente utópica e estratégica a ser adotada por políticos e pelo que é eufemisticamente chamado de “sociedade civil”, incluindo uma multidão de ONGs que muito frequentemente flertam em tornar-se quase-governamentais. O precariado está na vanguarda, mas ainda tem de encontrar a voz para trazer a sua agenda para a ribalta. Não é a “classe média espremida” ou uma “subclasse” ou a “classe baixa trabalhadora”. O precariado tem um pacote distinto de inseguranças e terá, igualmente, um conjunto diferente de reivindicações. (2011, p. 3)

Assim Standing designa o precariado, como “uma nova classe perigosa”, justamente por estar sujeita a tendências tanto emancipatórias quanto reacionárias, podendo descambar para o nazi-fascismo, como no caso da Aurora Dourada na Grécia. Daí a necessidade de se desenvolver

³² O partido Aurora Dourada, atualmente, detém 18 dos 300 assentos no parlamento grego.

uma crítica sobre o “paradoxo do precariado”. No Brasil evidencia-se a ascensão de movimentos de extrema direita, que tendem a se desenvolver em reação aos movimentos iniciados em 2013 ou a partir deles, a depender da apropriação simbólica e política dos movimentos de ocupação em desdobramentos posteriores.

O momento de crise estrutural, na compreensão de Giovani Alves (2012), pressupõe o desenvolvimento avançado das forças produtivas de onde emergem os indivíduos histórico-mundiais como uma multidão social (des)organizada, como uma nova camada do proletariado que, por consequência, passa a configurar uma classe híbrida de trabalhadores e não-trabalhadores proletarizados no cenário mundial, denominado de “precariado”. Numa primeira aproximação, é possível identificar uma parcela substancial dos indignados e *occupies* com os jovens-adultos altamente qualificados do precariado, como os principais grupos constituintes da base social dos movimentos de ocupação.

Há um forte componente ideológico de esquerda renovada, presente nas manifestações, persistente ao longo do tempo, estendendo-se da fase do *rizoma* para as fases da *diáspora* e das *constelações políticas*, a reforçar processos anteriores e criar novas constelações e relações, constituindo novos *nodos* na rede que, em certos clusters, se expande e, noutros, se se contrai. Por outro lado, as estratégias da direita tendem a acontecer por meio do *main stream* midiático, dos partidos políticos, das instituições do poder estatal e do aparato policial-militar, o que pode resultar em recrudescimento e reação da classe política. Assim, a questão levantada pelo MPL (Revista Cult, agosto de 2013), reforçada por recente declaração da Comissão de Direitos Humanos da ONU, orientando a desmilitarização da política no Brasil, ser de fundamental relevância no contexto da desestruturação dos *dispositivos de biopoder* contra os quais muitas destas constelações se levantam.

Conforme ressaltam os ativistas do passe livre, vêm se instituindo uma “cultura da mobilização popular e da ação direta” por meio de novas estratégias em que não estão presentes lideranças, constituindo-se em formas de organização coletiva radicalmente horizontais e descentralizadas. Contudo, isso se dá principalmente no âmbito dos grupos de esquerda que permeiam a maior parte das constelações que “tomam as ruas” mundo afora, conforme expressado no discurso de uma das ativistas do MPL:

Os vinte centavos, assim como outros aumentos de tarifa, são a ponta do iceberg (...) e tem três reais embaixo dele que é suportado por uma lógica capitalista do transporte que é o ‘X’ [da questão]. Apesar de falarmos ‘são, sim, 20 centavos’, tem por trás disso tudo um discurso de afirmar categoricamente que a gente luta pela inversão da lógica capitalista no sistema de transporte e, conseqüentemente, a gente pauta isso para outras esferas, como a da moradia e a da saúde. (...) o próprio exercício da vida passa pela circulação e essa circulação tem uma catraca feia e cinzenta no

meio que vai rolando e tirando o seu dinheiro e pondo no bolso de quem não...
(Mayara Vivian, 2013).

A heterogeneidade dos grupos que compõem as primaveras pode ser observada nas manifestações, nas ações diretas e nas tendências e movimentos que se desdobram da fase *rizomática* pela *diáspora* em direção às *constelações*, formadas por “gravitações” políticas na forma de afinidades ideológicas, identitárias e de visões de mundo. Nesse novo cenário, tanto a esquerda tradicional quanto os grupos reacionários precisam repensar suas estratégias, tendo como marco referencial as interpretações que fazem do fenômeno e dos significados que assumiram como factíveis para compreender e explicar os motivos e possíveis desdobramentos históricos e políticos das ocupações.

Um dos ativistas do MPL expressa o sentimento de que a crise do sistema político-partidário vem sendo esvaziado de sentido ideológico e que a questão central recai sobre a legitimidade e efetividade do regime democrático sedimentado nos últimos séculos, elaborando o problema da seguinte forma:

Todos os dias, políticos das mais diferentes correntes ideológicas que, no fundo, são as mesmas correntes ideológicas, que é a do capital, do banqueiro, da máfia do transporte, continuam roubando e continuam dizendo para nós ‘vamos construir trem e metrô. (...) As consequências que dialogam nesses eventos, os diferentes tipos de olhar para a realidade, para chegar ao fim da pergunta. Mostram que, hoje, existe um problema com o sistema. O transporte é a realidade mais objetiva. As pessoas passam quatro horas por dia sentadas no transporte pensando ‘que droga, o que eu estou fazendo aqui!’ Pensam por que a saúde não é um direito, por que a educação não é um direito, por que sou excluído socialmente há décadas, por que uns são ‘Eike Batistas’ e outros são pobres da favela. Esta é a questão de fundo que está colocada e que leva para um questionamento direto: o que é essa democracia e se ela é uma democracia de fato (Paulo Henrique Oliveira, 2013).

Dessa forma aparece a questão da participação de partidos políticos nas manifestações de Junho no Brasil e sobre as disputas de aparelhamento político e apropriação simbólica dos seus significados. Em um determinado momento, uma das manifestações ocorridas na Avenida Paulista, onde a disputa pelo sentido e significado das manifestações ainda estava bastante difuso, determinados grupos passaram a hostilizar as bandeiras de partidos políticos na multidão. Uma guerra de bandeiras estava se formando, de modo semelhante como ocorrera com o *Tea Party* nos Estados Unidos e com o PSOE na Espanha ou com a Aurora Dourada na Grécia. Mayara Vivian, do MPL, oferece uma breve visão da radicalidade democrática que se pretende alcançar. Ao ser interpelada sobre a questão da hostilização às bandeiras partidárias nas manifestações por parte de alguns grupos, defende a seguinte posição:

(...) tenho que deixar muito claro (...) que nós estávamos fazendo cordão humano para que elas não fossem arrebatadas. Apanhamos todos juntos.
(...) A gente sempre falou isso [que nos atos do MPL não entra bandeira].

Agora, posso discordar de você até o último fio de cabelo, mas garanto até o último segundo o seu direito de falar. Nós somos um movimento anticapitalista de esquerda, então o mínimo que temos que fazer é: se formos termos uma discussão política sobre as bandeiras e vamos entrar em consenso com os camaradas para ver se leva ou se não leva a bandeira. (...) Não é só partido de esquerda, mas partido de direita tenta fazer ali esse aparelhamento (2013).

Diante da complexidade e heterogeneidade dos atores sociais e interesses políticos que se misturam à multidão de indignados nas ruas mundo a fora, especialmente na fase rizomática, a questão sobre o sentido histórico das primaveras e a real significado político de fundo ideológico, permanece um desafio de nosso tempo, com possíveis desdobramentos imprevisíveis. Se as primaveras produzem a necessidade de a esquerda tradicional repensar e fortalecer os movimentos sociais orgânicos aos partidos políticos, ao mesmo tempo, produz a incômodo efeito de reflexão sobre o próprio sentido da esquerda nas sociedades democráticas. Para Vitor Quarenta, do MPL, declaradamente integrante de um partido político de esquerda, “a gente não conseguiu efetivar o estado democrático de direito. Porque (...) compreende essas concepções do que é fundamentalmente, radicalmente e economicamente democrático” (2013).

O mesmo sentimento expresso nas palavras e na concepção política dos ativistas do MPL podem ser identificados, tanto nos ativistas do 15M na Europa quanto nos “*occupies*” norte-americanos. Na Europa o movimento Democracia Real Ya! (Real Democracy NOW Platform!), que também tem *nodos* no Brasil, Chile, Estados Unidos, Inglaterra, Portugal, Irlanda do Norte e outros, vem desenvolvendo sua rede transnacional de forma integrada às ações diretas que ocorrem nas primaveras, com base numa plataforma que busca instituir novos direitos e institucionalidades democráticas de participação direta dos cidadãos no governo, por meio das novas tecnologias de informação e comunicação. Neste mesmo sentido foi desenvolvida a proposta de lei na Espanha, denominada “Democracia 4.0”.

O questionamento dos fundamentos e da própria experiência da democracia liberal representativa no Ocidente constitui um elemento central na crítica contundente dos movimentos de ocupação à ordem estabelecida. Os atores sociais que constituem a “rede dos indignados” ou as constelações que compõem o “céu do Occupy”, articulados nas redes virtuais em direção às ruas e praças, materializam o sentimento de indignação ante um sistema do capital que amplia seus antagonismos e assimetrias, nos marcos de uma democracia impotente, face aos processos sem limites de expansão do capital.

A necessidade de compreender os desafios do tempo presente revela questões de amplos aspectos sociológicos, políticos e culturais, tais como: o aumento dramático das desigualdades socioeconômicas, a destruição ambiental, os conflitos étnico-religiosos, a

proliferação de guerras civis e antiterrorismo, o regime de controle social globalmente organizado e a emergência de corporações e conglomerados financeiros que têm muito mais poder que os governos e que os dominam, tornando periféricas as demandas da população. Neste contexto é que se desenvolve o núcleo da crítica dos *occupies* no qual figura o modelo liberal de democracia representativa, a corrupção da classe política, o capitalismo especulativo e a relação orgânica dominante do mercado com o Estado e os governos, cujos interesses favorecem o capital em detrimento dos direitos humanos, do meio ambiente, das políticas públicas e demandas sociais.

2.3.2. *Configuração da rede de movimentos sociais antissistêmicos: aproximações à teoria dos movimentos sociais*

Howard Rheingold (1993) cunhou o conceito de *comunidades virtuais* com o objetivo de caracterizar as comunidades em rede que se desenvolvem através do ciberespaço. A partir de deste conceito um debate se desenvolveu em torno do tipo de realidade que estas comunidades assumiriam na sociedade contemporânea e quanto ao tipo de contribuição que elas produzem no sentido do desenvolvimento e da ampliação ou deterioração da democracia. Rheingold desenvolveu seu trabalho como uma resposta ao ensaio no qual Benjamin Barber (1992) elabora questões sobre dicotomia destrutiva entre o que ele denominou, de um lado, Jihad (luta ou esforço em árabe), e do outro, McMundo (*McWorld* em inglês).

Para Rheingold estas duas tendências teriam cindido o mundo em duas frentes, com o processo de globalização e o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação e informação (NTIC), transformando o futuro da liberdade e da democracia. A primeira tendência é identificada com o *tribalismo* e a segunda com o *globalismo*. Henrique Antoun ressalta que tais tendências produziriam consequências, “ambas ameaçando a democracia e a cultura do ocidente, ora com as forças de desagregação do provincianismo regional, ora com as forças de achatamento da homogeneização global” (2013, p. 3).

Há diferentes genealogias teóricas que se ocupam dos movimentos sociais. A América do Norte, a Europa e a América Latina possuem contextos históricos específicos de lutas e movimentos sociais correspondentes em sistemas sociais e culturais próprios e arranjos políticos específicos. As diferentes escolas formam uma espécie de divisão geopolítica dos paradigmas em que “os pesquisadores dos diferentes blocos adotam posturas metodológicas para realizar as análises de suas realidades nacionais, locais ou regionais” (GOHN, 2006, p. 13).

Na segunda metade dos anos 80, o debate teórico entre americanos e europeus, resultou em um dilema envolvendo a seguinte questão: qual o objetivo e o significado básico dos movimentos sociais? O debate orbita entre duas possibilidades distintas, a depender da corrente teórica nas quais os objetivos e significados basilares dos movimentos sociais seriam o de construir estratégias (paradigmas norte-americanos) ou identidades (paradigmas europeus). A partir dos anos 90 os americanos abandonaram esse dilema e construíram outro eixo paradigmático que sustentava a teoria dos movimentos sociais: a *estrutura das oportunidades políticas*, responsável pelo surgimento de vários ciclos de movimentos sociais em diferentes contextos e lugares históricos (GOHN, 2006, p. 16). Já na América Latina a controvérsia deste período se desenvolve entre os paradigmas estruturalistas e interacionistas e suas variações.

Para Gohn, no entendimento dos estruturalistas era prioritário e condição fundamental mapear as condições estruturais, causas, consequências e influências dos movimentos sociais a partir de uma análise que enfocasse as desigualdades sociais, as discriminações, a repressão e a exploração, dando especial atenção às ideologias, frustrações, queixas, reclamações e demandas dos atores sociais, assim como às possibilidades de conscientização e organização dos grupos e movimentos (ibidem). Este tipo de análise geralmente procura enfatizar o potencial de transformação dos movimentos sociais em meio às condições estruturais das relações entre Estado e sociedade, capital e trabalho.

Já os interacionistas enfatizavam em suas teses e análises os conflitos políticos assim como estratégias de mobilização, relações de poder, o papel das lideranças e também as alianças e a função das ações estratégicas, entre outras temáticas. Nesta perspectiva teórica destacava a capacidade dos movimentos de construir identidades políticas por meio de processos discursivos e postulava-se a impossibilidade de entender as ações políticas como deduções diretas das estruturas econômicas, construindo assim sua crítica aos constructos teóricos estruturalistas.

Nas sociedades democráticas os movimentos sociais, em uma perspectiva teórica mais ampla, constituem meios e instrumentos que determinados grupos e atores sociais constroem-se socialmente para a ação política em busca de mudanças graduais na direção de outra sociedade imaginada. Sua ideologia é seu “norte magnético” e nela são forjados os valores que orientam seus discursos e ações políticas, nos horizontes ideológicos ou nas práticas cotidianas que sustentam a ação para a transformação de valores, símbolos, instituições ou normas, as quais representam e simbolizam o *status quo* denunciado como injusto, como o presente hegemônico que se pretende suplantar por algo novo e alternativo, na construção de contra-hegemonias. Mas para construir o novo, o paradoxo que se estabelece, segundo Boaventura de

Souza Santos (2000), é que os atores sociais que lutam por mudanças somente dispõem de um repertório de instrumentos hegemônicos para erigirem contra-hegemonia. Ou seja, os movimentos sociais que pretendem transformar o capitalismo e suas formas de dominação e exploração, dispõem somente de meios e ferramentas de ação prática possibilitadas pelo próprio capitalismo. A questão das assimetrias de poder, portanto, se colocam claramente como um problema real a ser enfrentado tanto por atores sociais que pretendem a mudança social, quanto para teóricos e intelectuais dedicados a este assunto.

Na década de 1990 Tilly, Tarrow e McAdam (1996) elaboraram um programa de estudos e pesquisas para mapear o universo dos processos de mobilização na sociedade. Adotaram o termo geral litígio político – *contentions politics* – para designar as diferentes ações coletivas e movimentos sociais, em vez de uma distinção muito mais comum nos Estados Unidos, entre movimentos sociais, ações coletivas e revoluções. Para eles os movimentos sociais referem-se:

à interação mantida entre pessoas com poder e outras carente de poder e são um contínuo desafio para os detentores do poder em nome de uma população cujos interlocutores a declaram estar sofrendo injustamente danos ou estar ameaçada por eles (McADAM; TARROW; TILLY, 1996, p. 21).

Essa definição reafirma a que Tilly formulou quando caracterizou os movimentos sociais como serie de interações mantidas entre autoridades e mandatários reivindicantes em nome de uma clientela com preferências específicas. Maria da Glória Gohn considera essas e outras conceituações problemáticas por que excluem a possibilidade de movimentos entre os que detêm o poder e os analisam segundo a perspectiva dos que estão no poder, segundo a ótica de quem é demandado ou atacado pelos movimentos e não considera a ótica dos movimentos em si. Gohn entende os movimentos sociais como “processos sócio-políticos e culturais da sociedade civil, um universo de forças sociais em conflito” (GOHN, 2006, p. 245). Movimentos sociais constituem-se na contracorrente das relações de dominação-subordinação que são os elementos mais importantes para explicar ou definir um movimento social.

Um movimento social desenvolve um conjunto de ações com vistas à conquista de objetivos comuns aos que nele atuam. As formas de comunicar e de expressão de suas opções e fundamentações políticas são múltiplas impulsionando atos “conscientes” de sua significação e sentido políticos no contexto histórico nacional e global em que estão inseridos. O ethos do movimento reflete-se em ações individuais e coletivas, configurando um elemento central que dissemina a ideia e promove a luta, motivando busca por mudança social.

Por outro lado, Alain Touraine defendeu uma concepção extremamente exigente de movimento social. Para ele os movimentos sociais se identificam simultaneamente por um

modo de ação, por um tipo de participante e, sobretudo, por um desafio (WEBER, 2004). Consistem numa ação conflitiva, conduzida por um “ator de classe”, que se opõe a seu adversário de classe com vistas ao “controle do sistema de ação histórico” (1973, p. 347), e “à direção social da historicidade” (1978, p. 104). Nessa perspectiva, Touraine ressalta como fatores determinantes para a definição do que seja um movimento social, a presença conjunta de três aspectos na sociedade em causa, considerando a existência de um conflito social central que se expressaria justamente através de “um par de movimentos sociais antagônicos”.

Para Chazel é em termos de processo e não de referência a qualquer substrato grupal que é necessário analisar um movimento social. Para ele, Herbert Blumer, ao propor que os movimentos sociais fossem considerados como “empreendimentos coletivos destinados a estabelecer uma nova ordem de vida” (1946, p. 199), ele estabelece um quadro geral de referência para a abordagem dos movimentos sociais. As “correntes culturais” – *cultural drifts* – formam um quadro propício à emergência dos movimentos sociais, constituindo um terreno favorável ao seu desenvolvimento.

O que fundamenta e confere sentido às ações detém relação com a trajetória do nascimento e constituição histórica do movimento social e do contexto sociopolítico que configura as relações de poder e possibilidades de transformação. Os discursos, práticas e estratégias dependem das subjetividades, percepções, interpretações e análises e fundamentos teóricos assim como das relações no âmbito social e político. Elementos que compõem um cenário de lutas e conflitos, consensos e dissensos, de modo a conferir sentido e construir novas possibilidades de caminhos a seguir rumo à conquista de seus objetivos. Contudo, contradições na sociedade podem se expressar nas estruturas e práticas, fundamentos e opções ideológicas e políticas no interior do movimento.

No âmbito das teorias dos movimentos sociais, para compreensão deste fenômeno contemporâneo das redes de movimentos na cibercultura e de sua cultura política em rede, é necessário articular parcialmente algumas destas teorias, já que não há uma apenas que contemple a complexidade dos atores e suas dinâmicas de interatividade e articulação, já que constituem, relativamente, uma novidade histórica. A centralidade da questão da cultura política indica alguns caminhos neste sentido, mas é imprescindível, sob pena de desfigurar o fenômeno, a articulação teórica entre uma corrente e outra para compreender e explicar adequadamente a cultura política em rede dos movimentos sociais antissistêmicos, que aparecem na cena histórica, em sua plenitude e forma atuais, apenas a partir da segunda década do século XXI.

Riesman e Adorno, produzem uma certa confluência para *teoria da desmobilização política*, que é caracteristicamente culturalista, e procura estabelecer correlações entre as estruturas da personalidade e estruturas da sociedade, construindo a explicação sobre bases psicossociais; as emoções coletivas. Denuncia o individualismo exacerbado da sociedade moderna, fundada em personas narcísicas, que buscam a autossatisfação, de costas para a política. Esta fundamentação teórica se deu em função do caráter cômodo do capitalismo tardio e da “sociedade de massa” que é operada via consumo, o que reproduz o padrão dominante de individualização. Esta abordagem compreende a eclosão de mobilizações coletivas como processos irracionais calcados na raiva e na frustração individual contra as instituições.

Teoria da “desmobilização política” foi posta à prova pelas mobilizações da década de 1960. Já que os movimentos da década de 1960, não baseavam-se na luta de classes, mas na etnia (movimento pelos direitos civis), na questão de gênero (feminismo) de dos estilos de vida (pacifismo, ambientalismo, etc.). Assim como os Novads e boa parte das constelações políticas da rede de movimentos contemporâneos, tampouco visavam a revolução política no sentido da tomada do poder do Estado. Inglehart (1971) denominou essas demandas de “pós-materiais” as quais, segundo Alonso:

se completavam com a opção por formas diretas de ação política e pela demanda por mudanças paulatinas na sociabilidade e na cultura, a serem logradas pela persuasão, isto é, léguas longe da ideia de tomada do poder de Estado por revolução armada (...). Não eram reações irracionais de indivíduos isolados, mas movimentação concatenada, solidária e ordeira, de milhares de pessoas. Então não cabiam bem em nenhum dos dois grandes sistemas teóricos do século XX, o marxismo e o funcionalismo (ALONSO, 2009, p. 51).

Estas características se aplicam aos movimentos que constituem a rede no mundo globalizado da cibercultura. Em grande parte das constelações políticas da rede, apreço haver um deslocamento da centralidade do Estado como objeto de disputa. No caso do OWS, fortaleceram-se anarquia, o “libertarianismo”, e a luta pela emancipação humana dos desígnios sociais, políticos e culturais do capital. Contudo constata-se uma crítica veemente, no caso dos Indignados europeus e do próprio OWS, ao modelo hegemônico de Estado e de democracia representativa vigentes.

Os movimentos sociais da década de 1960, que assumiram grandes proporções na Europa, especialmente na França, se assemelham com as mobilizações contemporâneas, conforme pode-se contatar em uma descrição de Alonso, sobre aquele período:

eram jovens, mulheres, estudantes, profissionais liberais, sobretudo de classe média, empunhando bandeiras, em princípio também novas: não mais voltadas para as condições de vida, ou para a redistribuição de recursos, mas para a qualidade de vida, e para afirmação da diversidade de estilos de vivê-la (Ibidem).

Em uma das entrevistas com um dos ativistas que iniciaram o Occupy Wall Street, em Nova York, a referência ao situacionismo e às revoltas que ocorreram em Maio de 1968, demarcando o início da era contemporânea é direta. Alexandre Carvalho, ou Atchu, como é conhecido nos circuitos dos Novads, afirma que os eventos de revoltas e grandes manifestações que se intensificaram a partir de 2011 são muito semelhantes aos que ocorreram naquele período, configurando uma contracorrente semelhante à de maio de 1968, em contraposição ao reducionismo estruturalista, que representa, na sua visão:

uma análise muito superficial, é uma análise assim, sai bonito no papel, mas é de quem não está vivendo, de quem não está participando das conversas, porque você vê que é um contracorrente, como você falou, parecida com 1968, parecida com o que aconteceu no mundo inteiro, mas vem com uma característica de buscar o novo, de quebrar paradigmas, de rejeitar todo um modelo econômico, político e cultural, que... estético, que a gente baseou o século XX, que a gente baseou o nosso pensamento e literalmente, assim (...) a gente viveu um a vida inteira se sentindo um peixe fora d'água (Atchu, 2013).

Reforçando uma das teses centrais a pesquisa, de que há uma forte identidade comum a vários grupos distintos ao redor do mundo – que fazem parte de uma rede descentralizada de constelações políticas a compartilharem determinados valores e percepções –, resguardando, ao mesmo tempo, sua identidade política e ideológica, Ana Terra, uma ativista do movimento Ocupa Sampa, fala sobre o mesmo período de levantes em 1968, em uma clara referência comparativa com o a questão da liberdade e da subjetividade, como elemento central e comum ao movimento da segunda década do século XXI, ocorrido no Brasil, na mesma época do OWS, nos Estados Unidos.

Em uma entrevista concedida a Marcelo Netto, pesquisador da USP, ao ser perguntada sobre este período histórico, Ana fala sobre horizontalidade (uma das características da cultura política em estudo) e compara a experiência do movimento Ocupa Sampa com aquela de maio de 1968:

Espírito de 68. Sim e te lembro que minha visão é superficial... me parece que queriam horizontalidade... queriam criatividade no olhar... valorizavam Marx... Lênin nem tanto e não queriam ficar só dentro daquilo o que elas viam como sendo o universo que Marx disse e Lênin aplicou... as pessoas de 68 queriam incluir o coração delas na luta e não só a mente. Isso eu vejo no Ocupa. (Ana, 2012)

No contexto da pesquisa realizada denomino de rede de movimentos antissistêmicos todas as constelações políticas que estão ligados pela rede autônoma e descentralizada que se formou – e ainda vem se desenvolvendo – tomando como referência o movimento dos indignados nos países europeus e o movimento Occupy Wall Street na América do Norte No

mesmo sentido, reforçando que tais grupos em diversos países possuem o mesmo “material genético”

Angélica, também do Ocupa Sampa, fala sobre a primavera situacionista em analogia com o movimento do qual faz parte e que surge no Brasil a partir de 2011, na onda de primaveras e revoltas iniciadas na Europa e nos Estados Unidos. Angélica estabelece um paralelo direto com o que ocorreu em 1968 na França, com a primavera situacionista e o que ocorreu com a rede de movimentos antissistêmicos:

Qual maio de 68... qual? O da França? O situacionista? Primavera situacionista... essa é boa. Quando falou em 68, pensei no movimento hippie. Infelizmente ter a ver com o hippie. O Ocupa. Não que não goste. Foi um movimento de contracultura importante... Características que eu gosto. O Ocupa se propôs a pouca coisa, mas ele nunca se propôs a ser um movimento de contracultura. E sim, movimento político. De formação. De laboratório político. Mas tinha uma galera no Occupy e na Espanha. Essa galera saiu na mídia. A própria mídia selecionava. Parada meio nostalgia. Olha só. Cantar e dançar e fazer amor com todo mundo. Nem sabem o que tão fazendo. [O situacionismo] Não era um único movimento. Partidos comunistas com os anarquistas, os estudantes e artistas na França. Primavera situacionista. Mais próximo do Ocupa. Eles pararam Paris, acho que por uma semana, sem coleta de lixo. Um dos primeiros movimentos plurais que tenho conhecimento. Assembleias juntos. Brigas normais. Isso rolava no Ocupa. A pluralidade que tinha naquele movimento e no Ocupa. A relação com a arte. Cineastas, atores de teatro, cinema. Arquitetura. No situacionista, tudo tava relacionado. Um paralelo com o que aconteceu com o Ocupa (Angélica, 2012).

Em diversas partes do mundo, já na alvorada do século XXI, a história registrou uma série de manifestações que caracterizaram o início de uma era de mobilizações de atores sociais, movimentos e indivíduos contra o projeto neoliberal de globalização. Os movimentos antiglobalização que ganharam visibilidade com a “Batalha de Seattle”, no dia 30 de novembro de 1999, demarcaram o início desse período de mobilizações anticapitalistas em nível global. Como já se destacou anteriormente, o Movimento Zapatista inaugurou, cinco anos antes, uma plataforma de mobilização transnacional contra o neoliberalismo, que articulou novas formas de articulações da sociedade civil organizada contra os efeitos indesejados da expansão sem limites do capital.

Num esforço de encontrar possíveis paralelos históricos, poder-se-ia trazer à tona as experiências das Internacionais Comunistas, que remontam sua história a segunda metade do século XIX, em 1864, e que demarcaram um tipo de mobilização de movimentos sociais e organizações socialistas e comunistas, com características de transnacionalismo, ou mais precisamente, de multinacionalismo, já que está vinculada a criação da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), em períodos nos quais apenas o capital era globalizado em um mundo nacionalista.

Os objetivos das Internacionais estavam estreitamente relacionados à luta operária e aos momentos históricos nos quais foram realizadas. Apesar das diferenças fundamentais em relação aos movimentos contemporâneos, as Internacionais significaram esforços de articulação da classe trabalhadora em torno da causa socialista e comunista em âmbito global. Eram eventos essencialmente anticapitalistas nos quais se procuravam articular lutas e movimentos em uma plataforma unificada de movimentos internacionais contra o capital. Mas seria adequado utilizar o conceito de “rede” ao invés de “plataforma” no contexto histórico e social dessa experiência de lutas anticapitalistas?

É possível desenvolver um paralelo, bastante fecundo, entre a emergência do precariado, diante da crescente especialização da divisão social do trabalho no mundo contemporâneo, considerando as revoltas transnacionais no contexto da luta de classes. Entretanto, a não ser que se pressuponha a emergência histórica do precariado como nova condição e configuração da classe trabalhadora, em constante conflito com o capital, as semelhanças param por aqui, já que as redes de movimentos antissistêmicos, no contexto da cibercultura, parecem exigir novos aportes teóricos ou a adaptação dos existentes, seja no campo da teoria dos movimentos sociais, seja no âmbito da teoria da luta de classes ou do conflito social.

No decorrer da pesquisa, as tentativas de aproximações teóricas com as categorias que emergiam gradualmente nos eventos, exigiam da pesquisa de campo virtual e presencial, o esforço de tessitura teoria-empíria que, muitas vezes, se mostrava complexo e difícil de se encontrar paralelos aproximados. Os eventos e os diálogos com os ativistas, frequentemente, apontavam para novas configurações em redes de atores muitíssimos heterogêneos em suas ideologias, formas de atuar, causas, pautas demandatórias, pensamento político, etc. Daí se conclui que a noção de uma “plataforma” unificada de demandas de denominações e ideologias que se aproximam não funcionava muito bem.

Ademais, as formas de mobilizações que hibridizavam as redes virtuais às ações diretas dificultavam a identificação de agentes articuladores, que, quando existiam, desempenhavam um papel meramente de “disparo” dos eventos nas redes sociais virtuais, ou de iniciadores de alguma performance de ocupação ou manifestação inicial. Estes “eventos-estopins” desencadeavam processos incontroláveis de difusão de informação midiática pelas redes sociais, por dispositivos eletrônicos pessoais e pela mídia tradicional. As formas históricas de movimentos sociais que se institucionalizam e são instrumentalizados por partidos políticos, quase sempre eram apontadas pelos Novads, por exemplo, como sendo parte do problema do enfraquecimento da esquerda com projeto político alternativo ao capitalismo.

Ao procurar identificar possíveis paralelos históricos, por meio das referências nominadas pelos ativistas, durante a pesquisa, muitas imagens do passado eram evocadas, mas claramente havia uma identidade especial com os movimentos antiglobalização da virada do Século XXI. Com a diferença de que aqueles consistiam ações pontuais, e estes tinham vindo “para ficar”, como se pode observar nas palavras de Naomi Klein, sobre este assunto.

Em um discurso enunciado aos occuppies por uma espécie de “microfone humano” no Zucotti Park – a polícia havia impedido que utilizasse equipamento de som –, quando o OWS estava em sua forma plena de ocupação, Naomi Klein, começou a falar, e a cada frase, suas palavras iam sendo reproduzidas para as pessoas que estavam mais atrás, compondo um eco humano que se espalhava pela audiência do epicentro até as margens. Klein, uma ativista canadense, que participou do que foi denominado de “Movimento dos Movimentos” no fim do século passado, afirmou:

Muitas pessoas traçaram paralelos entre Occupy Wall Street e os assim chamados protestos antiglobalização que chamaram a atenção do mundo em Seattle, em 1999. Aquela foi a última vez que um, liderada por jovens, o movimento descentralizado mundial mirou direto no poder corporativo. E eu tenho orgulho de ter sido parte do que chamamos “o movimento dos movimentos. Mas há diferenças importantes também. Por exemplo, nós escolhemos cimeiras como as nossas metas: a Organização Mundial do Comércio, o Fundo Monetário Internacional, o G8. Cúpulas são transitórias por natureza, só duram uma semana. Isso nos fez transitória também. Nós aparecer, manchetes mundiais, em seguida, desaparecer. E no frenesi de patriotismo hiper e militarismo que se seguiu aos ataques de 9/11, foi fácil para nos arrebatam completamente, pelo menos na América do Norte [tradução do autor] (KLIEN, 2011).

A experiência histórica recente que mais se aproximava de uma configuração de redes de movimentos sociais autônomos, articulados contra o sistema capitalista parecia advir da experiência zapatista. Os ativistas do OWS e do 15-M, em sua ampla maioria, criticavam veementemente as “velhas” formas de mobilização da classistas e a atuação da esquerda que, em muitos países estava no poder. Lembre-se que, na Espanha, o partido que governava o país quando eclodiram as multidões de indignados, era o Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE).

A assimilação de teorias estrangeiras sobre os movimentos sociais, sem a devida consideração de que as abordagens carregam diferenças substanciais de problemáticas, pode dificultar a análise, quando se procura ver esses momentos de continuidade e ruptura com o passado presente nos movimentos sociais brasileiros. A exemplo dos paradigmas dos movimentos sociais europeus em autores como Touraine (1984) e Melucci (1982), estes estão voltados para problemas derivados em outras instâncias de reivindicações, situando-se mais próximos da defesa da cidadania, de diretos, do respeito às diferenças étnicas, de gênero, etc.,

do que dos problemas colocados para os movimentos sociais de países periféricos, que estão condicionados a lutas por questões mais estruturais, como fome, moradia e terra.

O período posterior a 64, para Scherer-Warren, pode, de forma geral, representar o momento que separa o que se denomina movimentos sociais tradicionais do surgimento de novas formas de organização. A separação entre o “tradicional e o novo” movimento social é uma construção para fins heurísticos, pois, concretamente, os movimentos apresentam graus diversos de continuidade e descontinuidade em relação à cultura política tradicional (SCHERER-WARREN, 1987, p. 41).

A partir da década de 60, em várias regiões acadêmicas do mundo ocidental, o estudo dos movimentos sociais ganhou espaço, densidade e status de objeto científico de análise e mereceu várias teorias. Tudo isso ocorreu porque, em parte, os movimentos ganharam visibilidade na própria sociedade, enquanto fenômenos históricos concretos. Houve também, o desenvolvimento de teorias sobre o social, e as teorias sobre ações coletivas ganharam novos patamares em universos mais amplos, construindo uma nova teoria sobre a sociedade civil

Os movimentos fluem, transitam e acontecem em espaços não-consolidados das estruturas e organizações sociais. Na maioria das vezes estão questionando estas estruturas e propondo novas formas de organização à sociedade política. Por isso eles são inovadores e indicam caminhos de mudanças sociais; são uma lente por onde problemas mais gerais podem ser abordados.

Ao mesmo tempo em que se consolida uma globalização neoliberal, fervilham e borbulham, nas bases múltiplas das sociedades e das “pirâmides” socioeconômicas da estratificação social capitalista, um outro tipo de globalização que tende da base para o topo com a força das energias emancipatórias em formas alternativas de saberes, escalas, localidades, modalidades, conhecimentos e ações em busca de outra sociedade contra-hegemônica e elaborada no seio da opressão hegemônica da monoculturalismo imposto pela sociedade do capital e a lógica da mercadoria, da dominação sem sujeito, abstrata, mas também concreta e impositiva de padrões societários, mas não intransponível ou insuperável.

A superação da sociedade capitalista está relacionada a superação de formas de dominação socioeconômicas, materiais e simbólicas que se expressam em todas as esferas e dimensões da vida social. Como realizar emancipação em um diálogo multicultural quando algumas culturas foram reduzidas ao silêncio e as suas formas de ver e conhecer o mundo se tornaram impronunciáveis?

Da ação conformista à ação rebelde, a teoria crítica moderna tal como a sociologia convencional, centrou-se na dicotomia estrutura/ação e sobre ela construiu os seus quadros

analíticos e teóricos. Nesta pesquisa proponho uma postura teórica aberta e, a exemplo do etnólogo, não entrar em campo com concepções e conceitos aprioristicamente determinados. Assim, procuro apresentar e desenvolver ampliações e adequações categoriais, num exercício de artesanato intelectual, visando compor um quadro geral interpretativo, no âmbito dos movimentos sociais, procurando elucidar a complexidade fenomênica assumida pela rede de movimentos sociais antissistêmicos no mundo contemporâneo.

2.4. Cultura política em rede: hiperconexões em rede, radicalidade democrática e descentralização do poder

2.4.1. Sobre cultura política e mudança social

Cada sociedade é marcada por uma dada cultura política dominante. A compreensão de cultura política adotada nesta pesquisa extrapola a concepção convencional da ciência política e amplia a noção no campo da antropologia política, na medida que há um entrelaçamento forte entre o cultural e o político, especialmente quando o espetáculo (Debord, 1967) e a política antiterror, caracterizam a sociedade contemporânea. Para Slater (2000) a cultura política consiste em uma “construção social particular em cada sociedade do que conta como político” (p.25). Sendo, portanto, o domínio de práticas e instituições retiradas da totalidade da realidade social que historicamente vêm a ser consideradas como propriamente políticas” (Ibidem). A cultura política dominante no ocidente, afirma Chantal Mouffe, “foi caracterizada como ‘racionalista’, universalista e individualista” (1993, p. 2).

Contudo, como sustentam Cohen e Arato (1992), a cultura política ocidental não é uma entidade monolítica, mas “quer se refira à democracia de elite ou participativa, liberalismo ou comunitarismo, concepções neoconservadoras ou de bem-estar social, são sempre concepções disputadas dentro dos limites estabelecidos pela cultura política na História do Ocidente moderno” (p. 2). Neste aspecto, tomando-se como referencial a noção de cultura política nos termos apresentados, as políticas culturais produzidas pelas constelações das redes, antissistêmicas, tentam desafiar ou desestabilizar as culturas políticas dominantes, na medida em que: os seus objetivos vão além de ganhos materiais e institucionais perceptíveis; modificam as fronteiras da representação política e cultural, bem como da prática social, pondo em questão até o que pode (deve) ou não pode ser considerado como político; e, realizam contestações culturais ou pressupõem diferenças culturais.

Com base nesta leitura dos movimentos sociais contemporâneos e de suas práticas e saberes, é que se sustenta que o que está em questão, de um modo profundo, é a transformação da cultura política dominante, na qual se movem e se constituem como atores sociais com pretensões políticas, seja visando alterar o sistema político rumo à radicalização da democracia, seja no sentido de negar a necessidade de se assumir posições de poder na governança, liberando indivíduos e grupos da ação de dispositivos de poder e de saber. Os Novads e parte do Ocupa Sampa se aproximam desta categoria, o Movimento dos Indignados espanhóis, daquela.

Tanto o OWS, quanto o movimento 15-M não buscam inclusão no sistema político, antes, buscam reconfigurar a cultura política dominante. Contudo há diferenças consideráveis entre os objetivos e estratégias de cada rede de movimento. Enquanto o OWS, especialmente os Novads, procuram mudar a sociedade sem tomar o poder, os Indignados estão trabalhando em uma estratégia político-partidária, criando partidos políticos, como o Partido X e o “Podemos” na Espanha. O primeiro foi criado sob a denominação de Partido Pirata e, sua criação, muito controversa entre os ativistas, que negavam qualquer tipo de intervenção através do sistema representativo, ocorreu já no período da diáspora das ocupações na Europa. Atualmente a cultura em rede do Partido Pirata se espalha por diversos países, incluindo o Brasil, tendo consolidado uma agenda comum. Já o Partido Podemos, foi criado em 2014, e surge como uma forma contra-hegemônica de se fazer política, visando transformar o Estado e a democracia por dentro. É um partido político espanhol por acadêmicos de esquerda.

Os dois partidos foram fundados, inspirando-se nas manifestações que ocorreram na Europa a partir de 2011. Apesar da agenda diferenciada as duas estruturas partidárias procuram basear-se na horizontalidade decisória e na democracia participativa caracterizada pela intensidade interativa que a cibercultura possibilita, com propostas que hibridizam participação e representação, mas que seguem no sentido de assumir posições de poder para transformar a cultura política, para construir contra-hegemonia através de instrumentos democráticos hegemônicos. A Rede, no Brasil, também consiste em uma associação política que pretende seguir na mesma direção desses dois partidos, mas as especificidades que caracterizam esse projeto político-partidário no país.

Portanto, tanto o OWS, quanto o 15-M e as constelações políticas que dele derivaram – incluindo aquelas político-partidárias – desempenham um papel fundacional, visando a transformação da própria ordem política na qual atuam. As diferenças fundamentais entre os projetos político-culturais do OWS e dos europeus, reside na questão da centralidade do Estado para o exercício do poder. Contudo, mesmo na Europa, as tendências mais radicais, que se aproximam dos espectros políticos anarquistas, ainda estão conectados às constelações mais

radicais do OWS, como os Novads e coadunam com suas práticas culturais contra a centralização do poder, buscando formas de torna-lo cada vez mais difuso.

É sob esta perspectiva que Slater (2000), defende que um dos papéis relevantes que os movimentos sociais desempenham em suas lutas, consiste em desafiar e refazer as fronteiras do político, subvertendo os dados tradicionais do sistema político – poder estatal, partidos políticos, instituições formais, etc. – ao contestarem a legitimidade e o funcionamento aparentemente normal e natural de seus efeitos na sociedade. Assim, ao desenvolverem uma cultura política heterônoma revelam os significados ocultos do político encerrados no social.

No âmbito da teoria dos movimentos sociais, as principais correntes, nomeadamente a teoria de mobilização de recursos e a teoria do processo político, têm as suas concepções fundamentais transgredidas pela concepção mais dinâmica de cultura política e de política cultural. A noção corrente na ciência política, especialmente assumida por algumas teorias de movimentos sociais, como a teoria de mobilização de recursos, ou a teoria do processo político, por exemplo, assume a questão da mensuração do “sucesso” dos movimentos sociais, principal ou exclusivamente, com base no modo como suas demandas são processadas – e se o são – no interior da política de representação – institucional ou não.

Entretanto, essa abordagem não contribui para a compreensão das formas que os movimentos sociais contemporâneos vêm assumindo, principalmente, aqueles que atuam em redes e priorizam a interação voluntária e horizontalizada para intervir na realidade social por meio de ações diretas pontuais na forma rizoma, caracterizada pelo que Negri e Hardt (2005) denominam de “multidão”, que gradualmente, “converge” os indivíduos, por afinidades eletivas, na *forma constelação*, que permite modalidades de participação bastante fluidas, de acordo com os seus desejos e suas visões de mundo.

No que diz respeito à transformação da democracia, Nancy Fraser (1993) sustenta que os discursos e práticas dos movimentos sociais podem desestabilizar e transformar os discursos dominantes e as práticas excludentes da “democracia realmente existente”. As práticas e saberes mobilizados pelas constelações políticas da rede, portanto, podem produzir culturas políticas, através de suas práticas culturais, que desestabilizem a ordem político-cultural dominante nas democracias representativas a depender do impacto de longo prazo que tais práticas sejam capazes de realizar. Uma chave de leitura é compreender que a cultura política determina o que está ou não está presente na esfera do político, e as estratégias da *cultura política em rede* procura recodificar culturalmente, através das ações diretas e dos circuitos alternativos de produção de subjetividades rebeldes, o que fora apartado da esfera do político e reproduzido socialmente como exclusivo das outras esferas como a econômica ou religiosa, por exemplo.

As práticas culturais experimentadas nas redes interpessoais da vida cotidiana, conforma desenvolvidas pelas constelações ou *nodes* da rede, ao longo de seus fluxos de mobilizações das individualidades, infundem novos significados culturais nas práticas políticas e na ação coletiva, conforme pode-se constatar nas *estratégias microrrevolucionárias*³³ dos Novads. Tais estruturas significantes podem incluir diferentes formas de consciência e práticas relativas a natureza, a identidade, às relações sociais, aos sistemas políticos e a modos de produção alternativos. As constelações desta imensa rede de movimentos contemporâneo dependem e baseiam-se em teias de relações da vida cotidiana, mas também constroem e configuram novos vínculos interpessoais, interorganizacionais e político-culturais com outros movimentos e com uma multiplicidade de atores e espaços culturais e institucionais.

A metáfora da “teia”, que é também utilizada como categoria fértil para a análise das interconexões vinculativas dos movimentos sociais contemporâneos, “permite imaginar mais vividamente os entrelaçamentos em múltiplas camadas dos atores sociais com o terreno natural-ambiental, político-institucional e cultural-discursivo nos quais estão ‘incrustados’” (ALVAREZ, DAGNINO, ESCOBAR, 2000, p. 37).

Uma das formas de se considerar o impacto das políticas culturais destes atores sociais, é levar em conta as transformações produzidas na esfera pública e nos espaços públicos. As formas destes movimentos – rizoma, diáspora, ocupação e constelações – convergem *sempre* para os espaços públicos, sendo a forma constelação, a dinâmica que mais interfere nos espaços privados desenvolvidos pelo grupo. É na forma constelação que tomam lugar as experiências pessoais e coletivas dos grupos políticos e suas vivências que, podem ou não, serem realizadas em espaços públicos. Neste caso ou naquele, assume fundamental relevância para a análise sociológica o aporte teórico de Goffman (1959) sobre performance. Os Novads, especialmente, se utilizam majoritariamente da performance para produzir o que eles denominam de “rupturas na tessitura do biopoder”.

Assim, vão se proliferando ressignificações rebeldes dos espaços públicos, que são marcados por relações de poder desiguais. Neste contexto, Nancy Fraser, argumenta persuasivamente que a análise habermasiana da esfera pública liberal traz uma premissa subjacente que nega que a intensificação da democracia possa decorrer da multiplicação de espaços públicos:

que o confinamento institucional da vida pública a uma esfera pública única e totalmente abrangente é a situação positiva e desejável, ao passo que a

³³ Vide discussão sobre microrrevolução no segmento 3.

proliferação de uma multiplicidade de públicos representa um afastamento da democracia, em vez de avanço em sua direção (1993, p. 13)

Na medida em que as formas dos movimentos em rede ampliam, ressignificam e multiplicam o número e as funções dos espaços públicos, procurando democratizá-los radicalmente, no sentido de tornar mais difusas as relações desiguais de poder, para apreender o impacto de suas políticas culturais antissistêmicas e avaliar suas contribuições no sentido de ninar o autoritarismo social e a democratização elitista, segundo (ALVAREZ *et all*, 2000):

não é suficiente examinar as interações deles com ambientes públicos oficiais (tais como parlamentos e outras arenas políticas nacionais e transnacionais). Devemos ampliar nosso olhar para abranger também outros espaços públicos – construídos ou apropriados pelos movimentos sociais – nos quais políticas culturais são postas em prática e se modelam às identidades, demandas e necessidades subalternas (p. 42).

À medida que a globalização tomou forma e ampliou-se como processo civilizacional, passou a assumir múltiplos modos, sendo um deles, o mais dominante talvez, o projeto neoliberal. Se a globalização é a face elitista e corporativa do capitalismo contemporâneo, o “transnacionalismo” é a sua outra face das redes antissistêmicas que se articulam a partir da sociedade civil organizada ou pela ação individual engajada de ativistas que negam as instituições e organizações sociais como as únicas formas do fazer político. Neste cenário de emergência de novos atores em redes, não se pode negligenciar o papel jogado pelas novas tecnologias de informação e comunicação que, conforme Lins Ribeiro (2000) sustenta, tornaram possível “formas novas de ativismo político à distância”. Neste novo campo de lutas, afirma Yúdice (2000), embora a maioria das visões da esquerda sobre a globalização seja pessimista, a volta à sociedade civil no contexto de políticas neoliberais e os usos das novas tecnologias sobre as quais se baseia a globalização abriram formas novas de luta progressista nas quais o cultural é uma arena crucial de luta.

Tanto a globalização quanto o neoliberalismo, ampliaram os níveis de desigualdade econômica, intensificando processo de precarização laboral e existenciais crescentes e, com isso, acabaram por redefinir o terreno político-cultural no qual os movimentos sociais atuais devem empreender, atualmente, suas lutas. Uma das dimensões relevantes desta face da globalização neoliberal e neodesenvolvimentista do ajuste econômico é que ela tem como seu anverso processos de ajustes e controles sociais.

Surgem, pois, os aparatos ou dispositivos e práticas de ajuste social, que de uma maneira foucaultiana parecem introduzir novas formas de auto-subjetivação, formação de identidades e disciplina. Nesses termos, a cidadania, subordinada a estes dispositivos e práticas que pretendem a “coesão social”, estimulam empreendedorismos e modelos de meritocracia cidadã

em termos individualizadores e economicistas de mercado. Conscientemente, os Novads, atuam através de suas práticas e saberes, no sentido da produção de contradispositivos nos circuitos de existência e vivência coletiva, seja no ciberespaço, seja nas performances, ou nas ações diretas ou nas formações temporárias, as zonas autônomas de existência amplificadas pelos espaços pluripotenciais e pela poiesis ontológica.

As redes de movimentos antissistêmicos articulam grupos heterogêneos, questionam a cultura política dominante e propõem novas formas de organização social, desenvolvendo dimensões simbólicas, práticas e espaços ainda não consolidados no âmbito das estruturas e instituições sociais e políticas contemporâneas. Por isso tais movimentos são inovadores e indicam caminhos de possíveis mudanças das relações sociopolíticas. Assim, constituem uma lente por onde problemas mais gerais do capitalismo global ganham visibilidade, especialmente aqueles relacionados à representação política na democracia e aos mecanismos de poder das elites dominantes, orgânicas com a classe política.

A democracia e o sistema político representativo constituem o pano de fundo na análise da cultura política implicada na política cultural da rede de movimentos sociais antissistêmicos que lutam contra os interesses do capital, encarnados na classe política. Porém, ao se considerar tanto o conceito de cultura quanto o de política deve-se levar em conta a dinâmica veloz e multifacetada da vida social contemporânea, de modo a possibilitar uma abordagem teórico-metodológica capaz de iluminar a complexidade de atores sociais articulados em redes globais em suas múltiplas camadas e dimensões de subjetividades, estratégias, mobilizações e formas de atuação coletiva.

A questão da mudança político-cultural na contemporaneidade, a partir de matrizes democráticas igualitárias, requer abordagens conceituais amplas e interdisciplinares. No plano da inversão de subjetividades ou de estruturas institucionais, políticas ou econômicas, a cultura, como dimensão transversal, desempenha um papel fundamental na compreensão dos processos e no alcance das possibilidades emancipatórias que os atores empreendem na sua luta cotidiana, em intersecções com o universo do político.

A questão crucial que se apresenta é em que medida esses sujeitos e atores sociais, cujo objetivo é a radical transformação do sistema, podem enfrentar o sociometabolismo de produção e reprodução das formas de vida do capitalismo – em sua transformação dinâmica e capacidade de adaptação –, e serem capazes de romper, na prática, com a inércia causada pelo potencial de reprodução do sistema. Paradoxalmente, para construir o novo, os atores sociais antagônicos ao sistema dispõem apenas de instrumentos hegemônicos para erigir um contra-hegemonia (SANTOS, 2000).

Enfrentando o desafio de criar o futuro a partir do presente, nas sociedades democráticas contemporâneas os movimentos sociais, concebidos em perspectiva teórica mais ampla, constituem meios e instrumentos que grupos sociais constroem socialmente para a ação política, em busca de mudanças graduais em direção a uma sociedade idealizada. Suas ideologias são como um “norte magnético” e nelas são forjados os valores que orientam seus discursos e práticas políticas cotidianas, que sustentam a ação para a transformação de valores, símbolos, instituições ou normas, as quais representam o signo do status quo, o presente hegemônico que se pretende suplantar em nome de algo novo e alternativo.

A história caracteriza-se por uma multiplicidade de sujeitos coletivos, portadores de valores de justiça, de igualdade e de direitos; são todos protagonistas de projetos políticos, protestos públicos e lutas emancipatórias. Apesar das esferas locais e os atores sociais submeterem-se, cada vez mais às regras do jogo capitalista, resistem e coexistem na diversidade plural da realidade social – materializadas em experiências heterogêneas e dotadas de características políticas próprias – propostas alternativas à cultura capitalista.

É preciso, pois, procurar compreender quais tensões ocorrem entre a prática cultural – imersa no universo que a antagoniza e que pretende transformar–, e o horizonte político de um “outro mundo possível”. A este respeito, Boaventura de Sousa Santos ressalta a importância de duas dimensões nos processos que se pretendem revolucionários:

Todos os processos revolucionários modernos são processos de ruptura que assentam em dois pilares: a resistência e a alternativa. O equilíbrio entre eles é fundamental para eliminar o velho até onde é necessário e fazer florescer o novo até onde é possível (SANTOS, 2009, p. 6).

O capitalismo, em sua dinâmica própria, potencializou-se e generalizou-se, ampliando e amplificando seu domínio no tempo e no espaço, parecendo ter se convertido em objeto do fetiche reificado de todos os povos, “aplainando o mundo e a história, mas que de modo algum se pacificou” (LIPOVETSKY, 2007). Radicalizando-se, radicalizou também as resistências, passando a enfrentar novas tensões e contradições, aparentemente amplificadas também pelo mesmo processo num panorama sustentado por determinada concepção de hipermodernidade que circula nas constelações políticas pesquisadas, especialmente nos Novads.

Daí resulta a relevância das práticas culturais e das redes interpessoais da vida cotidiana e política que sustentam os grupos e constelações da teia de movimentos antissistêmicos, as práticas e discursos e das diferentes tendências que integram as redes do OWS, dos “indignados” europeus e das constelações latino-americanas. Os fluxos de mobilização infundem novos significados culturais nas práticas políticas. Tais movimentos configuram vínculos interpessoais, a consolidar novas formas de consciência. Teias interorganizacionais e

diferentes valores político-culturais são criados e fortalecidos com outros movimentos em uma multiplicidade de atores e espaços culturais e institucionais, dentro e fora das fronteiras nacionais.

A delimitação da cultura política emergente, e das concepções radicais de democracia e de poder, forjadas na ágora contemporânea cibercultural das redes antissistêmicas constituem uma das principais novidades na arena política e no cenário emergente de um determinado tipo de ativismo descentralizado em uma espécie de sociedade civil transnacional, devido a forma de articulação e atuação em redes com extensão intercontinental. Resulta daí a inovação de seu repertório e a possibilidade de emergência de uma nova cultura política: é como se o tradicional modelo de representação política do século XX não fosse mais adequado para os novos tempos e demandas.

Parece haver uma dupla assimetria destacada pelos ocupas no contexto das democracias representativas colocadas em xeque: de um lado a assimetria entre os interesses e o poder do capital em relação aos da maior parte dos cidadãos, de outro a assimetria contrastante entre a cultura política da classe política no poder e a cultura política que vem sendo forjada pelo signo das ondas de ocupação.

A partir dessa perspectiva, visando apresentar um olhar sociológico sobre esse novo sujeito político coletivo do mundo contemporâneo, procura-se apresentar alguns elementos constitutivos das concepções de poder e de democracia radical, pressupondo que estas ondas “primaveris” de indignação e protesto, ao desenvolver-se em diferentes constelações e cosmogonias políticas, estariam produzindo uma nova cultura política, que contrasta fortemente com o sistemas político-partidários e com os valores arraigados da democracia representativa na modernidade.

Assim, o indagar sobre a emergência de uma ecologia política hipermoderna a partir das redes de movimentos antissistêmicos, levando em conta a capacidade e os limites que tais sujeitos coletivos encarnam, faz-se necessário determinar os significados e o impacto que as mobilizações e seus desdobramentos apontam no campo sociopolítico - seja para contribuir com o debate acerca da qualidade da democracia no capitalismo, seja sobre os caminhos para a emancipação social.

2.4.2. *Cultura política em rede: a política cultural como estratégia de transformação da ordem cultural política dominante*

O ativismo à distância e o testemunho à distância, segundo Lins Ribeiro (2000), constituem duas poderosas dimensões políticas da cibercultura. Há uma crescente literatura sobre as implicações e desdobramentos da cibercultura que desenvolve questões acerca de temas como: cidadania global e sociedade civil planetária; novas subjetividades e identidades; novas coletividades e necessidades sociais, econômicas e institucionais; novas configurações ideológicas, utopias, distopias; fluxos de pessoas, mercadorias e informação. Um dos conceitos peculiares deste campo de estudo bastante útil para o debate desta questão, foi desenvolvido por Jorge Trivinho que, fundamentado na obra de Paul Virílio, denominou a condição democrática submersa na cultura digital de *dromocracia cibercultural*, caracterizada e, ao mesmo tempo, resultante do encurtamento do tempo-espaço e das consequências sócio-políticas e culturais deste processo relativamente recente na história.

Daí a relevância da noção de cibercultura no sentido de se examinar os processos decorrentes e que se hibridizam entre o virtual e presencial e que altera as culturas e as práticas políticas de atores sociais, individuais ou coletivos, que carregam as heranças genéticas de um mundo em processo de encolhimento espaço-temporal, que intensifica fluxos, relações e interações locais e não-locais. Neste contexto, há um crescente processo de desterritorialização das lutas, sem que as lutas precisem se desterritorializar.

Ao procurar demarcar as características do que venho denominando de *cultura política em redes*, foram levantados elementos constituintes de diversos grupos do movimento Occupy na medida que desenvolvem novas concepções e práticas políticas, forjando um “neoanarquismo” – no caso dos Novads e outros grupos anarquistas da rede Occupy – e um radicalismo democrático – mais marcante nos movimento dos Indignados ou 15-M – que concebem uma organização societária fundada na possibilidade da diversidade irrestrita da liberdade ontológica e no respeito às diferenças identitárias e políticas. Visando a reinvenção da vida cotidiana, como resultado de “*microrrevoluções*”³⁴, criam e reproduzem seus rituais libertários, na busca de liberação dos corpos dos dispositivos de assujeitamento e, em cujos processos, reiteram valores caros aos seus princípios de liberdade e igualdade, criando conceitos

³⁴A noção de *microrrevolução* é o resultado da interação poética entre pesquisador e os Novads, que resultou no seu desenvolvimento conceitual primitivo, ainda por ser melhor trabalhado. Este conceito é apresentado e discutido no terceiro segmento desta dissertação.

e desenvolvendo práticas revolucionárias que se estendem para além da ágora contemporânea, característica da cibercultura, ressignificando e alargando a esfera do político.

O entendimento de cultura política, no contexto desta pesquisa, é atravessado por um eixo central: a mudança político-cultural. Requer uma compreensão mais ampla que perpassa os estudos culturais, e está fundamentada, principalmente, no conceito de *política cultural* produzida pelos movimentos sociais, mais especificamente, pelas constelações políticas, os *nodes* das redes antissistêmicas, como os Novads.

Por sua forma de atuar, as constelações que constituem o movimento desenvolvem uma política cultural (ALVAREZ, S.; DAGNINO, E.; ESCOBAR, A, 2000) e práticas de cunho ideológico, visando à revolução da vida cotidiana. Neste sentido pode-se citar a noção de “microrrevolução”, que vem sendo concebida, pelos Novads, como uma forma de se transformar uma sociedade sem necessariamente *tomar* o poder instituído pelo Estado, pelos partidos e grupos políticos, por via eleitoral. Como referência a estas estratégias que negam a centralidade do Estado na questão da transformação das relações de poder, uma referência para os ativistas é a obra *Mudar o mundo sem tomar o poder (2003)* de John Holloway, na qual é possível identificar alguns elementos que fundamentam a noção de “microrrevolução”, em articulação com fundamentações anarquistas, situacionistas, dadaístas, entre outras.

Os novos atores pretendem conjugar o verbo “ocupar”, ressignificando-o e dotando-o de um poder simbólico na ocupação desde instituições sociais, até campos de saberes distintos, assim como as práticas hegemônicas reprodutoras da lógica do capital e do Império, procurando subvertê-las. Nos termos de Agamben (2011), em sua discussão sobre a produção de contradispositivos de poder e de saber, os Novads buscam “profanar” tudo o que é “sagrado”, procurando repor aquilo que fora socialmente apartado do humano, restituindo-o novamente à dimensão humana de forma ressignificada.

O conceito de *microrrevolução* está em pleno processo de construção coletiva no grupo, em uma espiral de *poiesis*, denominada “Arena Fibonacci”³⁵. Essa forma de luta libertária e as concepções que fecundam sua prática cultural têm suas origens no anarquismo, mas difere bastante das concepções de revolução historicamente dadas, porque, essencialmente, o que se

³⁵ Arena Fibonacci consiste em uma categoria nativa que se refere a uma dinâmica de convivência e produção coletiva, intelectual ou material, dos Novads. Leonardo Fibonacci (ou Leonardo de Pizza) que foi um matemático renascentista que ficou conhecido pela descoberta da sequência de Fibonacci (uma fração matemática universal), que se manifesta em todos os elementos orgânicos e inorgânicos à medida que a complexidade aumenta). A denominação da arena dos Novads refere-se a sequência de Fibonacci, utilizada na teoria do caos, na teoria dos fractais, na biologia e na cosmologia, que comprovam que a “espiral de Fibonacci” está presente, seja nos mais simples organismos vivos, seja na forma das ondas ou mesmo nas galáxias.

deseja é a transformação radical de uma determinada condição social de assujeitamento, determinada cultura civilizacional (a do capital), modo de produção (capitalista), ou das formas de desigualdade ou injustiças sociais (desigualdade econômica, social ou simbólica) sem passar pela centralidade do Estado na luta pelo poder.

Para Alvarez, Dagnino e Escobar (2000) “o que está fundamentalmente em disputa são os parâmetros da democracia, são as próprias fronteiras do que deve ser definido como arena política: seus participantes, instituições, processos, agenda e campo de ação” (2000, p. 15). Nessa perspectiva analítica o estudo das dimensões das práticas sociais e políticas, em suas intersecções com a cultura, é considerado crucial por Dagnino (2000), que ressalta a relevância *do cultural* no âmbito dos movimentos sociais contemporâneos que, no contexto desta pesquisa, serve como parâmetro teórico para a configuração da *cultura política em rede*. A autora retoma a noção de cultura em Stuart Hall e de De Certeau, destacando a importância das ações cotidianas que quebram o disciplinamento do indivíduo no sentido de construir e reivindicar novos valores.

As políticas neoliberais da globalização introduziram um novo tipo de relação Estado/sociedade civil que apresenta uma definição distinta da esfera pública e de seus participantes, baseada em uma concepção minimalista do Estado e da democracia. Contraposto a este modelo está o de Estado de bem-estar social, onde a participação política é uma forma de ampliação do escopo do político, contudo, como será demonstrado no terceiro segmento, não é a participação que representa o novo horizonte de radicalização da democracia no século XXI, mas a *interação política*.

Alvarez, Dagnino e Escobar exploram as fronteiras de novas abordagens e conceitos do cultural nas pesquisas sobre os movimentos sociais latino-americanos que se mostram bastante fecundos para a análise dos da *cultura política em rede*. O que se pretendeu foi uma investigação sobre a relação entre a cultura e o político, que “pode ser explorada produtivamente sondando a natureza das políticas culturais postas em prática (...) por todos os movimentos sociais, examinando o potencial dessa política cultural para promover a mudança social” (Ibidem, p. 17). Para os autores da coletânea *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras (2000)*, o conceito de “política cultural” enfatiza o laço constitutivo entre cultura e política e a redefinição de política que essa visão implica. Esse entrelaçamento conceitual significa que a cultura, entendida como concepção de mundo e conjunto de significados que integram práticas sociais, não pode ser entendida adequadamente sem a consideração das relações de poder embutidas nessas práticas.

Mudanças nos estudos culturais, introduzidas por De Certeau (1984), Fiske (1989) e Willis (1990), transcenderam concepções estáticas do conceito de cultura para definições que compreendem os processos coletivos incessantes de produção de significados, que moldam a experiência social e configuram as relações e práticas sociais. Com base nesta concepção é que o espectro dinâmico ativo das políticas culturais dos movimentos sociais contemporâneos é concebido como campo de experimentação, produção, expressão e comunicação de sistemas de significados, implicando configurações de relações de poder, dos sistemas simbólicos e da ordem social. Porém, boa parte dos estudos culturais, principalmente quando desenvolvidos por autores norte-americanos continua fortemente orientada pelo textual.

Essa definição, que imbrica o político ao cultural no âmbito dos significados e práticas dos movimentos sociais, pode ser a fonte de processos que devem ser aceitos como políticos, em especial aqueles teorizados como marginais, oposicionais, minoritários, residuais, emergentes, alternativos, dissidentes, insurgentes, e assim por diante. Tais movimentos produzem novas fronteiras políticas quando produzem novos significados e práticas culturais. Nas lutas dos movimentos sociais, os significados são constitutivos de processos que buscam redefinir o poder social, porque apresentam concepções alternativas nas concepções – de poder, Estado, liberdade e igualdade, mulher, natureza, raça, economia, democracia ou cidadania –, que frequentemente desestabilizam os significados culturais dominantes.

A cultura política dominante do ocidente foi caracterizada como “racionalista, universalista e individualista” (MOUFFE, 1993, p. 2). Nesse cenário teórico, defendem Alvarez, Dagnino e Escobar (2000), o ângulo mais importante para analisar as políticas culturais dos movimentos sociais talvez seja em relação com seus efeitos sobre a cultura política, entendida como “a construção social particular em cada sociedade do que conta como político”.

Neste ponto, vale ressaltar a diferenciação entre “o político” e a “política”, conforme destacado por Slater (2000), na medida em que as conexões entre movimentos sociais e sua política cultural tornam-se um tema chave de investigação, que pode ser expandido e repensado como incorporação de uma imaginação espacial e dinâmica da relação entre “o político” e a “política”. Chantal Mouffe (1993, p. 262-3) desenvolve uma abordagem derivada do trabalho de Lefort (1988) na qual para ela “o político” se relaciona com a dimensão antagonista que é inerente a toda sociedade humana – um antagonismo que pode assumir diferentes formas e ser localizado em diversas relações sociais. A “política”, segundo Slater, pode ser tomada como se referindo a:

Um conjunto de práticas, discursos e instituições que buscam estabelecer uma certa ordem e organizar a vida social em condições que estão sempre potencialmente sujeitas ao conflito precisamente porque são afetadas pela dimensão do “político” (Slater, 2000, p. 512).

Sob essa ótica, a *política* deve ser vista como a tentativa de pacificação *do político* que sedimenta em determinado sistema de práticas e determinada ordem social. Slater, que vai buscar a noção de política como pacificação do político em Rancière, aponta várias formas históricas de tentativas de contenção do político no contexto de sociedades do Sul, periféricas, onde os conflitos sociais, a polarização e a desilusão crescentes com as instituições, se manifestam, cada vez mais, problemáticos que se expressam, em um contexto de crise generalizada, nas políticas de “boa governança” e nas tentativas de introduzir esquemas ocidentais e neoliberais de democratização, na história dos projetos marxistas e no impulso para tentar centralizar o poder no Estado na tentativa de eliminar pontos de antagonismos potenciais. No caso dos países andinos, os antagonismos situam-se onde emergiram novas lutas que associam democratização e descentralização do poder as quais produzem novas formas de subjetividade e identidade.

O ponto mais importante desse argumento é o destaque que Slater procura imprimir sobre a natureza interativa da política e do político, no sentido de postular a distinção necessária, mas principalmente, a inter-relação essencial entre as duas dimensões. Nesses termos, o político assume a conotação de um movimento vivo, um tipo de “magma” de vontades e conflito ou de antagonismos, fluido e ubíquo, subvertendo as amarras e cenários institucionais da política. Funcionando, a política, concebida como a institucionalização (sedimentação) de uma dada ordem que é projetada para superar ou, pelo menos, confinar a ameaça de conflitos do político.

Resgatando a relação de dissolvência mútua entre Estado e sociedade civil, Slater aprofunda a relação entre as esferas do político e da política, identificando a sedimentação da política como conjunto de procedimentos, práticas códigos, e categorias reguladoras da ordem ou da governança, que jamais podem ser absolutamente completados, já que a esfera pública não coincide com a vontade popular absoluta. Por outro lado, o processo de reativação do político a essa sedimentação da política, constitui um processo que amplia as possibilidades subversivas, de questionamento, oposição, recusa e resistência, que também nunca podem ser totalmente superados.

As redes de movimentos antissistêmicos, concebem a luta no sentido da redefinição do que conta como político e do próprio sistema político, das práticas econômicas, sociais e culturais, no sentido de possibilitar a recodificação das fronteiras do político, através da produção de conhecimento, de práticas discursivas e ações diretas, que visam ressignificações

simbólicas de relações sociais típicas do no capitalismo contemporâneo globalizado e da sociedade do valor material.

A pesquisa realizada aponta que a produção de conhecimento e de novas fronteiras e fluxos no campo das lutas antissistêmicas pela ampliação do espectro da liberdade e da igualdade, acaba pressionando o sistema político por mudanças nas instituições e valores democráticos, buscando radicalizar a democracia e transformá-la, no que Boaventura de Sousa Santos denominou de democracia de “baixa intensidade” para uma democracia de “alta intensidade” (SANTOS, 2005). Na luta por redefinições daquilo que conta ou não como político na sociedade contemporânea, as redes de movimentos antissistêmicos, buscam um alargamento do campo político, mediando suas estratégias de negação do fetiche alienante do capital e do mercado, procurando restituir o que fora apartado do mundo da política como algo do universo da esfera “autônoma” e reificada do econômico.

Esta contradição tornou-se evidente com a crise, onde o econômico que norteia a governança pública, cada vez mais, está subsumindo a “vontade geral da nação”, quebrando o que Rousseau denominou de contrato social. Ou, dito de outra forma, o Estado vem obliterando os direitos democráticos de governar em detrimento das necessidades e desejos dos trabalhadores e do precariado, favorecendo a governança da coisa pública em nome dos interesses das corporações e do capital financeiro, em nome do ajuste fiscal para atingir “grau de investimento”, como se fosse a nação, também uma empresa que coloca seus ativos na bolsa de valores. Cada vez mais a nação se parece com uma grande empresa capitalista, onde a racionalidade do cálculo e da “impessoalidade” da “mão invisível” do mercado governa e direciona as políticas econômicas, restringindo, sempre quando “necessário”, as políticas sociais.

O que as constelações políticas pertencentes à rede de movimentos antissistêmicos da cibercultura denunciam e combatem são as causas e consequências sociais, políticas e econômicas de uma concepção generalizada, cada vez mais dominante, de um modelo universal capitalista e falaciosamente neoliberal de cidadania e de democracia. Quando ocorrem os conflitos urbanos das formas rizomas, ocupação e diáspora das redes, fica evidente a função do Estado em dissipar as ocupações e manifestações, sem sequer dialogar com o objeto de sua crítica. Há um pavor generalizado das elites, daqueles que o OWS denominou de 1%, de que a forma rizoma de revoltas do precariado se espalhe sem controle, daí a violência repressiva do Estado. Mas, visando a mudança social, as constelações, em sua maioria absoluta, pacíficas e contra todo tipo de violência, procuram transformar as relações que reproduzem o capital com

estratégias de produção e difusão cultural e não pela revolução que vise a tomada do poder estatal.

Daí a relevância, no âmbito desta pesquisa, da relação entre cultura e política, no sentido de compreender e mapear o potencial das políticas culturais para a mudança social. À medida que se estabelece uma relação forte entre cultura e política, então as práticas culturais dos movimentos sociais em rede atuam no sentido de redefinir o que conta como político, buscando decodificar e recodificar culturalmente o campo do conflito político. O conceito de política cultural, ao constituir uma referência para a pesquisa das práticas culturais antagonistas de movimentos sociais no capitalismo, requer o exame etnográfico e sociológico do potencial dessas práticas para promover a mudança social. Assim, chama-se a atenção para o laço constitutivo entre cultura e política, implicando numa redefinição da política, já que este:

este laço constitutivo significa que a cultura entendida como concepção de mundo, como conjunto de significados que integram práticas sociais, não pode ser entendida adequadamente sem a consideração das relações de poder embutidas nessas práticas (AVAREZ; DAGNINO; ESCOBAR *et al*, 2000, p. 17).

Contudo o reconhecimento da necessidade de se compreender estas relações de poder imbricadas nas práticas culturais, sejam elas dominantes ou heterônomas, não seria possível sem o reconhecimento de seu caráter cultural ativo, na medida em que expressão, produzem e comunicam significados, visando transformações nas relações de dominação e reprodução das práticas culturais capitalista contra as quais antagonizam. Assim, as lutas antissistêmicas buscam, em suas práticas culturais, a redefinição não só do sistema político, mas também das práticas econômicas, sociais e culturais que possam radicalizar a ordem democrática, ou suprimir a fonte da opressão estatal de poder centralizado – no caso dos movimentos anarquistas –, desenvolvendo novas relações de poder difuso, em antítese ao poder centralizado no Estado.

A noção dominante de *homo aeconomicus*, cujas escolhas racionais precipitam, como que por uma “mão invisível”, não só o “bem-estar da nação”, como também as próprias formas sociais, implica na visão do mercado “auto-regulativo” que se fundamenta em práticas culturais dominantes que concebem os seres humanos como “seres sociais do tipo negociante, empenhados em maximizar os benefícios e minimizar seus custos” (SAHLINS, 2007, p. 302). A “cultura matricial” do capitalismo, principalmente em um contexto de mercado total, implica que, qualquer que seja a natureza dessas práticas culturais dominantes, tomadas em si mesmas, a relação com elas é decididamente econômica. As escolhas individuais perpassam por um denominador comum de análise dos custos dos “prazeres” e “satisfações”, entre os quais se

distribuiu-se prudentemente os recursos pecuniários limitados. A cultura burguesa que caracteriza a sociedade “do valor material”, segundo Sahlins (2007):

Transforma a cultura no *a priori* oculto de um cálculo da ação pragmática. A ordem simbólica é incluída em hierarquias de meios e fins, como motivações e interesses localizados no sujeito e realizados por um processo de escolha racional que também lhe é natural. Assim a cultura torna-se um pressuposto, e continuamos desconhecedores de outras lógicas inscritas em nossas intenções. (...) Ainda mais significativa é a lógica, qualitativamente diferente, do valor simbólico, que entra em ação como uma premissa implícita (SHALINS, 2007, p. 303).

A cultura dominante na sociedade capitalista, implica em processos de hierarquizações de meios e fins, desejos e interesses, especialmente inscritos nos sujeitos e, conseqüentemente, nas *subjetividades*. Por este motivo as práticas culturais dos Novads, do 15-M e do Ocupa Sampa, apenas para ficar em algumas das constelações políticas da rede, assumem uma dimensão relevante na microfísica do poder, ao procurar recodificar simbolicamente as hierarquias na forma de horizontalidade, os saberes subalternos em experiências emancipatórias, as instituições democráticas representativas burguesas em experiências de *democracia radical interativa*. Especialmente os Novads, por meio de suas práticas culturais, procuram romper com a tessitura do biopoder, no sentido de repor ao corpo físico e social aquilo que fora apartado como sagrado, repondo, assim, aquilo que fora apartado do político nas suas performances microrrevolucionárias na produção de espaços pluripotenciais, nas zonas autônomas de existência, na experiência da *comuna fluens, comuna móbilis, comuna ludens*³⁶, etc.

Na medida que, nesta pesquisa, se busca compreender o potencial de mudança social que as práticas culturais desses atores sociais em rede imprimem no sistema que pretendem transformar, emerge a questão inevitável do debate sobre a dialética entre estrutura e ação; uma questão clássica no campo das ciências sociais. Nesta discussão é preciso descartar a noção, convencional em várias disciplinas, da cultura como estática, já que esta conotação contribuiu muito para tornar invisíveis as práticas culturais cotidianas como fontes de práticas políticas (AVAREZ; DAGNINO; ESCOBAR, 2000). A contribuição de De Certeau (1984), Fiske (1989) e Willis (1990), no sentido de transcender essa compreensão estática ressaltou o caráter iminente dinâmico da cultura, enquanto processo coletivo e incessante de produção de significados que molda a experiência social e configura as relações sociais.

³⁶ Todos estes conceitos e práticas culturais microrrevolucionárias (diferentemente das revolucionárias já que não pretendem *tomar* o poder centralizado na figura do Estado, mas enfraquece-lo e difundi-lo das instituições para relações comunitárias horizontalizadas). Tais concepções são apresentadas e discutidas no segmento 3.

Partindo dessa compreensão, considerando o problema do potencial de mudança social das práticas culturais produzidas nas redes de movimentos antissistêmicos, o problema que surge, neste ponto, reside na questão levantada por Sahlins em *Cultura na Prática* (2007), quando analisa a relação entre a “cultura-tal-como-vivida” como tendo um tipo de existência fenomênica distinta da “cultura-tal-como-constituída”. Sahlins procura desconstruir o falso dualismo entre estrutura e ação, intenção e convenção, em suma, entre experiência individual e ordem cultural. Para resolver esta questão, Sahlins desloca o problema do campo do dualismo e o situa enquanto um processo dinâmico no campo da dialética. Assim, o processo simbólico aparece de maneira distinta em duas dimensões: “aparece nos projetos humanos”, incluindo os revolucionários aqui em foco, “e na *intersubjetividade* como uma estrutura ou um sistema (...) incondicionalmente disposta pelo sujeito, [mas, por outro lado] convencionalmente constituída na sociedade” (2007, p. 311).

Os Novads, em especial, utilizam-se estrategicamente da compreensão de que suas práticas culturais produzem “fissuras na tessitura do biopoder” do sistema, que domina, através de dispositivos de poder e saber, os corpos na medida em que incidem a o controle e a coerção nas subjetividades individuais e coletivas. Daí a relevância em aprofundar a questão do sistema simbólico e das práticas culturais como estratégias e dinâmicas microrrevolucionárias. Nesse sentido, Sahlins aponta alguns elementos relevantes para a configuração da *cultura política em redes* – objeto desta pesquisa – e para a questão do potencial de mudança social, produzido por essas práticas culturais antissistêmicas. Na análise da questão, o antropólogo aponta a conexão entre as práticas culturais e os processos ontológicos imersos nos sistemas de signos do mundo vivido, em dissonância ou consonância com os signos do mundo constituído, desvendando a dinâmica do projeto individual (ou coletivo) que vise a mudança da ordem cultural:

O signo desfruta de uma existência atual, *in praesentia*, apenas na medida em que se inscreve na ação humana. Como esquema de relações entre categorias simbólicas, o “sistema” é meramente virtual. Existe, *in absentia*, (...) perfeitamente como um todo, tão somente na comunidade em geral. Podemos dizer que, tal como vivido, o fato simbólico é um “indício” fenomênico cujo “tipo” é seu modo de existência na cultura-tal-como-constituída. Além disso, na cultura-tal-como-constituída, o signo tem um sentido abstrato, significando meramente, em virtude de todas as relações possíveis com outros signos, todos os seus *usos* possíveis; sendo assim, ele é “independente de estímulo”, não estando preso a nenhum referente específico do mundo. Mas as pessoas vivem no mundo além de viverem por signos, ou melhor, vivem no mundo por meio de signos e, na ação, relacionam o sentido conceitual aos objetos de sua existência (SAHLINS, 2007, p. 311).

Nestes termos a comunidade, ou o sistema, constitui um “juízo temporalmente disjuntivo, como de um todo dotado de muitas partes, que são compreendidas (...) como mutuamente determinantes” (Ibidem), mas que são coordenadas entre si e não determinadas ou

subordinadas umas às outras, não tendo apenas uma direção como em uma série, mas determinam-se reciprocamente como em um conjunto. Assim o “sistema” é realmente sistêmico coma condição de seja realmente sincrônico. Na medida em que o “signo se substancializa da ação, por meio da referência ao mundo” a cultura-tal-com-constituída se apresenta como expressão única em cada indivíduo.

Desse modo, os projetos revolucionários de superação do capitalismo que movimentam as práticas culturais antissistêmicas encontra um campo fértil de mudança social na cultura dominante através da transformação, primeiramente, de si mesmos, produzindo, ontologicamente, subjetividades rebeldes e, ao mesmo tempo, materializando essa subjetividade em contracorrentes culturais pela recodificação simbólica dos signos que representam as relações e valores capitalistas em sua antítese, visando corroer os símbolos que sustentam o *habitus* do *homo aeconômicus*, fundado no valor econômico e no cálculo racional, mediado pela mercadorização reificada das dos valores humanos mais autênticos que precifica os desejos e vontades humanas, numa economia da escassez de realizações possíveis.

As práticas culturais forjadas nas interações e relações endógenas e exógenas das constelações políticas que compõem os *nodes* da rede de movimentos antissistêmicos constituem projetos que visam a mudança da ordem cultural hegemônica, tensionando valores e desejos intencionais contra os convencionais. Ao sustentar este argumento, Sahlins retoma uma afirmação de Margareth Mead sobre a questão, que ilumina esta problemática do potencial de mudança da ordem cultural:

em seus diversos projetos, as pessoas efetivam relações contingentes entre signos que não são necessariamente as ordenadas na cultura-tal-como-constituída. Lembremos das observações de Mead sobre o possível deslizamento entre valores intencionais e os valores convencionais, representado pela distinção entre o “eu” e o “mim”. Assim, apreço incorreto negar que as pessoas possam modificar sua cultura, porque, como concluiu Mead, isso é tudo o que elas fazem” (SAHLINS, 2007, p. 312).

A pretensão dos Novads e de outras tantas constelações políticas, é de que suas práticas culturais e as denúncias e demandas que infundem sobre o sistema político e sobre as democracias representativas tensionem com o sistema do capital, a partir da mudança cultural, da mudança de cada indivíduo e de seus valores culturais fundamentais. A intenção, especificamente no caso dos Novads, não é a mesma dos movimentos socialistas que pretendem instituir processo de desalienação em massa, mas primeiramente, coexistir com as diferenças de maneira que possam florescer todo tipo de subjetividade sem qualquer forma de disciplinamento dos corpos e das consciências, mas sem uma direção específica, como no caso dos movimentos com valores mais ou menos fixos.

A riqueza da sociedade libertária imaginada é a possibilidade livre do desenvolvimento ontológico dos sujeitos e sua coexistência pacífica e harmoniosa em um mundo sem controle e direcionamento ontológico. Na mesma direção segue o conceito desenvolvido por Marx, de “indivíduo social”, cujo paralelo com a noção novadiana de “sujeito autônomo criativo” é inevitável³⁷.

O projeto de mudança cultural dos Novads, por exemplo, pretende conjugar uma miríade de novos signos que consubstanciam forças antagônicas e antíteses dos signos do capital e do poder centralizado sedimentado nas instituições governamentais. Sua cultura política, que de maneira consciente e planejada, configura o campo central no qual desenvolvem suas estratégias “microrrevolucionárias”, pretendem transformar as relações da vida cotidiana em meio às relações e valores capitalistas, os quais pretendem suplantar. No que diz respeito a este estratagema de prática cultural subversiva ao “Império”, é preciso levar em consideração os mecanismos pelos quais a ordem cultural materializada na estrutura e o projeto revolucionário interagem como um processo simbólico, que Sahlins (2007, p. 313) identifica em duas formas: “o deslocamento funcional das relações entre signos na ação pessoal e a reavaliação prática dos signos no famoso ‘contexto da situação’”.

A dinâmica que poderia se estabelecer entre o projeto revolucionário que vise a mudança social por meio de práticas culturais, segundo o autor, se processa nos dois sentidos que envolvem a ação no contexto histórico e sociocultural específico, no sentido de promover a ressignificação simbólica do conjunto como um tudo:

A ação começa e termina na estrutura, partindo da biografia do indivíduo como ser social e terminando na absorção de seu ato num prático-inerte cultural – o sistema-tal-como-constituído. Mas se, neste ínterim, os signos forem **funcionalmente deslocados, postos em relação inédita uns com os outros, então, por definição, a estrutura se transforma**; e nesse ínterim, a condição da cultura-tal-como-constituída pode efetivamente ampliar as consequências das ações de um indivíduo (Ibidem).

Sahlins, portanto, reforça a possibilidade de que indivíduos ou grupos sociais, no exercício de seus projetos de transformação da ordem cultural – neste caso, de mudança da cultura capitalista dominante, das relações de poder, para ampliar a liberdade (projeto dos Novads), ou da cultura representativa e das relações políticas, para radicalizar a democracia (projeto do 15-M) – sejam capazes de produzirem um evento histórico significativo, que seja

³⁷ Uma primeira aproximação entre o conceito de “indivíduo social” em Marx e “sujeito autônomo criativo” dos Novads foi desenvolvido no terceiro segmento desta monografia, como intuito de realizar este paralelo. Esta aproximação é o resultado de uma sequência de interações poéticas na Arena Fibonacci dos Novads, em que produzi um texto encaminhado na lista, ao qual se seguiu um intenso debate sobre o tema no grupo.

amplificado gradualmente pela própria estrutura recodificada em um arranjo inédito de signos que representem a antítese do contexto situacional.

Na discussão sobre política cultural nos estudos culturais norte-americanos, muitos autores ainda se concentram na concepção dominante de cultura, reduzindo-a à literatura, música, pintura, escultura, teatro e cinema e, também, nos meios de comunicação em massa. Apesar da compreensão de alguns autores, que situam estritamente as análises textuais no campo da semiótica, a relação entre cultura e poder aparece na obra de Chris Weedon e Glenn Jordan (1995), que compartilham a suposição de que política de representação – nas análises textuais – têm vínculo direto e claro com o exercício do poder e, de modo correspondente, com a resistência a ele, conferindo relevante papel à construção e reprodução de novas identidades:

A legitimação das relações sociais de desigualdade e a luta para transformá-las são preocupações centrais da política cultural. As políticas culturais determinam fundamentalmente os significados das práticas sociais e, além disso, quais grupos e indivíduos têm o poder para definir esses significados. Elas preocupam-se também com a subjetividade e a identidade, uma vez que a cultura desempenha um papel central na constituição de sentido de nós mesmos. As formas de subjetividade em que habitamos desempenham um papel crucial na determinação de se aceitamos ou contestamos as relações de poder existentes. Ademais, para grupos marginalizados e oprimidos, a construção de identidades novas e resistentes é uma dimensão essencial de uma luta política mais ampla para transformar a sociedade (JORDAN; WEEDON, 1995, p. 5-6).

Jordan e Weddon parecem supor, no entanto, ao concentrar sua análise na concepção dominante de cultura, que a política da representação, tal como colhida de formas e análises textuais – tem um vínculo direto e claro com o exercício do poder e, de modo correspondente, coma resistência a ele. Por isso, Alvarez, Dagnino e Escobar sustentam que “esses vínculos são evidentes nas práticas e nas ações concretas dos movimentos sociais latino-americanos” (ibidem, p. 22). Daí a necessidade de se estender o conceito de “política cultural” para analisar as intervenções políticas dos novos atores na cena contemporânea. Entendo que essa abordagem aplicada na análise dos movimentos sociais latino-americanos pode ser relevante no estudo dos movimentos transnacionais de ocupação, como o Movimento Occupy Wall Street e o Movimento dos Indignados europeus.

As intervenções políticas das redes de movimentos antissistêmicos, nas formas assumidas por suas dinâmicas de lutas (rizoma, ocupação, diáspora e constelações), são, em si mesmas, inovadoras e impõem a ampliação conceitual como um imenso desafio aos analistas que buscam compreender, dialogar ou mesmo, combater suas práticas culturais. A relevância na noção de política cultural é evidente no sentido de avaliar a possibilidade de mudanças na cultura política, nos contextos sociais em que os movimentos vêm atuando, a posição de

Dagnino sobre o papel das políticas culturais desenvolvidas em relação com mudanças no sistema político, destaca esta questão:

O conceito de política cultural é importante para avaliar o alcance das lutas dos movimentos sociais pela democratização da sociedade e para destacar as implicações menos visíveis e amiúde negligenciadas dessas lutas. (...) as contestações culturais não são meros “subprodutos” da luta política, mas ao contrário, são constitutivas dos esforços dos movimentos sociais para redefinir o sentido e os limites do próprio sistema político (ibidem, p. 24).

Portanto a definição de “política cultural”, conforme apresentada pelos organizadores, consiste em uma abordagem ativa e relacional, interpretada como “processo posto em ação quando conjuntos atores sociais moldados e encarnado diferentes significados e práticas culturais entram em conflito uns com os outros”.

O movimento zapatista, foi o primeiro a propor uma plataforma transnacional de combate ao projeto neoliberal, ainda na década de 1990. Ao *ocupar* algumas cidades mexicanas³⁸, usavam máscaras negras, semelhantes as utilizadas pelo do Black Bloc atualmente. O Exército Zapatista de Liberação Nacional também desenvolveu uma ampla estratégia de guerrilhas na mídia no combate ao neoliberalismo. Esta estratégia consiste em uma política cultural antissistêmica na tentativa de ressignificação às interpretações culturais dominantes da política, desafiando práticas políticas estabelecidas. Da mesma maneira, a cultura política produzida na rede movimentos antissistêmicos, desafia a ordem cultural dominante, em dinâmicas descentralizadas e interativas de guerrilhas ponto-a-ponto utilizando-se das novas tecnologias de informação e comunicação que a cibercultura possibilita.

Da mesma forma como os movimentos protagonizados por grupos sociais excluídos e subalternos, movimentos como, por exemplo, a Via Campesina, o movimento de mulheres, ou movimentos urbanos por moradia – note-se que estes atores sociais participaram das formas rizoma e ocupações em várias cidades, incluindo no Ocupa Sampa – onde muitos integrantes do Movimento do Sem Teto, passaram a compor um dos *nodes* da rede de movimentos que se constituiu posteriormente na fase das constelações. Ao passarem a integrar uma rede, virtual e presencial, de movimentos antissistêmicos em âmbito global, movimentos sociais pré-existentes às ondas de mobilizações e protestos, que eclodiram a partir de 2011, reforçaram suas lutas sem, no entanto, perderem suas identidades, ressignificando-as em um contexto multicamadas

³⁸ Em 1º de janeiro de 1994, um grupo de indígenas encapuzados e armados liderado pelo EZLN ocupou várias cidades chiapanecas no mesmo dia em que entrava em vigor o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta) tratado assinado pelo México, Estados Unidos e Canadá.

de interações locais e não-locais, presenciais e virtuais, sempre vinculados ao ato fundacional que demarcou o momento de rizoma e das ocupações.

Essas forças culturais postas em movimento por grupos sociais tão diferentes em seus projetos políticos, reforça mutuamente suas identidades que, após o ato fundacional do *rizoma* e da *ocupação*, consolidam-se em dinâmicas características das formas *constelações*³⁹ da rede, reforçando, também, as teias de significados que unem e diferenciam cada uma delas. Daí a relevância da dimensão cultural na pesquisa, ora apresentada. Na concepção de Evelina Dagnino (2000) o conceito de política cultural é importante para avaliar o alcance das lutas dos movimentos sociais pela democratização da sociedade e para destacar as implicações menos visíveis e negligenciadas dessas lutas. Ela sustenta que as contestações culturais não são meros “subprodutos” da luta política, mas ao contrário, são constitutivas dos esforços dos movimentos sociais para redefinir o sentido e os limites do próprio sistema político.

Os Novads, assim como outras constelações políticas da rede, praticam o exercício da decodificação e recodificação dos signos culturais dominantes, especialmente através de da criação de neologismos que brincam com as formas rebeldes de questionamento da cultura dominante, a exemplo da própria denominação do grupo e da denominação de uma de suas produções culturais materializada em uma revista, da qual participei ativamente na produção, a qual foi denominada *NovadZine End of The World Edition*⁴⁰: revista Novad, edição do fim do mundo. Perceba-se que mesmo a denominação de revista fora subvertida em NovadZine – aglutinação de Novad e magazine – para não ser confundida com as revistas comercializadas normalmente. Essa denominação procura ressignificar e decodificar, não apenas pelo conteúdo, mas pela própria denominação da produção coletiva, para que não seja confundida com a produção de uma mercadoria qualquer.

Dessa maneira, ao procurarem conjugar outros verbos, produzir outras formas denominativas e conotativas de significados e significantes, os Novads brincam, jogam com a linguística, com intensão de distinguir seu discurso do discurso dominante. Sobre este aspecto da produção cultural Jean Franco (1998) observa que:

as discussões sobre o uso de palavras parecem muitas vezes catação de piolho; a linguagem parece ser irrelevante para as lutas “reais”. Contudo, o poder de interpretar e a invenção de apropriação ativa da linguagem são instrumentos cruciais para os movimentos emergentes que buscam

³⁹ As formações assumidas pelas redes de movimentos antissistêmicos consistem em um constructo categorial, desenvolvido a partir da interação poética com os Novads, que é apresentado e discutido no terceiro segmento desta dissertação.

⁴⁰ Esta produção cultural dos Novads será melhor trabalhada no segmento terceiro desta dissertação como um estudo de caso significativo que sintetiza outras formas de produção cultural novadiana.

visibilidade e reconhecimento para as concepções e ações que se filtram de seus discursos dominantes (FRANCO, *in* ALVARES; DAGNINO; ESCOBAR, 2000, p. 24).

A partir dessa abordagem, de que a linguagem também constitui parte central nas estratégias de enfrentamento antagônico dos movimentos sociais no sentido de produzir novas relações sociais a partir da cultura produzida é que os Novads desenvolvem as suas formas de lutas, na forma de *poiesis* como *jogos revolucionários em espaços pluripotenciais e zonas autônomas de existência* em uma constante e crescente guerra de interpretação do mundo e das relações de dominação das subjetividades e coletividades, visando destituí-las de seu poder.

As lutas sociais, nesta perspectiva, de um modo geral, podem ser vistas como guerras de interpretação (SLATER, 2000) estreitamente relacionadas à produção cultural dessas *constelações políticas*. Alvarez, Dagnino e Escobar (2000), em *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos*, discutem e sustentam o conceito de política cultural como uma concepção ativa e relacional em função da ordem cultural dominante e, indissociavelmente, com a esfera política, que a tudo interpenetra:

Interpretamos política cultural como o processo posto em ação quando conjuntos de atores sociais moldados por e encarnando diferentes significados e práticas culturais entram em conflito uns com os outros. Essa definição supõe que significados e práticas – em particular aqueles teorizados como marginais, oposicionais, minoritários, residuais, emergentes, alternativos, dissidentes e assim por diante, todos concebidos em relação a uma determinada ordem cultural dominante – podem ser a fonte de processos que devem ser aceitos como políticos. Que isso seja raramente visto como tal é mais um reflexo das definições entranhadas do político, abrigadas nas culturas políticas dominantes, do que uma indicação de força social, eficácia política ou relevância epistemológica da política cultural (p. 24-5)

Com base nesta argumentação teórica, a cultura assume uma dimensão entrelaçada fortemente ao político, como sendo, também, o resultado de articulações discursivas que se originam em práticas culturais existentes no contexto de determinadas condições históricas, mas que nunca são totalmente puras, sempre híbridas, e apresentam contrastes significativos em relação às culturas dominantes, conforme segue a sustentação dos autores:

a cultura é política porque os significados são constitutivos dos processos que implícita ou explicitamente, buscam redefinir o poder social (...) quando apresentam concepções alternativas (...) desestabilizam os significados culturais dominantes (ALVARES; DAGNINO; ESCOBAR, 2000, p. 25)

Um dos aspectos mais relevantes para esta pesquisa, são os possíveis efeitos de longo prazo das ações diretas e das políticas culturais das constelações da rede de movimentos sociais antissistêmicos sobre as culturas políticas – no sentido de política cultural – dominantes de democrática representativa – na qual, cada vez mais, a cidadania se resume ao voto, e a “direitos

e deveres” – e das relações verticais de poder, nos valores e instituições sociais públicas e privadas.

Percebe-se na vivência netnográfica, nos documentos, vídeos e entrevistas, que a luta por radicalização da democracia, busca instituir um novo modelo de Estado para o exercício do poder popular em suas demandas, que, segundo Ellen Meiksins Wood (2003), constitui um poder revolucionário de transformar - por ser incompatível com - o capitalismo, as mazelas e contradições sociais e econômicas – agora mais evidentes reveladas pelas frequentes crises – que ele produz. No mesmo sentido, Zizek, reafirma a relevância das ocupações e de seu papel crítico à sociedade da ordem cultura capitalista:

Sim, os protestos realmente criaram um vazio – um vazio no campo da ideologia hegemônica –, e será necessário algum tempo para preenchê-lo de maneira apropriada posto que se trata de um vazio que carrega consigo um embrião, uma abertura para o verdadeiro Novo (ZIZEK, 2011, p. 18).

Dessa luta agonística entre as relações do poder da “multidão contra Império” (Negri e Hardt, 2005) ou da “democracia contra capitalismo” (Ellen Meiksins Wood, 2003), os jogadores precisam descompensar o equilíbrio de tensões visando reconfigurar os processos e os campos políticos, econômicos e culturais. Tanto as estratégias microrrevolucionárias dos Novads quanto as estratégias revolucionárias ou reformistas das constelações que compõem a rede de movimentos, ou escolhem jogar o jogo do império, ou romper com sua lógica, podendo resultar em algum desequilíbrio das tensões até então sob o controle dos dispositivos dominantes.

A democracia constitui o pano de fundo na análise da cultura política implicada na política cultural da rede de movimentos sociais antissistêmicos. Porém, tanto o conceito de cultura quanto o de política, devem possibilitar a compreensão da dinâmica veloz e multifacetada da vida social contemporânea e possibilitar uma abordagem teórico-metodológica capaz de iluminar a complexidade de atores sociais funcionando em uma “teia global” em múltiplas camadas e dimensões de novas subjetividades, estratégias, articulações e formas de atuação coletiva.

A questão da mudança político-cultural na contemporaneidade, a partir de matrizes democráticas, requer abordagens conceituais amplas e interdisciplinares. Seja no plano da mudança de subjetividades, de consciência, de estruturas institucionais, políticas ou econômicas, a cultura, como dimensão transversal, desempenha um papel fundamental na compreensão dos processos e do alcance das possibilidades transformadoras que os atores empreendem na sua luta cotidiana em suas intersecções com o universo do político.

A questão posta, é compreender os elementos constitutivos, a natureza e as perspectivas desses movimentos, que articulam potencialidades do espaço virtual às tradições emancipatórias de lutas nos espaços urbanos. Assim, os movimentos retomam a tecnologia e mobilizam a tomada das praças e ruas redefinindo sua função dos espaços públicos no tempo e no espaço (HARVEY, 2012), propondo a reinvenção do político tensionando com o capital ao questionar o modelo hegemônico de democracia na contemporaneidade.

A autenticação das histórias de exploração e o desenvolvimento de estratégias no bojo agonístico das tensões e lutas simbólicas contra o capital implicam na necessidade de “ir além” do capitalismo e de suas consequências sociais. Isso exige dos ativistas um constante trabalho de revisão dos saberes em um processo de arqueologia do saber e do poder (Foucault), que também encontram ressonância na abordagem de Bhabha, ao afirmar que é preciso “residir 'no além' e ainda (...) ser parte de um tempo revisionário, um retorno ao presente para redescrever nossa contemporaneidade cultural; reinscrever nossa comunalidade humana, histórica; *tocar a futuro em seu lado de cá*” (BHABHA, 1998, p. 27).

A “diáspora” do movimento Occupy Wall Street e dos Indignados europeus é um processo que ainda está em curso e não se conclui com a saída das praças e ruas ocupadas, mas que está em um processo de consolidação das identidades coletivas e da conformação de correntes relativamente divergentes quanto à forma e o conteúdo das estratégias e da própria visão de mundo; estão a se configurar novas constelações políticas. O Occupy constituiu um momento em que os córregos e riachos convergiram para um caudaloso Amazonas da multidão indignada e que agora se separam no delta que marca uma nova fase identitária e de lutas.

As implicações das práticas e ressignificações do cotidiano e o repertório de ações e estratégias em desenvolvimento, apontam para a emergência de uma nova cultura política em redes, a partir de uma concepção radical de democracia *direta e interativa*. As manifestações-ocupações que se espalham nas grandes cidades constituem um acontecimento fundador de um novo tipo de movimento social, com perspectivas de duração, cujas pautas reivindicatórias e sua política cultural interpelam sobre as possibilidades da reinvenção do político na democracia, gestadas a partir de uma nova gramática social.

Esses movimentos de ocupação sinalizam para um novo tempo histórico. A rigor, o ano de 1989 ficou marcado na história mundial por demarcar a queda do muro de Berlim, como a última linha de resistência do dito “socialismo real”. Desde então se proclama convenientemente o “fim do socialismo real”. Com a queda do muro, caíam também os ideais de alternativas revolucionárias diante da hegemonia do modo de produção do capital; a queda do muro simbolizaria o início do fim das utopias.

Contudo, mais de duas décadas depois, outro “muro” parece ter suas estruturas abaladas, justamente aquele que simboliza o poder dominante do capitalismo na era da financeirização do capital. Para os militantes do movimento *Occupy Wall Street*, o “muro” construído pelo sistema do capital está em pleno processo de desintegração, sob suas bases aparentemente sólidas. Como na famosa metáfora de Marx de que no capitalismo “tudo que é sólido se desfaz no ar”, o centro financeiro do capital, como o “muro” demarcador do império a defrontar-se com a crise estrutural, parece também ruir diante das contradições do próprio sistema e da indignação das multidões; o essencial da luta, segundo os ativistas, é acelerar o processo de dessedimentação iniciado com a crise.

3. A SOCIOLOGIA DO TEMPO PRESENTE: UM DESAFIO À INVESTIGAÇÃO SOCIOLÓGICA.

3.1. Do “concreto ao abstrato”: quando a realidade social interpela o pesquisador, tornando-se objeto de pesquisa.

Antes mesmo de tornar-se pesquisa, foi a realidade social, em plena ebulição, que interpelou os sentidos do pesquisador, transformando o seu olhar, exigindo novas percepções, até constituir-se em objeto de estudo no campo da socioantropologia política. Gestado pelo sentimento de perplexidade em testemunhar as revoltas populares – que marcaram o início da segunda década do Século XXI – determinado olhar sociológico sobre a história do tempo presente foi sendo elaborado, paulatinamente, em um jogo de lentes que permitiu registrar nuances, interstícios do fenômeno em foco.

Ao assumir o capitalismo contemporâneo e os agentes históricos que pretendem transformá-lo como objeto de pesquisa, vale lembrar a afirmação de Octavio Ianni ao defender que o mundo globalizado se impõe como “um desafio epistemológico novo (...) [e que] pela primeira vez [as ciências sociais], são desafiadas a pensar o mundo como uma sociedade global” (IANNI, 1996, p. 237).

As revoltas populares que, num processo “viral”, característico da “dromocracia cibercultural” (TRIVINHO, 2007), ao expandirem-se exponencialmente pelo mundo, despertaram no “sujeito-que-pesquisa” uma sensação de inquietação necessária, de urgência. Deflagra-se, então uma jornada acadêmica em busca de compreender e explicar o que a realidade impõe como um enigma do presente, em suas conexões com o passado histórico, a desencadear as tendências e possibilidades do devir, do novo, do “indeterminado e do fugidio”, como diria Baudelaire (1997), ou do “monstruoso”, como afirmaria Deleuze (1992).

O processo de pesquisa, efetivamente, teve início com uma interpelação profunda que a realidade social contemporânea produziu na alma inquieta do pesquisador. Mais precisamente, este momento interpelador emerge quando eclodiram as ondas primaveris de revoltas populares, que se iniciaram nos países árabes, cujas centelhas se espalharam, como as chamas do *Hades*, por vários países da Europa, em 2011. O fenômeno das multidões em protesto nas ruas e praças, em pleno século XXI, causaram-me um sentimento profundo de que ali se passavam cruciais momentos históricos, significativos do mundo contemporâneo e dos dilemas que poderiam emergir dos possíveis desdobramentos daquelas ondas de revoltas em massa, nas grandes cidades europeias. Tais ondas de protestos contra o sistema político e a própria classe

política, posteriormente, espalhar-se-iam por cidades americanas e latino-americanas, incluindo o Brasil, já no ano de 2013.

A força e intensidade com que centenas de milhares de pessoas – das mais variadas afiliações políticas e ideológicas – bradavam suas palavras de ordem, forjadas em estratégias de uma espécie de guerrilha urbana contra o Estado e o aparato policial, pareciam indicar uma significativa mudança qualitativa: mudança, seja em relação àquelas manifestações que surgiram nas últimas duas décadas do século XX, em plena expansão do projeto neoliberal; mudança, seja em relação às que eclodiram como parte das mobilizações da sociedade civil, no âmbito dos movimentos antiglobalização, na virada do século e na alvorada da primeira década do século XXI⁴¹.

Naquele momento parecia bastante plausível que populações de países árabes, em sua maioria, regimes autoritários, desejassem a ampliação de direitos, na busca por transformações das relações sociais e das instituições não democráticas para um modelo de democracia e de Estado tipicamente secular e ocidental, nos moldes do pluripartidarismo representativo, direcionando, assim, suas lutas rumo a conquistas de democráticas formalmente instituídas. Na era da tecnologia da informação, a abertura de mercados ao fluxo do capital parece constituir uma exigência da sua expansão sem limites. É esta uma característica do capitalismo tardio, que se manifesta com especificidades em diferentes países, especialmente em épocas de crise, como a que demarcou o mundo globalizado em 2008.

Neste cenário, num primeiro plano, as lutas por democratização nos países árabes, envoltos nas revoltas populares, parecia cumprir um duplo papel ou função paradoxal: por um lado, o anseio popular por democracia formal e pela secularização do Estado; por outro, a necessidade do capital, em tempos de crise, em ampliar suas possibilidades de expansão de mercado e acesso a recursos estratégicos, face ao “perigo” de tais recursos ficarem sob o domínio de lideranças regionais passíveis de representar alguma barreira política, conjuntural ou histórica ao processo de expansão do capital e seus interesses na região.

Em outras palavras, a “Primavera Árabe”, hipoteticamente, bem podia consistir em mais uma cena da relação de forças internacionais de interesses em “democratizar” o mundo muçumano, rumo a sua ocidentalização, em convergência aos interesses do capital naquela região. Contudo, os desdobramentos posteriores da Revolução Egípcia (2012), por exemplo,

⁴¹ Penso uma genealogia dos movimentos sociais nas últimas quatro décadas, estabelecendo uma diferença qualitativa entre: a) os movimentos das décadas de oitenta e noventa, b) os movimentos e protestos antiglobalização da virada do século, e c) as redes de movimentos antissistêmicos característicos da segunda década do século XXI. Essa genealogia é apresentada no capítulo seguinte.

iriam complexificar as possibilidades interpretativas das revoltas populares e do processo de democratização pretendido pela população em revolta.

Em meio a reflexões sobre a relevância histórica de tais revoltas populares a desequilibrarem o tabuleiro de forças políticas e sociais no mundo árabe, a partir de março de 2011, eclodem as manifestações, na Grécia e na Espanha, que se amplificavam e expandiam sua ação política por vários países europeus, principalmente, mas não exclusivamente, nos países semiperiféricos da zona do Euro. A amplitude do fenômeno ganhava potência histórica e consubstanciava a possibilidade da hipótese de que aqueles atores poderiam estar produzindo uma nova cultura política que contrastava com a sistema democrático representativo, como modelo consolidado nos últimos dois séculos.

O cenário delineava-se profundamente instigador, ante a uma surpresa histórica materializada nas ondas de manifestações e protestos transmitidos pelas mídias em diferentes espaços. Particularmente, foram interpeladoras as noites que passei em claro, no decorrer de dois anos, acompanhando através de transmissões online ao vivo pela Internet, os conflitos múltiplos e distintos entre ativistas – árabes, espanhóis, gregos, italianos, ingleses, alemães, americanos e brasileiros – a enfrentarem o aparato policial do Estado, quase sempre, violento na ação repressiva. Em filmagens dos próprios manifestantes⁴² – em cima de prédios ou no turbilhão de bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha – o que se configurava, diante de meus olhos atentos, era um cenário de guerrilha urbana, acompanhado em tempo real, transmitido de dentro das trincheiras da batalha. E, assim, graças às novas tecnologias de informação e comunicação e à Internet, de certa forma, eu também “estava lá”. Como eu, milhares de internautas interessados acompanhavam e dialogavam – via chat – nos mesmos *websites* nos quais as transmissões *online*, via *Livestream*⁴³, eram veiculadas.

Em plena era da informação, a partir daquelas possibilidades tecnológicas, tornou-se evidente que o momento gertziano do “estar lá” era viável, por meio de uma “translocalidade virtual”, de uma “presença não-local”, mesmo com as limitações peremptórias que a distância impõe ao pesquisador, a milhares de quilômetros dos eventos em foco. Naquele momento, em que eu exercitava uma “observação participante virtual”, navegando pelas fronteiras espaço-

⁴² Posteriormente esses grupos de “repórteres da multidão”, que atuavam, especificamente, nos conflitos, passou a configurar uma espécie de grupo especializado, denominando-se, no Brasil, por exemplo, como “Mídia Ninja”. Contudo, a grande maioria do material em vídeo e fotos era produzido pelos participantes, em geral, com os dispositivos móveis que, posteriormente, eram divulgados na Internet ou transmitidos *online*, ao vivo.

⁴³ Livestream é uma plataforma de streaming de vídeo que permite a seus usuários assistir e transmitir vídeos utilizando uma câmera e um computador através da internet.

temporais do ciberespaço, dimensões dessa realidade começam a exigir novas teorizações, ampliando a teia categorial vigente. Parecia relativamente evidente, após algum tempo de observação online, síncrona e assíncrona, que as revoltas da Primavera Árabe – apesar das diferenças sociopolíticas e culturais –, assumiam determinadas semelhanças com as manifestações que ocorriam na Europa e, posteriormente, nos Estados Unidos e na América Latina.

Mas quais eram estes elementos que aproximavam árabes, europeus e americanos em revolta contra os seus governos? Esta parecia constituir uma questão fundamental para aquele momento da pesquisa. Determinado elemento era, então, mais destacado e parecia constituir o problema comum entre trabalhadores do mundo ocidental e oriental, que vinha se desenhando na aurora do novo século: a precarização crescente das condições de vida e laborais, principalmente nas grandes cidades. Estávamos a presenciar uma “revolta do precariado”, que seria formulada enquanto tal pelo inglês Guy Standing (2011) e, posteriormente, no Brasil, por Giovanni Alves (2012;2013) e Ruy Braga (2012).

Vale lembrar que as manifestações do mundo árabe iniciaram a partir de um evento-estopim na Tunísia – que se repetiu em outros países árabes – com a autoimolação de um comerciante jovem-adulto, que não suportava mais a cobrança de propina por parte da polícia – simbólica e efetivamente representando o Estado –, agravado pelo quadro de miséria da população e dos trabalhadores daqueles países. Contudo, quando as manifestações começaram a ocorrer nos países semiperiféricos da zona do euro, a busca por compreender as possíveis causas e reais significados das revoltas populares, em diferentes formações sociais, tornou-se um imenso desafio analítico.

A pesquisa efetivamente teve início quando multidões tomaram as ruas da Grécia e, especialmente, da Espanha. As revoltas violentas nas ruas de Atenas – reconhecida como o “berço da democracia ocidental” – intensificaram-se com a ocupação pacífica da *Praça del Sol* pelo movimento 15-M⁴⁴. Tais fenômenos sociais assumiram o papel de “gatilho interpelativo”, chamando minha atenção para o fato de que tal cenário constituía um *momentum* de inflexão histórica e de mudança social relevante de nosso tempo. O movimento da História desenvolvia-se diante dos olhos do mundo, conectados pela “máquina”, como o “olho que tudo vê” do

⁴⁴ O Movimento dos Indignados, que se desenvolveu na Espanha, emergiu no dia 15 de maio de 2011, – daí a designação em 15M – quando cerca de 40 pessoas iniciaram uma manifestação de ocupação pacífica da *Praça Del Sol*, em Madri. Este acampamento, organizado por diversos coletivos espanhóis, insatisfeitos com o sistema político, deu início a onda de protestos que se seguiu por vários meses, espalhando-se por países dos cinco continentes.

panóptico foucaultiano, que é a rede mundial de computadores e dispositivos eletrônicos a convergir para a Internet.

Coloca-se, como “dever de ofício” aos analistas, compreender este cenário em suas especificidades, visando buscar possíveis interpretações e explicações das razões e elementos que caracterizam esta nova cultura política, emergente das ruas e forjada pelos novos atores sociais que articulam, em redes, as suas ações diretas e revoltas populares. Esse turbilhão de eventos, cadenciados e inter-relacionados como em uma teia multidimensional de fenômenos – mesmo ante a distância geográfica, em países tão diversos, econômica, social, política e culturalmente – levaram-me a indagar sobre o significado histórico daquele momento e as possíveis implicações para o futuro da democracia e dos sistemas políticos, historicamente sedimentados nas instituições e valores, marcados pelo status da representação política.

Diante dos processos sociais em constituição nos crescentes protestos, não seria prudente definir diferentes fenômenos⁴⁵ – “Primavera Árabe”; violento quebra-quebra generalizado na Inglaterra ou na Grécia e na Itália; os movimentos dos indignados espanhóis e do *occupies* americanos e brasileiros – na mesma categoria de manifestações, classificando-os de forma homogênea pelo simples fato de terem ocorrido em curto período de tempo, de maneira quase cadenciada ou apresentarem características aparentemente semelhantes.

Em termos metodológicos, como estes processos parecem constituir fenômenos históricos específicos, em pleno andamento, a investigação sociológica, ora em curso, exige a adoção de enfoques múltiplos ao pesquisar o presente, articulando métodos capazes de contemplar a dinâmica do campo, seja presencial, seja virtual. A teia de sujeitos políticos, em foco, apresenta características e dinâmicas que exigem do pesquisador considerar diferenças historiográficas, aspectos teóricos e metodológicos específicos e especializados no âmbito da temática da pesquisa. Assim, cabe conferir ênfase naqueles elementos que tratam das categorias com amplitude analítica, capazes de dar conta da complexidade apresentada pelo fenômeno, articulando múltiplos aportes teóricos: movimentos sociais, cultura política, poder e Estado, sociedade civil e democracia, capitalismo, cibercultura, emancipação, potencial emancipatório, mudança social e teoria de redes.

Com o tempo de observação e análise, desenvolvida no decorrer da pesquisa, o olhar sociológico sobre esse novo sujeito político coletivo do mundo contemporâneo levou-me, em

⁴⁵ Na Tunísia e no Egito, o empobrecimento da maioria da população, com altíssimas taxas de desemprego foram imputadas às ditaduras locais. Na Grécia o alvo foi o parlamento e as instituições financeiras. Na Espanha, o viés contra a política institucional é claro: demandam por uma democracia direta, acima dos partidos e das organizações tradicionais.

processo de reflexão, às seguintes questões, nas tessituras do objeto investigativo: O que tais movimentos sociais significam e revelam no cenário da crise? Qual é a base social de tais movimentos? Em que medida tais movimentos tencionam com o modelo hegemônico de democracia liberal representativa e com o sistema econômico dominante? Qual é o seu “potencial emancipatório”? Em suma, quais são as configurações fundantes dessa cultura política que tais atores sociais estão a produzir no mundo contemporâneo?

Propor uma pesquisa sobre a emergência de uma nova cultura política implica na indagação quanto ao “potencial emancipatório” dos movimentos sociais que surgem na cena histórica internacional, a partir de 2011. No âmbito da pesquisa em curso, “potencial emancipatório⁴⁶”, consiste em um constructo teórico-metodológico, que significa, portanto, a possibilidade de mudança social pela emergência de uma nova cultura política *como desdobramento do repertório e das ações* (OFFE, 1994), organizadas a partir da teia global dos movimentos antissistêmicos, direta ou indiretamente relacionada aos atores sociais envolvidos nos protestos.

Na medida em que o pesquisador não parte de desenhos acabados ou pré-determinados, a pesquisa foi sendo construída a partir de uma proposta metodológica, enquanto processo de construção do conhecimento crítico sobre o presente, que indaga e questiona acerca de seus limites e possibilidades. Nesse mesmo sentido, Wallerstein, ao se referir às ciências sociais, afirma que “devemos começar a dizer que o que temos a oferecer não são fórmulas simples e acabadas, mas, antes de mais nada, um conjunto de propostas provisórias que nos parecem apontar na direção correta” (1996, p. 134).

Em meio a uma grave crise econômica, em pleno desenvolvimento, na condição de uma crise estrutural do capital (MÈSZÀROS, 2011), o fenômeno da “revolta dos indignados” e das “ocupações” em massa dos espaços públicos nas grandes cidades constitui uma surpresa histórica que interpela sobre quais caminhos irão surgir no horizonte da democracia e da própria teoria política contemporânea. A pesquisa visou apreender sincronicamente um fenômeno, com ênfase no processo, constituindo, portanto, um estudo do tempo presente. Sob tal perspectiva crítica, a propósito do planejado, a investigação foi sendo construída ao caminhar, mudando de acordo com as alterações nos cenários e nos próprios grupos pesquisados, numa parceria fecunda entre orientando e orientadora. As revisões e adaptações quanto aos métodos

⁴⁶ A noção de potencial emancipatório não está diretamente relacionada à de emancipação humana em termos genéricos ou filosóficos, mas constitui um instrumento, um referencial *construído*, visando nortear a pesquisa. Sobre isso, ver CARVALHO (2008).

planejados sofreram alterações a partir do próprio campo, nos circuitos da História acompanhando a dinâmica peculiar do tempo presente e os elementos que dela emanaram, na medida em que foi sendo produzida pelos agentes sociais e grupos envolvidos neste fenômeno histórico, a marcar o limiar da segunda década do séc. XXI.

O que se pretendeu compreender, portanto, além do contexto sócio-histórico que levaram aos protestos, é o que caracteriza politicamente os atores, os significados construídos, as suas praxes, e se os movimentos produzem mudanças nos padrões culturais, especificamente, na esfera do político. Para identificar padrões de mudança cultural, como ressalta Shapera, é necessário dar especial atenção às manifestações coletivas assim como às individuais, buscando apreender as variações para além dos aspectos normativos e formais:

a cultura não é meramente um sistema de convicções e práticas formais. É essencialmente formada por reações individuais a um padrão tradicionalmente determinado e por variações deste padrão; e, realmente, nenhuma cultura jamais poderá ser entendida se atenção especial não for dedicada a esta variação de manifestações individuais (SHAPERA, 1938, p. 29)

Os métodos de pesquisa de campo sofreram influências de referenciais relacionados aos aportes teóricos sobre movimentos sociais, cultura política, poder e democracia, mas não foram exclusivamente determinados por eles. A abordagem investigativa também visa à identificação e compreensão das visões de mundo, de aspectos simbólicos e ideológicos, e, principalmente das formulações e concepções políticas dos grupos sociais que exercitam o ativismo contra o Estado e a classe política no exercício do poder. Também foram observadas as dinâmicas internas aos grupos sociais que compõem o movimento em relação ao jogo político do “interesse público”, frequentemente evocado, durante e depois dos protestos.

Sobre este aspecto da pesquisa retomo a assertiva de Devons, que destaca a necessidade de articular as duas dimensões do político em aparente contradição:

o ideal do interesse público e a prática de grupos de interesse são ambos parte da vida política, e qualquer ponto de vista razoável sobre a política deve compreender ambos, por mais contraditórios que sejam. Chegaremos a uma visão errônea se tentarmos explicar a realidade do comportamento político, exclusivamente em termos de um ou de outro. A realidade é uma interação complexa, nada fácil de explicar ou destrinchar (DEVONS, 1987, p. 359).

A complexidade situacional, em que consiste o próprio fenômeno em foco, impõe, portanto, a construção paulatina e cuidadosa do objeto de investigação sociológica no campo da sociologia política e exige, conseqüentemente, a articulação de múltiplas técnicas e métodos, capazes de englobar os universos sociais entrelaçados, que formam um *continuum* espaço-temporal, em uma teia de atores e relações, emaranhadas no plano físico e virtual.

Com o objetivo de abarcar tal complexidade de relações, a metodologia alcançada para a realização desta pesquisa, também contemplaram-se duas dimensões necessárias para apreensão dos elementos dessa nova cultura política, a emergir em conflito com a ordem hegemônica. O mundo físico e o virtual são fortemente entrelaçados pelas relações que constituem dimensões que caracterizam o próprio fenômeno. Consequentemente, foram adotadas estratégias metodológicas correlatas para a realização da pesquisa, a saber: **o campo virtual e o campo presencial**. A particularidade do método que constitui um dos referenciais para esta pesquisa, reside numa maior valorização dos processos, em articulação com o sentido construído pelos sujeitos. Logo, se trata de um trabalho que veio sendo construído no caminhar do pesquisador, e que foi mudando de acordo com as alterações das paisagens subjetivas e fluxos de ações dos grupos pesquisados. Alterações estas que podem se expressar, com maior ou menor força, em cada momento do processo de constituição e desenvolvimento dos grupos sociais e indivíduos engajados nos movimentos.

Partindo da compreensão de que a sociedade se articula em um espaço social mutável e com influência de aparatos tecnológicos – que interferem nos padrões culturais e nas relações sociais, inclusive na cultura política –, faz-se necessário a utilização de metodologias com desenhos dinâmicos, que possibilitem detectar o movimento do real, em sua forma hibridizada ao virtual, que contribuam para a *compreensão e explicação* (WEBER, 2001) do fenômeno. Neste caso, em particular, o fenômeno sociológico, cujos atores estão a produzir uma nova cultura política, emerge de múltiplas relações reticulares híbridas, características da cibercultura, cuja expressão se manifesta na forma de *ciberativismo*.

Deste modo, tomando como referência as evidências que o próprio campo virtual apresenta, na pesquisa, levou-se em consideração a rede de movimentos que vem sendo articulada em torno da denominação *Occupy*, cujos atores sociais – para efeito de recorte teórico-metodológico – constituíram os atores sociais da pesquisa: os “indignados” espanhóis, os *occupies* norte-americanos, especialmente os *Novads*, além de um pequeno grupo do Ocupa Sampa.

Dentre os grupos pesquisados, o foco da pesquisa concentrou-se no Movimento Occupy Wall Street, mais aprofundadamente, nos *Novads*. Na pesquisa, também incidiu no Movimento dos Indignados espanhóis e nas expressões que o movimento Occupy Wall Street assume no Brasil, especialmente em São Paulo, consubstanciado no movimento Ocupa Sampa. No entanto, sem desconsiderar a rede da qual fazem parte, e os impactos que tais sujeitos políticos – na medida em que constituem uma rede de movimentos antissistêmicos – produzem no sentido de produzir uma nova cultura política. Desta forma, a pesquisa se desenvolveu a partir de

determinadas dimensões e momentos distintos que foram articulados de modo sistemático, procurando dar conta da complexidade do fenômeno e dos atores sociais em foco.

3.2. Método em perspectiva: momentos da dinâmica investigativa

Considerando a natureza e as características que o fenômeno apresenta na realidade social, a metodologia da pesquisa consistiu predominantemente em uma abordagem qualitativa, com aportes quantitativos de fontes secundárias. As redes de movimentos antissistêmicos e os ciclos de protestos constituem, naquelas, uma rede inúmeros grupos autônomos e, nestes, de pessoas anônimas nas multidões, que atuam e vivenciam experiências em um meio de interconhecimento. Em tal meio, os grupos sociais estão em relação uns com os outros, de forma mais ou menos intensa, em uma teia de relações, o que caracteriza a necessidade do aporte etnográfico da pesquisa (BEAUD & WEBER, 2007, p. 14), associada aos métodos netnográficos que compõem também uma das dimensões ou estratégias metodológicas.

Considerada a estreita relação que articula a dimensão social dos movimentos imbricada à dimensão do ciberativismo, a dinâmica investigativa decorreu por momentos distintos que se desenvolveram concomitantemente: o *campo virtual* e o *campo presencial*. A pesquisa também teve como aporte a *investigação e análise documental*, tanto a partir da produção de textos dos ativistas e de grupos sociais – “nós” ou “células” autônomas da rede de movimentos, ou, nos termos desta pesquisa, das “constelações” –, em sua dinâmica de rede ou teia, quanto acerca das representações difundidas pela mídia e pela classe política sobre o significado do movimento e dos protestos, em geral.

A dimensão do **campo virtual**, consistiu em seis atividades de pesquisa nos circuitos do ciberespaço, as quais se desenvolveram por intermediação de Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs). Assim, as metodologias do campo virtual utilizadas na pesquisa foram as seguintes:

- a) Netnografia ou etnografia virtual.
- b) Pesquisa documental com análise de conteúdo, em documentos como atas de reuniões, declarações políticas, documentos oficiais, panfletos e manifestos dos movimentos 15M e Occupy Wall Street.
- c) Pesquisa e análise de imagens e fotos dos protestos, de produções audiovisuais do movimento e de seus integrantes, para mobilização, crítica ao sistema ou construção de identidade;

- d) Pesquisa e análise de entrevistas de integrantes do movimento, em vídeos, blogs, sítios de notícias, e sítios orgânicos à rede global *Occupy*, além de entrevistas de terceiros sobre o movimento;
- e) Pesquisa e análise de vídeos e documentários, jornalísticos ou não, produzidos pelo movimento ou sobre ele, veiculados nas redes sociais;
- f) Participação em reuniões virtuais síncronas⁴⁷ ordinárias, em tempo real, do movimento, que ocorrem sistematicamente nos circuitos virtuais, utilizando-se tecnologias de comunicação como o Skype e videoconferências pelo Google;
- g) Pesquisa e análise das Novas Tecnologias de Informação de Comunicação (NTICs) utilizadas no ciberativismo do movimento, a exemplo de tecnologias já identificadas como *Wiki*⁴⁸, *Mumble*, *Twitter*⁴⁹, *Facebook*, websites de organizações da rede *Occupy*⁵⁰, *livestream*⁵¹ e outras;
- h) Mapeamento e análise de rede e suas “constelações”;
- i) Entrevistas *online* agendadas, individuais ou em grupo, em ambientes virtuais, via *Skype*⁵²;
- j) Participação ativa como membro de um determinado grupo do movimento Occupy Wall Street: os Novads.

A dimensão de **campo presencial** consistiu na observação participante de ações diretas no Brasil e entrevistas com integrantes do Ocupa Sampa, uma das constelações da rede global do *Occupy*, com expressiva participação em São Paulo, com maior intensidade nas manifestações e relação organizacional mais direta com o movimento em termos transnacionais. Além da observação participante nas manifestações do Brasil, em junho de

⁴⁷ Sincronia é uma característica de comunicação que define um *locus* virtual qualquer onde mais de uma pessoa está conectada e comunicando-se ao mesmo tempo, *on line*, em oposição à comunicação assíncrona ou *off line*, na qual as mensagens podem ser “deixadas” no ambiente virtual para serem respondidas quando a outra parte da comunicação puder ou estiver disponível.

⁴⁸ O termo *Wiki* é utilizado para identificar um tipo específico de coleção de documentos em hipertexto ou o *software* colaborativo usado para criá-lo.

⁴⁹ Uma rede social e servidor para *microblogging*, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos (em textos de até 140 caracteres, conhecidos como “tweets”), por meio do website do serviço, por SMS e por softwares específicos de gerenciamento.

⁵⁰ São websites vinculados à rede *occupy*, incluindo dos “indignados” espanhóis, o Democracia real já e o 132 mexicano e de qualquer colaborador ou organização social, grupo ou rede que colabore com a divulgação de documentos, informações e colabore com a mobilização para as manifestações. Também serão considerados *websites* que apoiam a causa do movimento *occupy*.

⁵¹ *Livestream* é uma plataforma de *streaming* de vídeo que permite a seus usuários assistir e transmitir vídeos utilizando uma câmera e um computador através da internet.

⁵² *Skype* também é um software que permite comunicação pela Internet através de conexões de voz sobre IP.

2013, como parte da pesquisa de campo presencial, foram realizadas entrevistas com lideranças e ativistas do movimento Ocupa Sampa, propostas com base nos resultados da pesquisa de campo virtual. No decorrer da pesquisa também procurou-se identificar a emergência de possíveis expressões do movimento no Ceará.

A terceira dimensão da dinâmica investigativa consistiu na **pesquisa documental**, com a análise de conteúdo do material produzido pela mídia e pela classe política sobre o movimento, consistindo de pesquisa e análise de mídia impressa e televisiva e mídias de variados formatos, em determinados circuitos virtuais. O fenômeno *Occupy* e dos *Indignados*, assim como as “revoltas de junho” no Brasil foram intensamente analisadas por comentaristas, intelectuais e jornalistas, pautando manchetes em jornais e revistas do mundo inteiro. A mídia televisiva e os principais jornais veiculados, também na internet (seja nos países de Europa, seja nas Américas), oferecem uma infinidade de material de pesquisa, especialmente reveladores, sobre momento histórico em que emergem os protestos e ocupações nas ruas e praças públicas das metrópoles.

O quarto momento de pesquisa consistiu na **sistematização dos dados e análise de conteúdo**, visando englobar e articular tanto o material de campo virtual, quanto do campo presencial. Os resultados do trabalho de campo – virtual e presencial – e os dados secundários resultantes da pesquisa documental estão no contexto de uma proposta de análise relacional e situacional.

Uma das manifestações globais do movimento, a mais significativa, definida na fase de pesquisa de campo, constituiu objeto de análise situacional, conforme defendida por Velsen (1987), na qual os dados etnográficos são apresentados e considerados comparativamente em relação às conclusões e abstrações a que o campo incita. Ao procurar “relacionar desvios das regularidades estruturais às regularidades de outra ordem, especialmente a interpretação de um sistema social em termos de normas conflitantes” (VAN VELSEN, 1987, p. 361), a análise situacional possibilita a descrição, a partir dos dados do campo, de uma série de eventos inter-relacionados e agentes envolvidos no fenômeno, que mostram como, numa estrutura específica, indivíduos lidam diante das escolhas com as quais são confrontados.

Portanto, a definição pela utilização da análise situacional, fundamenta-se em Velsen, na medida em que esta constitui um método apropriado para o estudo de sociedades instáveis e que dão ênfase aos processos sociais, buscando indicar variações e desvios e regularidades:

Como método de investigar variações, exceções e acidentes nas descrições das regularidades, a análise situacional, com sua ênfase no processo, pode ser, portanto, particularmente apropriada para o estudo de sociedades instáveis e não homogêneas (1987, p. 364).

A análise situacional, portanto, consiste numa análise dos processos sociais, que significa um tipo diferente de pesquisa de campo, mais intensa em uma unidade menor, buscando identificar e compreender os diferentes pontos de vista que representam diferentes grupos de interesse. Dessa forma “é necessário documentar o máximo que for possível sobre o contexto geral, onde os casos devem ser apresentados situacionalmente e os atores devem ser especificados de maneira mais detalhada possível” (*Ibidem*, p. 369).

A pesquisa documental, com análise de conteúdo em documentos – atas de reuniões, declarações políticas, documentos oficiais, panfletos e manifestos dos movimentos 15M e Occupy – resultou no mapeamento da concepção de democracia e de poder que vão sendo construídas e significadas pelos atores do movimento, e na identificação dos principais elementos que compõem a definição do que conta como político, além da formulação crítica ao sistema democrático, em sua organicidade com o capitalismo contemporâneo. Na medida em que a crítica formulada atinge os modelos hegemônicos e concepções gerais de democracia e poder, apontando possíveis causas da crise – cujos efeitos sociais são indesejados – sob os quais incidem, os focos da mudança pretendida, que contam nos documentos divulgados pelos movimentos, constituem rico referencial e fonte de pesquisa documental.

Na pesquisa e análise de entrevistas de integrantes do movimento – em vídeos, blogs, sítios de notícias e orgânicos à rede de movimentos, além de entrevistas *sobre* os movimentos – buscou-se compreender e identificar os elementos centrais do discurso, em contraste com os documentos oficiais e com a construção das identidades, a comporem o movimento em sua riqueza. Dando ênfase aos aspectos relacionados a crítica e a formulação de propostas alternativas à democracia e à própria civilização do capital, adota-se como referência as concepções dos ativistas e grupos que compõem a rede de movimentos.

A análise de imagens e fotos dos protestos, montagens e produção audiovisual do movimento, foi realizada com o objetivo de chegar a visão de mundo e aos elementos fundantes da crítica produzida pelo Movimento dos Indignados e pelo Movimento *Occupy*, em sua riqueza estética, que contrasta e questiona a ordem estabelecida, reforçando e construindo sua identidade coletiva em um ambiente globalizado, e que conglopera, a partir de alguns elementos comuns, uma heterogeneidade de movimentos, das ideologias e dos grupos sociais emaranhados em uma teia global, multifacetada e complexa – definida por Negri e Hard (2005) como a “multidão” em conflito com o “Império”.

A pesquisa e análise de vídeos e documentários, complementarmente à análise de entrevistas – documentos jornalísticos ou não, produzidos pelo movimento e veiculados nas redes sociais – objetivou a identificação dos elementos estéticos, sociais e políticos produzidos

pelos grupos que compõem a rede de movimentos, levando-se também em conta entrevistas de ativistas e intelectuais sobre o movimento. Os documentários jornalísticos revelam o senso comum e as artimanhas do jogo político de determinadas interpretações sobre o significado e a origem do movimento, assim como indicam possibilidades interpretativas sobre seu potencial emancipatório e os conflitos entre classes sociais que permeiam as disputas pelo significado do fenômeno. Diferentemente de entrevistas para mídias tradicionais, mais espontâneas e sujeitas às distorções manipulatórias de edição, os vídeos e documentários produzidos pelos movimentos, são determinados, previamente, pelos signos e ideias que os próprios ativistas desejam reforçar no imaginário da população, sobre o sentido das lutas e das ações diretas, no contexto social e político. Daí sua relevância para a pesquisa, na medida em que revelam as linhas gerais da cultura política subjacente.

3.2.1. Percursos netnográficos nas teias da cibercultura: metodologia de pesquisa no campo virtual

Como se trata de uma pesquisa que tem como objetivo principal identificar e compreender os elementos da emergência de uma nova cultura política, característica da cibercultura, a partir de movimentos sociais que hibridizam sua organização e ações diretas nas praças e ruas das grandes cidades, aliadas a estratégias e mecanismos organizacionais nas redes sociais do ciberespaço, faz-se imprescindível a dimensão do campo virtual. Para orientar metodologicamente a dimensão de campo virtual da pesquisa, decidiu-se desenvolver uma netnografia ou etnografia digital.

Tanto os grupos que compõem o Movimento 15M, quanto o Occupy, se enquadram na categoria de comunidades que emergiram nas ruas e migraram para espaços online. A fundação dos movimentos é híbrida em sua origem, já que as mobilizações foram chamadas e “automobilizadas” pela própria rede, mas antes da conformação das identidades comunitárias, antes que as constelações se conjugassem em nós de um movimento mais amplo e plural, o que ocorreu em momentos posteriores.

Neste contexto cibercultural se aprofunda a relação entre cultura e ciberespaço como origem de comunidades nativas online e a expansão proporcionada pela Internet das comunidades migradas online, graças ao fenômeno que Manuel Castells (2013) vem denominando de “autocomunicação de massas”. Por esse motivo, Fresno defende que a netnografia consiste no método indicado para o estudo de grupos limitados de pessoas que

compartilham os mesmos objetivos e ideais, desde que partilhem da internet como meio de comunicação e interação grupal:

La investigación netnográfica es idónea para la investigación de grupos limitados de personas que compartan um objetivo, afinidad o necesidad como eje vertebrador de la conformación de una comunidad online, que puede tener su nacimiento en el contexto social offline o online (FRESNO, 2011, p. 83).

As comunidades online, de acordo com Fresno, devem apresentar algumas características fundamentais em função de seus membros, para justificar o aporte netnográfico como método: a) autoidentificação das pessoas que compõem a comunidade como pertencentes da mesma; b) frequência regular de contato; c) reconhecimento dos outros membros da comunidade; d) existência de uma familiaridade compartilhada e recíproca; e) intercâmbio de informações, conhecimento, emoções, suporte solidariedade, etc.; f) doção de determinado rituais, práticas e costumes gerais, desde o âmago da comunidade, como aceitáveis e benéficas para o seu desenvolvimento; g) desenvolvimento de determinado sentimento de obrigação diante da comunidade por parte dos membros; h) existência de certa normatividade explícita ou implícita, que para além da responsabilidade individual supõe que uma determinada moralidade reside em grande medida no grupo; e, i) participação em variados graus de implicação frequência por parte dos membros da comunidade.

A netnografia, derivada da etnografia como método de pesquisa, não livra o pesquisador de conhecer a fundo, de maneira imprescindível, as formas adequadas de “entrada” no campo de investigação, o que o obriga a dominar as ferramentas tecnológicas e as normas próprias das relações no ciberespaço e específicas do grupo pesquisado. Quanto a este aspecto, vale ressaltar a dificuldade da língua estrangeira para a realização da pesquisa, já que a pesquisa se desenvolveu com ativistas norte-americanos e de outros países europeus que fazem parte dos Novads, em sua maioria moradores de Nova York. O grupo também é constituído por ativistas brasileiros, europeus e americanos que vivem em outros países, inclusive no oriente médio. Portanto, no contexto da pesquisa realizada, netnografia como método de pesquisa de campo virtual assume uma dimensão de tentativa de aproximação da etnografia online, como uma observação participante (ou não participante) com o devido planejamento do trabalho de campo, procurando adentrar na cultura do grupo e vivenciá-la de maneira autêntica e verdadeira, não prescindindo, portanto, da coleta de dados e de sua interpretação contemplando pressupostos éticos de pesquisa na busca pelas singularidades e contingências da cultura da comunidade ou do grupo através da comunicação mediada por computador.

Assumiu-se, portanto, a netnografia como o “estar lá” em outro lugar, “estando aqui”, como parte de uma investigação participante e observacional, em um trabalho de campo online,

conectado assíncrona ou sincronicamente ao grupo em foco. Buscou-se incorporar a netnografia uma gama de outras variedades de técnicas investigativas e aproximações funcionavam de forma articulada e complementar.

O ciberespaço vem alargando um novo horizonte que se expressa na sociabilidade online como espaço para construção do social e da identidade eletiva, seja por meio do anonimato, do pseudônimo ou da transparência da identidade, o que supõe uma autêntica novidade com objeto de estudo. Permite ao pesquisador, portanto a possibilidade de interatuar com participantes em formas que superam em alguma medida, os marcos metodológicos e epistemológicos próprios das ciências sociais até o momento.

Como pesquisador, parti do pressuposto de que para compreender de forma mais precisa e completa as dimensões e elementos da cultura política da realidade social de nosso tempo não se pode deixar de incorporar a compreensão do que ocorre e do que as pessoas estão fazendo no ciberespaço. O que acontece no mundo virtual, das redes sociais da internet, não é menos real, nem necessariamente menos significativo que os eventos da vida cotidiana, posto que também fazem parte do repertório cotidiano e social das pessoas. Ambos os contextos sociais vão se fundindo no dia a dia e cada vez mais aumenta o número de pessoas que incorporam as novas tecnologias de comunicação e informação como aspectos da normalidade social a utilização da internet levadas pelas mais diferentes motivações.

Além das questões referentes as especificidades da comunidade pesquisada, é imprescindível a domínio de tecnologias informacionais e computacionais necessárias a um aproveitamento eficaz das possibilidades de coleta de dados, gravação, armazenamento, pesquisa, identificação e utilização de softwares variados, como gravadores de áudio e vídeo, vídeo e áudio conferências, chats, listas de e-mail, fóruns e redes sociais diversas.

Os movimentos 15-M e *Occupy* estão estruturados, considerando suas diferenças organizacionais e socioculturais, em processo de assembleias locais que vão se complexificando e articulando em assembleias gerais. Constituem-se de grupos de trabalhos permanentes e temporários, grupos temáticos, assembleias de bairros e assembleias gerais. Alguns desses grupos realizam em reuniões virtuais ordinárias que ocorrem semanalmente nos circuitos virtuais, utilizando-se tecnologias de comunicação como o *Mumble*, no qual são utilizadas tecnologias de áudio *online*.

A tecnologia utilizada permite tanto a participado quanto a gravação de reuniões do Movimento 15M, constituindo um material muito rico e fonte relevante para a pesquisa já que estão na base do cotidiano de alguns grupos, especialmente o grupo de articulação internacional do 15M, na medida em que pois revelam as tensões, problemas e respectivas soluções

encontradas pelo movimento em suas lutas. Nestes mesmos ciberespaços foram realizadas entrevistas virtuais agendadas, individuais e em grupo, com integrantes do Movimento *Occupy*. Com o mapeamento e a análise das Novas Tecnologias de Informação de Comunicação (NTIC), já em andamento desde 2011, utilizadas no ativismo do movimento – a exemplo de tecnologias já identificadas como *Wiki*, *Mumble*, *Twitter*, *Facebook*, *websites* de organizações da rede *occupy*, *livestream* e outras – foi possível construir uma cartografia das ferramentas e dos pontos da rede global que se constituiu orbitando o movimento e seus projetos revolucionários. Dessa forma foi possível construir um desenho das inovações e dos códigos do aparato tecnológico utilizado, bem como dos resultados que se pretende com eles, fora ou dentro do ciberespaço. Sob esta perspectiva a análise de rede proposta teve como objetivo construir o desenho da amplitude e das relações que se estabelecem na rede (seja no ciberespaço, seja no espaço social, seja na hibridização dos espaços), bem como elucidar as estruturas que caracterizam os elementos políticos e o ativismo do movimento, daí a importância do mapeamento das tecnologias envolvidas que podem ampliar e modificar constantemente tal desenho.

3.2.2. *Observação não-participante: netnografia do Movimento 15-M*

Desde que a pesquisa se iniciou, em maio de 2011, antes mesmo de tornar-se um projeto de mestrado, pela intensidade e força das manifestações na Espanha e em outras cidades europeias naquele período, a proposta era incidir o foco sobre o Movimento 15M. Sendo assim, até a eclosão do Movimento Occupy Wall Street, que ocorreu quatro meses depois, em 17 de setembro do mesmo ano, a pesquisa se intensificou na netnografia dos grupos que constituíam o 15M. Desta forma, a coleta de dados e contatos iniciais ocorreram com ativistas do movimento espanhol, que naquele período simbolizada a força e intensidade dos protestos em massa que ocorriam na Europa, especialmente depois do agravamento da crise na Grécia e em vários países semiperiféricos da zona do Euro.

A primeira tarefa de pesquisa de campo virtual foi assistir e gravar os protestos nas ruas de Madri e Barcelona, transmitidos pela “mídia ninja” espanhola. Também foram gravadas as transmissões de telejornais brasileiros (Rede Globo, Record e Globo News) e internacionais (CNN e BBC) das manifestações na Europa. Programas jornalísticos e vídeos produzidos pelos indignados espanhóis e europeus fazem parte do acervo de dados audiovisuais da pesquisa. A netnografia dos indignados durou desde maio de 2011, quando tomam a Praça Del Sol, em Madri, até a criação do Partido X, em fevereiro de 2013.

Neste período foram armazenados no acevo da pesquisa aproximadamente, 394 documentos escritos, entre atas de reuniões e assembleias gerais e de comitês, além de panfletos e declarações políticas do movimento 15M. Também foram coletadas cerca de 148 matérias de jornais e revistas, sincronizados remotamente (sistema de arquivamento por sincronização de websites completos no disco rígido, atualizados em tempo real) 10 websites direta ou indiretamente relacionados ao movimento. Aproximadamente 211 arquivos audiovisuais, dos quais 49 são gravações de transmissões em tempo real das manifestações ou assembleias, e 162 de vídeos em geral, entre entrevistas de intelectuais ou com ativistas e produções próprias artesanais ou profissionais, além de gravações de programas jornalísticos ou matérias de telejornais sobre o movimento dos indignados na Europa, especialmente sobre o 15M.

A partir de junho de 2012, já com a pesquisa de mestrado em andamento, passei a inserir-me, solicitando participação, nas listas de e-mail do movimento espanhol, de modo que obtive resposta positiva apenas da lista de coordenação das assembleias e da política de curto prazo. Estas listas de e-mail estavam disponíveis para engajamento no próprio website do 15M, o mesmo onde as atas de reunião foram encontradas.

Assim, a partir da aceitação da minha participação nas duas listas, com a devida apresentação como pesquisador, passei a realizar uma *observação não participante*, na qual apenas se monitora silenciosamente, sem interferências ou interações com o grupo, as mensagens distribuídas e o seu conteúdo.

3.2.3. *O pesquisador-sujeito à Wacquant: netnografia do movimento Occupy Wall Street ou como me tornei um Novad.*

Uma das estratégias de pesquisa no campo virtual, foi a procura de listas de e-mail ligadas aos movimentos 15-M e OWS. Após longo processo de pesquisa em websites, blogs e documentos do Movimento dos Indignados e do Movimento Occupy Wall Street, inscrevi-me em algumas listas de e-mail abertas que julgava promissoras pela ênfase nos processos organizativos e pela profundidade da temática, ou mesmo, por julgar que aquele grupo poderia ter alguma relevância a nível organizacional no âmbito dos movimentos. Neste período, de junho a agosto de 2012, submeti a minha inscrição em cerca de 23 listas de e-mail nos dois movimentos.

Algumas destas listas de e-mail – oito delas – aceitaram a minha solicitação, contudo, apenas duas apresentavam maior atividade interativa e troca de mensagens: *Política de Corto Plazo* (15-M), em junho de 2012, e *Revolutionary Games* ou *RevGames* (OWS), em 4 de julho.

Assim que fui aceito nas duas listas, apresentei-me como pesquisador brasileiro, explicando em poucas linhas, minha intenção em participar da lista. Em cada uma delas, fui muito bem recebido, com as mensagens de boas-vindas, sem maiores problemas.

Também submeti minha inscrição em outras listas de e-mail que constituíram fontes importantes de pesquisa, em momentos posteriores. Uma delas foi a lista de pesquisadores e arquivistas do OWS, denominada Occupy Data (ocupe dados). Outra lista relevante para a pesquisa foi a lista de facilitadores do movimento, criado para ajudar a coordenar as reuniões e assembleias gerais dos membros do movimento em Nova York: facilitations@lists.occupy.net. O *website* Occupy.net, do movimento OWS, é uma plataforma poderosa que o movimento utiliza diariamente e constitui uma fonte de dados riquíssima quanto a aspectos comunicacionais e midiáticos estratégicos para o movimento. Lá estão todas as listas de e-mail nas quais me inscrevi neste período, além de uma infinidade de documentos produzidos pelos mais variados grupos (constelações) que compõem o movimento, em sua heterogeneidade.

Após ser recebido com as boas-vindas na lista do RevGames, um dos ativistas me chamou a atenção, pela capacidade de articulação no grupo e pela adesão dos outros membros às suas provocações: Alexandre Carvalho (codinome: Atchu). Pelo nome, supus que era brasileiro, contudo, como eu ainda não havia iniciado nenhuma iteração direta com o grupo, eu acabava passando despercebido, até então. Em um dos e-mails, constatei que Atchu, de fato, era brasileiro e que estava voltando ao Brasil porque seu visto havia expirado e não iria ser renovado. Mais tarde ficou claro porque seu visto não havia sido renovado, já que Atchu desempenhara um papel fundamental para o início do movimento, quando um grupo inicial ocupa Wall Street e depois migra para o Zucotti Park, em 17 de setembro de 2011.

Em setembro, após dois meses de *observação não participante* (FRESNO, 2011), enviei um e-mail para *Atchu*, me apresentando novamente e solicitando o seu contato no *Skype* para conversarmos em um encontro para uma entrevista virtual. No dia seguinte, Atchu responde o e-mail muito prestativo, informando seu endereço de contato no *Skype*, colocando-se à disposição para realizarmos nossa primeira conversa online. Aqui pode-se notar a articulação entre métodos de comunicação síncronos e assíncronos, frequentemente utilizados na pesquisa, de forma complementar.

Com o tempo, ao pesquisar mais a fundo sobre os integrantes do RevGames, deparei-me com mensagens anteriores em um dos grupos de trabalho do OWS, que indicavam a relevância que Atchu teve nas primeiras ações que levaram a desencadear o enxameamento das multidões que marcaram a ocupação de Wall Street e, posteriormente, do Zucotti Park.

Entre uma entrevista e outra, em meio às dificuldades que as barreiras da língua inglesa e espanhola podem impor ao pesquisador no processo de comunicação e interpretação dos reais significados das palavras e expressões, fui desvendando inúmeras pistas importantes que me levavam a identificar alguns conceitos-chaves que sempre estavam retornando nas mensagens, entre um texto e outro, entre uma comunicação e outra. Já no início da pesquisa, para além dos conceitos desenvolvidos e ressignificações políticas propostas pelo 15M e por outros grupos do OWS, os ativistas do RevGames apresentavam denominações e termos híbridos totalmente desconhecidos para mim e, também, para a maioria dos norte-americanos.

Muitas palavras constituem neologismos complicados até mesmo para nativos, já que o grupo produz constantemente novos termos e seus respectivos significados provêm de aglutinações, justaposições, jogos e hibridismos linguísticos em processos e dinâmicas iterativas bastante complexas. Estes elementos constitutivos do grupo, desde o início apresentaram-se como um enorme desafio que foi sendo gradualmente desvendado, na medida que me envolvia mais pessoalmente com os processos e os diálogos. Nestes dias de setembro de 2012, no processo de pesquisa logo após os primeiros contatos, surgiram as primeiras expressões que me chamaram a atenção: “Arena Fibonacci” e espaço pluripotencial. Quando realizei a primeira entrevista online com Atchu e mais um membro do RevGames, estas foram algumas das noções pelas quais comecei a adentrar mais no universo simbólico e na dinâmica própria do grupo.

Inicialmente, os contatos e entrevistas foram realizadas procurando manter certa distância, postura que gradualmente foi sendo sobrepujada, de maneira natural, por um envolvimento maior com cada um dos membros do grupo. Das venturas e desventuras do campo estavam sendo gestadas novas configurações e relações interpessoais, que me levariam a engajar-me cada vez mais nas atividades do RevGames. A admiração mútua e empatia recíproca cresciam a cada contato e nova interação; sem que me desse conta, aos poucos eu estava me tornando um dos membros do grupo.

Na primeira entrevista realizada online, com Atchu e mais um ativista brasileiro do grupo, as primeiras questões foram sendo levantadas e outras tantas emergiam aos poucos. Neste momento deparei-me com algumas categorias e referenciais que estavam nas bases filosóficas e na visão de mundo compartilhada pelo grupo. Para os *revolutionary gamers*, estava sendo produzida uma nova escola de pensamento, cujas bases teóricas e políticas eram construídas no fluxo dos jogos, da ludicidade da existência e da experiência vivenciada. A noção de jogo, estava fundada nas obras de Yohan Huizinga (1930), na teoria do caos, na sequência Fibonacci, em determinada estética subversiva, em certas fontes do dadaísmo, do

situacionismo, do marxismo e, principalmente, do anarquismo. Contudo, como tempo, contatei que todas essas referências estão sujeitas a dinâmica da ludicidade e das subjetividades, explicitamente cultivadas como motores dos processos de iterações que produzem mudanças e novas configurações no objeto do saber. O saber, para os RevGamers, está intimamente ligado ao desejo e ao fluxo das subjetividades. Mas estes aspectos que foram sendo conhecidos no decorrer da pesquisa são apresentados e melhor discutidos no capítulo que trata da cultura política preconizada pelos grupos.

A primeira entrevista, inicia-se como uma conversa informal e vai fluindo naturalmente. Atchu é muito carismático e tem uma experiência e vivência que encarna o *ethos* do movimento OWS. Atchu foi um dos ativistas que iniciaram o movimento, estando entre os primeiros que ocuparam Wall Street, em 16 de setembro de 2011. O RevGames, que posteriormente, através de uma arena Fibonacci, mudou sua denominação para NOVAD (hibridização de supernova, mônada e nômade) é conhecido e pretende-se uma escola de pensamento no âmbito do OWS, em pleno processo de construção, que ocorre de forma coletiva descentralizada, fractal e horizontal.

Ao perguntar sobre o significado de RevGames, Atchu responde com uma referência ao conceito de *Homo Ludens* de Johan Huizinga (1930), fazendo também referência ao dadaísmo e ao situacionismo. Este fundamento do grupo pode ser constatado na descrição da lista de *e-mails* no *website* do OWS: “*We are a collective that builds creative revolutionary and non violent games online and in public spaces everywhere*⁵³”. Nessa dimensão da vida contemporânea, no capitalismo tardio vivenciado nas grandes cidades, onde o Império (Negri; Hard, 2005) e os grupos dominantes que o mantem através da regulação e coerção de grupos subalternos revoltosos, os jogos revolucionários pretendem constituir-se enquanto produtores de fissuras na tessitura do biopoder (FOUCAULT, 2009), afrontando o “dono do jogo” em suas próprias regras.

Estas fissuras seriam produzidas quando os jogos revolucionários fossem realizados nos “tecidos” do império, no âmbito das Zonas Autônomas Temporárias (BEY, 1991) que emergem da efetivação de espaços pluripotenciais, em uma dinâmica de experiências existenciais nas formas de “criações fractais”, “caóticas” que evoluiriam na ordem, segundo a sequência Fibonacci. Coexistindo, portanto, em uma co-criação entre o macro e o microcosmo individual

⁵³ Nós somos um coletivo que produz jogos revolucionários criativos e não violentos, online e nos espaços públicos em todo lugar (tradução livre). Fonte: <http://www.occupy.net/lists>.

e coletivo, dialogando com a anarquia subversiva no âmago do sistema hegemônico; produz-se, então, uma anomia temporária, que se pretende permanente e cada vez mais contínua.

Ao tomar conhecimento de alguns conceitos que fundamentavam as práticas culturais do grupo, então tive a noção do desavio estimulante que seria continuar a pesquisa em meio a novos horizontes conceituais e rumo a compreensão paulatina da concepção política do grupo e do seu lugar no movimento OWS, de um modo geral. O que eu não poderia prever, como um dos “imponderáveis do campo”, é que com o tempo eu iria me envolver com o grupo cada vez mais profundamente e de maneira pessoal, de modo a fazer parte da dinâmica criadora, da “Arena Fibonacci”, cada vez mais me tornando um membro do grupo. Com o tempo, assim como Wacquant (2002), acabei me tornando, também, um *Novad*. Aqui, o papel de pesquisador se confunde com a de ativista dos movimentos sociais, cuja história remonta às ONGs e lutas contra a fome e a miséria pelo país.

A netnografia realizada durante a pesquisa levou-me a conhecer pessoas com uma imensa capacidade intelectual e artística, que articulavam virtuosamente variadas correntes filosóficas, produzindo neologismos e dialogando com o anárco-comunismo em uma dinâmica processual que possibilita a participação ativa das diferenças no grupo. O desavio, para além da questão da língua inglesa, estava na compreensão profunda das fundamentações teóricas e filosóficas, bem como das práticas culturais do grupo, que posteriormente, autodenominou-se NOVAD (justaposição linguística dos termos supernova – estrela recém-formada –, nômade e mônada, de Leibniz).

Com o tempo, os diálogos foram sendo intensificados, de modo que vários textos foram produzidos em conjunto ou na dinâmica dialogal que teve início com a própria pesquisa. Dessa forma, minha entrada no grupo, alterou sua dinâmica, na medida em que minhas intervenções estavam sempre relacionadas com a necessidade de compreender o grupo, sua prática cultural e seus fundamentos. Assim, no processo de provocações e trocas intertextuais, o fluxo comunicativo e de saberes foi sendo construído pelo método que o próprio grupo defende, em uma arena Fibonacci, em que as subjetividades navegam soltas para compor as peças, sejam elas, textos, pinturas, gravações, performances ou poesia.

Algumas entrevistas online foram realizadas, via vídeo ou áudio-conferências, com alguns integrantes do grupo. Outras reuniões das quais participei, foram gravadas as intervenções, com a autorização dos participantes. Normalmente, das reuniões participavam Novads de Nova York, do Brasil e de outros estados norte-americanos. Como acervo de pesquisa, foram reunidas 26 gravações online, com participação dos Novads. Além de outros materiais de áudio e vídeo produzidos pelo grupo visando difundir sua crítica e visão de mundo.

Também participei ativamente da produção da primeira revista dos Novads, denominada *Novadzine*, com o título “The End of The World”, já que foi editada em dezembro de 2012, mais de um ano após o início do OWS, quando também se espalhavam as interpretações da profecia Maya do fim do mundo.

Nesse processo de participação como pesquisador engajado, como “pesquisador-sujeito”, também foram arquivadas mais de mil mensagens de e-mail, onde a maior parte da comunicação ocorre no cotidiano dos Novads. Com o tempo ficou cada vez mais difícil diferenciar meu papel de pesquisador e de membro do grupo. Com o tempo, eu também estava me tornando um Novad e assumindo a ética “novadic”, o *ethos* de grupo, cada vez mais estava presente em minhas reflexões e produções intelectuais.

3.2.4. *Estar lá: metodologia de pesquisa no campo presencial*

Tomando como base métodos etnográficos, a fase de campo presencial no Brasil constituiu momento fundamental para o aprofundamento da metodologia da pesquisa e o aprimoramento da delimitação do objeto sociológico relacionado ao fenômeno em foco. Considerando a história de vida, profissional e a trajetória acadêmica do pesquisador, a qual orbita questões relacionadas aos movimentos sociais, procuro traduzir a meu modo, o que C. Wright Mills afirmou como o trabalho de artesanato intelectual inseparável das dimensões da vida. Para o autor, o intelectual deve “aprender a usar sua experiência de vida em seu trabalho intelectual: examiná-la e interpretá-la continuamente” (2009, p. 22).

Conforme pressupostos metodológicos de inspiração etnográfica, a exemplo das anotações de Michel Leiris em *África Fantasma* (1934), procuraram-se identificar e registrar nas anotações, tanto as experiências mais diretas quanto as impressões e reflexões teórico-metodológicas do pesquisador frente ao seu objeto de pesquisa, procurando seguir um valioso conselho de Mills:

Sempre que você tiver sentimentos fortes sobre eventos ou ideias, deve tentar impedir que se dissipem de sua mente tratando ao contrário de formulá-los em seus arquivos, e ao fazê-lo, extrair suas implicações, mostrar a si mesmo como esses sentimentos ou ideias são fortes, ou como poderiam ser articulados de maneira produtiva (MILLS, 2009, p. 23)

Assim, posteriormente no trabalho de análise, foi possível encontrar novas conexões, impensáveis *a priori*, imerso em problemas, ideias e fatos registrados que produzem novas unidades analíticas e caminhos investigativos para determinado âmbito de problemas relacionados ao objeto de pesquisa e à pergunta de partida, criando, desta forma, novos arranjos na tessitura teoria-empíria. Para Mills (2009) uma lógica de combinação e o “acaso”

desempenham papéis importantes nesse processo produtivo de artesanato intelectual em que consiste a fase empírica da pesquisa.

O foco teórico-metodológico da pesquisa residiu, sobretudo, nos processos que caracterizem novas formas do fazer político, novos valores e as particularidades das visões de mundo que fundamentam e conferem significado à identidade do movimento como um todo, especialmente a partir dos Novads no contexto do Occupy Wall Street e suas conexões no Brasil.

Na vivência da *netnografia* nos caminhos percorridos no campo, como pesquisador, coube-me, por dever de ofício, compor este entendimento de *cultura política em rede*, ainda não solidamente amadurecido, em sua inovação conceitual fundada em referenciais nativos. Esta tarefa de viés socioantropológico, desdobra-se em outros estudos possíveis e necessários à compreensão desta cultura política peculiar que vem sendo construída nas redes de movimentos sociais, no sentido de circunscrevê-la devidamente no campo das ciências sociais.

Ao optar pela netnografia como uma das dimensões metodológicas da pesquisa, levou-se em consideração a própria natureza híbrida das constelações e redes de movimentos, constituída por múltiplos *nodes*. A rede de indivíduos e grupos que compõem os atores sociais em foco, consubstanciam *constelações* que produzem uma cultura política de traços ciberculturais. Há comunidades que surgem online, na própria dinâmica de sociabilidade da internet, no âmago da rede. Outras comunidades surgem nas relações interpessoais das ruas e praças, forjadas nas lutas cotidianas contra o sistema, principalmente nas formas *rizomas*, *ocupações*, *diásporas e constelações*, e que migram para algum ambiente online, hibridizando os mecanismos e estratégias de luta antissistêmica em uma dinâmica complexa de fluxos e interações entre o virtual e o presencial.

Nesse sentido, a *cultura política em rede*, viabilizada em tempos contemporâneos pelo ciberespaço e as novas tecnologias de informação e comunicação, está ancorada no conceito de cultura, que pode ser abordado desde suas raízes antropológicas, especificamente neste caso, com a intenção de fundamentar uma ideia essencial para esta pesquisa: no ciberespaço se expande a cultura, uma dada cultura denominada cibercultura. A cibercultura tem como base a sociabilidade online, em redes sociais e virtuais, nas quais surgem comunidades e se forjam as identidades individuais e coletivas na contemporaneidade.

Considerando estes aspectos inerentes ao objeto de pesquisa, é que se optou pela netnografia que, segundo Miguel Del Fresno (2011), não se trata de uma etnografia alternativa, mas de uma etnografia que amplia seu objeto por meio das possibilidades de acesso a esse novo campo: “o ciberespaço de onde se produz sociabilidade e criam vínculos sociais entre pessoas

e grupos ou comunidades” (p. 82). O olhar sobre este novo campo de estudos pressupõe, para o pesquisador, uma mudança substancial sobre a tradição antropológica, na medida em que as comunidades *online* não impõem a restrição de acesso geográfico, não sendo mais imprescindível deslocar-se a lugares remotos para estar “presente” no campo, conforme avalia Fresno:

Este tipo de investigaciones y las que aún han de realizarse abren nuevos campos para la comprensión y acción social en el contexto online que hasta no hace mucho tiempo no parecían ni posibles ni realistas. La realidad social en construcción, como convergencia e interrelación de la acción social de los entornos offline y online, parece estar apuntando a modificaciones significativas em cómo las personas participan socialmente en el ciberespacio (Ibidem).

Por herdar as tradições teóricas e, em parte, metodológicas, do debate antropológico sobre cultura, a netnografia não prescinde da análise das condutas culturais sem situá-la nos contextos em que ocorrem, já que os comportamentos e ideias dos produtores desta cibercultura investigada constituem os instrumentos para compreensão dos elementos da cultura dessa comunidade. A busca dos elementos identitários comuns de uma comunidade ou constelações políticas, que gerem um sentimento de co-pertencimento, segundo Fresno, devem constituir uma condição de eficácia que justifica a adoção do método netnográfico no âmbito desta pesquisa:

La netnografía apunta una mayor eficacia para el estudio de culturas o comunidades online que se organicen y conformen alrededor de un elemento identitario común, cultural y de interés o social que aporte una identidad fuerte a la comunidad, generando un sentimiento de copertenencia. Por lo que se presenta como una línea de investigación idónea para ampliar el conocimiento de la diversidad del comportamiento y la sociabilidad humana (FRESNO, 2011, p. 83).

Os movimentos que emergiram após a primavera árabe, caracteristicamente hibridizam o universo online com o ativismo das ruas e ações diretas. Mas é na internet que tudo se articula e se conforma como num rizoma imperceptível que, aos poucos, vai tomando forma no mundo social, e vice-versa, as dinâmicas de interatividade consistem em uma dialética que institui uma progressiva hibridização das práticas sociais, não sendo mais oportuna a separação ontológica nem fenomênica entre o mundo “online” e “off-line”. Assim, para compreender os movimentos sociais que são característicos da cibercultura, é preciso compreendê-lo a partir de sua origem e dos meios de que se utilizam para organizar-se de forma descentralizada, como a internet possibilita.

Desse modo, todos que estão conectados na rede cibercultural, a buscam segundo seus desejos e necessidades; suas preferências pessoais, de trabalho ou lazer, a partir de sua cultura; na realização de pesquisas e buscas de informações e de conhecimento; em seu ativismo

político, pautando e publicitando reivindicações individuais ou coletivas; na aprendizagem ou nas experiências da sexualidade, etc. O ciberespaço, portanto, oferece um contexto social da realidade ampliada, por meio de dispositivos multifuncionais.

Neste sentido, a cibercultura oferece um potencial enorme para a mudança social, amplificando as lutas existentes e modificando seu *modus operandi*, o que pode estar reverberando na cultura política herdada da modernidade, encarnada no Estado e na democracia representativa como a conhecemos. Aqui, vale destacar uma assertiva de Castells sobre o assunto, quando afirma que “o auge da autocomunicação de massas, como chamo as novas formas de comunicação em rede, aumenta as oportunidades de mudança social sem definir o seu conteúdo e o objeto da mudança social” (2009, p. 29), estando, dessa forma, aberta a ação política, seja na forma de multidão indignada que se caracteriza pela heterogeneidade ideológica, seja na forma de constelações políticas, mais consolidadas.

4. CULTURA POLÍTICA EM REDE: NETNOGRAFIA COM OS NOVADS E INTERSEÇÕES POLÍTICO-CULTURAIS

4.1. *Culturas políticas e práticas culturais características da cibercultura*

A hipótese principal desta pesquisa é a de que estão sendo produzidas culturas políticas, no sentido de políticas culturais (DAGNINO et al, 2001), características da era cibercultural, especialmente, aquelas que emergem das relações horizontais que as redes *hiperconectadas*, no mais profundo e amplo sentido do termo, representam. Diante dessa premissa de pesquisa, resta procurar delimitar a cultura política emergente, em especial, na constelação política pesquisada com mais intensidade: os Novads.

Diante da riqueza empírica que o campo de pesquisa possibilitou, a questão central que norteia o processo investigativo, situa o olhar do pesquisador sobre o campo da sociologia política, impondo a necessidade de, num esforço de artesanato intelectual, compor o entendimento de *cultura política em rede*, que vem sendo construído pelas práticas e saberes das *constelações políticas*, ainda sem a necessária sistematização por parte desta verdadeira teia contemporânea de movimentos sociais que hibridiza e amplia a experiência política da vida social ao mundo virtual .

Assim, para configurar a cultura política comum a mais de uma constelação, que compõem a rede de movimentos, se faz necessário estabelecer alguns parâmetros e elementos comuns entre as constelações pesquisadas, entre as quais estão os Novads, o 15-M e o Ocupa Sampa. Como a netnografia e a convivência como membro do grupo se deu com os Novads, os elementos culturais produzidos pelo grupo serviram de parâmetro para se estabelecer correlações possíveis daquilo que poderia caracterizar uma cultura política mais geral compartilhada entre as constelações heterogêneas que fazem parte dessa rede de movimentos.

A configuração atual e o *modus operandi* dos atores sociais contemporâneos é a articulação em redes descentralizadas e interativas, que surgem no cenário internacional, no início do século XXI, constituindo grupos organizados por conexões transnacionais e multiculturais. Uma das características da forma organizacional nessas redes é a formação *em células* autônomas que, ao sinal de ameaça, se “despreendem” da rede, inspiradas nas estratégias utilizadas por grupos islâmicos anticapitalistas. Estes pequenos grupos, que aqui assumem a denominação de constelações podem também assumir relacionamentos interorganizacionais análogos a uma tecnologia descentralizada de arquivamento e distribuição de dados, denominada de “ponto-a-ponto” ou *peer-to-peer*, em inglês, cuja abreviatura é P2P.

Processos sociais peer-to-peer são interações com uma dinâmica ponto-a-ponto, sendo esses pares seres humanos, indivíduos, grupos ou computadores. Este é um termo que se originou a partir do conceito popular da arquitetura de aplicativo de computador distribuído que divide tarefas ou cargas de trabalho entre pares. Esta estrutura de aplicação foi popularizada por sistemas de compartilhamento de arquivos como o Napster⁵⁴, o primeiro de seu tipo no final de 1990. O conceito tem inspirado novas estruturas e filosofias em muitas áreas de interação humana. A dinâmica humana ponto-a-ponto proporciona um olhar crítico sobre as estruturas sociais autoritárias e centralizadas atuais. P2P é também um programa político e social para aqueles que acreditam que, em muitos casos, os modos de *peer-to-peer* são uma opção preferível de sistema decisório e de relações políticas horizontalizadas.

No campo da matemática, mais especificamente da teoria dos conjuntos, a *interseção* é um conjunto de elementos que, simultaneamente, pertencem a dois ou mais conjuntos. As interseções e características comuns das principais constelações da rede, especialmente as constelações políticas OWS, 15M e Ocupa Sampa – que no âmbito das ciências sociais e do objeto de estudo corresponderiam analogamente aos conjuntos – apresentam convergências e de características comuns, formas e dinâmicas organizacionais, a despeito da imensa heterogeneidade dos atores e do amplo espectro político que as definem.

As características gerais e comuns dessa cultura política emergente foram, até aqui, apontadas na medida em que as questões que afetam a todos o *nodes* da rede, que correspondem a diversas camadas que se interpõem na análise: a *indivíduos*, em última instância (ativistas e suas subjetividades); a *constelações políticas* em uma segunda camada (grupos sociais como os Novads, por exemplo, que formam o primeiro nível da rede, um *cluster* de nível zero), a movimentos sociais, na camada seguinte (movimento feminista, por exemplo) e as suas correlações com correntes de pensamento político ou ideológico numa camada mais superficial e geral (marxismo, anarquismo, etc.); e, por último, as camadas das redes de movimentos (Occupy Wall Street, 15M, Ocupa Sampa, etc.).

Sendo que esta última camada pode estar sobreposta a outras constelações de redes de movimentos em uma escala maior, como a que venho denominando *redes de movimentos*

⁵⁴ Napster, criado por Shawn Fanning e seu co-fundador Sean Parker. Foi o programa de compartilhamento de arquivos em rede P2P criado em 1999, que protagonizou o primeiro grande episódio na luta jurídica entre a indústria fonográfica e as redes de compartilhamento de música na Internet. Compartilhando, principalmente, arquivos de música no formato MP3, o Napster permitia que os usuários fizessem o download de um determinado arquivo diretamente do computador de um ou mais usuários de maneira descentralizada, uma vez que cada computador conectado à sua rede desempenhava tanto as funções de servidor quanto as de cliente. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Napster>.

sociais antissistêmicos, que é composta por todas as constelações, movimentos e redes de movimentos que estão ligados por um ato fundacional histórico e que se manifestam nas formas *rizoma, ocupação, diáspora e constelações*. A rede de movimentos sociais antissistêmicos, designa a rede que une todas essas camadas que partilham geneticamente aos eventos fundacionais, especialmente as *formas ocupações* que ocorreram no Zuccotti Park, (OWS), nos Estados Unidos, na Puerta del Sol (15M) em Madri, na Espanha e no viaduto do Vale do Anhangabaú (Ocupa Sampa e outros) ou as revoltas juninas (MPL e outros) no Brasil.

4.2. Os movimentos da modernidade e as perspectivas do hibridismo cultural na ótica de Canclini

Por caminhos diferentes, mas na trilha da crítica à noção de cultura e de modernidade, no rastro dos estudos culturais, Néstor García Canclini (1998) foca sua análise nos papéis dos agentes sociais envolvidos na construção dos produtos culturais ditos cultos, populares ou massivos, ligados à produção da indústria cultural e suas relações com a modernidade. Ele apresenta as estratégias de diversos setores, artísticos, literários, da museologia e das ciências sociais, da mídia e das classes políticas, na abordagem do que é tradicional e do que é moderno, no sentido de reforçar a ideia de que, na América Latina, há uma história de construção de culturas híbridas, em que a modernidade é sinônimo de pluralidade, ao mesclar relações entre hegemônicas e subalternos, tradicional e moderno, erudito e popular.

A abordagem de Canclini apresenta relações quanto ao sentido e ao valor que a modernização deriva, na medida em que separa nações, etnias e classes, mas também dos cruzamentos socioculturais em que o tradicional e o moderno se misturam, considerando que as ciências sociais podem gerar outro modo de conceber a modernização, como tentativas de renovação a partir da heterogeneidade e diversidade cultural. Também defende que o olhar transdisciplinar sobre os circuitos híbridos tem consequências que extrapolam a investigação sobre o universo da cultura.

Para Canclini quatro movimentos ou projetos básicos constituem a modernidade: um emancipador, um expansionista, um renovador e outro democratizador. O projeto emancipador é identificado com "a secularização dos campos culturais, a produção autoexpressiva e autorregulada das práticas simbólicas, seus desenvolvimentos em mercados autônomos" (1988, p. 31). Por projeto expansivo Canclini compreende a "tendência da modernidade que busca ampliar o conhecimento e a posse da natureza, produção, circulação e consumo das

mercadorias" (ibidem). O projeto de renovação abrange dois aspectos, frequentemente complementares:

de um lado, a busca de um melhoramento e inovação incessantes próprios de uma relação com a natureza e a sociedade libertada de toda prescrição sagradas sobre como deve ser o mundo; por outro lado, a necessidade de reformular constantemente os signos sinais de distinção que o consumo massificado desgasta (CANCLINI, 1988, p. 32).

O quarto movimento da modernidade preconizado pelo autor como o projeto democratizador baseia-se na educação e na difusão da arte e do conhecimento especializado, para alcançar uma evolução racional e moral.

Canclini defende que a modernidade já não é mais uma via sem saída, sendo possível entrar nela, assim como é possível (e necessário) sair dela. Como estratégia de saída da modernidade, o autor desenvolve as categorias analíticas de "pós-modernidade", "hibridação", "poderes oblíquos", "descoleção" e "desterritorialização", configurando sua análise desde o processo de modernização tardia na América Latina. Canclini entende a pós-modernidade "não como uma etapa ou tendência que substituiria o mundo moderno, mas como uma maneira de problematizar os vínculos equívocos que ele armou com as tradições que quis excluir ou superar para constituir-se" (1998, p. 28).

As relações e trocas simbólicas entre as nações, as diásporas, as novas tecnologias e seu impacto sobre a tradição, os cruzamentos entre o popular e o erudito, as culturas de fronteira, são analisadas no sentido de elaborar estratégias de entrada e saída da modernidade, partindo do princípio de que na América Latina não há uma firme convicção de que o projeto moderno deva ser o principal objetivo ou o algo a ser alcançado (1998, pág.17).

A convicção da necessidade de modernização na periferia do capitalismo tardio, tão presente e relevante para o crescimento econômico dos países centrais, desestabilizou-se com a intensificação das relações culturais com países independentes, na medida em que se cruzaram etnias, linguagens e formas artísticas. Canclini prefere chamar essa nova situação intercultural de hibridação em vez de "sincretismo" ou "mestiçagem":

porque abrange diversas mesclas interculturais - não apenas as raciais, às quais costuma limitar-se o termo 'mestiçagem' - e porque permite incluir as formas modernas de hibridação, melhor do que 'sincretismo', fórmula que se refere quase sempre a fusões religiosas ou de movimentos simbólicos tradicionais (1998, p. 19).

O autor transita entre diferentes manifestações culturais e artísticas que vão desde ciclos de protestos, passeatas, expressões artísticas na pintura, arquitetura, música ou no grafite e nas histórias em quadrinhos até a semiótica simbólica dos monumentos públicos. Com base nesses elementos, procura refletir sobre o que denomina de migrações multidirecionais, que

questionam e relativizam o paradigma binário subalterno/hegemônico, tradicional/moderno, que tanto balizou a concepção de cultura e poder na modernidade.

4.3.O "território perdido" e as fronteiras da cultura em Homi Bhabha: uma perspectiva sobre diferenças culturais no mundo contemporâneo

Na perspectiva de Homi Bhabha um problema que seria algo como um “território perdido” nos debates contemporâneos é pensar as fronteiras da cultura como um problema relativo à expressão da diferença cultural, o que significa ir além do reconhecimento e do acolhimento das diversidades, bem como da crítica aos racismos, às discriminações e às exclusões. O conceito de hibridismo também é utilizado por Bhabha em estreita relação com as lutas, antagonismos e agonismos no campo social e cultural, na medida em que "a articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica" (1998, p. 20-1).

Para Bhabha, enquanto o conceito de diversidade cultural conduz, essencialmente, a uma discussão filosófica, a ideia de diferença cultural remete à enunciação da cultura, isto é, a um processo através do qual se produzem afirmações a respeito da cultura, que fundam e geram diferenças e discriminações, ao mesmo tempo em que estão na base da trama de relações de poder e de práticas sociais muito concretas, de institucionalização, de dominação e de resistência.

No âmbito do debate sobre o "pós" da contemporaneidade, Bhabha ressalta que a energia de uma atitude que aponte para além seja profunda e radical no sentido de transcendência das bases na medida em que estejam relacionados com a experiência e aquisição de poder:

Se o jargão de nossos tempos – pós-modernidade, pós-colonialidade, pós-feminismo - tem algum significado, este não está no uso popular do "pós" para indicar sequencialidade - feminismo posterior - ou polaridade – antimodernismo. Esses termos que apontam insistentemente para o além só poderão incorporar a energia inquieta e revisionária deste se transformarem o presente em um lugar expandido e ex-cêntrico de experiência e aquisição de poder (BHABHA, 1998, p. 23).

Nesses termos, para o pensador inglês a real condição do "pós-moderno" deve compreender uma significação mais ampla que "reside na consciência de que os 'limites' epistemológicos daquelas ideias etnocêntricas são também as fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes e histórias dissonantes, até dissidentes" (ibidem).

A contribuição de Bhabha para a questão das estratégias de resistência aos modos de dominação cultural serve como baliza para questões centrais de que falam os discursos e

práticas dos movimentos de insurgência contra o capital na contemporaneidade na medida em que há uma colonialidade do saber e do poder nos mecanismos sociometabólicos e nos dispositivos da modernidade e do capitalismo sobre a questão identitária na forma cultural e simbólica. Nesse sentido Bhabha destaca que:

A pós-colonialidade, por sua vez, é um salutar lembrete das relações "neocoloniais" remanescentes no interior da "nova" ordem mundial e da divisão de trabalho multinacional. Tal perspectiva permite a autenticação de histórias de exploração e o desenvolvimento de estratégias de resistência (BHABHA, 1998, p. 26).

A autenticação das histórias de exploração e o desenvolvimento de estratégias no bojo agonístico das tensões e lutas simbólicas contra o capital implicam na necessidade de "ir além" do capitalismo e de suas consequências sociais. Isso exige dos ativistas um constante trabalho de revisão dos saberes em um processo de arqueologia do saber e do poder (Foucault), que também encontram ressonância na abordagem de Bhabha, ao afirmar que é preciso "residir 'no além' e ainda, como demonstrei, ser parte de um tempo revisionário, um retorno ao presente para redescrever nossa contemporaneidade cultural; reinscrever nossa comunalidade humana, histórica; *tocar a futuro em seu lado de cá*" (BHABHA, 1998, p. 27).

4.4. As revoltas do precariado: a base social da rede de movimentos antissistêmicos.

As políticas de ajustes, como receituário para procurar resolver crise econômica global que se agrava desde 2008 e ainda está em curso, aliadas aos processos resultantes da contradição central do capital vem provocando o alargamento da condição de proletariedade, ampliando a precarização da vida e do mundo do trabalho de camadas cada vez maiores da população, incluindo das classes médias, constituindo o vem sendo denominado de precariado (STANDING, 2011; ALVES, 2011).

O precariado claramente aparece como a base social dos movimentos dos países do Norte e também no Brasil, a constituírem conexões dos *nodes* de uma rede global de indignação que evidenciam-se tanto nas referências simbólicas e conceituais, quanto na formulação crítica ou na prática cultural, estratégias e táticas dos diferentes grupos e constelações, que se articulam para as ações diretas ou, mesmo, visando construir estratégias mais duradouras como atores transnacionais. Alguns exemplos mais significativos destes atores transnacionais, que atuam

em redes de movimentos sociais antissistêmicos são: a tática *Black Bloc*⁵⁵, os *Anonimous*⁵⁶, o Movimento Democracia Real Já, a rede *Occupy*, o Movimento 15-M, a Via Campesina, entre outros.

No capitalismo contemporâneo, especialmente com a conjunção da crise, o processo gradual de precarização ou “proletarização” da “burguesia assalariada” – ou seja, de grande parcela da classe média – entra em contraste com o processo oposto: os salários exorbitantes de altos executivos e banqueiros (denominados como 1% pelo Occupy Wall Street), e a corrupção da classe política, que deveria representar os interesses e as demandas da população e acaba representando os interesses das corporações e grupos que detém o poder sobre os governos e sistema eleitoral, financeiro e econômico que sustentam os partidos políticos e suas campanhas, interferindo em seus programas e nas prioridades de governo, criando miragens democráticas, especialmente nas democracias representativas. Angélica, do Ocupa Sampa fala sobre a base social do movimento, representada pela metáfora dos 99%, identificando-a com o precariado:

99% É sempre discutido isso. Eu não sou contra, na verdade, é meio ilustrativo. Os 99 é o precariado. Não necessariamente só os pobres em estado de miséria mais a classe média também pelas limitações que têm, tem a diferença de país para país... na Espanha... mesmo formado numa universidade, sendo classe média, não consegue trabalhar. É o precariado, as mulheres, os negros, as que estão em extrema pobreza... embora não tenham feito parte do Ocupa... São as pessoas que não conseguem ter liberdade de alguma maneira, do corpo, de igualdade de direitos...99 é um número chutado. Não é 99% que é o precariado. Mas ninguém sabe. Isso é ilustrativo. Como ilustração, serve... para ter uma noção de como é desigual.

É perceptível o esvaziamento progressivo da cidadania da esfera do político, como um artifício de controle social e dominação ilusória nas democracias ocidentais, onde os cidadãos, cada vez mais, são meticulosamente representados como “consumidores de serviços públicos” apenas com direito ao voto para escolha de representantes, de tempos em tempos. Boaventura de Souza Santos, em 1995, atribuiu à globalização e ao consenso de Washington a crise de legitimidade e da capacidade do Estado em organizar a sociedade. Um dos objetos centrais da crítica formulada pelos movimentos sociais em foco, incide justamente sobre a legitimidade da

⁵⁵ Black Bloc (do inglês black, preto; bloc, agrupamento de pessoas para uma ação conjunta ou propósito comum, diferentemente de block: bloco sólido de matéria inerte) é o nome dado a uma tática de ação direta, de corte anarquista, empreendida por grupos de afinidade que se reúnem, mascarados e vestidos de preto, para protestar em manifestações de rua, utilizando-se da propaganda pela ação para desafiar o establishment e as forças da ordem. Black bloc é basicamente uma estrutura efêmera, informal, não hierárquica e descentralizada. Unidos, seus integrantes pretendem adquirir força suficiente para confrontar as forças da ordem capitalista.

⁵⁶ É uma rede internacional associado ao “hacktivismo” (ativismo de hackers). Um site nominalmente associado com o grupo descreve-o como “um encontro de internet”, com “uma estrutura de comando muito solto e descentralizada que opera a partir de ideias, em vez de com base em diretivas”. O grupo ficou conhecido por uma série de golpes de publicidade bem divulgados e distribuídos de ataques contra o governo, e sistema online de bancos, sites corporativos e religiosos.

representação política, com a diferença que o cenário atual desenvolve-se no mundo contemporâneo da segunda década do século XXI e sofre as consequências do período de expansão do neoliberalismo da última década do séc. XX.

Os processos de globalização geram discussões sobre o papel da sociedade civil e a forma como os movimentos sociais devem ser compreendidos e abordados teoricamente. O papel do Estado e da classe política, sob o predomínio dos processos neoliberais contribuiu para a mudança do foco da atenção política, que passou de uma abordagem que privilegia a tomada do poder do Estado para questões de direitos humanos, civis e de novos modos de vida, fundados em relações sociais mais igualitárias e libertárias. O uso de novas tecnologias de informação e comunicação por parte de atores sociais que se articulam na forma de redes de movimentos sociais, abriu um leque de novas formas de lutas progressistas em que o cultural, conjugado às questões materiais, torna-se uma arena crucial de luta.

Nas últimas décadas, o mundo do trabalho vem sofrendo processos de complexificação e sendo submetido, assim, a novas e diferentes formas de assujeitamento e subjetivação a partir de dispositivos de poder e biopoder que atuam sobre as relações de trabalho e entre capital e trabalho, garantindo a continuidade da subsunção do trabalho ao capital. Já não existem formas homogêneas de trabalho, como se dava tipicamente nas sociedades industriais com os trabalhadores do “chão de fábrica” e o sindicalismo resultante das lutas do proletariado que exercia determinada centralidade nas lutas e no próprio mundo do trabalho demonstra sinais de desarticulação e fragmentação nos sistemas complexos das sociedades contemporâneas características da era da informação.

Atualmente predomina uma pluralidade e heterogeneidade generalizada das formas de trabalho no âmbito do capitalismo, no processo incontrolável de busca por valorização progressiva sem limites e constante do capital em expansão. Neste processo, é preciso ressaltar, estão cada vez mais evidentes as contradições entre o desenvolvimento das forças produtivas e o das relações sociais de produção, conforme asseverado pela teoria marxista. No tempo social da cibercultura, a nova temporalidade histórica do capital está a produzir transformações radicais no padrão de acumulação e nas formas de valorização, configurando um novo momento de desenvolvimento e de expansão aparentemente sem limites. Acirram-se, portanto, as contradições que atingem violentamente o mundo do trabalho, ampliando o contingente de trabalhadores supérfluos ao capital. Assim avalia Giovani Alves, sobre o contexto contraditório encarnado nos circuitos da crise:

A “condição crítica” da síndrome do capital é a convergência histórica de um conjunto de crescentes contradições sociometabólicas do sistema mundial do capital, principalmente a

partir de meados da década de 1970. A principal delas diz respeito à contradição capital-trabalho, na medida em que é através do trabalho que o sociometabolismo do capital vincula os seres humanos à natureza: a aguda elevação da produtividade do trabalho, em virtude do processo cumulativo do progresso técnico, tende a explodir a materialidade do valor-trabalho, uma “implosão” contínua e permanente no espaço-tempo comprimido do novo tempo histórico do capitalismo global (ALVES, 2012).

Mészáros, em sua crítica radical e contundente, enfatiza que “o sistema de controle do metabolismo social atingiu um estágio em que lhe é necessário expulsar centenas de milhões de indivíduos do processo de reprodução social, do próprio processo de trabalho” (2009, p. 152). O sistema do capital, nessa lógica de expansão destrutiva e incontrolável, revela a sua incapacidade de incluir esse “refugo humano”, essa “população sobrando”, condenando amplos contingentes populacionais à redundância social (CARVALHO, 2010). É a saga de milhões de migrantes, de desempregados, de executores de atividades precarizadas, de jovens estudantes que não conseguem a devida inserção no mundo do trabalho, enfim, de trabalhadores e trabalhadoras altamente qualificados sem condições de mercantilizar sua força de trabalho e responsabilizados pela sua exclusão nas tramas ideológicas da qualificação e do acirramento do individualismo.

A globalização hegemônica neoliberal, a circunscrever o “Norte” e o “Sul”, na metáfora de Boaventura de Sousa Santos (1997), constitui uma chave analítica fecunda para pensar os processos contemporâneos do capitalismo, a produzirem cada vez mais exclusão social, desemprego estrutural e precarização do trabalho, destruição sistemática e irreversível da agrobiodiversidade e da própria natureza, violação de direitos humanos, ódios inter-étnicos e declínio de políticas sociais. Neste cenário, o “Sul” encarna uma potencialidade de lutas e resistências. A tese de Boaventura de Sousa Santos é que está em curso uma contra-hegemonia como novidade histórica encarnada no “Sul”. A rigor, o “Sul” é uma categoria que configura grupos subalternos, segmentos sociais e países sujeitos a novas formas de domínio do capital hibridizadas às formas de opressão do neocolonialismo.

A história vem confirmando a fecundidade de sua tese, na medida em que, cada vez mais, novos sujeitos políticos estão a construir redes de alianças transnacionais entre movimentos, lutas e organizações que se propõem à construção de projetos emancipatórios no interior da civilização do capital. De fato, tem-se em curso, com diferentes expressões, um processo de disputa hegemônica (CARVALHO, 2010) que se intensifica no contexto da crise estrutural e das formas de mobilização, consubstanciadas nos movimentos de ocupação. Neste

contexto, ganha visibilidade pública os limites da democracia liberal nas suas configurações representativas, que se torna, em muitas situações, funcional à expansão do capitalista.

Mészáros enfatiza o caráter repressivo e antidemocrático destes processos sociopolíticos dominantes no sistema do capital, alertando para os possíveis resultados que podem comprometer a democracia até aqui conquistada. Afirma ele que não é apenas o modelo de crescimento e modernização sem transtornos que se despedaça, “mas ironicamente, é também o slogan do crescimento sustentado sobre uma base política e social que preserva as possibilidades de um progressivo desenvolvimento democrático” (2009, p. 50), trazendo, então, a questão da crise para o âmbito das instituições democráticas, assim como para a esfera do poder.

No século XXI, o proletariado como “classe” social amplia-se e diversifica-se, cada vez mais, no plano sociológico. Na medida em que se desenvolve o modo de produção capitalista e dissemina-se a lógica do trabalho abstrato pela vida social, universaliza-se a condição de proletariedade. Depois, o precariado não pode ser meramente identificado como “proletariado precarizado” pois considerá-lo assim, significa perder a especificidade da categoria social de precariado. Na verdade, precariado diz respeito a uma nova camada da classe social do proletariado constituída por jovens-adultos altamente escolarizados imersos em relações de trabalho e emprego precário.

Portanto, o conceito de precariado implica o cruzamento das determinações de ordem geracional, educacional e salarial. A nova camada social do precariado se vincula historicamente à etapa de crise estrutural do capital e a hegemonia do capitalismo financeiro. Ele se manifesta socialmente com vigor nas economias capitalistas mais desenvolvidas onde a contradição radical entre desenvolvimento das forças produtivas e relações sociais de produção assume dimensões amplas e intensas.

4.5. As formas morfogênicas das redes de movimentos antissistêmicos: rizoma, ocupação, diáspora e constelação.

As redes de movimentos sociais na cibercultura, encarnam dimensões que vão muito além da esfera do político. Ao questionarem o sistema capitalista e o sistema democrático representativo, incidem sua crítica sobre as instituições democráticas consolidadas nos últimos dois séculos. Propõem a *ocupação* de espaços públicos, visando ressignificá-los; a descentralização do poder, no sentido de torna-lo mais difuso e horizontalizado; e, a

radicalização da democracia, com objetivo de promover transformações profundas das relações sociais, para a ampliação da cidadania e do que conta como político.

Uma nova consciência política rebelde, sem confiança nos aparatos institucionais democráticos e nas relações políticas entre Estado e mercado, fundamenta a crítica e unifica as mais diferentes redes de relações, grupos e classes sociais. Mapear e definir os elementos que compõem a cultura política emergente “das ruas” e o complexo sistema constituinte do ciberativismo desses grupos, interligados pela crise e por concepções ideológicas e políticas heterogêneas, assim como determinar e caracterizar as *constelações* dessa imensa rede, requer lançar mão de conceitos de fronteira, estimulando a imaginação sociológica reflexiva, calcada em teorias e conceitos clássicos e contemporâneos das ciências sociais.

Os aspectos teóricos e metodológicos que envolvem a pesquisa realizada, pela própria natureza inédita que caracterizou a emergência das redes de movimentos antissistêmicos e a própria crise, constituem um enorme desafio para qualquer projeto investigativo. Isto porque exige o manuseio e articulação complexa sobre os movimentos sociais em sua relação antagônica com o sistema capitalista, encarnado nas elites, cujos interesses são e mediados pelo próprio Estado.

Se os Novads e os indignados levantam-se contra o sistema como um todo, procurando alterar a ordem cultural dominante, precisam mobilizar recursos e estratégias em diversos campos, que normalmente, em se falando de movimentos sociais “convencionais”, estariam relacionadas às instituições, em geral. E de fato estão, mas de uma maneira bem peculiarmente direcionada às relações de poder, no caso dos Novads – pela ampliação da *liberdade política, cultural e existencial* – e, no caso dos indignados, bem relacionada às instituições e valores democráticos, visando transformá-los radicalmente – pela ampliação da *igualdade política, social e econômica* –, em nome da ampliação de uma espécie de hibridismo entre interação cibercultural e participação política.

Para compreender a amplitude e profundidade deste fenômeno, é preciso mobilizar aportes teóricos em diversos campos de saberes, em especial, no âmbito das ciências sociais, voltados para diversas áreas de estudo, como por exemplo: capitalismo (enquanto modo de produção, cultura dominante e relação social), movimentos sociais e mudança social, teorias da democracia, do poder, e da cibercultura.

Ao me deparar com o campo empírico, na vivência netnográfica com os Novads, na medida em que autenticamente me tornei um membro do grupo, aos poucos foi possível perceber a complexidade das articulações entre diversos campos de conhecimento, que transitavam da matemática à física quântica, da cultura à política, da democracia à informática

– a exemplo da filosofia do peer-to-peer, entre outras–, do mundo das artes à poesia e literatura – resalte-se que a maioria dos Novads integra também a Occupational Art School⁵⁷, um espaço de produção artística autônoma em Nova York. Os debates sobre modernidade, pós-modernidade e *hipermodernidade* sempre vêm à tona nos diálogos e nas interações virtuais e presenciais nos espaços pluripotenciais e nas experiências da vida cotidiana do grupo.

Quando as multidões começaram a crescer exponencialmente, da mesma forma e ao mesmo tempo, que a quantidade de interações no Facebook ou no Twitter aumentavam, a mídia convencional, a partir de determinado momento, não podia mais ignorar que um evento jornalístico estava em andamento. Exponencialmente, ao vivo, pelas redes sociais, via mídias alternativas, mídias Ninjas⁵⁸, para quem quisesse ver e ouvir, ler e participar, o evento “estava lá”, em qualquer lugar do mundo, mediado pelo universo digital, pelo ciberespaço.

Neste evento potencialmente onipresente –, por que mediado por indivíduos que reproduziam as imagens, “memes”, vídeos, textos, mensagens de celular, fotos no Instagram⁵⁹, etc. – cada indivíduo torna-se ao mesmo tempo, transmissor e receptor de informações. Mais do que isto, cada indivíduo detém uma rede social virtual, que corresponde em grande parte a sua rede social fora do ciberespaço. Desse modo, cada indivíduo constitui um *node da rede*, fazendo crescer o “bolo” comunicacional de maneira inflacionária, exponencial.

Diante dessas novas formas informacionais e comunicacionais da cibercultura, a questão teórica das redes assume uma dimensão central. Não se pode mais conceber a cultura contemporânea fora desses circuitos ciberculturais, muito menos, justamente porque daí emergem, compreender as dinâmicas dos movimentos sociais que hibridizam estes dispositivos digitais, eletrônicos e virtuais na forma de relações sociais descentralizadas e horizontalizadas. A descentralização e a horizontalidade são características intrínsecas ao modo de vida cibercultural, e estão portando impressas no imaginário, na consciência e na subjetividade daqueles que desejam utilizar estes mecanismos para a ação direta de cunho político.

⁵⁷ Para conhecer a produção da Occupational Art School em sua organicidade com os Novads, visite o website: <http://occupationalartschool.com/>

⁵⁸ Mídia Ninja (sigla para Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação), é um grupo de mídia formado em 2011. Sua atuação é conhecida pelo ativismo sociopolítico, declarando ser uma alternativa à imprensa tradicional. O grupo tornou-se conhecido mundialmente na transmissão dos protestos no Brasil em 2013. As transmissões da Mídia Ninja são em fluxo de vídeo em tempo real, pela Internet, usando câmeras de celulares e uma unidade móvel montada em um carrinho de supermercado. A estrutura da Mídia Ninja é descentralizada e faz uso das redes sociais, especialmente o Facebook, na divulgação de notícias. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Mídia_Ninja

⁵⁹ Programa para dispositivos móveis que veicula instantaneamente imagens de um usuário para toda a sua rede pessoal.

Essas características inovadoras não se encaixam nas institucionalidades governamentais e nas estruturas de poder tradicionais, herdadas da modernidade. Quando a multidão é confrontada pelos políticos no poder – como ocorreu nos Estados Unidos, na Europa e mesmo no Brasil –, as autoridades, ao procurarem o diálogo com os “representantes” dos “manifestantes” não os encontram, justamente porque não existem. Há sempre alguma autoridade policial ou política tentando encaixar forçosamente, ou por não compreender a natureza dos movimentos em redes ou por questão estratégica, os manifestantes em algum partido político, ator político local, atribuindo as mobilizações às velhas formas de cabrestos pagos para protestar, como ocorre nos comícios, nos atos públicos de um político contra seu adversário. Quando a multidão assusta o poder, seus detentores procuram culpados, mas só os encontraram, quando os forjarem sobre provas duvidosas ou circunstanciais. Quando as autoridades policiais e políticas procuram saber das “demandas” e “pautas reivindicatórias” dos “manifestantes”, não as encontram, pois ali estão todas elas, ao mesmo tempo, no mesmo lugar.

Há uma caça aos responsáveis pela “baderna”, pelos baderneiros e “vândalos”, mas as categorias tradicionais entram em choque desconcertante com o novo incompreendido do fenômeno por parte das autoridades e de muitos analistas, de onde não há solução, até que se compreende a natureza complexa e difusa das formas que os movimentos sociais em rede assumem no cenário contemporâneo, em contraste com as formas anteriores.

José Maurício Domingues, em seu livro *Aproximações à América Latina* (2007), retoma a teoria de Germani sobre a América Latina, a qual contribui para a reflexão proposta por esta pesquisa quanto às possibilidades de mobilizações e dos grupos que, quase sempre, são identificados por coordenar tais processos, dentre os quais está aqueles que ocorrem sem a presença de lideranças:

em geral supõe-se que, nos processos de mobilização social, as elites assumem um papel mais ativo que as massas, tanto na iniciativa como na liderança e na organização. Mas nem todo o processo de mobilização social alude à existência de uma elite. Pelo menos analiticamente, devem-se delinear três situações possíveis: a mobilização com a intervenção ativa de uma elite externa à massa; a mobilização com a intervenção ativa de uma elite interna ao grupo deslocado; e, a mobilização sem liderança (DOMINGUES, 2007, p. 33).

Já que a assertiva de Domingues utiliza o conceito de “massa”, vale ressaltar que esta noção não se adequa ao fenômeno em foco. A não ser que se utilize a conotação relacionada ao volume de pessoas nas ruas e espaços públicos em protestos, a denotação de “massa” não facilita a compreensão dos elementos que caracterizam estes processos contemporâneos. Para compreender melhor este fenômeno é preciso retomar o conceito de “massa” e sua transformação que inicia com Gabriel Tarde (1890) e segue toda uma trajetória teórica que

passa por Adorno e Horkheimer (1978), Sighele (1954), Le Bon (1947), Gilles Deleuze e Félix Guattari, Bruno Latour (2007), Hegri e Hardt (2005), que debateram e contribuíram para o desenvolvimento teórico do conceito de *multidão*.

É a *multidão*, numa confluência de individualidades e de subjetividades para os espaços públicos, articuladas por meio das tecnologias comunicacionais de informação e pela comunicação por computador e dispositivos eletrônicos, que constituem o momento fundacional do *rizoma*. A *multidão* é o efeito do *rizoma*, em seu *fluxo* contínuo de mobilizações das subjetividades, desejos e anseios de indivíduos e suas indignações, contra o sistema político e contra os efeitos sociais e ambientais destrutivos do capital, cujos interesses são intermediados pela democracia representativa e pelo sistema político. A crise é o catalisador da indignação que acelerou e evidenciou os contrastes e as assimetrias entre o poder do capital e o poder do precariado.

Neste cenário, ao deparar-me com as multidões indignadas, num primeiro momento procurei estabelecer paralelos com as noções correntes de movimentos sociais, procurando encontrar elementos que caracterizassem. Perguntas emergiam diante dos eventos de ocupação das ruas e praças em Madri ou em Nova York, já no ano de 2011: qual seria o histórico do daquele movimento social que se configurava? Era um ou mais movimentos sociais que estavam articulando aquelas marchas indignadas? Qual era o perfil de militantes e lideranças? Que ideologias eram predominantes? Configuravam ações de trabalhadores organizados, sindicatos, etc.? Quais seriam as relações ou ligação formais ou informais com organizações políticas como os partidos? Quais eram as fundamentações e de que forma se estrutura aquele movimento social? Quais eram suas demandas? Qual era o nível de coesão interna do discurso e de projeto político e social do movimento?

Com o tempo, acabei percebendo que essas perguntas traziam consigo categorias que não contribuíam para compreender o fenômeno em sua plenitude, e, mais do que isso, acabavam turvando o olhar a dificultar o processo investigativo. Em boa parte, elas nem faziam sentido: as perguntas estavam erradas! Os diversos tempos e espaços que compõem a realidade histórica nem sempre são registrados ou presenciados de modo a conferirem respostas prontas às perguntas por vezes mal formuladas por parte de quem ainda nem dispõe dos instrumentos conceituais precisos ou antevê adequadamente os desdobramentos dos eventos. Aprender a formular as perguntas certas e nem tanto apontar respostas é que constitui o verdadeiro papel do cientista social, posto que respostas ficam por vezes bastante estáticas frente à dinâmica construída nos percursos do real.

Nos diálogos investigativos da vivência netnográfica e também no envolvimento pessoal com os Novads, novas abordagens teóricas iam surgindo, na medida que seguiam o fluxo da poiesis em seu desenvolvimento interativo. O fenômeno da poiesis, produzido como método de cooperação produtiva e modo Novad de convivência coletiva, possibilitou a interação fluida de saberes entre o grupo e o pesquisador. Atchu, foi quem primeiro enunciou, em uma conversa online, que os movimentos seguiam determinados momentos ou etapas, delimitando-as como *rizomas*, *diásporas* e *constelações*. A partir dessa primeira conversa, comecei a trabalhar estas concepções no sentido de situá-las no contexto teórico das ciências sociais, visando encontrar os paralelos com o fenômeno real.

Diante das dificuldades em relacionar a dinâmica peculiar dos atores sociais e dos grupos articulados em rede nos processos de enxameamento (*swarming* em inglês) das multidões indignadas, desde 2010, é que começou a tomar forma uma abordagem teórica que melhor elucidava tais processos e movimentos sociais. Relacionando com as revisões de bibliografia, foram emergindo novas categorias, e outras, foram sendo forjadas, aproximadas e adequadas ao que o campo exigia.

Assim, na apresentação dos resultados da pesquisa por ocasião da qualificação, me foi sugerida a adequação das dimensões do fenômeno que estavam descritos em termos de “fases”, para a denominação “formas”. Apesar da observação sobre o fato das “fases” consistirem em dimensões que poderiam ocorrer em tempos e espaços paralelos, concorrentes e divergentes, adotei a terminologia “forma”, considerando que melhor adequar à complexidade do fenômeno. A partir de então, a pesquisa evoluiu no sentido desenvolver teoricamente, articulando-se ao campo empírico, as formas *rizoma*, *diáspora* e *constelação*.

Contudo, no decorrer deste exercício de artesanato intelectual de ampliação e aproximação das categorias nativas às abordagens teóricas, me dei conta de que seria necessário desenvolver melhor uma das formas do movimento em rede, que havia ficado de fora da abordagem: a forma *ocupação*. A forma *ocupação* encarna a principal estratégia das mobilizações e, por este motivo, não poderia ser negligenciado. Assim, definiu-se como as seguintes configurações ou formas que assumem os movimentos sociais em rede na cibercultura: *rizoma*, *ocupação*, *diáspora* e *constelações*. A seguir, estas formas ou modalidades são desenvolvidas de forma mais detalhada.

4.5.1. Rizoma: morfogênese da multidão indignada na cibercultura

Configuração da forma rizoma

O fenômeno rizomático começa a tomar forma, amplificando as manifestações pessoais nas redes sociais e as ações diretas de pequenos grupos e indivíduos interagentes, que se movimentam dos interstícios do ciberespaço, de suas residências, do lugar e do “não-lugar” (Augé, 1995), como metrô, ruas, bares, restaurantes, lanchonetes, escolas, universidades, enfim, de toda a cidade, em direção ao *locus* onde irá ocorrer o evento. Uma metáfora bastante útil é a imagem do fungo que eclode em um cogumelo. O cogumelo é a manifestação visível de um organismo muitas vezes maior que está enraizado na terra. Os fungos são os maiores organismos vivos do planeta – um deles, do gênero *Armillariella*, que vive no estado americano do Michigan, cobre uma área de 160.000 m² – mas as partes visíveis do organismo são infinitamente menores que seu tamanho real.

A palavra rizoma é de origem grega e provém de *rhyzos*, que significa raiz. Radicalidade, portanto, o substantivo que confere a condição de ser radical, de ir até a raiz de algo. A democracia radical, é a democracia substantiva, sua forma mais pura e autêntica. A liberdade radical e igualdade radical, seriam as formas mais autênticas e profundas que o termo poderia conotar. Rizoma também designa um tipo de raiz que se espalha aleatoriamente, radialmente, sempre a partir de um radical, que se bifurca, se multiplica par-a-par, em todas as direções.

O fenômeno rizomático é como um holograma, porque se for cortada alguma parte de um fungo, ele se desenvolve dessa parte de maneira autônoma. É como a *mônada* leibniziana, a parte que carrega em si o todo, em potencialidade virtual do devir. O processo da *configuração da forma rizoma* dos movimentos sociais antissistêmicos contemporâneos, pode ser considerado desde sua gênese e, com o seu desenvolvimento, analisado no sentido de se identificar até onde a totalidade do organismo alcança. Mas olhando “por dentro”, ramificação por ramificação, o processo parece funcionar de cidade em cidade. As áreas urbanas seriam a unidade macro mais visível desse processo, onde o *rizoma* culmina em *ocupação*. A unidade elementar do rizoma, evidentemente, é o indivíduo. O conceito de rizoma vem sendo debatido no âmbito das ciências sociais e em outras áreas do conhecimento, cabe retomar alguns pontos desse debate.

Estes processos rizomáticos ocorrem hibridizados entre o *virtual* e o *objetivo* ou *atual*. Estas são algumas das categorias desenvolvidas pelo filósofo francês Henri Bergson (1859-1941) que se preocupou com a questão da experiência-consciência implicada na relação mente-

corpo. Em seu polêmico ensaio *Duração e Simultaneidade* (1922), Bergson expôs sua teoria sobre tempo, enquanto duração. A memória, neste esquema teórico, não estaria no cérebro, mas no tempo e para Bergson, segundo Nelson Job (2007, p. 32-3) “o tempo é uma coexistência”, uma simultaneidade, sendo que existe “um tempo único” e um “tempo múltiplo” das coisas. Na perspectiva bergsoniana, “nós lidaríamos com o presente com o objetivo de realizar a ação” cujo “tempo que é levado em conta é o *atual* e o que não é, seria o *virtual*”. O presente é *Cronus*, o que passa: o objetivo. O passado e o futuro é *Aion*: a coexistência na totalidade do tempo, a potencialidade do infinito devir. Conforme Job (ibidem), daí resulta que, “a duração bergsoniana é para Deleuze (1999) um aspecto do impulso vital, sendo uma virtualidade em vias de atualizar-se” (p. 34).

A filosofia de Alfred Whitehead (1861-1947), um dos autores que influenciou o a obra de Deleuze (2006) principalmente em *Duração e Simultaneidade*, vai trabalhar a “monadologia” de Leibniz o que, segundo Job, gerou uma conceituação nova:

as ocasiões *atuais* são coisas das quais o mundo é feito, são partes de *experiência*, diferentes e interdependentes entre si. Elas são compostas pelas *preensões* que são *subjetivas* e reproduzem em si as características gerais de uma *ocasião atual*. Uma junção de *ocasiões* atuais é chamada de *nexus*. As ocasiões atuais são novidades em *devir* do *mundo atual* em *processo* e são um *significado peculiar* deste *mundo atual* (2007, p. 38).

Lembre-se que o termo *Novad* é a síntese aglutinativa das palavras *nômade*, *supernova* e *mônada* e dialoga com este debate sobre a identidade do grupo e a ocasião atual em junção as preensões subjetivas que a fundaram no âmbito do movimento OWS, distinguindo-os das outras constelações políticas.

Com base nestas distinções entre o *virtual* e o *atual/objetivo*, é que se configura o rizoma, em suas conexões e convergências a partir das subjetividades e das consciências individuais, culminando na ação direta, no evento. O *virtual* e o *objetivo*, no âmbito das formas rizomáticas de confluência de indivíduos em ato político, constituem um *continuum espaço-temporal* e em uma teia de relações e significados que se retroalimenta no ciberespaço, mediado pelas tecnologias comunicacionais e informacionais. A virtualidade do devir, é a potência do tempo-espaço em aberto, simultâneo, que converge – do virtual para o objetivo e vice-versa –, em uma espécie de “quebra” da *curva de possibilidades* da ação social na forma de práticas culturais, convertendo-se em uma *curva de probabilidade* de mudança da ordem cultural dominante.

O *rizoma*, enquanto modelo descritivo ou epistemológico na teoria filosófica de Deleuze e Guattari se refere justamente a distribuição de poder e autoridade no corpo social refletida nas estruturas epistemológicas, ou seja nas matrizes de produção de conhecimento. O

cruzamento dessa perspectiva com a de Foucault resulta na forma rizomática dos dispositivos de saber e de poder, ou seja, desemboca na microfísica do poder. O conceito Deleuze-guattariano de rizoma implica na articulação da dimensão imagética da árvore, em suas ramificações e raízes e a dimensão conceitual de sistema. Os “sistemas arborescentes” podem ser reconhecidos por este movimento de profundidade, que sugerem uma simulação do múltiplo, a se propagar a partir de uma unidade central ou de um núcleo, por dicotomias:

os sistemas arborescentes são sistemas hierárquicos que comportam centros de significância e de subjetivação, autômatos centrais como memórias organizadas. Acontece que os modelos correspondentes são tais que um elemento só recebe suas informações de uma unidade superior e uma atribuição subjetiva de ligações preestabelecidas. (DELEUZE & GUATTARI, 2000 p. 26).

Em contraposição ao sistema arborescentes, as linhas de um *rizoma* são uma multiplicidade, que comportam em seu *devenir* o rompimento da dicotomia uno/múltiplo, sendo que cada individualidade carrega em si a heterogeneidade. Na filosofia rizomática Deleuze-guattariana o indivíduo e os objetos estão repletos de potencialidades, que somente se realizam na conexão com outros objetos, produzindo rupturas com outras linhas, culminando no que denominaram de agenciamentos. O Agenciamento constitui-se nas conexões entre os diferentes estratos da “realidade”, impulsionados pelo desejo individual.

Em cada linha de fuga, do *rizoma*, o indivíduo ou grupo ao propagar-se em uma dada direção, fora do território conhecido pelo *agenciamento*, ocorre o que os autores denominaram de *desterritorialização*. Contudo este processo contém, virtualmente, em seu âmago um impulso *territorializante*. Assim, cada processo de desterritorialização levará ao desenvolvimento de um novo *território existencial*. O rizoma não designa uma correlação ou reciprocidade, mas movimento transversal. Está sempre a caminho:

um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...”. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE & GUATTARI, 2000, p. 37).

A poderosa analogia transformada em teoria filosófica por Deleuze e Guattari, estabelece os princípios que caracterizam o fazer rizomático, os quais foram ligeiramente adaptados para compreender o fenômeno rizomático como suporte teórico ao fenômeno em tela:

- a. **Plano da imanência:** é o conjunto de todos os “corpos sem órgãos” que coexiste no universo caótico, em potencialidade do devir. O substrato ou “substância” espaço-temporal onde-quando o rizoma existe.
- b. **Conexão e heterogeneidade:** qualquer parte de um rizoma pode ser conectada a qualquer outra, em um processo que não cessa e que se desdobra sem dicotomizações nem processos hierárquicos, como ocorre em sistemas arborescentes. Um rizoma “não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais” (op. cit., p. 15-6).
- c. **Multiplicidade:** quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, não tendo mais qualquer relação com o *uno*, enquanto sujeito ou objeto, realidade natural ou espiritual, imagem ou mundo. As multiplicidades:
 são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes. Inexistência, pois, de unidade que sirva de pivô no objeto ou que se divida no sujeito. Inexistência de unidade ainda que fosse para abortar no objeto e para voltar ao sujeito. Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza – as leis de combinação crescem então com a multiplicidade (op. cit., p. 16).
- d. **Ruptura a-significante:** as linhas do rizoma sempre estão em relação umas com as outras, excluindo a possibilidade do uno e da dicotomia. As linhas de fuga constituem rupturas e o rizoma é, por isso, estranho a qualquer tentativa de *significação e hierarquia*. Entre tanto, nos desdobramentos de rupturas na forma de linhas de fuga, as linhas podem reterritorializar o conjunto, já que carregam informações holográficas ou monádicas do organismo como um todo.
- e. **Linhas de fuga ou atrator estranho:** tendência de desterritorialização e reterritorialização que quebra os padrões anteriores. Equivalente, nesta pesquisa, aos processos de produção cultural heterônomas à cultura dominante que se constituem nas experiências e práticas culturais.
- f. **Ressonância:** Equivalente ao *campo morfogénico* ou morfogênico, no qual ocorrem ligações mutuamente estimuladas nas interações e articulações entre subjetividades individuais, grupos ou constelações políticas. Seria a ressonância que estimula a confluência de indivíduos às multidões que emergem do rizoma.

- g. **Mônada:** Numa perspectiva deleuziana, está relacionada a auto-organização, ao dinamismo espaço-temporal, ao sujeito larval, ao “eu passivo”, aos afectos e a pré-atualização.
- h. **Cartografia:** o rizoma não é passível de ser justificado por nenhum modelo gerativo ou estrutural. Ele “é estranho a qualquer ideia de eixo genético ou de estrutura profunda (DELEUZE & GUATTARI, 2000, p. 21). A cada mudança de novas linhas territorializantes ou linhas de fuga, o mapa do terreno muda e uma nova cartografia se faz necessária. Daí resulta que, na sua relação com a realidade, “o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (op. cit., p. 22). A cartografia é o oposto ao decalque, ou decalcomania, em que as imagens são copiadas e reproduzidas como cópias.

São a partir destes princípios que a noção de rizoma se opõe a de sistema, cuja caracteriza fundamental é sua forma arborescente de um discurso organizado e autoexplicativo a mobilizar conceitos a partir de um elemento radical. Toda construção categorial e simbólica do sistema retorna ao conceito-raíz que o sustenta e mantém em funcionamento. É precisamente sobre este ponto que Deleuze e Guattari argumentam que na sociedade contemporânea não pode mais ser concebida como um sistema arborescente, mas sim como um sistema rizomático. Nesta perspectiva, a rede de movimento antissistêmicos coaduna-se ao sistema rizomático, enquanto a cultura dominante capitalista, pode ser considerada como sistema arborescente, cujo cerne é consubstanciado pelo capital e a cultura moderna do “valor material” (Sahlins, 2013).

Aprofundando a questão, no sentido de aproximá-la das formas assumidas pelos movimentos sociais em rede, especialmente pelos modos de existência e pela filosofia política Novad, é preciso levar em conta que o sistema rizomático deleuze-guattariano se desenvolve em um plano de imanência onde existe o “corpo sem órgãos”. Neste plano virtual, tal qual a “substância” de Spinoza, a diferença é concebida como pura, a velocidade, infinita e a liberdade, plena. O plano onde se desenvolve o sistema rizomático, é onde coexiste o caos, que não pode ser concebido sem ele. Esta concepção filosófica se aproxima bastante do Taoísmo, onde este plano seria o próprio “*tao*”. Neste cenário rizomático, é onde se desenvolvem as multiplicidades, em sua plena heterogeneidade, que, segundo Nelson Job (2007), constituem:

séries disparatadas, conceitos, objetos parciais, eventos ideais, *singularidades nomádicas*, atributos noemáticos⁶⁰ e essências vagas: entendida como substantivo, não como atributo ou adjetivo. Diferença de diferença produzindo divergência e descentramento (p. 41).

Para os Novads, cada indivíduo é fundamentalmente uma singularidade, especialmente, nomádica e a convergência de feixes de subjetividades em eterno processo de construção ontológica, a qual deveria ser livre, como o plano deleuze-guattariano. As linhas de fuga do rizoma, que desterritorializam, o organismo, representam a forma nomádica do sujeito criativo e consiste no processo que a comunicação de séries divergentes. É o processo de livre criação que enfrenta o que é rígido. No taoísmo, é caminho do Tao (energia universal que se consubstancia, neste caso, nos indivíduos) que se manifesta entre o *rígido* e o *flexível*, o *luminoso* e o *obscuro*, o *criativo* e o *receptivo*. Segundo de Landa (1997), este conceito tem ligações com o de *atrator estranho* na teoria do caos⁶¹.

O *rizoma*, portanto, no esforço de ampliação categorial desta pesquisa, é a forma ou modalidade que as redes assumem em um determinado momento das mobilizações, especialmente no início. Esta forma emancipatória e transformadora carrega consigo a potência do devir, de onde e para onde fluem o radical das subjetividades no “plano”, até a configuração do projeto coletivo do “corpo sem órgãos”, que tem sua gênese nas linhas de fuga desterritorializando a *multidão* indignada e, por conseguinte, reterritorializando-a por “gravidade” ou divergência político-identitária, em pequenas ou gigantescas *constelações*. Estas são grupos sociais político-identitários que se configuram na experiência do ato fundacional da *forma rizoma* da rede de movimentos, normalmente quando ocorrem as revoltas das multidões.

Nesta forma começam a ser constituídas as teias de significados (Gertz, 1973) e relações que se desenvolvem da *forma ocupação* e culminam gradualmente na *forma constelação*. Os Novads e o Ocupa Sampa são constelações de rizoma primário, o OWS, uma constelação de rizoma secundário, e assim por diante. Tais planos rizomáticos se entrecruzam e sobrepõem mutuamente. As constelações de são ramificações rizomáticas que se aglomeram em torno de

⁶⁰ Noema significa pensamento ou o que se pensa sobre algo e é dito por aproximações, estórias, metáforas, etc.. Edmund Husserl usou noema como um termo técnico na fenomenologia para representar o objeto ou o conteúdo de um pensamento, julgamento ou percepção.

⁶¹ A Teoria do caos consiste em estudos matemáticos que comprovam que existe ordem em sistemas ditos caóticos. O atrator estranho, nesta teoria, pode ser definido como o comportamento que um sistema dinâmico que independentemente do ponto de partida, tem a tendência para convergir para um ponto. Este sistema caótico é considerado imprevisível, porém ocorre o fato estranho: ao mesmo tempo que o sistema é caótico, paradoxalmente converge para um atrator determinado. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_do_caos#Atrator_estranho

uma visão de mundo aproximada, e que podem ou não construir uma filosofia política que desdobra-se em um projeto político.

Portanto, tais formas ou modalidades das redes de movimentos antissistêmicos não podem ser concebidas em série ou linearmente, mas multidimensionalmente, ocorrendo ao mesmo tempo em diferentes níveis de intensidades coexistindo em diferentes espaço-temporalidades. Na medida em que vai se desconfigurando a forma rizoma, se reconfigura a forma ocupação e vice-versa. Só então aparecem as condições para se configurarem as formas diásporas. Contudo, ao desenvolverem-se as formas rizoma, ocupação e diáspora vão se consolidando as constelações, de maneira multidimensional, desde o início do processo rizomático. As constelações podem existir antes, durante e depois de tais formas, mas são reconfiguradas por elas.

Do conceito de massa ao de multidão

A noção de “massa” para designar um número de indivíduos aglutinados por algum motivo, tem sua história no campo das ciências sociais. Contudo, esta categoria não contribuiu para a reflexão sobre os fenômenos de revoltas do precariado nos países em que ocorreram, conforme se apresentam nas manifestações dos indignados europeus, dos *occupies* norte-americanos ou dos ocupas brasileiros.

Adorno e Horkheimer (1978) sustentam que o conceito de “massa”, largamente utilizado como chave para a interpretação e compreensão do “nosso tempo”, consiste em um fenômeno moderno, relacionado de modo específico com as grandes cidades e com a atomização do indivíduo. Sighele (1954) desenvolve uma teoria sobre crime de massa na qual aborda a violência coletiva da plebe, as guerras operárias e as revoltas populares. Nesta acepção conceitual o elemento central é a cegueira coletiva, a histeria provocada pela sugestão levada a cabo por “hipnotizadores” e condutores das massas. Já Gustave Le Bon utiliza o termo multidões como sinônimo de massa, carregado da conotação de homogeneidade e da ideia de corpo único.

Em *A psicologia das multidões*, Le Bon destaca, em seu ufanismo modernista do “progresso civilizacional” o perigo da dimensão revolucionária das “multidões” frente aos “Impérios” – no sentido clássico – que, pela ação coletiva revoltosa de trabalhadores, foram destituídos de seu poder:

o advento das classes populares na vida política, quer dizer, sua transformação progressiva em classes diretoras, é uma das características mais salientes de nossa época em transição. (...) Hoje as reivindicações das multidões se apresentam cada vez com maior força, pretendendo destruir por

completo a sociedade atual para levá-la ao comunismo primitivo, que foi o estado normal de todos os grupos humanos de outrora na civilização. (...) Pouco aptas para a reflexão, as multidões são, pelo contrário, muito aptas para a ação (Le Bon, 1947, p. 17-8).

Como negativa às argumentações de Le Bon e Sighele, Gabriel Tarde, em um texto intitulado *As leis da imitação* (1890), sustenta uma posição distinta de seus antecessores, defendendo que conceito de “massa” um conceito ultrapassado e que a sociedade de sua época estaria entrando na “era dos públicos”. Tarde nega uma abordagem geral e topológica da ação social, tal como concebidas por Durkheim ou Weber, e esboça uma microssociologia que concebe o indivíduo como um *locus* inquieto de interação, imerso em uma *rede social*, num movimento de fluxo contínuo de ideias e inovações. Neste sentido, Tarde se aproxima mais da sociologia de Georg Simmel, que confere maior ênfase a uma sociologia da vida cotidiana, em detrimento de uma abordagem positiva em que o indivíduo aparece como derivação dos fenômenos sociais. É sobre esta noção de sociedade na microssociologia de Tarde, que Guilles Deleuze e Bruno Latour (2007) desenvolvem com a metáfora rizomática que consagrou a criação de uma teoria dos atores em rede. Essa visão tardiana da realidade social foi desenvolvida em paralelo ao trabalho de Durkheim, cuja herança intelectual prevaleceu como originária da sociologia. Entretanto, para os estudiosos contemporâneos na teoria dos atores em rede a obra de Tarde é fundamental e vem sendo retomada para o desenvolvimento de novas abordagens no campo das ciências sociais.

Um dos entendimentos de Tarde é bastante fecundo para compreender o ethos Novad ou o comportamento de atores sociais em rede, já que para o autor a individualidade coincidente com a subjetividade como uma entidade mental inteligente, por onde passam fluxos de inovações e as imitações. A multidão, nesta perspectiva, assume as características de mobilidade, organizando-se em diversos movimentos sociais, sendo o primeiro estado em que a sociedade se apresenta, depois da família.

Em “Império”, de Michael Hardt e Antonio Negri (2005) terminam o livro com uma visão utópica da “multidão contra o Império”. O cenário contemporâneo onde se desenvolve essa nova forma de guerra empreendida pelo Capital e as elites que o representam, resultaria em um o poder constituinte das “massas” desejantes contra esta nova forma de soberania global elitizada. Algumas questões ficaram deliberadamente por responder, principalmente, o problema de saber de que maneira a multidão constituiria a si mesma como sujeito político no século XXI. Uma das maiores críticas ao conceito de multidão é que este pareceu pouco definido, fluido e poético demais.

Como resposta às críticas sobre o conceito de multidão, os autores produzem o livro *Multidão: guerra e democracia na Era do Império* (2005), no qual desenvolvem a questão. Para Negri e Hardt a tarefa primordial de Multidão é reconceitualizar o conceito de democracia, e um dos aspectos mais poderosos de seu trabalho a possibilidade de democracia numa escala global. Para se alcançar tal objetivo de reinventar a democracia sob novos fundamentos, mais radicais, a “multidão” precisa enfrentar o biopoder e eliminar a separação entre o social e o político, conforme destacam Negri e Hardt:

Um aspecto da reinvenção atual da democracia é a necessidade de destruir a separação entre a sociedade civil e o Estado ou, para dizê-lo em termos diferentes, a separação entre o social e o político. Esse é um projeto de longo prazo da tradição marxista, frequentemente expresso na própria obra de Marx. Hoje, contudo, parece finalmente existir as condições para destruir essa separação. As condições estão dadas pela própria natureza da crise contemporânea. De fato, a passagem à pós-modernidade política e o reconhecimento prático do biopoder e da biopolítica têm um papel-chave para ir além da separação burguesa entre social e político. Por um lado, o capital contemporâneo precisa seguir esse processo porque, na sua forma de biopoder, precisa explorar o social diretamente através do poder político. Por outro, o processo de formação da multidão está profundamente envolvido com a destruição dessa separação. Mas esse estreitamento pode acontecer de várias maneiras e isso não resulta necessariamente numa unidade. Na verdade, para a multidão não é essencial que isso resulte numa unidade (2006, p. 99).

O conceito de multidão pretende repropor o projeto político de luta de classes lançado por Marx" (2005, p. 146). O debate sobre o conceito de multidão em Negri e Hardt se aprofunda na questão da produção do trabalho imaterial em articulação com a questão da produção de mercadorias em Marx. Os autores assumem uma postura semelhante à de Mészáros que, no livro *Para além do Capital* (2002), estabelece o objetivo de continuar e completar a arquitetura de Marx sustentam a argumentação de que a centralidade da questão do trabalho imaterial no debate sobre as contradições do capitalismo contemporâneo, demarcando a era da biopolítica, não nega a teoria marxista, mas a reforça sob novas perspectivas.

No conceito de multidão cabem múltiplos sujeitos sociais explorados economicamente e oprimidos socialmente: operários industriais, proletários, camponeses, trabalhadores por conta própria, desempregados, subempregados, a classe que vive do trabalho, trabalhadores flexíveis dos trabalhos imateriais e trabalhadores imateriais. A menção deste último grupo requer que seja explicitada a noção de trabalho imaterial, uma categoria imprescindível para o raciocínio e repleta de controvérsias. O trabalho imaterial compreende os trabalhos que resultam em produtos imateriais, nas palavras de Negri e Hardt:

Mesmo as massas de trabalhadores das indústrias do aço e automobilística, que apoiaram a organização coordenada do trabalho industrial, criaram comunidades tanto no processo produtivo quanto nas greves: afetos e inteligência produtiva caminharam juntos com a faina diária do processo

produtivo. Entretanto, o que é diferente hoje, na era da produção biopolítica, é que a invenção intelectual e/ou afetiva se tornou a fonte principal de valor e riqueza na sociedade. Ou seja, algo que sempre existiu, assumiu hoje posição dominante. (...) nós estamos inclinados a redistribuir os papéis históricos a partir de nosso atual ponto de vista – algo parecido ao que Marx disse na introdução aos Grundrisse: a anatomia do homem tem a chave para a anatomia do macaco. Precisamente por causa do domínio da produção imaterial, a tendência hoje é ver isso de modo mais claro. Justamente porque esse trabalho imaterial produz relacionamentos e a vida social de maneira direta, podemos ver, com clareza inédita, que o alvo do capital é realmente a produção de relações sociais. A produção de mercadorias materiais – como geladeiras, carros e soja – são na verdade apenas estágios intermediários no processo produtivo. Os objetos reais são as relações sociais que essas mercadorias materiais criam ou facilitam. Do ponto de vista de uma economia dominada pela produção imaterial, podemos ver isso com nitidez. Olhando retrospectivamente, podemos reorientar nossa história na direção desse reconhecimento (2006, p.104).

A tese do trabalho imaterial não se descola da teoria do valor trabalho. Ao contrário, conforme defende Dal Rosso (2006) “expande-a, alarga-a e permite alcançar as bordas de ação do ser humano em suas capacidades físicas, intelectuais e afetivas, retendo no cerne a proposição de que em torno do trabalho travam-se as lutas sociais” (p. 795).

Negri e Hardt (2005) afirmam que a multidão é "formada por todos aqueles que trabalham sob o domínio do capital, e, assim, potencialmente como a classe daqueles que recusam o domínio do capital" (p. 147). A questão da “multidão” como sujeito histórico revolucionário desperta controvérsias vicerias entre pensadores estruturalistas e pós-estruturalistas e entre os críticos da noção de “pós-modernidade”. Essa noção ampla incorpora os sujeitos sociais envolvidos com o trabalho, qualquer que seja seu tipo.

Todavia, é bem verdade que a questão da multiplicidade dos sujeitos políticos articulados em rede e suas práticas culturais possibilitam um paralelo teoricamente fértil para a compreensão explicação do fenômeno. Na medida que há uma proliferação de dinâmicas e práticas culturais que valorizam a multiplicação de subjetividades políticas coexistindo em meio aos dispositivos do biopoder do capital, o conceito de multidão. Negri e Hardt delineiam alguns aspectos neste sentido, dialogando entre a abordagem marxista e foucaultiana, quando se referem a ilusão de unidade transcendental como essencial ao funcionamento de multiplicidade imanente real para a construção do poder constituinte:

a questão é muito sutil e propõe um compromisso interessante entre reconhecimento teórico (da multiplicidade) e necessidade política (de unidade). Apesar disso, não estamos convencidos da necessidade de um sujeito político unitário. Talvez o advento do "para si" da multidão seja apenas a explosão definitiva da unidade ontológica que todos os conceitos do político – conceitos de autoridade, soberania e de sujeito – tentavam expressar. Parece-nos, hoje, que importa menos procurar o tipo de garantia fornecida pela unidade, e até mesmo pela aparência dela, do que enfatizar os riscos, as incertezas e as possibilidades da atual situação.

O conceito de multidão propõe aspectos teóricos que são bastante fecundos no contexto da pesquisa realizada, principalmente na medida em que se procura estabelecer sua relação com as formas assumidas pela rede de movimentos antissistêmicos na sociedade contemporânea.

Quando a multidão experimenta a diáspora: relato etnográfico da primeira batalha da Arena Castelão

O conceito de rizoma assume como um de seus atributos constituintes a noção de **ressonância**, que se manifesta por meio de movimentos forçados e de ligações mutuamente estimulada. Para De Landa (1997), a ressonância é o que alguns cientistas chamam de *campo morfogenético*⁶², que consiste em um catalizador: é o momento da convergência. Deleuze afirma que é fundamental para compreender o conceito de ressonância porque é a “fase do devir que conduzirá a novas operações” (DELEUZE, 2006). Uma das características marcantes que se desenvolvem na forma rizomática da rede de movimentos antissistêmicos, é a violência desencadeada contra a multidão que resulta das ações diretas no *plano do rizoma*.

Em uma das manifestações ocorridas no Brasil nos protestos de junho de 2013, eu estava lá presente, como pesquisador, junto de minha companheira e de muitos amigos universitários, senhores de idade, jovens e adolescentes. Particpei de várias manifestações em Fortaleza, mas duas delas foram bastante marcantes, pela quantidade de participantes e pela violência com que o aparato repressivo do Estado reprimiu a multidão. Este relato etnográfico, produzido no calor dos acontecimentos – quando o corpo e o espírito ainda sentiam as dores da repressão do Estado – bem simboliza o momento em que o *rizoma* conflui em *multidão*, despertando a atenção do Estado, que atua por meio da polícia militar, com táticas de guerrilha urbana.

O movimento no Brasil, que iniciou em junho de 2013, em São Paulo, difundiu-se para o resto do país, representou uma amplificação exponencial das tentativas dos grupos conectados à rede Occupy. As constelações do Ocupa Sampa e outros desde 2011, passam a estabelecer interligações com outros grupos brasileiros que começam a surgir do rizoma de indignação que se espalhou dois anos depois no Brasil.

⁶² Os *campos morfogenéticos* ou *campos mórficos* são campos que levam informações que são utilizáveis através do espaço e do tempo sem perda alguma de intensidade depois de terem sido criados. Eles são campos não físicos que exercem influência sobre sistemas que apresentam algum tipo de organização inerente. A teoria dos campos morfogenéticos foi desenvolvida pelo biólogo inglês Rupert Sheldrake em seu livro *Uma Nova Ciência da Vida* (1981).

Em um dos diálogos com Atchu, este ocorreu um dia após a minha participação em uma manifestação na Avenida Alberto Craveiro, em Fortaleza, articulada pelo movimento “Mais Pão Menos Circo”, que mobilizou pessoas pelas redes sociais a protestar contra os altos gastos na Copa das Confederações, em ressonância com os protestos que tomavam o país. Em um momento do diálogo, a conexão cai e, quando retoma Atchu mostra-me um vídeo da manifestação da qual participei. Neste dia eu minha companheira e muitos amigos estavam na linha de frente esquivando-me das balas de borracha e das bombas de gás lacrimogêneo. Esta Manifestação ocorreu na tarde do dia 19 de junho de 2013, e, segundo estimativas dos movimentos haviam cerca de 80 mil pessoas, mas segundo as estimativas da polícia, somente 10 mil.

Aos cantos de “Sem violência. Deixa passar, deixa passar. O povo está unido e o Brasil vai melhorar”, e quem já havia alcançado a barreira policial cantava para aqueles que estavam em cima do viaduto: “Você aí parado também é explorado!”. Esta foi a primeira vez que participei de uma manifestação naqueles dias de revoltas de junho no Brasil. Outras vezes vieram, mas este momento foi muito marcante para minha experiência de vida e como pesquisador. Sentir o biopoder do Estado penetrando se corpo na forma de violência policial, infligindo dores e consequências que duraram dias é uma experiência de impotência incomensurável.

Atchu mostra cenas da manifestação, violentamente reprimida pela polícia, neste período quando se intensificaram as disputas pelo real significado do movimento entre aqueles que aceitavam bandeiras e os nacionalistas “coxinhas” e as tendências mais radicais, como anarquistas, Black Bloc e outros. O vídeo mostra estudantes secundaristas animados com os confrontos com o batalhão de choque em meio à multidão! “Vamos enfrentar o batalhão de choque. Pra frente de batalha. É isso aí Brasil, se eu morrer, vocês vão assistir esse vídeo... Olha só o tanto de gente” – cantando e gritando palavras de ordem.

O vídeo mostrava a batalha de guerrilha urbana entre não mais de uma centena de policiais e dezenas de milhares de manifestantes. O jovem estudante estava filmando a si mesmo... sôfrego pelo gás lacrimogêneo e assustado com a violência da reação policial, pula o muro de uma casa qualquer, reaparece diante da sua câmera e diz:

A polícia meteu a chibata em todo mundo aqui! Tive que pular aqui, numa casa de uma senhora véio! Não sei nem de quem é essa casa! Espero que não tenha nenhum cachorro aqui!. [Mesmo assim, ele diz todo empolgado] “Vamos pra frente!” (...) Mas porra de gás lacrimogêneo! Puta que pariu, nunca pensei que essa porra queimasse tanto... Caramba, arde tudo, o cara não consegue puxar o ar, queimou foi tudo. A cara! Não sei... Mas lá fora está um tumulto... uma sacanagem galera! (...) Não dá pra respirar, não dá pra respirar! Eu tava na frente de batalha lá, mas [inaudível] Eu tava na frente,

mas na hora que a gente ia avançar, no caminho, foi levando tiro no couro. Na próxima, amanhã venho de novo! Tomei dois tiros de bala de borracha. Olha aqui galera, entrei no matagal! É isso aí. Vou ficar aqui um tempinho descansando, quando eu tiver com as forças de volta eu vou de novo! Eu volto e vou pra cima! (Anônimo).

Os policiais do batalhão de choque montaram uma armadilha. Um funil. Em três linhas de batalhão de choque. A cavalaria atrás da linha de frente. E como um funil para “surrar” os manifestantes que avançam, apanham, recuam e avançam novamente. Tem uma ponte que afunila todo mundo que pretende avançar. Não tem como passar pelos lados, flanquear os policiais. Eles afunilaram e planejaram uma tática de confronto com os manifestantes. Aí eles abriam para a multidão avançar, e quando a multidão tomava terreno, ia com tudo para a linha de frente, na tentativa de furar o bloqueio, o batalhão de choque lançava bombas de efeito moral e balas de borracha.

Naquele dia de fúria, muita gente acabou no hospital, pelo direito democrático de protestar politicamente. O aparato repressivo do Estado atua com violência sobre a multidão, desterritorializando-a, da *forma ocupação* para a *forma diáspora*. Se bem que esta modalidade de diáspora ocorre apenas nas ações diretas e representa um microcosmo dos processos subsequentes às *formas ocupações*. Há um processo de longa duração que se inicia na dissipação das multidões das ações diretas, se repete nas ocupações e se prolonga por determinado período de tempo até consolidarem-se as constelações políticas. A diáspora do microcosmo da ação direta é uma representação do processo de longo prazo que ocorre pela dissipação das formas ocupação dos ativistas, desterritorializando-os. Há uma inércia que acompanha os fluxos rizomáticos pós ocupação que se expressa nas “gravidades político-ideológicas” que atraem indivíduos para a *forma constelação*. Os pequenos grupos de ativistas que se identificam na forma ocupação e na diáspora, encontram na convivência posterior sua identidade política desdobrada do ato fundador que representou a ocupação. O próximo relato apresenta em maiores detalhes a experiência etnográfica em uma dessas batalhas emblemáticas que vivi, nos caminhos trilhados nesta pesquisa.

4.5.2. *Ocupação: a territorialização do rizoma antissitêmico*

A configuração da forma ocupação do movimento Occupy Wall Street

Após quatro meses de protestos dos indignados, em pleno auge na Europa, nos Estados Unidos, entre os dias 11 e 15 de setembro de 2011, no coração do “Império”, o centro nevrálgico da “Roma” contemporânea – para onde todas as “estradas” do capital fluem e convergem –,

pequenos grupos de jovens anarquistas começam e realizar performances rápidas, na forma de protestos contra o sistema que julgavam responsável pela crise civilizacional. Jez e Atchu estavam no primeiro grupo de anarquistas que fez “um teste” antes que a ocupação realmente tomasse forma. Ainda na forma *rizomática*, são os primeiros tensionamentos materializados na performance que enfrenta o Minotauro global de Wall Street. Bem diante dos olhos do “Império”, alguns pares de ativistas anarquistas experimentam romper os limites da coerção e da repressão dos aparatos do poder estatal através de ações diretas planejadas, com o objetivo de verificar a resposta policial aos atos rebeldes de ocupação de espaços públicos, enquanto atos políticos contra os interesses do capital e do sistema político como um todo.

O discurso de Atchu no Federal Hall, foi um desses momentos de poiesis na forma de indignação. Outros companheiros também discursaram, um a um, por desejo e vontade próprias, espontaneamente movidos pelo ímpeto rebelde que caracteriza o movimento anarquista, mobilizavam suas subjetividades em oralidades, manifestando individualmente sua indignação diante do “Minotauro global”, bem representado pela estátua do touro em Wall Street.

Outros grupos também o faziam, até que, em meados de setembro de 2011, houveram algumas ações diretas pré-OWS, visando de ocupação de Wall Street, que foram mais ou menos reprimidas pela polícia, a depender do terreno e da ousadia dos ativistas. Como uma raiz que força atravessar a passagem árida do tecido social da ordem cultural dominante, a romper lentamente a tessitura do biopoder, as tentativas de ocupação de Wall Street, foram filmadas pelos próprios ativistas. A primeira tentativa efetiva de ocupação resultou na prisão de Atchu, Jez e outros.

O vídeo⁶³ registrou o ato de bravura desse pequeno grupo, antes de que se amplificasse e difundisse o rizoma, que acumula forças para romper de vez a camada superficial que separa a “terra do ar”, a tensão da superfície, de dentro para fora, que “o fungo” experimenta e imprime em resistência antes de eclodir na forma manifestada, visível a todos, como o cogumelo em relação ao radical que o sustenta. Nestes atos de bravura, e outros que se seguiram, é que reside a força do “meme” produzido pela Adbusters. Nas ações diretas, como os atos de bravura dos indignados espanhóis e, antes deles, dos egípcios na praça Tahir. A *raiz* primordial do *rizoma* tem sua gênese no Norte da África e no Oriente Médio, espalha-se para a Grécia e para a Espanha, e depois, para vários países europeus. Com o tempo o rizoma, atravessa oceanos, e já que “todos os caminhos levam à Roma”, chega à sede do “Império”.

⁶³ Disponível em <http://vimeo.com/28045264>

Então, no intento de testar os limites e a reação do “Império” diante das tentativas vindouras de ocupação de Wall Street, Jez e Atchu estavam no primeiro grupo de ativistas a quebrar o tecido social, em uma ação direta que gerou o evento fundacional da *forma ocupação* que se conhece na História como Occupy Wall Street. No dia 22 de agosto de 2011, portanto, três semanas antes da ocupação do Zuccotti Park, o vídeo da ação direta, começa com a imagem de Jez, com sua barba mal feita e óculos, levantando as mãos em um discurso na frente do Federal Hall, diante da estátua de George Washington, que está de frente para a “rua do muro”, Wall Street, onde estão sediadas as corporações que, dali, em poucos edifícios de alguns andares, controlam o sistema financeiro mundial. Atchu, ao lado de Jez, carrega uma mochila nas costas, seu violão nas mãos e um lenço no pescoço. O lenço é um recurso muito utilizado nas manifestações, principalmente, caso a polícia resolva utilizar gás lacrimogêneo e spray de pimenta. Pacatos e destemidos, os dois, aos pés do fundador da república norte-americana, aproximam-se e Jez, em alto e bom tom, com as mãos levantadas, inicia seu discurso denominado “*Pré-Occupy Wall Street: Wall Street são todas as ruas*”⁶⁴:

Eu quero que você vire para aquele despertador ao lado de sua cabeça e quebre a sonolência⁶⁵! Agora olhe para suas mãos! Estas são suas mãos. Eu quero que vocês reconheçam que estas são as mãos, que foram tão gradualmente alienadas de seus próprios corpos. Estas são as mãos que movimentam o mercado. E estas são como aquelas mãos que tomaram nossas ruas e reivindicaram-nas como sua propriedade privada. Wall Street são todas as ruas! Todas as ruas são Wall Street. E quais ruas são todas as ruas? Nossas ruas. Então, qual rua é Wall Street? Nossa rua. Estamos aqui neste momento. É hora de matar aquele que protesta dentro de sua cabeça e diz, estou cansado - aquele que diz: ... fizemos o suficiente ... eu estou cansado ... Estou pronto para tirar meus sapatos... mas os sapatos não são tirados antes das luvas! Você não quer estar dormindo quando a rEvolução chegar. Você não quer estar a olhar para as suas mãos quando a rEvolução chegar. Você não quer descobrir que você não pode vê-los, porque você está dormindo, porque você está numa terra de sonhos felizes. Estamos aqui para humanizar o mercado. Estamos aqui para superpopular este sistema. Estamos aqui para falsificar a sua moeda. Por isso, muitos de nós aprendemos muito desta vida, aprendi a temer nossos próprios sonhos. A verdade é que tudo isso é apenas um sonho. Estamos sonhando juntos. Diga a Wall Street! [tradução do autor⁶⁶] (Jez, 2011).

⁶⁴ Pré-Occupy Wall Street: Wall Street is All Streets.

⁶⁵ Snooze é um termo polissêmico que pode significar sonolência, soneca, dormência ou o botão do despertador que adia o despertar, quando se quer dormir mais um pouco.

⁶⁶ “I want you to turn to that alarm clock next to your head and BREAK the snooze! Now look at your Hands! These are Your Hands. I want you to recognize that these are Your Hands, which have been oh so gradually alienated from your own bodies. These are the Hands that move the Market. And these are like those hands that have taken our streets and claimed them for their private property. WALL STREET IS ALL STREETS. ALL STREETS ARE WALL STREET. And whose streets are ALL STREETS? OUR STREETS. So whose street is WALL STREET? Our street. We are here RIGHT NOW. It's time to kill the Protestor inside your head who says, I'm tired - the one who says: ...we have done enough...i'm tired...I'm ready to take off my shoes... But the SHOES don't come off before the GLOVES! you don't want to be sleeping when the rEvolution comes. you don't want to

A mensagem do protesto é direcionada a todos que sustentam e mantêm o sistema do capital em funcionamento. Ou seja, todos nós! A cultura dominante que promove a alienação das mãos, que simbolizam a “ferramenta” de trabalho por excelência do ser humano. É a alienação do *trabalho concreto* que é subsumido pelo *trabalho abstrato* (Marx, 2002). Jez Bold coloca em questão a cultura dominante com um gesto aparentemente singelo, mas que, ao mesmo tempo, demonstra uma profunda compreensão das contradições e do processo de alienação que é produzido nas relações de produção e reproduzido por cada um, em sua alienação, em sua “sonolência” crítica. É um alerta para toda a sociedade de que a “rEvolução” está a caminho e que é preciso acordar, pois quando ela chegar, “você não vai querer estar dormindo”. Essencialmente, é o questionamento da relação duvidosa entre o público e o privado e das formas de apropriação do eu é público, bem simbolizado pela “rua”. A “rua” de Wall Street, não é das corporações, mas dos cidadãos. As ruas que iriam ser *ocupadas* por aqueles que de fato são seus proprietários por direito, ou seja, “ninguém” e para que o sejam “todos”.

O discurso também constitui um enfrentamento do “Império” pela performance individual e coletiva. Um pré-teste, um exercício da verdadeira ocupação que viria a ocorrer três semanas mais tarde. Duas pessoas falavam e um terceiro filmava a ação direta daquela *microconstelação* política. Estava se conformando ali o rizoma da *constelação Novad*, mais do que isso, o que se passara ali era um ato seminal do microcosmo do que viria a ser o movimento na *forma ocupação*. As pessoas tiveram as mais diversas reações, que transitavam entre o deboche, o desprezo e o apoio passivo. Ao terminar o discurso Atchu e Jez bradavam “Tell Wall Street” (Diga a Wall Street), como um claro aviso do que estaria por vir.

Este evento é bastante significativo para elucidar e deixa mais clara a relação entre a *forma rizoma* e a *forma ocupação*. A ação direta de Atchu e Jez, pode ser identificada com o que Deleuze e Guattari denominaram de “linha de fuga”, ou, na teoria do caos, um “atrator estranho”. No rizoma que consiste nas formas normais de comportamento da cultura dominante, Jez e Atchu, encarnam as subjetividades individuais que se desenvolvem em linhas de fuga do “rizoma da cultura dominante” que existe no *plano* deleuze-guattariano em que o rizoma principal da sociedade capitalista se desenvolve, justamente aquele ao qual o discurso de Jez se dirige.

be looking for your Hands when the rEvolution comes. you don't want to find out that you can't see them because you're sleeping, because you're in happy dream land. We're here to humanize the market. We're here to overpopulate this system. We're here to falsify their currency. So many of us have learned too much from this life, learned to fear our own dreams. The truth is, this is all just a dream. We are dreaming it together. TELL WALL STREET!”

Apesar de Jez e Atchu e seus amigos de luta estarem no interior do rizoma produzido pelo capital, suas ações estão se desenvolvendo em bifurcações de linhas de fuga, que pertencem a um rizoma heterônimo, antagônico ao do sistema. Seu “DNA” é outro, apesar de estarem hiperconectados e partilharem ancestrais históricos comuns, o rizoma antissistêmico é concorrente do rizoma do capital no ecossistema das relações sociais, culturais, econômicas e ambientais. As linhas de fuga que são as primeiras a se *desterritorializarem*, buscando outro terreno para uma nova *territorialização*, que viria a ocorrer justamente no centro do rizoma matricial do capital, que é imanente e convergente em Wall Street. Um rizoma concorrente ao do capital no ecossistema das relações sociais contemporâneas, agora estava iniciando sua tentativa de erupção de resistência das linhas de fuga de um rizoma de outra espécie que penetra no âmago do rizoma do capital, procurando reterritorializá-lo.

Outra ação direta pré-OWS, ocorreu no show do Manu Chao⁶⁷ em Nova York. Neste ato o próprio cantor aceita o pedido para fazer o chamamento para a ocupação de Wall Street, provocando a multidão: “nós vivemos em uma democracia! Eu digo Occupy, vocês dizem Wall Street”. Então Manu grita “Occupy” e a multidão responde “Wall Street”. O chamamento se repete várias vezes, incitando a multidão.

Uma outra ação direta da forma rizomática da constelação Novad – ainda na forma germinal, com pouca “gravidade” político-ideológica – que assumiu a função de linhas fuga do rizoma-matriz, na tentativa de territorializar-se na *forma ocupação*, ocorreu em Wall Street, alguns dias antes do evento da ocupação, agendado para o dia 17 de setembro. Um grupo de seis pessoas, entre elas Jez e Atchu, resolveram experimentar a intensidade da resistência do Estado e da polícia, fazendo um piquenique em frente ao Federal Hall, no meio da rua/calçada de Wall Street, onde transitam apenas pedestres.

No vídeo⁶⁸ que registrou a ação, Atchu estava com uma touca de papai Noel, bermudas, suspensórios, uma camiseta da New York University e com seu violão. Outro integrante do grupo estava fantasiado como um urso panda, com o rosto à amostra. Uma das integrantes do grupo estava com sua filha, uma criança de colo em seu carrinho, ao lado de várias mochilas no chão. Num primeiro momento o grupo fez uma roda, e logo chegou um policial para saber

⁶⁷ Manu Chao (nascido em Paris, em 21 de junho de 1961), cujo nome completo é Jose-Manuel Thomas Arthur Chao é um músico francês, que canta músicas em espanhol. Manu montou o Mano Negra, uma banda eclética com influências de música francesa, espanhola, além da forte presença do punk. O nome é uma homenagem a uma organização anarquista que operava na Espanha na época.

⁶⁸ Disponível em <http://khmertube.khmerelite.ws/index.php/view/cryky07Leds&searchsub=Pre-Occupy%20Wall%20Street:%20Picnic%20On%20The%20Wall>

o que aquilo significava, alertando sobre as consequências que poderiam acarretar qualquer ação “ilegal” do grupo.

Neste momento o grupo argumenta que está em espaço público, e tem o direito de estar ali. Então após o policial fazer uma ligação ele sair de perto do grupo que simulava uma rodada de alongamentos em um círculo. O grupo começa discutir sobre a atitude policial entre si, argumentando que estão dentro da legalidade. Um dos membros do grupo veste uma camiseta com a frase “ricos também roubam”. Depois de um tempo de performance simulando de Yoga, o grupo avança mais profundamente nas linhas de fuga rizomáticas de sua ação direta na tentativa de territorializar-se em Wall Street.

Atchu e mais uma pessoa, sobem no platô que sustenta a estátua de George Washington, e abraçados, falam aos transeuntes, gesticulando. O vídeo é cortado e retoma quando o grupo já estava sentado, em círculo, no meio da passagem de Wall Street, no lugar determinado para o piquenique. Atchu está tocando bossa nova e samba para o grupo, enquanto alimentos, incluindo pizza, uvas e bananas, estão dispostos sobre o tapete que antes era usado para “fazer Yoga”.

Um jovem que passava se junta ao grupo. Em um determinado momento, Atchu levanta-se com o violão, ainda cantando, e começa circular o grupo, ampliando o campo de ação no espaço. Atchu grita: “pessoas antes do lucro!”⁶⁹ e, bem ao modo poeiris de interação, outro começa a cantar um refrão “dívidas ou bananas, dívidas ou bananas...”. Alguém que passava na rua, um jovem, escolhe bananas e as come, num ato simbólico.

Neste ponto da ação direta, as pessoas começavam parar para assistir a performance de protesto do grupo. Bem mais à vontade no processo de territorialização, o rizoma antissistêmico consubstanciado pelo grupo em sua ação, contava agora com mais espaço, onde as mochilas estavam abertas, apetrechos dispostos ao chão, ao redor dos quais o grupo permanecia convivendo naquele período de tempo. Ao final do vídeo, que foi difundido pelo ciberespaço, o grupo deixa sua mensagem, como resultado do teste pré-Occupy, àqueles que desejavam territorializar-se na forma ocupação planejada para o dia 17 de setembro:

dessa vez nós fomos bem sucedidos em tomar nosso espaço. O departamento de polícia de Nova York pareceu incomodada em nos deixar em paz. Mais atos de humanização de Wall Street estão por vir... #ocupewallstreet# 17 de setembro [tradução do autor⁷⁰].

⁶⁹ “People before profit”!

⁷⁰ This time we successfully took our space. NYPD seemed to care to live us alone. More act of humanization of the Wall Street are coming...#occupywallstreet# September 17th.

Assim, o fenômeno da ocupação vai tomando sua forma, a partir dos rizomas que se desenvolvem nas linhas de fuga de um processo que, primeiro deve desterritorializar-se, pois os ativistas precisam deixar o conforto dos espaços de convivência convencionalmente utilizados pelo grupo e depois, realizar o movimento de reterritorialização, normalmente com alguma resistência do plano espaço-temporal onde as linhas de fuga se espalham.

Em uma outra ação direta, realizada em 1º de setembro de 2011, um grupo de pouco mais de dez pessoas, entre as quais estavam Atchu e Jez, resolveram realizar uma tentativa de acampar em frente ao Federal Hall, sob os pés de George Washington. O vídeo⁷¹ inicia com o grupo sentado antes de iniciar a ação direta. Algumas mochilas com colchonetes e o violão de Atchu, fizeram parte da cena. Sentados no mesmo local que haviam, realizado o primeiro teste em uma semana antes, começaram uma a tocar violão e atabaque, conversar, ir ficando por ali.

O vídeo exibe a explicação da ação: “em 1º de setembro de 2011, nós, um *grupo de indivíduos*, tentamos passar a noite em Wall Street, em uma demonstração pacífica para reafirmar nosso direito constitucional” [tradução do autor⁷²]. Mas após algum tempo a polícia chega e o grupo começa a argumentar sobre seus direitos de estarem em via pública, uma discussão começa, entre Jez e o policial, que entra na argumentação. O diálogo gira em torno da primeira e segunda emendas da constituição norte-americana. Em uma altura do debate acalorado, o policial reconhece o direito, mas alerta que eles não poderiam estar bloqueando a passagem, e Jez responde que eles é que estavam bloqueando sua livre passagem.

O teste realizado pelo grupo, fez com que uma questão legal viesse à tona. De acordo com uma decisão do tribunal distrital de Nova York, no ano de 2000, “a Constituição dos Estados Unidos não autoriza a cidade a impedir que um protesto político ordenado use o passeio público como meio de expressão simbólica” [tradução do autor⁷³] (SCHNEIDER, 2011), no entretanto estruturas de montagem rápida não são protegidas por esta decisão. Assim, como desfecho deste teste pré-Occupy todo mundo acaba sendo preso por não concordar em sair do local. Esta foi a primeira prisão registrada de manifestantes, que provavelmente, naquela altura dos acontecimentos, não tinham a noção das proporções que o movimento iria assumir nos Estados Unidos.

⁷¹ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=ayUGOGFaCs8&feature=player_embedded

⁷² “September 1th, 2011. We, a group of individuals, attempted to spend the night on Wall St in a peaceful demonstration to confirm our constitutional rights”

⁷³ “the United States Constitution does not allow the City to prevent an orderly political protest from using public sleeping as a means of symbolic expression”.

No centro nefrálgico da “Roma contemporânea”, a ramificação-matriz do “Império” para onde “todas as estradas levam”, constitui, nos termos deleuze-guatarianos, o *sistema arborescente*, que, nesta analogia, tem no capital o seu entroncamento central. Este entroncamento converge para Wall Street, contudo a forma rizoma dos movimentos antissistêmicos, nas suas linhas de fuga, consegue iniciar o processo de territorialização no plano arborescente do capital, procurando desterritorializá-lo, como em uma concorrência ecológica pelo domínio do terreno.

A partir dessa perspectiva, a *forma ocupação* da rede de movimentos antissistêmicos inicia sua configuração ainda na *forma rizoma*, acumulando forças, testando terreno, enfrentando resistências, até conseguir fincar algumas ramificações que se multiplicarão no espaço social reterritorializando-se. A esta territorialização rizomática, temporária ou permanente, realizada por indivíduos e grupos sociais hiperconectados em uma rede ou teia antissistêmica e anticapitalista, configura o que, nesta pesquisa, estou denominando como *forma ocupação* dos movimentos antissistêmicos.

Estes processos de ramificação e territorialização da *forma rizoma* na *forma ocupação* da rede de movimentos antissistêmicos, ocorreram de acordo com suas especificidades, na Praça Tahir no Cairo (dezembro de 2010), na Praça Sintagma, em Atenas (março de 2011), na Puerta del Sol, em Madri (maio de 2011), no Rothschild Boulevard, em Israel (julho de 2011), no Zuccotti Park, em Nova York (setembro de 2011), nas ruas da Catedral de São Paulo, em Londres (outubro de 2011), no Vale do Anhangabaú, em São Paulo (outubro, de 2011), só para ficar em algumas das mais significativas, daquele período. Em cidades dos cinco continentes houveram ocupações que duravam meses em centenas de cidades ao redor do mundo. Na Inglaterra, a ocupação durou de outubro de 2011 a julho do ano seguinte.

Nos Estados Unidos, a esta altura dos acontecimentos, pouco antes de se iniciarem os fluxos rizomáticos para o evento da ocupação, o chamamento para a ocupação de Wall Street, bem representado pela difusão do “*meme*”⁷⁴ da Adbusters⁷⁵, foi criado por Micah White, com

⁷⁴ Termo criado por Richard Dawkins, em 1976 no seu best seller *O Gene Egoísta*. É, para a memória a sua unidade mínima, análogo ao gene na genética. É considerado como uma unidade de informação que se multiplica de cérebro em cérebro ou entre locais onde a informação é armazenada e distribuída. No que diz respeito à sua funcionalidade, o meme é considerado uma unidade de evolução cultural que pode, de alguma forma, autopropagar-se. Os memes podem ser ideias ou partes de ideias, línguas, sons, desenhos, capacidades, valores estéticos e morais, ou qualquer outra coisa que possa ser aprendida facilmente e transmitida como unidade autônoma. O estudo dos modelos evolutivos da transferência de informação é conhecido como memética. Os memes são largamente utilizados como recursos de difusão nas redes sociais, como instagran, facebook, entre outros. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Meme>

⁷⁵ Adbusters é uma organização sem fins lucrativos anticonsumista, fundada em 1989, por Kalle Lasn e Bill Schmalz, em Vancouver, Canadá. Eles se autodescrevem como “uma rede global de artistas, ativistas, escritores,

os dizeres “Qual é a sua demanda? #occupywallstreet. 17 de setembro. Traga barraca”, conforme imagem abaixo:

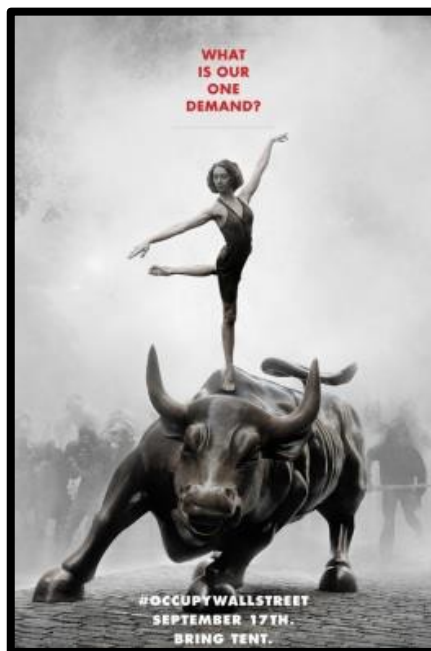


Figura 1. Meme produzido pelo Adbusters

Perceba-se que a imagem memética, somada ao chamado, por si mesma, é extremamente simbólica e representa fortemente o sentimento de repor a centralidade do ser humano ao sistema, em detrimento do capital financeiro, desdobrando nas subjetividades que interagem com ela, novos horizontes de possibilidades emancipatórias, chamando para a ação direta. A bailarina desenvolvendo sua performance sobre a cabeça do touro de Wall Street, coloca o humano acima do capital, em sua plenitude expressiva, em sua arte rebelde, pacífica e ressignificativa o sistema.

O “Minotauro global”, dominado por “uma demanda”, tornada pública por cada indivíduo, a seu modo, em sua performance individual, em meio à multidão que iria convergir para aquele espaço público que simboliza o “Império”. É uma convocatória que sintetiza um sentimento generalizado, de indignação, e que mobiliza as subjetividades que presenciavam de longe as ocupações e marchas das multidões indignadas na Europa, bem representada pelos espanhóis que ocuparam a Puerta del Sol por alguns meses. Contudo, é preciso ponderar até que ponto a força do *meme* não advém das ações diretas realizadas pelo grupo que mais tarde

se tornaria os Novads e de outros tantos anônimos que respondiam ou antecipavam a ação direta da multidão que viria.

De todo modo, as tentativas de ocupação de Wall Street no período pré-OWS, não lograram sucesso, no sentido de territorializar-se o rizoma naquele local. Atchu e outros ativistas acabaram sendo presos em uma dessas tentativas de ocupação – as primeiras prisões que ocorreram na história do movimento –, fazendo com que os grupos pioneiros que seguiam as linhas de fuga do rizoma, mudassem de tática, alterando o foco da territorialização para o Zuccotti Park, nas proximidades de Wall Street. No dia 17 de setembro seria iniciada a ocupação do Zuccotti Park.

Estima-se que cerca de 1.000 pessoas se reuniram no primeiro dia. Os agentes do Departamento de Polícia de Nova York proibiram os manifestantes de armarem barracas, citando regras de permanência prolongada. Isso levou as pessoas a marcharem em protesto por Wall Street e deslocar ao foco da ocupação para o Zuccotti Park. Neste momento, o plano espaço-temporal do rizoma se territorializa na forma ocupação, em sua dinâmica própria de convivência coletiva na forma de acampamento temporário.

A ocupação de espaços públicos e privados, realizada por movimentos sociais, historicamente, constitui uma das formas de ação estratégica bastante utilizada, geralmente, visando ampliar a visibilidade sobre problemas sociais e demandas políticas de determinado grupo social, classe ou segmento populacional. Contudo a ocupação de praças, ruas e espaços urbanos por grupos tão múltiplos e heterogêneos, pela configuração e proporção que assumiram os levantes do precariado na segunda década do século XXI, a rede de movimentos que se configura na forma ocupação neste período, parece não encontrar paralelo ou precedente histórico à altura de comparação.

A forma ocupação da rede de movimentos antissistêmicos no Brasil: a experiência do Ocupa Sampa

No dia 15 de outubro de 2011, o dia da mobilização global conhecido como 15-O, ganhou força em várias cidades da América Latina. A ação denominada “Revolução Global”, foi articulada pela rede transnacional de movimentos de ocupação. O dia mundial de protestos fez parte de uma série de ações articuladas, inspiradas pela “primavera árabe”, a “geração à rasca” portuguesa, os “indignados” espanhóis, os protestos gregos e pelo Movimento Occupy Wall Street. Manifestações globais foram realizadas neste dia, em mais de 950 cidades em 82 países.

As ondas de revoltas se iniciaram em dezembro de 2010, na primavera árabe, o rizoma das indignações alcançou a Europa e os países da América do Norte, em 2011 e 2012, espalhando-se, também, para países latino-americanos, indo-asiáticos, alguns países africanos e também na Oceania. As reverberações ocorreram no mundo todo, tendo como ápice o ano de 2011 e 2012, mas que, de forma alguma se aplacaram nos anos seguintes.

Em 2011, as mobilizações da “rede Occupy” na América Latina não assumiram as proporções que tiveram nos países no Norte. Isso se deve, provavelmente, às condições socioeconômicas, históricas e políticas dos países latino-americanos e ao fato de que a crise que vem se desenvolvendo, desde 2008 no cenário internacional, afetam mais fortemente as economias e sociedades da Comunidade Europeia.

Pelas especificidades sociopolíticas das sociedades latino-americanas e pelo histórico das lutas e alternativas desenvolvidas a partir das epistemologias do Sul, conforme assevera Boaventura de Sousa Santos (2011), gestam-se novas possibilidades emancipatórias, constituindo diferentes experiências de radicalização da democracia a partir dos movimentos sociais e de suas concepções e práticas peculiares a cada constelação política que se configura a partir da forma ocupação.

A ocupação constitui um ato fundacional para aqueles que a vivenciam, e possibilita o desdobramento de novas ramificações e articulações entre grupos distintos, mas que passam a partilhar o mesmo “DNA”, por que coexistem na mesma *estrutura morfogenética* que se materializa na rede rizomática de movimentos antissistêmicos.

Em 2013, o Brasil sentiu as ondas de indignação no protesto das multidões, que ocorreram em proporções sem precedentes na história política brasileira, somente comparáveis às mobilizações da campanha pela democratização das Diretas Já, realizadas na década de oitenta. A comparação refere-se estritamente à quantidade de manifestantes e à abrangência nacional, ocorridas principalmente nos grandes centros urbanos. Mesmo que a questão democrática estivesse no “olho do furacão”, tanto no caso das Diretas Já quanto nas manifestações de Junho de 2013, as comparações cessam por aqui, já que a natureza e o cenário sociopolítico e as características das mobilizações são bastante distintas.

Movimentos que já existiam antes da “primavera dos indignados” e ocupações de 2011, passam a reforçar sua luta e mobilizar militantes e ativistas, articulando multidões por meios eletrônicos a ocuparem as ruas e praças nos grandes centros urbanos latino-americanos. Antes das revoltas de junho de 2013, no Brasil, grupos de manifestantes, atendendo ao chamado da rede global, tomam as ruas de algumas cidades brasileiras, principalmente em São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Natal e Porto Alegre.

A música “Ocupa Brasil” composta por Pedro Pondé⁷⁶, simboliza bem o momento vivido de levantes e revoltas populares nas ruas do Brasil em 2011 e 2013, sintetizando o sentimento de indignação e a ação característica da cibercultura:

Não tem mais pra onde correr.. Nem tempo de esperar.. Agora cês vão ver.. Quem é que vai mandar.. Tá todo mundo aqui junto. Vamo ocupar !!! Porque essa porra é nossa !!! A corrupção come no centro, a margem se enraivece. Quem tá vivo não vê mais tv tá tudo na net. Todos os dentes desse sistema cão. Que sempre morde o mais humilde e sempre lambe o ladrão. Agora os bons tão se juntando e amplificando as ações. Independente dos partidos, bandeiras, religiões. Juntos, um só, é. Juntos, um só, é. As praças.. O centro.. O campo.. A rua !!! Vamo ocupar !!! Campinas. Vamo ocupar !!! Rio de Janeiro. Vamo ocupar !!! São Paulo. Vamo ocupar !!! Salvador. Vamo ocupar o Brasil!!! Basta de corrupção. (juntos, um só, é) Basta de impunidade. (juntos, um só, é) Basta de manipulação pelos grandes meios de comunicação. (juntos, um só, é) Basta de entretenimento como educação. (juntos, um só, é) Basta de descaso. (juntos, um só, é) Basta !!! basta !!! (juntos, um só, é). (PONDÉ, s/d)

O movimento Ocupa Sampa convergiu “os indignados” que desejavam participar do protesto mundial realizando um protesto que se instalou acampamento no Vale do Anhangabaú, no centro de São Paulo. Estudantes universitários, intelectuais e moradores de rua conviviam no acampamento da ocupação. Segundo representantes do movimento, por dia circulam em média 400 pessoas no acampamento, para participar das aulas públicas ou para fazer algum tipo de doação. Neste momento, o OWS já atingia mais de 80 países e estava em pleno processo de expansão.

Em outubro de 2012, como parte da pesquisa de campo, realizei uma roda de conversa em São Paulo com Alexandre Carvalho (Atchu Novad) e os integrantes do Ocupa Sampa, com a preciosa colaboração do jornalista Marcelo Netto, mestrando em ciências sociais pela USP, que estuda o Ocupa Sampa no sentido de procurar estabelecer correlações entre a filosofia política do movimento com a teologia da libertação.

Neste encontro entre os Novads e alguns integrantes do Ocupa Sampa, estavam presentes dois pesquisadores. A roda de conversa ocorreu em um parque que fica em frente ao MASP. As entrevistas que Marcelo Netto realizou com os integrantes do Ocupa Sampa foram compartilhadas comigo e, com a sua devida autorização, compõem o material empírico desta pesquisa. Participaram da roda de conversa, Ana Terra, Adriana Sumi, Alexandre Carvalho, Valter Machado, Magrão, Marcelo Netto e eu. A roda de conversa realizada em São Paulo mostrou-se um momento de aproximação de ativistas que atuaram em Nova York e em São Paulo separadamente, possibilitando que se estabelecerem paralelos interessantes.

⁷⁶ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=3g8CELpXSBA

Ana é uma ativista de tempo integral que procura viver a filosofia que defende. Bióloga formada pela USP, escolheu viver em meio aos movimentos sociais, em especial os que lutam pelo direito à moradia. Por coincidência ou não, Ana representa o ethos Novad, mesmo sem se considerar como tal. Está conectada à rede Occupy por seu ativismo e conheceu Atchu em São Paulo. Adriana é farmacêutica, também formada pela USP um dos amores de Ana, que é adepta do poliamor. Muitas pessoas que experienciam as ocupações são poliamor, ela vive intensamente o modo nômade cosmopolita de ser e viver a vida. As duas atuam em projetos de justiça restaurativa em comunidades, especialmente em São Paulo.

Em uma das falas, em entrevista concedida a Marcelo Netto, Ana aborda as semelhanças entre o OWS, o Ocupa Sampa:

Ocupa é mais legal. O movimento Occupy não se estabeleceu como “um movimento” sede e tal. Tem muitas continuidades de todo o fenômeno Occupy que se chamam Occupy, alguma coisa ou lugares. **Occupy e Ocupa [são] palavras parecidas [o que] deixa claro o quanto essas movimentações comungam princípios e de metodologias. Comungam e inclusive tem pessoas que são intersecções.** Um cara que faz Ocupa Sampa e estava em Nova York, dialoga mais com o Occupy. (...) Tem gente que faz uma leitura de que **o Ocupa Sampa não é uma coisa é uma continuação de outras coisas**, e cujas continuações eles chamam esse período de Ocupa Sampa. Esse período de Ocupa Sampa é uma forma de pensar chaves interpretativas, preferências políticas que se desenvolvem há uns 8 anos. Mas no chamado 15-O, sabia do levante no mundo inteiro. Um amigo me falou “ó o Márcio tá te procurando”, é que a versão São Paulo do Occupy tava acontecendo no Vale e nunca mais voltei para casa. Fiquei morando, intensamente envolvida [grifo do autor] (Ana, 2012).

A fala de Ana traz algumas questões chaves no sentido de reconhecer que há uma rede de relações que são constituídas por indivíduos que se interconectam nos processos de expansão rizomática da rede. Por isso defendo que a forma ocupação é um ato fundacional que consolida uma rede rizomática relativamente estável que produz determinadas culturas políticas que se assemelham.

As relações interpessoais se interpenetram produzindo intersecções que são as biografias e subjetividades individuais a interconectarem constelações não-locais do rizoma. Quando Ana afirma que “tem pessoas que são intersecções” reforça a dinâmica da teia de relação que se estabelece entre uma constelação e outra, garantida a autonomia de cada ramificação, esmo que partilhem o campo morfogênico e o DNA ancestral comum, como pode-se observar neste outro trecho da entrevista, quando Ana se refere ao simbolismo dos 99% no OWS:

no Ocupa Sampa, ouvi bem pouco sobre os 99% comparado a todas as outras coisas. Isso tá mais presente nos EUA e me parece ser uma questão contextual de lá. No contexto de lá, o discurso dos 99% é um discurso que tá servindo eles para cativar pessoas na “movida” tentar transformar as coisas. Se ouvi ou conversei sobre este assunto duas vezes na vida do Ocupa... ao

passo que *não-violência, decisão por consenso, tomar a cidade*, eu conversei centenas de vezes, talvez, milhares (Ana)

Ao se referir a questão dos princípios da “não-violência” e da “decisão por consenso”, ou de “tomar a cidade”, Ana aproxima o Ocupa Sampa de outras constelações do OWS, com a Occupy Process, que estabelece a questão da decisão por consenso como estratégia de radicalização da democracia representativa. O princípio da não-violência e da ocupação estão também no horizonte de várias constelações da rede norte-americana de movimentos antissistêmicos. Ana e Adriana são anarquistas, assim com os Novads e uma grande parte dos grupos da rede. Partilham também, por isso, muitos outros aspectos identitários e políticos.

Este encontro de ativistas de dois *nodes* distintos, um da ramificação nova-iorquina, outro da ramificação paulista do rizoma, reforça a tese de que a rede de movimentos antissistêmicos vem desenvolvendo práticas culturais a partir de princípios e valores comuns, partilhados por pessoas e grupos ao redor do mundo. Sobre as semelhanças e diferenças entre o OWS, indignados e a primavera brasileira, Atchu aponta alguns paralelos, quando perguntado sobre o assunto:

é uma coisa meio bizarra né cara. Mas o Ocupa Sampa foi muito importante para espalhar. Eu acho que 2011 foi totalmente estar na rua, você vai aqui você vê a galera de Guy Fox⁷⁷, as mensagens de democracia direta, tema pluralidade, igualzinho ao Occupy, igualzinho a Espanha cara! Com as suas regionalidades, tipo essa parada que parece um estádio de futebol e um sambódromo, mas a galera aqui queima! A galera nos Estados Unidos, a galera tem medo de ascender um isqueiro na marcha. Lá você tá fodido, você tá... o sistema lá é muito severo! Aqui, a gente tem uma tolerância à baderna um pouco mais. A baderna não como a direita a coloca, mas a gente tem um... A gente entende. Um cara queimar uma pilha de pneu e bloquear a rua! Lá [nos EUA] é terrorismo doméstico (Atchu, 2012).

A forma ocupação dos movimentos que se espalharam pelo mundo desde 2010, difundiu valores e princípios que se tornaram comuns ao um número crescente de grupos sociais. Comportamentos, lemas, táticas e estratégias partilhadas.

Em uma das manifestações que participei, percebi que o grupo de manifestantes que sempre fica na linha de frente da batalha levou um garrafão de água de 20 litros com águas até a metade, o que me chamou a atenção. Somente quando estourou o conflito com a polícia é que compreendi a utilidade deste (contra)dispositivo. Quando o batalhão de choque atirava com armas especiais discos de gás lacrimogêneo, os manifestantes com máscaras e luvas pegavam estes discos flamejantes e jogavam dentro do garrafão. A bomba de gás lacrimogêneo caía na parte que continha água e o garrafão era tampado, impedindo a liberação do gás. Mais tarde

⁷⁷ Máscara que ficou conhecida e refere-se ao filme “V de vingança”, utilizada massivamente nos protestos e típica do Movimento dos Anônimos

descobri que esta tática foi desenvolvida na Turquia e serviu de referência para os manifestantes no Brasil.

Uma outra integrante do Ocupa Sampa fala sobre o chamamento que sentiu quando o OWS estourou nos Estados Unidos. Antes disso ela não havia sentido o desejo de participar. A mobilização das subjetividades joga um papel fundamental na forma rizoma para que culmine nas ações diretas e, possivelmente, na forma ocupação. Angélica, que participou desde o 10º dia de acampamento no Vale estabelece algumas conexões que a mobilizaram e fala sobre sua experiência no Ocupa Sampa:

fui ver o que rolava na praça. As barracas já estavam levantadas quando eu cheguei. Sabia do Occupy Wall Street e só depois fiquei sabendo que já tinha rolado os Indignados. Queria que tivesse aqui, mas não era militante. Começou com os Indignados na Espanha 12 de maio, que ficaram na praça, permanecendo. Mas diferente do que aconteceu aqui em Sampa, [na Espanha] a galera [estava] sem emprego, então, tinha mais gente. Aqui os motivos foram outros. Isso é como começou *cronologicamente* para mim. **Como ocupação do espaço público quanto acampamento.** Na verdade, começou na Primavera Árabe. Toda essa onda de protestos com jovens estudantes. Cada país com seu motivo, foi o impulso inicial. Mas para mim, quando eu comecei a acompanhar o [Occupy] Wall Street, foi que surgiu em mim a vontade de estar ali, sem bandeiras, apartidarismo, não-violência, o consenso eram coisas que eu já acreditava (Angélica, 2012)

A fala de Angélica indica as conexões, o que chama a atenção é o fato de que o ato fundacional para ela, que foi ressignificado com o Ocupa Sampa, ocorreu, no contexto de sua subjetividade, quando começa a primavera Árabe. Os eventos que se seguiram à primavera Árabe, seguiam apenas uma ordem cronológica. Angélica identifica a origem da forma rizoma, que se espalhou pelo mundo e chegou ao Brasil, no centro da São Paulo, onde ocorreu a ocupação. Mas para ela, o “chamamento” interior como qual ela se identificou, ocorreu quando o rizoma atingiu Nova York e os Estados Unidos.

Em outro trecho da entrevista, Angélica fala sobre a novidade do Occupy quando procura explicar o que a motivava em participar do movimento, retomando uma aula pública que Safatle realizou no Ocupa Sampa:

É meio piegas o que me motivava: a necessidade de que as coisas mudassem em vários aspectos e eu realmente acreditava que as ocupações iam crescer cada vez mais, e chegar uma hora em **explodir**. Acredito numa leitura do Safatle do Occupy de que **nunca existiu um movimento assim no mundo**, que começou em vários países diferentes levantando mais ou menos as mesmas bandeiras. As principais iguais, mas por motivos muitos diferentes e tinha uma conexão entre eles. Conexão que a internet possibilita hoje. Velocidade de informação. Achava que ia explodir. Essa era uma possibilidade de mudança. No nível pessoal, para muitas pessoas. No Brasil, não muito, mas nos EUA e na Espanha, teve uma importância histórica grande. Considero, pelo menos (Angélica, 2012).

A ocupação não se ampliou para a esfera biopolítica, através de estratégias de ocupação das subjetividades desconstruindo os efeitos de dominação dos dispositivos que incidem sobre os corpos. Pelo amor livre, pela liberdade ontológica e política a ocupação continua no campo simbólico apesar de deixar de existir no terreno urbano. O campo simbólico e de produção assume maior relevância no processo de ocupação quando se ampliam as formas de luta para campos distintos no sentido de promover a decolonização de saberes e do poder.

Para os Novads o rizoma é composto de um corpo político constituído de uma rede de politicamente “corpos ativados”. Conscientes e críticos ao sistema. Mas que de forma alguma devem ser “coordenados” por outro grupo majoritário ou indivíduo. A ocupação se desdobra em constelações através do processo da diáspora. Mas não é necessário querer ter o controle dos caminhos que o “movimento” ou as constelações políticas que compõe a rede irão assumir. A imagem da quimera é fundamental para compreender esta questão, conforme destaca Atchu:

É! E foi uma vitória linguística: Occupy! Ocupa! É um verbo, sabe. Vá pra ação, entendeu. Não é um substantivo. E a ação. São corpos ativados. Eu tô pensando muito nessa teoria. Tipo, movimentos de praças, como um todo, Occupy, Takes Square, não sei quê. São a reativação do corpo social que tava fragmentado, atomizado, doente. É essa reativação, muito cíclica, muito histórica. A história é feita de correntes e contra-correntes. (...) Mas essa conversa sobre a genealogia é super importante, porque, a gente volta um pouco no Foucault, mas que explica muito bem o caráter biopolítico e caráter vivo da rede. Desses corpos ativados que a gente criou. Tudo bem que morreu o primeiro ano. Tudo bem que morreu o estruturalismo [no movimento], o processo, a galera do *OWSPProcess*⁷⁸ quer que seja, mas só que já era.. já mudou! E está além deles. Esse grupo está decaindo de poder. Eles estavam brigando, brigando, brigando. Tipo “não, tudo mundo tem que fazer desse jeito. O Occupy nasceu.. democracia direta, *direct democracy*⁷⁹, *direct action*⁸⁰... Meio que um *cannon*⁸¹, né. Eu entrei rasgando: esse não é o central, não é o vital, não é estruturalismo, não é reducionismo! É diversidade! (...) E a gente não tem que ter controle da quimera que surgiu (Atchu, 2013).

Esta contenda se mostrou uma disputa acirrada entre Atchu e os Novads e o grupo do antropólogo David Graeber, o Occupy Process sobre o consenso no âmbito do movimento e das práticas revolucionárias. Os Novads criticam veementemente qualquer tipo de processualismo como forma de ampliação do espectro democrático, pois segundo eles, é neste campo de definir prioridades, e quem coordenar os processos é que reside uma das grandes fragilidades da democracia, sendo por onde os poderes e interesses são jogados. É como se o processualismo desse ênfase ao tabuleiro de xadrez do jogo pelo poder. Enquanto o Occupy

⁷⁸ Grupo hegemônico do OWS liderado pelo antropólogo anarquista David Graeber.

⁷⁹ Democracia direta.

⁸⁰ Ação direta.

⁸¹ Cânone.

Process se preocupa em alterar as regras do jogo, focando a estratégia na dinâmica que o tabuleiro possibilita, os Novads se recusam a jogar o jogo, e para isso propõe que o tabuleiro seja retirado, impossibilitando que quem controla os processos controle o jogo.

As disputas entre Atchu e David Graeber centrou o debate sobre as várias constelações que tomaram forma a partir do processo da diáspora, se desdobrando em grupos mais institucionalizados, como o Occupy Sandy, por exemplo. Os Novads defendem a desconstrução da dinâmica processualista no movimento onde não figure nenhum grupo hegemônico, segundo Atchu:

Se você ler os arquivos da Process. Aconteceu uma coisa muito importante pra história dos movimentos de praça baseados no Ocupa. Naquela batalha – vou chamar isso mesmo, porque a nossa batalha é com ideias, né, é ideológica – naquela batalha no Process que rolou em outros espaços virtuais também... que era, no fundo uma questão de poder. Era uma... o movimento mudou. Mudou e seguiu pra outra direção e, agora, tá indo... aquele negócio que te falei, do delta, né. Os espectros políticos ficam bem claros e tinha o grupo que era o grupo hegemônico, de organizadores do primeiro ano, perdendo poder. Porque agora as pessoas estavam fazendo as decisões, tomando decisões e ações de outras formas que não aquela coisa do consenso, negócio da democracia direta, estruturalismo. Eles negaram... tipo, esse foi um projeto que falhou, o estruturalismo no Ocupa. E aí, a galera [a turma do David Graeber] começou a fazer do jeito deles, começou a haver resultados, até. Meio que alguns grupos, tipo o Occupy Sandy [após a tragédia do furacão Sandy], que criou um caminho humanitário, de recuperação, tipo pós-Catrina. Tem o pós-Sandy e isso institucionalizado. Virou uma coisa mais institucional. Não virou uma ONG ainda porque o Occupy Sandy foi como se fosse um outro Zuccotti [Park]. O Zuccotti foi uma, imagina uma supernova... boom! Explodiu! Vários grupos saindo e aí, dentro desses grupos que saíram o Occupy Sandy foi um deles, que foi grande pra caralho também e boom. Foi outra supernova! Depois do Occupy Sandy, você teve, a partir dele, você teve o Responder Rebuild, e começou a surgir outros grupos. Então, deixou de existir uma questão de cartografias e agora é genealogias, que importa. Porque, importa que... tudo bem, você criou umas Ongs aqui, pipocaram umas ONGs pra lá, pipocaram os grupos radicais para um lado, a galera mais centro fazendo competição... Mas ainda assim tem 99% dos genes dessa criatura biopolítica que explodiu no movimento de praças, que ainda é compartilhado (Atchu, 2013).

Assim, surge a modalidade anti-processual da poiésis como método de debate e construção coletiva. Do caos das interações entre diferentes posicionamentos e identidades, que somente precisam reverenciar a autoridade individual e coletiva de seus antagonistas e dialogar num fluxo que resulta em produção coletiva. Este método visa possibilitar a coexistência de diferentes grupos, pensamentos políticos e tendências em uma poiesis não programática, sem conteúdo político-programático e ideológico, o qual vai sendo definido sempre no presente. Atchu, em um dos diálogos, apresenta seu posicionamento a este respeito, referindo-se ao seu embate com Graeber:

Não é uma excludente! Sabe. Óbvio que a gente vai falar de Marx. Eu acho que o problema é um marxismo dogmático. A galera estruturalista que é rígida e só dogmática e reducionista pra caralho, ainda presa. Muitas vezes há uma

ideia de proletariado do século XIX, que só pensa... que acha que o que importa é superestrutura, infraestrutura, estrutura. E o movimento morreu, teve uma morte simbólica no movimento. Esse projeto estruturalista falhou no Occupy. Não deu conta de ser a espinha dorsal, porque não era a espinha dorsal. A estrutura rígida, vivendo essa tradição do estruturalismo, é superimportante, mas não é, pra mim, pelo menos, né, o central. O central, pra mim está nos autores pós-estruturalistas, que... essa questão do aparato, como você falou, do dispositivo, né. Que em inglês chama *apparatus*, que é o dispositivo, como você coloca. São os dispositivos, são locais e descentralizados. É extração de valor e de significado no próprio corpo. É inscrição de dominação no próprio corpo das pessoas. É muito mais do que você ter, de novo, uma assembleia geral usando consenso, sabe! [referindo-se a uma disputa acirrada entre ele e o antropólogo David Graeber sobre o consenso no âmbito do movimento]. Desculpa, é muito mais do que isso! O “império”, ele quer realmente que as pessoas achem que é essa parada do superficial, do estrutural. Ele está se beneficiando disso, Porque, no fundo, a dominação que ele exerce é totalmente não superficial e não estrutural. Chega a ser superficial e estrutural, mas de primeiro, a base da exploração são esses dispositivos (*Atchu, 2013*).

As ocupações que seguem à forma rizomática da rede de movimentos são a materialização de estratégias de ação direta que possibilitam a conformação de subgrupos no interior do acampamento. Identidades e novas relações vão se configurando e configurando o que os Novads denominam de constelações políticas. Estas podem assumir a proporção de um pequeno grupo ou de uma tendência dentro do movimento.

Sobre o processo de diáspora que começa no interior da ocupação Ana, ao falar sobre processualismo e a questão do consenso, deixa claro que houveram “rachas” no grupo:

O Ocupa foi pré-começado no chamado global do Occupy??? (ou Indignados)... semanas antes, com o chamado global, com consenso com os princípios do Occupy... antes 3, 4 assembleias antes, no Masp, na USP... muitos atores nestas assembleias vários dentro de correntes políticas de partidos políticos. Houve um racha... não sei como e quando... entre uma assembleia ou outra... Não ia ser pauta se ia ser por votação ou por consenso... ia chamar todo mundo que topava fazer por consenso e seguir a movida. Se os partidos iam pedir que fosse por votação e a coisa ia ficar patinando (*Ana, 2012*).

Portanto, é no ato fundacional do rizoma na forma ocupação, que estas constelações se consolidam como que por uma espécie de “gravidade político-identitária” interpenetrada por disputas e conflitos no interior da ocupação. Os indivíduos, em sua autonomia, decidem, guiando-se pelo seu desejo e vontade, agregar-se aos demais pela convivência cotidiana.

A ocupação, além de um ato estratégico simbólico de enfrentamento ao sistema consiste em um espaço de coexistência que se desdobra e se ramifica em outras possibilidades e conexões. Mas o Occupy, além de ocupação de espaços públicos como forma de luta social é também uma luta no campo do saber e do poder que se aprofunda no campo simbólico, com um verbo em ato que se consubstancia em práticas e atitudes permanentes. Como as estratégias da rede de movimentos antissistêmicos situa-se bastante fortemente nas suas práticas culturais,

as lutas deslocaram-se para o campo simbólico. Portanto, a análise socioantropológica das práticas culturais e de seus efeitos e desdobramentos no campo político constituem uma tarefa relevante que deve ser ampliada e intensificada.

4.5.3. *Diásporas: transições da forma ocupação às constelações políticas*

O Movimento Occupy Wall Street, na dinâmica da *forma diáspora*, desdobrou-se em cinco grandes constelações: *Tide*, *Pivot*, *Reclaim*, *Novad* e *Strike Debt*. A primeira é a maior constelação política e a principal tendência do OWS, que congrega, intelectuais, universitários e uma grande variedade de ativistas norte-americanos e canadenses. Foi o grupo que inicialmente articulou, promoveu o chamado para a ocupação de Wall Street articulado pela organização ativista Adbusters. A constelação Pivot está mais ligada ao mundo acadêmico, aos intelectuais, à “nova esquerda” norte-americana. Reclaim é a constelação que articula os espiritualistas, mais próximos de “novos hippies” que fundamentam sua luta em princípios religiosos ou preceitos espiritualistas, ecológicos e humanitários. Strike Debt [greve da dívida] é a tendência mais recente do OWS, que vem se organizado institucionalmente visando liquidar as dívidas produzidas pela crise financeira, não pagando-a ou criando mecanismos de negociação e compra coletiva da carteira de crédito para liquidá-la. Frequentemente é acusada de “jogar o jogo do império”.

Estas ramificações do rizoma antissistêmico começam a tomar forma assim que iniciam as dinâmicas de territorialização da *forma ocupação*. Os processos político-identitários são jogam um papel central nestas dinâmicas de relacionamentos interpessoais durante o período de convivência mútua bastante adensada, caracterização pela proximidade física e identitária. A dinâmica da diáspora culmina na conformação das constelações político-identitárias que vão se ramificando num processo figuracional (ELIAS, 1978) de longo prazo.

Para os Novads a rede é como uma quimera que reúne tendências das mais radicais e amorfas às mais institucionalizadas como ONGs. Cada constelação com seu próprio “gene”, seu próprio DNA, compartilhado a ancestralidade do ato fundacional no Zuccotti Park. Em uma disputa intergrupar entre os Novads e um grupo majoritário no OWS, denominado Occupy Process [Ocupe os processos], Atchu se envolve em uma contenda acalorada com o antropólogo David Greaber, que, apesar de se autodenominar anarquista, acabava atuando como liderança neste grupo, que no âmbito da rede Occupy, funcionava como o agente coordenador das ações diretas e assembleias:

tudo bem que a rede, agora, parece uma quimera. Tudo bem que você tem um lado que é mais radical, entendeu? Tem um lado que foi mais institucional.

As constelações têm seu próprio gene, seu próprio DNA. Todo mundo veio do Zuccotti Park, né. Tem 99% de similaridade biopolítica. Então não tem que ter essa porra de controle! Vamos explodir a nossa base. A gente perdeu muita gente porque tinha que ser daquele jeitinho fundamentalista. A galera do OWSProcess táva empurrando. Só que já era um projeto que já tinha morrido e ninguém está fazendo mais isso e essa galera que é superpoderosa ainda... É uma elite perdendo o poder, mas ainda com muita influência. Batendo a cabeça, cega. É, tipo, entrei rasgando. Entrei rasgando. Acho que eu consegui quebrar isso. Eu acho que eu consegui quebrar isso... essa hegemonia ideológica, que era da galera do David Graeber, do Platypus. Esse povo aí. Eles não são santinhos não cara, eles falam que são anarquistas e tipo um anarquismo clássico, velho. Essa porra fundamentalista hegemônica, onde o processo é que é tudo. (...)Essa galera toda, elas dominaram um espaço ideológico do movimento no primeiro ano. Platypus menos. Platypus, eles entraram de gaiato. Mas a galera do David Graeber. O pessoal do grupo do Canadá fizeram só colocar o panfleto pra fora e tomaram um cagaço quando viram a proporção que a coisa tomou. Basicamente foi isso. Mas quem estava fazendo acontecer, e tiveram controlando a ideologia do movimento, que era hegemônico, era a galera do David Graeber. Era um falso horizontalismo, que no fundo era um horizontalismo, estruturalmente falando, mas só que o biopolítico, que é vivo nos dispositivos, totalmente hegemônico. Totalmente hegemônico. Quem dominava tudo era eles! Eles que controlavam as ações, as ideias. Era tudo eles, então, “parabéns! O movimento que eras de todos, que eu também estava lá, virou seu”, foi cooptado! Coopted. Cooptation, eu aprendi: vem de dentro. Não é de fora, vem de dentro! E é geralmente feito por quem mais defende, tipo é o cara fundamentalistão, entendeu (Atchu, 2013).

Ao falar das constelações do OWS, Atchu acaba trazendo à tona uma imagem das dinâmicas endógenas do processo de diáspora que ocorre em longo prazo. A disputa se dá em função do debate sobre quem coordenava as ações e direcionava o movimento OWS. Os Novads são radicalmente contra qualquer forma de processualismo. O método processualista Novad é deixar fluir as subjetividades e diferenças, por mais díspares e radicais que sejam. A poiesis é um método tomado como princípio norteador que, justamente, se opõe ao formalismos e regras processuais, como por exemplo a questão do consenso, levantada por Graeber. Ao falar sobre esta disputa, Atchu deixa claro esta diferença fundamental, cuja disputa fez com que Graeber deixasse o Occupy Process nas mãos de outra coordenadora:

O Graeber, ele mandava no movimento e quem executava era a Marissa. Ela era a que organizava as assembleias. Ela organizava as assembleias só que... Eu aprendi justamente no Occopy, que quem organiza o espaço, dita as regras. E até implicitamente. Se não dita, pelo menos acaba enviesando pro lado que a pessoa que está mediando, facilitando, quer. E ela é facilitadora, quem organizada, e acabava sendo a agenda dela. E ela, por ser quem organizava as assembleias, a galera sempre... todo movimento vinha a ela. Ela sempre sabia do que estava acontecendo. Ela deu entrevista para a Rolling Stones. Ela ficou superfamosinha. Eu nunca fiquei famosinho no movimento. Não fiquei um cara famosinho, entendeu. Mas, de boa, geral, meus outros camaradas ficaram. O Hersen, um amigo meu que estava na lista, ele deu entrevista pra Fox News. Três vezes ou quatro. A Fox News é enorme, é maior que a Globo milhões de vezes. E foi cadeia nacional brigando com republicano [risos]. Um outro foi o Letterman, tipo, foi um negócio assim: eu era só quem, começou a parada lá, doida... Eu comecei a doideira do movimento. Fui eu. Com a galera do Waterson Culture. Mas,

quem ficou famoso mesmo, é quem é americano. E eu não estava atrás de fama mesmo. (Atchu, ANEXO I, P. 140).

Estas disputas, conflitos e embates que ocorrem no decorrer das ramificações rizomáticas da rede afetam relações interpessoais e coletivas. As constelações vão se conformando, interagindo, configurando e reconfigurando até aglutinarem ativistas que partilhem identidades culturais semelhantes, valores e ideais comuns.

Neste aspecto o debate sobre identidade cultural assume uma dimensão crucial para compreender a noção de diáspora no contexto da rede de movimentos antissistêmicos e a ressonância das práticas culturais na conformação das constelações e da própria cultura política em rede predominante.

Ao criar a metáfora analítica do “Atlântico Negro” Gilroy desenvolve o conceito de *diáspora* como *política negra dos movimentos transculturais* em um *fluxo contínuo de trocas* em permanente trânsito no mundo globalizado, produzindo contatos e novas relações políticas heteroculturais, interculturais e transculturais:

Gostaria de considerar o caráter cultural e as dimensões políticas de uma narrativa emergente sobre a diáspora que possa relacionar, senão combinar e unificar, as experiências modernas das comunidades e interesses negros em varias partes do mundo (GYLROY, 2001, p. 11).

A imagem do navio em movimento no Atlântico evocada por Gilroy simboliza o trânsito negro nos espaços entre a Europa, Américas, África e Caribe, enquanto símbolo central de “um sistema vivo, microcultural e micropolítico em movimento, particularmente relevante por razões históricas e teóricas” (2001, p. 34). Sua crítica radical e veemente incide sobre as formas de manifestação de absolutismo étnico, nacionalismo e racismo nos discursos e práticas contemporâneas e assevera para o fato de que os colonizados, frequentemente, utilizam os parâmetros dos colonizadores para compor seus discursos.

Neste mesmo sentido as formas de “diáspora” da rede de movimentos está sempre em processo permanente de trocas culturais que se realizam nas interconexões rizomáticas de pessoas e grupos. A diáspora nunca cessa e não se conclui com a saída das praças e ruas ocupadas, mas que está em um processo de consolidação das identidades coletivas e da conformação de correntes relativamente divergentes quanto à forma e o conteúdo das estratégias e da própria visão de mundo. O Movimento Occupy Wall Street deixou de existir enquanto e agora o processo de diáspora é que predomina entre as constelações que se separam e se unem no delta que marca um nova fase identitária e de lutas de cada constelação.

A análise crítica que Gilroy desenvolve sobre os estudos culturais, denuncia a noção determinada por certo absolutismo étnico que acabam resvalando e alimentando o crescimento do poder nacionalista do discurso hegemônico do colonizador em um período pós-colonial. Num sentido convergente à crítica de Geertz sobre a insuficiência das categorias colonizadas, generalizantes e universalistas da teoria política, que se desfaz no ar em função do “mundo em pedaços” da modernidade tardia, Gilroy desenvolve a sua análise, iluminando as noções de “nacionalidade”, “etnia”, “autenticidade” e “integridade cultural”, enquanto fenômenos tipicamente modernos com implicações profundas para a crítica cultural e para a história cultural.

Mesmo em uma condição dita "pós-moderna", tais fenômenos não deixariam de significarem-se e materializarem-se enquanto poderes manifestos de subjetividades modernas ou que os movimentos que tenham articulado tenham sido deixados para trás na evolução da história. A preocupação central de Gilroy incide:

sobre problemas específicos oriundos da junção fatal do conceito de nacionalidade com o conceito de cultura e as afinidades e parentescos que unem os negros do Ocidente a uma de suas culturas adotivas e originais: a herança intelectual do Ocidente a partir do Iluminismo (GILROY, p. 34-5).

No campo da questão da subalternidade e do pensamento colonial, no contexto de uma crítica epistêmica do pensamento descolonial, o binarismo herdado da modernidade também (assim como em Geertz) é debatido por Paul Gilroy em *O Atlântico Negro* (2001). Gilroy destaca as conquistas dos movimentos sociais negros no Brasil e o processo histórico de desmistificação da noção de democracia racial. Parte da crítica que questiona o modelo de democracia norte-americana e a solidariedade negra como uma "solidariedade translocal vulnerável aos poderes destrutivos da globalização", mas que contém pistas significantes para as implicações resultantes das formas políticas e culturais da globalização.

Depois de tanto tempo de lutas, Gilroy questiona se os movimentos sociais negros estão prontos para rearticular as reivindicações políticas que embasavam e orquestravam a própria noção de solidariedade negra considerando a fragilidade da afinidade extranacional que caracteriza o movimento. Para Gilroy, falar do Brasil produz hesitação já que questões em torno de temas como "cultura", "mistura", "diáspora", "história e socialidade transafricana" soam diferente ao se falar de um lugar ainda tão próximo do epicentro escravidão racial moderna. Para desenvolver uma política negra consistente é preciso levar em conta determinadas lições históricas como o absurdo básico do racismo, as relações teóricas e práticas entre raça e classe, as conexões entre antirracismo político e consolidação da democracia e da sociedade civil, bem como a natureza do hibridismo, do sincretismo e da criouliização.

No mês de agosto de 2014, na cidade de Ferguson nos Estados Unidos estão ocorrendo revoltas em massa da população negra contra o Estado, depois que um jovem foi assassinado por policiais. As revoltas não são somente pela morte de uma pessoa, mas passam pela questão racial e pela própria crise norte-americana. Não é possível afirmar o quanto o rizoma da OWS ressoou no rizoma da guerra racial que se intensifica no país em função deste fenômeno, mas é possível perceber que há alguma relação com a indignação acumulada nas revoltas desencadeadas pela rede de movimentos antissistêmicos, já que o foco da indignação recaí sobre a desconfiança da população da legitimidade da classe política e da crise que evidencia as contradições de classe e raciais.

Na rede de movimentos antissistêmicos a questão da subalternidade é central. As estratégias de produção cultural microrrevolucionárias procuram decolonizar saber e poder, atacando os dispositivos que controlam os grupos subalternos. Nas formas de diáspora da rede, as constelações e indivíduos experienciam trocas culturais muito intensas, das quais resultam dinâmica de hibridização cultural bastante fluidas e móveis a se difundirem nos rizomas multiculturais que interligam as constelações.

4.5.4. A constelação política dos Novads

Após vinte meses de pesquisa de campo virtual – iniciada com o registro histórico do início das manifestações em 15 de maio de 2011, na Praça Del Sol em Madri –, os desdobramentos incitados pelo trabalho sistemático de campo conduziram à intensificação da pesquisa em um determinado grupo do movimento Occupy Wall Street. Os Novads fundam suas práticas em determinadas formas de produção e concepção política, visando transformações radicais dos valores e do próprio sistema político e econômico.

A estética subversiva dos Novads está fundada na renovação do anarquismo e no *homo ludens* (HUIZINGA, 2000). Uma estética da crítica como condição do self e da própria existência. Pretendem conjugar o verbo ocupar, ressignificando-o e dotando-o de um poder simbólico na redefinição dos sentidos de instituições sociais, campos de saberes distintos, bem como das práticas hegemônicas reprodutoras da lógica do capital e do Império, procurando subvertê-las. Nos termos de Agamben (2009) os Novads buscam “profanar” tudo o que é “sagrado”, buscando repor aquilo que fora socialmente apartado do humano, restituindo-o à dimensão do humano novamente.

Os Novads fundam suas práticas em uma nova produção e concepção estética em seus aspectos políticos, visando transformações radicais dos valores e do próprio sistema político e

econômico. A estética subversiva dos Novads está fundada na renovação do anarquismo e no homo ludens (HUIZINGA, 2000). Uma estética da crítica como condição do self e da própria existência. O “novadismo” enquanto prática de “microrrevoluções” das relações do cotidiano se desenvolve considerando o horizonte mais amplo e global, a partir, e fundamentalmente, da transformação virtual-real do espaço social em que transitam os ativistas, através da produção de zonas autônomas temporárias – Temporary Autonomous Zone (BEY, 1991) – e zonas autônomas permanentes.

Há uma consciência do ritmo e da complexidade do tempo histórico (Mészáros, 2011) em descompasso com o dos indivíduos, por isso as estratégias compõem, concomitantemente, ações táticas temporárias como a TAZ, realizando performances, públicas ou privadas, em busca de conceber gradualmente e instituir “hipercomunas” nos interstícios das cidades, nas fissuras das tessituras da sociedade capitalista e do próprio Estado; as estratégias de microrrevolução são ativadas constantemente em ações diretas possibilitando a existência e o desenvolvimento do novo anarquismo, coexistindo em meio da multidão capitalista, no concreto da cidade desenvolvida e densa, fundada para o fluxo do capital (HARVEY, 2011).

Por sua forma de atuar, os Novads e, em geral, os grupos que constituem o movimento como um todo, claramente, desenvolvem uma política cultural (ALVAREZ, S.; DAGNINO, E.; ESCOBAR, A, 2000) e práticas de cunho ideológico, visando à revolução da vida cotidiana. O termo “microrrevolução” apareceu pela primeira vez na pesquisa em umapoema concreto lançado na lista de correio eletrônico dos Novads por Alexandre Carvalho (Atchu), principal interlocutor do grupo, um brasileiro e um dos iniciadores do OWS e fundadores dos Novads:

[microrrevoluções]
Quão surpreendente é ver a flexão do fogo⁸²
[microrrevoluções]

Para compreender o contexto de onde esta reflexão poética foi inspirada é preciso adentrar um pouco mais no universo Novad. Nicole Pace, que atualmente é esposa de Alexandre, é uma exímia dançarina performática que utiliza fogo e luzes de lazer contidas em fibras óticas para desenvolver suas performances.

A questão da performance para os Novads está para muito além de simples ato estético ou artístico. Em suas práticas culturais os Novads buscam romper com o tecido social e existencial produzido pela cultura dominante capitalista, criando as condições espaço-temporais de convivência mutua em períodos de tempo determinado. Nestes encontros que

⁸² [microrevolutions] how amazing it is to see fire bending... [microrevolutions]

duram dias, os ativistas procuram soltar sua criatividade e liberar sua subjetividade e corporeidade dos dispositivos de controle e dominação que carregam consigo. Nesta zona autônoma de existência, buscam estabilizar os fluxos criativos na forma de *poiesis*, interagindo uns com os outros. Esta dinâmica em estado fluídico das subjetividades potencializa as possibilidades de emergência do sujeito autônomo criativo, configurando um espaço pluripotencial.

O poema concreto de Atchu, foi inspirado nas revoluções visíveis que a faísca e a luz contida na fibra ótica produzem no espectador. Assim como DimTim, que foi concebido capaz de transitar entre dimensões paralelas da realidade social e espaço-temporais, Nicole é capaz de desaparecer em meio à luz em movimento, que desenha formas geométricas no espaço em seu redor, tornando-a invisível, conforme imagens abaixo:



Figura 2. Nicole Novad realizando uma performance

As formas em movimento produzem, como os Novads afirmam, fissuras na tessitura do biopoder, pois a performance destitui o corpo dos dispositivos. Ela desempenha o papel de um contradispositivo com a função de *profanar* (AGAMBEM, 2009) aquilo que fora afastado do corpo como não sendo da esfera do humano, pela cultura dominante, repondo-o à esfera do humano. A profanação, nos termos de Agambem, tem um sentido aproximado da noção de ocupação, já que esta tem a função de re-ocupar o corpo (reterritorializá-lo, como no rizoma), tomando o lugar das ocupações impregnadas pela família, pela religião, pelo Estado, etc.

A noção de “microrrevoluções” está em pleno processo de construção coletiva no grupo, em uma espiral de *poiesis*, denominada como “Arena Fibonacci”⁸³. Essa forma de luta libertária

⁸³ Leonardo Fibonacci (ou Leonardo de Pizza) foi um matemático renascentista que ficou conhecido pela descoberta da sequência de Fibonacci (uma fração matemática universal), que se manifesta em todos os elementos orgânicos e inorgânicos à medida que a complexidade aumenta. A teoria do caos e dos fractais corrobora que a

e as concepções que fecundam suas praxes têm suas origens no anarquismo, mas difere bastante das concepções de revolução historicamente dadas, porque, essencialmente, o que se deseja é a transformação radical de uma determinada condição social de “assujeitamento”, determinada cultura civilizacional (a do capital), modo de produção (capitalista), ou das formas de desigualdade ou injustiças sociais (desigualdade econômica, social, política ou simbólica).

A partir de algumas provocações, foram se desenvolvendo novos diálogos e troca de mensagens e textos no sentido de aprofundar o debate sobre o significado do termo e de seu lugar e papel na concepção e nas práticas do grupo. Assim, a noção de microrrevolução vem sendo concebida como uma forma de se transformar uma sociedade sem, necessariamente, tomar poder instituído pelo Estado, pelos partidos políticos ou via eleitoral.

Como referência inicial pode-se citar a obra *Mudar o mundo sem tomar o poder* (2003) de John Holloway, na qual é possível identificar alguns elementos que encontram paralelo na noção de microrrevolução. O autor defende estratégias de boicote aos mecanismos de reprodução do capital, o que constitui uma tese, *prima face*, revolucionária, porém torna marginal a centralidade atribuída ao Estado democrático e aos partidos políticos na luta pelo poder no âmbito da teoria política clássica.

Enquanto prática cultural subversiva da ordem praticada pelos Novads, a *Arena Fibonacci* designa um modo de fazer, um *habitus* (ELIAS, 1987) instituído pelo grupo e consiste em deixar fluir as diferenças e singularidades dos participantes de qualquer ação conjunta, cooperativa, situacional, performática, criativa, textual, etc. num fluxo que, ao final, resulta em algo coletivo, “caoticamente organizado”. Ao me deparar com a descrição da lista de e-mails no site do OWS, me chamou a atenção a descrição do grupo RevGames que, mais tarde se tornaria Novad: “Somos um coletivo que constrói jogos criativos, revolucionários, e não violentos on-line e em espaços públicos, em todos os lugares⁸⁴”. Daí resulta que no constructo categorial e nas práticas dos Novads também estão presentes a noção de jogo (o nome da lista de mensagens é *Revolutionary Games* ou RevGames, abreviado) cujo fundamento também reside em seu *ethos Novad*.

Na acepção de revolução-subversão das relações em uma microfísica das relações, figura uma noção de poder que dialoga muito fortemente com aquela definida por Foucault em *Microfísica do Poder* (1984). De modo que a política não está apenas ou fundamentalmente nas

espiral de Fibonacci está presente desde os mais simples organismos vivos até nas formas das ondas ou das galáxias.

⁸⁴ “We are a collective that builds creative, revolutionary, and non-violent games online and in public spaces everywhere”.

instituições sociais, no Estado ou nos partidos políticos. A política é entendida de maneira muito mais ampla, capilarizada e difusa; inscrita nos corpos, preenche de dispositivos de subjetivação dessubjetivante, impondo a reflexão sobre a constituição de uma prática cultural capaz de romper com tais dispositivos que transformam em dóceis os sujeitos domesticados pelo governo, pelo Estado, pelas corporações e pelas classes políticas dominantes. A esfera do político, assim, permeia todas as relações cotidianas, as teias de significados e as formas de viver, na esfera pública ou privada.

Poulantzas (1981) propôs analisar o Estado capitalista como Estado-relação, enquanto uma condensação de relação de forças, um campo e um processo estratégico, onde se entre cruzam núcleos e redes de poder. O autor discute a ascensão das massas populares e das organizações políticas ao poder, que consiste na capacidade em conquistar interesses específicos, constituindo um campo estritamente relacional. Nessa perspectiva, não seria possível o Estado ficar fora da luta pelo poder, portanto as lutas populares também estariam inscritas na materialidade do Estado. Contudo o campo da ação dos movimentos sociais trata-se de um espaço não institucionalizado, seja na esfera pública ou na esfera privada, criando um novo campo político, como observou Offe (1994).

As *microrrevoluções*, pretendidas pelos Novads, pretendem instituir uma nova gramática social (SANTOS, 2008), construir paulatinamente novas culturas políticas pluralíssimas, modos alternativos de produção, distribuição e consumo, novas formas de sociabilidade e relações sociais radicalmente horizontais, sem a figuração de representações de alguns que sobrepõem seus interesses sobre a maioria que representam. A representação política não figura no horizonte das microrrevoluções, nem tampouco um sistema político vertical onde as corporações dominam e orientam os modelos de desenvolvimento, as relações de produção e o destino da própria democracia, mediadas pelos representantes políticos.

Para os Novads, o tempo livre que deveria determinar seu lugar e seu papel no mundo, o tempo das escolhas que possibilitariam a construção criativa de sua própria identidade, tempo para determinar a constituição do seu *self* enquanto pessoa ou ser social (sem pressão das necessidades ou das possibilidades que o mercado lhe oferece ou impõe) – no capitalismo, não é possível. As “microrrevoluções” seriam capazes, quando promovidas em grande escala, de produzirem a deterioração gradual das formas de centralização de poder, liberando o potencial criativo existencial do ser humano da mediação da vida pelo tempo de trabalho ou pelo fetiche da mercadoria. Daí a necessidade das “microrrevoluções” para produzir novas gramáticas sociais que possibilitem o surgimento do “indivíduo social”, conforme Marx define nos *Grundrisse* (1857-1858).

As estratégias de “microrrevolução” são ativadas constantemente em ações diretas possibilitando a existência e o desenvolvimento do novo tipo de anarquismo hipermoderno, coexistindo em meio da multidão capitalista, no concreto da cidade desenvolvida e densa, “fundada para o fluxo do capital” (HARVEY, 2011). Por uma ecologia política e de saberes, em uma sociedade pautada na liberdade e na diferença, as microfissuras na tessitura do biopoder que as microrrevoluções pretendem também se estendem às fronteiras nacionais, fronteiras de gênero e da sexualidade, fronteiras culturais, econômicas e sociais. Mas tudo isso não ocorreria sem as microrrevoluções no âmago das relações de poder existentes.

Os rituais contemporâneos que os *Novads* praticam na selva de concreto nova-iorquina – sede do império do capital, a Roma contemporânea (conforme definição dos próprios ativistas) –, estão profundamente enraizados em uma estética subversiva que visa deteriorar gradualmente o poder da ordem hegemônica do sistema político a serviço do poder econômico. Seu alvo, nítida e explicitamente, são os mecanismos que produzem os dispositivos de controle e de disciplinamento dos corpos e que limitam a livre manifestação e desenvolvimento do potencial ontológico do humano em sua possibilidade de existência social ou política enquanto agentes partícipes de uma “caótica” simbiose constituinte de um grupo social emancipado.

A simbiose entre tribos heterogêneas e de “singularidades individuais” busca compor e instituir um “mosaico ecológico” da diferença e da diversidade que se projeta dos e para os indivíduos, agentes individuais e coletivos, que constituem uma sociedade imaginada como possibilidade real de governança social pelas confluências possíveis de interesses e sinergias ressonantes, dissonantes e destoantes. Nesse sentido vale evocar o que Foucault (1995) advoga como a necessidade de uma nova economia das relações de poder em que figurem as relações entre a racionalização e os excessos do poder, procurando determinar a genealogia das racionalidades e do próprio saber imbricado com as relações de poder historicamente existentes.

De certa forma, à maneira de uma sociologia espontânea as práticas discursivas, o esforço de formulação na Arena Fibonacci dos *Novads* caminha no sentido de uma arqueologia do saber e do poder. O ponto de partida para o desenvolvimento de uma nova economia das relações de poder, mais empírica e mais diretamente relacionada ao mundo contemporâneo, que implica relações mais estreitas entre teoria e prática, segundo o próprio Foucault, consiste em usar formas de resistências contra as diferentes formas de poder como um ponto de partida, utilizando essa resistência como um catalisador de modo a *esclarecer* as relações de poder, *localizar* sua posição, *descobrir* seu ponto de aplicação e os métodos utilizados.

Ou seja, não se trata de analisar o poder do ponto de vista de sua racionalidade interna, mas de analisar as relações de poder através do *antagonismo das estratégias* (FOUCAULT,

1995). Portanto, para compreender a microfísica do poder em seus dispositivos de assujeitamento dos indivíduos e controle da máquina governamental dos corpos dóceis, é preciso investigar as formas de resistência e as tentativas de dissociar estas relações.

Assim como operam os movimentos de ocupação, de um modo geral, e, mais especificamente, os *Novads*. O objetivo central dessas formas de luta, conforme apontadas por Foucault, vai além de atacar instituições, corporações, classe social ou determinada elite, enfim, os agentes de dominação nas relações de poder, mas antes de tudo, as estratégias visam principalmente atacar uma técnica, uma forma de poder que se aplica à vida cotidiana imediata categorizando o indivíduo, a lhe impor uma lei de verdade, reconhecida e reforçada socialmente. Eis a importância crucial da formulação foucaultiana para o desenvolvimento categorial e estratégico dos saberes, da linguagem e das práticas voltadas para as “microrrevoluções”.

Esses processos de apropriação de dispositivos de outras áreas vêm ocorrendo atualmente com as estratégias de lutas que se estabelecem contra os ativistas dos movimentos de ocupação, que são monitorados pelos governos, pelo FBI, CIA e outras instituições militares e de inteligência, como ameaças terroristas, sendo incluídos na esfera da política antiterrorista norte-americana que se amplia e é adotada progressivamente por vários países. O “terror”, portanto, deixa de pertencer a esfera do conflito militar entre países ou territórios e nações, e vem se transformando, cada vez mais a constituir uma guerra do Império contra a Multidão (HARDT; NEGRI, 2001).

O problema fundamental é que os dispositivos no capitalismo moderno são caracterizados por processos de dessubjetivação que tornaram-se reciprocamente indiferentes e não dão lugar à recomposição de um novo sujeito (AGAMBEN, 2009). Neste contexto, as sociedades contemporâneas constituem corpos inertes atravessados por gigantescos processos de dessubjetivação que não correspondem a nenhuma subjetivação real, resultando no eclipse da política. Tornam-se, tanto a esquerda e quanto a direita, meros gestores dos mesmos processos de dessubjetivação da máquina governamental do capital.

Os *Novads* procuram desenvolver *contradispositivos* em suas estratégias de luta, procurando incidir o foco da resistência nos processos de subjetivação-dessubjetivação, levando ao limite o exercício do poder por parte do governo e dos grupos instituídos, especialmente a classe política e as corporações transnacionais. Para Foucault toda relação de poder implica, pelo menos de forma virtual, recomposição de um novo sujeito (AGAMBEN, 2009). Neste, cujos “pontos de insubmissão” conduzem aos limites do exercício do poder nas estratégias utilizadas visando enquadramento e submissão. Daí a relevância das Zonas Autônomas

Temporárias e de todo o repertório de saberes e práticas que vem sendo consolidado no processo agonístico de lutas entre as relações de poder da multidão contra o “Império” do capital.

4.5.5. *Produção cultural dos Novads: NovadZine End of the World Edition.*

Enquanto corriam pelas redes sociais as discussões e temores apocalípticos em torno da profecia Maia do fim do mundo em 12 de dezembro de 2012, os Novads resolveram, num dos muitos momentos de *poiesis* – que caracteriza um dos métodos fundamentais de interação e produção coletiva do grupo, em sua *Arena Fibonacci* – produzir uma revista, a qual denominaram, posteriormente, NovadZine⁸⁵. A primeira edição de uma série que seria produzida com o objetivo de divulgar o modo de vida e a filosofia política novádica. Mas como praticamente tudo o que é produzido pelos Novads – e com a Novadzine não poderia ser diferente – resulta de processos interativos intensos de criação coletiva entre os membros do grupo, que ao vincular a questão (micro)revolucionária, ironicamente, à profecia Maia, intitulou-se a primeira edição como “End of the World Edition⁸⁶”, Edição 1, Vol. zero.

Mas o zero que indica o volume, vale ressaltar, em algumas publicações da revista está grafado na forma do símbolo matemático que designa conjunto vazio: \emptyset . Esta é uma clara referência ao caráter pluralista do grupo, o qual possibilita a multiplicidade de posicionamentos políticos. O conjunto vazio, neste caso, simboliza relativamente bem a forma como o grupo orienta a sua forma de existência baseada na liberdade ideológica, de pensamento e posicionamento político, como modo de coexistência plural, característica do anarquismo, de um modo geral. Consiste também em uma desconstrução da forma dominante de classificação bibliográfica, brincando e jogando com os trocadilho e simbolismos do Império.

A “Novadzine” foi lançada em dezembro de 2012, na data que o povo Maia profetizou o fim do mundo. Mas o fim do mundo, nos termos da revista, constitui uma clara referência ao fim do mundo capitalista e das formas de dominação do capital. Pretende simbolizar, acima de tudo, o fim de uma civilização e o recomeço, a reconstrução de uma outra, completamente diferente.

Já na introdução da Novadzine, um “chamado para a geração Novad”, começa com uma peça produzida por Lilac Novad, na forma de poema concreto, na qual se apresentam elementos que colocam em questão a realidade espaço-temporal do mundo presente, brincando com a

⁸⁵ Palavra que passou por processo de composição linguística por aglutinação dos termos Novad e *Magazine* (revista em inglês).

⁸⁶ Edição do fim do mundo.

percepção humana da realidade e com a memória recente, em um cenário apocalíptico imaginário sugerido ao protagonista. Mas que também dialoga, em uma ambivalência polissêmica, com o mundo real, onde os sujeitos estão sob o domínio de *Maya*⁸⁷, como em uma “casa dos espelhos” mantida pelo Império para dominar as multidões:

Será que isso de fato aconteceu? Será que se cumpriram suas expectativas? O que você lembra sobre acordar? O que você lembra sobre a noite passada? Será que isso existe de fato? Você desperdiçou toda a sua vida? Ou você joga o seu papel em sua plenitude? Como você define mudança, um ponto final ou de começo? Na casa dos espelhos a ambivalência é o próprio mundo. Como poderíamos definir se a mudança é realmente um ponto final em contraposição a um ponto de partida? Finais e começos foram feitos para unirem as linhas para que sejam difíceis de se distinguir. Mas eu tenho tido muita dificuldade ao considerar qualquer mudança um final real, desde que eu considero que a morte é sempre um começo para um bilhão de novos processos complexos. Eu estou adorando contemplar o fim do mundo hoje⁸⁸ (Lilac, 2012).

A primeira edição da *Novadzine* foi produzida pelo método da poiesis, no qual cada membro do grupo produzia sua peça, a seu modo, com sua característica estética e política. Cada peça foi composta, como um mosaico identitário em um cosmopolitismo político, com a temática principal do fim do mundo como metáfora de alerta para o cenário catastrófico do capitalismo contemporâneo em sua expansão sem limites. A crise de 2008 e as revoltas das multidões nos grandes centros urbanos teria sido o evento fundante de um fim de ciclo, demarcando novas temporalidades das formas de dominação e, conseqüentemente, das formas de lutas antissistêmicas.

Em um texto recente, intitulado *Notes On The Future Of Activism*⁸⁹ (2014), Micah White⁹⁰, um dos ativistas da tendência *Strike Debt* do OWS, evoca a imagem apocalíptica para delimitar o cenário do capitalismo contemporâneo e retratar a cultura política dominante e sua crítica, em um claro diálogo com a concepção geral da *Novadzine End of The World*, produzida

⁸⁷ Os hindus e budistas da Índia adoravam Maya como o “Universo Material”, como a “Mãe da Criação”, “Tecelã da Teia da Vida” e como ilusão. Maya também é cultuada no Nepal, no Tibete, na Ásia e nos Himalaias. Ela representada erguendo os véus da forma terrena para revelar a verdadeira natureza do Universo. De acordo com os Vedas, Shakti vem a ser Maya ou uma ilusão que lança um véu sobre Brahman, a última realidade.

⁸⁸ “Did it already happen? Did it fulfill yr Xpectorations? What do you remember about waking up? What do you remember about last night? Did it exist at all? Did you wast yr entire life? Or did you play yr role to its fullest? How do you define change, an end point or a start? In the house of mirrors ambivalence is the world. How would we define if a change is indeed an end point versus a starting point? Endings and beginnings were meant to tie together so the lines should be difficult to distinguish. But I’d have difficulty ever considering any shift a real end since i have death is always the start to a billion new complex process. I like contemplating the end of the world today”.

⁸⁹ Notas sobre o futuro do ativismo

⁹⁰ Doutor pelo Swarthmore College and European Graduate School, estudou com Zizek, Badiou, Ronell, Hardt e Ranciere. Um dos iniciadores do OWS e da tendência Strik Debt e fundador da plataforma

em dezembro de 2012. O artigo de White inicia com a imagem de um cenário catastrófico do presente, enfrentado pelos ativistas que, em sua luta, procuram contruir um outro mundo possível:

O ativismo contemporâneo se inicia a partir da constatação de que, pela primeira vez na história, uma sinergia de catástrofes nos enfrenta. Nosso ambiente físico está morrendo, nossos mercados financeiros estão em colapso e nossa cultura, alimentada em uma dieta de pensamento vazio/lixo, está atrofiando - incapaz de reunir a coragem intelectual para enfrentar nossa situação. Enquanto alguns podem advertir contra uma ação imediata, apontando que as sociedades frequentemente prevêm perigos os quais nunca vêm, o que é notável sobre os nossos tempos é que o apocalipse de fato já aconteceu [tradução livre⁹¹] (WHITE, 2014).

O ativista, ao evocar a imagem simbólica e real das catástrofes ambientais, econômicas e sociais de nosso presente, alerta para a fragilidade do pensamento crítico e, bem ao modo Novad de perceber as temporalidades, levanta a questão da ansiedade gerada pelas incertezas e pela sensação de insegurança catastrófica iminente, comparando essa situação com o período da Guerra Fria, em que a ameaça sobre a vida humana estava sempre no tempo futuro. Ao contrário do medo pós-apocalíptico que assolava a população mundial no passado, a ansiedade e o pavor do biopoder em que está imersa a população mundial atualmente reside no tempo presente e atravessa o cotidiano de todos:

Mas para aqueles de nós vivos hoje, o evento catastrófico não está localizado no futuro. Não existe um "pós"-apocalíptico *per se*, porque já estamos vivendo *no* apocalíptico. E embora nós possamos antecipar que a vida vai ficar mais dura, mais escura e infernal, a característica essencial do nosso tempo é que não tememos o futuro tanto quanto temos medo do presente [tradução livre⁹²] (WHITE, 2014).

Assim, Micah White, destaca um aspecto fundamental na forma como os ativistas do OWS concebem a conjuntura atual e o papel que o sistema joga no tabuleiro do poder mundial e que, de um modo geral, está em sintonia com a cultura política produzida nas constelações que compõem a rede de movimentos antissistêmicos mundo afora. A questão ambiental não aparece desvinculada da econômica e da cultura de consumo sem fim dos recursos naturais e do trabalho humano. A questão da temporalidade aparece como um elemento central nos

⁹¹ "Contemporary activism begins from the realization that for the first time in history, a synergy of catastrophes face us. Our physical environment is dying, our financial markets are collapsing and our culture, fed on a diet of junk thought, is atrophying -- unable to muster the intellectual courage to face our predicament. While some may caution against immediate action by pointing out that societies often predict perils that never come, what is remarkable about our times is that the apocalypse has already happened".

⁹² "But for those of us alive today, the catastrophic event is not located in the future. There is no "post"-apocalyptic *per se* because we are already living in the apocalyptic. And although we can anticipate that life is going to get starker, darker and hellish, the essential feature of our times remains that we do not fear the future as much as we fear the present".

discursos, nos textos e na produção cultural do OWS, especialmente na produção cultural dos Novads.

Em seu artigo, White desenvolve a temática da temporalidade, apresentando-a como um problema fundamental para o processo de desalienação, a produzir novas fronteiras de saber e de poder no contexto do ativismo contemporâneo, com uma chave de leitura que abre novas possibilidades emancipatórias e visões de mundo. A própria noção de tempo-espaço se altera para aqueles que lutam contra o sistema, na medida que as pessoas passam a perceber que a linha que separa um mundo pós-mudança climática de fato já fora ultrapassada:

Essa percepção (...) altera fundamentalmente os pressupostos temporais e espaciais subjacentes às lutas ativistas. E o primeiro aspecto do ativismo que deve ser repensado é a nossa noção de temporalidade [tradução livre⁹³] (WHITE, 2014).

Esta noção de espaço-temporal que transcende o conceito linear de tempo e as dimensões espaciais herdadas do pensamento ocidental moderno transita para uma noção mais próxima a da física quântica e das tradições orientais, onde são consideradas dimensões e não eventos encadeados linearmente. Assim, ao questionarem a noção moderna de tempo-espaço, questionam a forma como a história e a própria relação causa-efeito é difundida e apresentada nos meios de comunicação tradicionais. Os Novads, desde sua formação, questionam este mesmo estatuto espaço-temporal moderno e a materialização dessa concepção que pretende transcender as fontes modernas de saber, procura produzi-la no sentido de um contradispositivo de saber e de poder. Em seu texto, Micha White, que conhece o conteúdo da *NovadZine End of the World Edition*, dialoga com um conceito bastante trabalhado pelos Novads. Especialmente materializado-sintetizado no personagem mítico criado por Paul, artista plástico, membro Novad.

DimTim, a previação de Dimensional Time, é um personagem mítico criado por McLean e que representa em grande parte a identidade Novad como forma de romper com as tessituras do biopoder e como mecanismo de questionamento da realidade. Em matemática, teoria dimensional é um ramo de topologia geral que lida com dimensionais invariantes de espaços topológicos. Mas a intensão de se criar o DimTim está par amuito além da questão espaço-temporal. DimTim consubstancia toda uma mitologia Novad fundamentada na produção de zonas autônomas de existência e nos fluxos reais e imaginários da criatividade revolucionária como jogo (ou anti-jogo) contra o poder do Império.

⁹³ “This realization -- that the line into a post-climate-change world has already been crossed -- fundamentally changes the temporal and spatial assumptions underpinning activist struggles. And the first aspect of activism that must be rethought is our notion of temporality”.

A imagem de DimTim aparece várias vezes na NovadZine EoW⁹⁴, sempre acompanhada de textos curtos, que trazem algum assunto à tona. Alguns vídeos são produzidos com o personagem e, em várias pinturas e grafismos de Paul, DimTim aparece entrelaçado com os objetos, paredes, texturas, etc.



Figura 3. "Occupation" "Dim Tim" (Paul McLean)

Dando a impressão de distorção e coexistência dimensional do ser e do sujeito na realidade espaço-temporal multidimensional. Vale lembrar que a teoria quântica mais aceita atualmente sobre a quantidade de dimensões realmente existentes no universo debate sobre existir entre 4 e 10 dimensões. Sempre a última delas sendo o tempo e as demais espaciais. Ou seja, o universo tridimensional que se pensa ser real, na verdade é uma fração, uma "fatia" de várias outras dimensões imperceptíveis aos seres humanos. O mundo tridimensional, seria o mundo de Maya, dos Indus.

Mas, situando a questão no campo da política e de lutas contra o sistema, essa abordagem leva à crítica do mundo de Maya no que se refere ao poder, à fragilidade da democracia representativa e, principalmente, à noção de que a população detém o destino do planeta, dos recursos naturais e de seu próprio destino em suas mãos. A crítica dos movimentos antissistêmicos incide sobre a realidade criada e mantida pelo poder do capital e das grandes corporações, incluindo nesse cenário ilusório a sistema político e as formas democráticas de

⁹⁴ Abrevatura de End of World Edition.

governo. Denuncia, portanto, o jogo de poder e a miragem produzida para manter a alienação e apaziguar as tensões que emergem dos movimentos e das crises sistêmicas recorrentes.

Em uma das páginas da *NovadZine EoW*, cuja arte gráfica foi trabalho principalmente de McLean, a imagem apresenta seis homens de terno preto, ligados, dois a dois, pelo único olho que caracteriza o DimTim – como um ciclope da mitologia grega – onde se lê a seguinte frase: “se você encontrar uma empresa na estrada, vindo do *leste*, mate-a” (Paul, 2012). Aqui a personagem mítica dos Novads aparece na pele do lobo de Wall Street, representante das corporações do sistema financeiro. Simboliza, o capital e o poder das empresas, como inimigas dos homens e da emancipação humana. DimTim, as vezes aparece também com a boca costurada, como neste caso.

Em outra peça produzida para a revista, DimTim aparece na pele de Barack Obama, de um lado da página e, de outro, como uma figura geométrica simplificada, sobre o título de “Notas sobre tempo dimensional” ou, “numa segunda concepção”, sobre os fluxos “imaterial/material e emissor/receptor”. A peça apresenta, logo no início, a precondição para compreensão do DimTim: “eu não sou um conceito (...) eu tenho sido concebido” a lado da data de sua concepção original – por que ele está sempre em estado de mutação: domingo, 24 de janeiro de 2011, em Brooklyn, no Café Lula.

O texto da personagem continua:⁹⁵ “uma ideia não é um ser humano [o outro não existe (se o outro é humano e não artificial)] – não-fenômeno reflexivo, não-original”. Assim, DimTim emite suas primeiras opiniões e suas teses sobre algumas questões humanas e filosóficas, bastante reveladoras para compreensão do *ethos* Novad e sua produção cultural enquanto “*ato poético microrrevolucionário*”. A primeira expressão dogmática de DimTim, refere-se a negação de que Cristo é a única e exclusiva concepção imaculada, defendendo que todo ato de criação humana também é sagrado: “eu não tenho que aceitar para mim mesmo o dogma que sugere que a única imaculada concepção é a de Cristo, como uma proposição exclusiva, solidária. Toda concepção é sagrada” [tradução livre⁹⁶].

Paul, então, através de sua personagem, apresenta a primeira expressão metadogmática de DimTim que ataca a forma originária bíblica do patriarcado, na forma do pecado original supostamente causado por uma mulher: eu não tenho que aceitar para mim o dogma que sugere que o ciclo de concepção da humanidade e da natureza foi o resultado de um ato de maldade

⁹⁵ “I AM NOT A CONCEPT (...) I HAVE BEEN CONCEIVED (...) AN IDEA IS NOT A HUMAN BEING [The Other Not Exist (If the Other is Human, and not artificial)] – Reflexive non-phenomenon, not original”.

⁹⁶ I do not have to accept for myself the dogma that suggest the only immaculate conception is christ's, as an exclusive, solidary proposition. Every conception is sacred.

por uma mulher”. Então, para concluir sua intervenção na peça, DimTim apresenta em seu texto a sua primeira análise “mídia-filosófica”: “Platão está errado sobre a distinção necessária entre o ser humano, como concebido, e a concepção das coisas feitas por humanos, como invenções ou manifestações, relativas a (im)perfeição da não-idéia”.

4.5.6. *Ethos Novad: nomadismo ontológico cosmopolita*

Os Novads desenvolvem novas concepções e práticas forjando um neoanarquismo que concebe a uma organização societária fundada na possibilidade da diversidade irrestrita de liberdade ontológica e no respeito às diferenças identitárias. Visando a reinvenção da vida cotidiana, como resultado de “microrrevoluções”. Criam e reproduzem seus rituais libertários, na busca de liberação dos dispositivos de assujeitamento e, em tal processo, reiteram valores caros aos princípios de liberdade, criando novos conceitos e práticas de ocupação que se estendem para além da ágora contemporânea.

As microrrevoluções pretendem instituir uma nova gramática social, construir paulatinamente novas culturas políticas, modos alternativos de produção, distribuição e consumo, novas formas de sociabilidade e relações sociais radicalmente horizontais, sem a figuração de representações de alguns que sobrepõem seus interesses sobre a maioria que representam. A representação política não figura no horizonte das microrrevoluções, nem tampouco um sistema político vertical onde as corporações dominam e orientam os modelos de desenvolvimento, as relações de produção e o destino da própria democracia.

Para os Novads, o tempo livre que deveria determinar seu lugar e seu papel no mundo, o tempo das escolhas que possibilitariam a construção criativa de sua própria identidade, tempo para determinar a constituição do seu *self* enquanto pessoa ou ser social (sem pressão das necessidades ou das possibilidades que o mercado lhe oferece) – no capitalismo, não é possível. Daí a necessidade das microrrevoluções para produzir novas gramáticas sociais que possibilitem o surgimento do “indivíduo social”, conforme Marx define nos *Grundrisse* (1857-1858).

O anti-capitalismo é tão antigo quanto o capitalismo e constitui uma expressão relevante do sociometabolismo do próprio mecanismo que leva às transformações em seu “espírito” (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009). A indignação com injustiças sociais históricas parece figurar na fonte que alimenta as insurreições antissistêmicas e acompanha os períodos de transformações históricas por quais passam as sociedades nacionais e o mundo globalizado nas três fases da modernidade (DOMINGUES, 2007). José Maurício Domingues (2007) defende

que cada fase da modernidade corresponde a determinado “espírito” do capitalismo, que se modifica frente às críticas que incidem sobre os efeitos sociais, econômicos que afetam de maneira desigual classes sociais, gêneros, raças e etnias, países e continentes.

Para cada crítica historicamente produzida o capitalismo parece erigir-se renovado a partir da própria crítica de modo a incorporar novos dispositivos que possibilitam a manutenção da ordem do capital: a civilização capitalista. A luta pelo poder interpretativo no contexto dos movimentos sociais, portanto, institui um campo de lutas simbólicas no qual as narrativas e discursos são estruturados em “scripts” elaborados no sentido de interpretar o mundo e suas relações. Estes “contradispositivos simbólicos” são fundamentais tanto para as disputas políticas quanto no âmbito e contexto do cotidiano, figurando na esfera da mudança político-cultural. A luta pela hegemonia da interpretação do mundo social, como bem ensina Bourdieu, constitui uma luta simbólica para os movimentos sociais que se colocam numa arena de disputas.

Para delimitar as características desses novos movimentos sociais, pode-se considerar, sobretudo, que quando os movimentos antiglobalização tiveram início e começam a afirmarem-se, é também quando tem lugar a reação geral das forças capitalistas mediadas pela ação do Estado na forma de biopoder. Estabeleceu-se uma dinâmica entre o Império, de um lado, e a multidão, de outro, em que os movimentos anticapitalistas vêm sendo sistematicamente desmontados. A resposta, desde então, como reação ao crescimento exponencial dos movimentos sociais de ocupação, consistiu em uma estratégia reacionária que tratou imediatamente de instituir uma ordem a este novo caráter, a esta intensidade do movimento das multidões.

Esta resposta foi bastante clara: a dimensão mundial assumia o caráter de um território de guerra, a partir dos acontecimentos de 11 de setembro de 2001. Esta dimensão bélica difusa e transnacional do território global enquanto cenário de guerra contra “o terror”, passou a assumir um caráter de intervenção policial que devia romper e interromper qualquer possibilidade de uma determinação contínua de luta, conforme assevera Antônio Negri:

Claramente, depois de 2001, com o ataque às Torres Gêmeas, a política capitalista a nível mundial se determinou de um amaneira absolutamente diferente. Todos os elementos do poder têm sido acentuados, todos os elementos que empurravam para uma organização capitalista, cada vez mais financeira e parasitária, frente a uma organização do trabalho cada vez mais importante, e sobretudo a propaganda bélica e da superioridade ideológica e cultural do mundo ocidental, significaram a exaltação do capitalismo em quanto tal e das formas de democracia tradicionais. Isto vem adquirindo cada vez mais importância (NEGRI, 2010, p. 21-2).

Para Negri, na Europa e nos Estados Unidos, se vive uma situação em que as organizações sociais do trabalho e aquelas que lutam contra a exploração já não existem mais em suas antigas formas de mobilização. Os movimentos estariam em uma fase em que os atores críticos, e que se opõem ao sistema capitalista e a democracia frágil e subserviente, se vêm obrigados, frente às movimentações do Império, a inventar novas formas de organização em nível social, que não têm nenhuma continuidade com o passado, nem com as organizações desse passado. Negri também afirma que, diante desta situação histórica - na qual as organizações de esquerda não existiriam mais - o ciclo de lutas da nova fase, da nova época, o “movimento dos movimentos” continua de todas as maneiras vivendo, e subsistindo no mundo.

Contudo, é preciso considerar o significado do precariado e o desenvolvimento teórico do marxismo posterior à queda do muro de Berlim, sobre o sujeito revolucionário no capitalismo tardio, a partir de novas leituras da obra de Marx, especialmente nos *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858* (2011), levando em conta o que Negri e Hardt (2005) definem como “multidão”, mais especificamente, quanto ao aspecto de ruptura histórica e fragmentação das organizações da classe trabalhadora e dos diferentes significados que assume o termo “proletariado” no debate contemporâneo.

A simbiose entre tribos heterogêneas e de “singularidades individuais” busca compor e instituir um “mosaico holográfico” da diferença e da diversidade que se projeta dos e para os indivíduos, agentes individuais e coletivos, que constituem uma sociedade imaginada como possibilidade real de governança social pelas confluências possíveis de interesses e sinergias ressonantes, dissonantes e destoantes.

A sociedade imaginada no horizonte utópico do grupo, a orientar as práticas do presente, possibilitaria uma formação social organizada a partir das diferenças e passível de autogestão no nível das tribos identitárias, mais ou menos convergentes entre si, possibilitando a autogestão articulada do social e do econômico em uma miríade de diferenças culturais singularizadas e intercambiáveis. A partir de pequenos grupos, “nodes” da rede heterogênea, pequenas unidades (territoriais, espaciais ou virtuais) comunas autônomas e altamente interconectadas pela tecnologia avançada, coexistindo na diferença e na diversidade, a compor “unidades” mais abrangentes.

Segundo os Novads, para além de um mundo sem fronteiras, a imagem das “microrrevoluções” é a imagem dos fractais, da ordem que emerge do caos. O caos dos sujeitos livres que se autodeterminam para viver como desejarem em sociedade. Uma sociedade forjada na liberdade e na diferença. As microfissuras que as microrrevoluções pretendem também se estendem às fronteiras nacionais, fronteiras de gênero e da sexualidade, fronteiras culturais,

econômicas e sociais. Mas tudo isso não ocorreria, segundo os ativistas, sem uma microrrevolução do poder. Daí a relevância do constructo teórico-metodológico de Foucault para compreender e lançar luz sobre estes conceitos híbridos forjados nas lutas de ocupação contra o capital.

Para os Novads, o tempo livre é que deveria determinar seu lugar e seu papel nômade no mundo, o tempo das escolhas que possibilitariam a construção criativa de sua própria identidade; tempo para determinar a constituição do *self* enquanto indivíduo ou ser social, sem a determinação das necessidades ou das possibilidades que o mercado impõe na sociedade capitalista. Daí a necessidade das “microrrevoluções” para produzir novas gramáticas sociais que possibilitem o surgimento do “indivíduo social”, conforme Marx apresenta nos Grundrisse (1857-1858), socialmente conhecido e determinado pelo que faz com o tempo livre e não pelo tempo de trabalho.

As “microrrevoluções” pretendem diluir fronteiras simbólicas e materiais (sociais, políticas, culturais ou econômicas) e visam ampliar a cidadania nacional para a infinitude da transnacionalidade nômade, porque a esfera do político não tem limites rígidos, a política e a nacionalidade é que os impõem em sua linearidade circunferencial das fronteiras, cultural, social e politicamente, instituídas. A política cultural subversiva dos Novads pretende instituir simbólica e materialmente o trânsito perpétuo das subjetividades e identidades singulares e o nomadismo transnacional libertário em um mundo sem fronteiras. Mas para isso é preciso romper com as tessituras do biopoder, segundo os Novads. Atchu aborda esta questão em um de nossos diálogos:

Eu preciso conversar com você sobre duas coisas importantes: a primeira é uma coisa, que está muito clara agora, que a gente vem falando, até, há um bom tempo, sobre o biopolítico, né, do Foucault e tal. Porque realmente a gente está numa fase pós-estruturalista e, agora, esse pós-estruturalismo está começando a pegar no movimento. A galera tá começando a pensar que é a real, sabe. O Guattari, o Deleuze, estavam certos. Só que, uma coisa é que ninguém sabe como é que a gente vai dar conta disso. Como é que você cria toda uma teoria para poder dar conta dessas questões. O Christopher [Moylan] mandou esse texto. (...) Esse autor, [Kuniichi Uno] ele é um filósofo japonês e ele foi discípulo do Deleuze, na verdade, acho que ele foi tradutor das obras do Deleuze, né, pro japonês. Mas só que ele teve uma carreira que foi além da tradução, ele não só traduziu a obra dele, mas contribuiu também em cima. E, pelo que eu entendi, ele é considerado também um discípulo dessa corrente de pensamento, que alimenta muito o Novad. A ideia do Novad. Que essa coisa do Agambem, do Braudillard. De novo, Deleuze, Guattari, Foucault... e esse japonês, agora, pra mim, é o cara que está vivo, que está escrevendo, nessa tradição, nessa corrente de pensamento, mas só que contribuindo... Levando pra um lado que é totalmente a fundamentação do que a gente está conversando. É a fundamentação do dinâmico, do caótico, do rizomático, do corpo político e do corpo social, como tendo uma fisiologia própria, sabe. Como tem um comportamento biopolítico, biorede... é muito louco. Esses japoneses, trazem toda essa questão do fluxo. Você vê

muito forte, uma inclinação de pensamento de fluxos, de correntes... é, do devir (*Atchu, 2013*).

Com base em Kuniichi Uno o grupo desenvolve uma fundamentação do dinâmico, do caótico, do rizomático, do corpo político e do corpo social, como tendo uma fisiologia própria. Um comportamento biopolítico na forma de biorede que apresenta uma inclinação ao pensamento sempre relacionado a fluxos, correntes e devir. Uno escreveu onze ensaios sobre o corpo, a dança, o teatro, o cinema e a biopolítica com reflexões que tomam como referência obras de Nijinsky, Tanaka Min, Hijikata, Artaud, Beckett, Genet e Deleuze. A dança e os escritos de bailarinos japoneses inspiraram-no para pensar sobre o corpo a partir do movimento. O encontro desse corpo, pelos autores trazidos por Uno, não se dará de maneira “positiva”, mas pela “transgressão” da razão, pela crueldade do pensamento, pelos interstícios, pelas fissuras, pela realidade que excede o texto. O que interessa a Uno nos autores franceses é a forma como desestabilizam os aspectos mais cartesianos e dogmáticos da filosofia da razão europeia, ou seja, é aquilo que os aproxima do Oriente.

A Spivak tem uma leitura neoestruturalista, que ela faz também uma crítica de que o Foucault faz uma leitura equivocada do Marx e uma leitura de um certo marxismo, e que, portanto, a partir dessa leitura ele constrói sua crítica ao estruturalismo de um modo geral. Em relação a questão de consciência, trabalho e lutas de classes, que estão mais no âmbito de um determinado marxismo, identifica-se muita resistência, de um modo geral, porque os pensadores do “sul”, os pensadores “subalternos”, os intelectuais “subalternos”, eles acabam dialogando, de um modo ou de outro, com um certo estruturalismo. E quando o grupo fala em pós-estruturalismo, a gente deixa de lado essas questões como vencidas. Da análise das relações sociais e dos pressupostos econômicos das relações sociais, que também entram na análise ou devem entrar na análise de algum modo.

Em verdade os motivos que levaram a emergência do Occupy Wall Street ou o 15-M estão muito relacionados ao surgimento de uma grave crise. A crise econômica deflagra processos, contudo é necessário considerar as limitações desse modelo explicativo com base em determinismos econômicos que advém de um certo marxismo vulgar. Os Novads vêm construindo suas leituras e análises, a partir de determinados autores. Em sua maioria, autores pós-estruturalistas, e quando se vai considerar uma fundamentação histórica, faz-se necessário repensar a negação ao estruturalismo e refletir sobre a questão.

Se é pela ótica de Foucault que se faz a leitura de como aconteceu o fenômeno histórico, então a análise segue, necessariamente, pela genealogia do saber e do poder. Genealogia das práticas discursivas e de como é que isso se dá na história. É preciso saber se essa abordagem

é suficiente para pensar mecanismos de contradispositivos de poder e de saber. Certamenmte não é. Agambem coloca esta questão, a partir dos contra-dispositivos, com a profanação como método de libertação no sentido simbólico e prático de decolonização do saber e do poder.

Por outro lado os Novads falam de cooperativa, de modo de produção, de mudar modo de produção, então tais autores não são suficientes. Desse modo acaba se recorrendo ao pensamento mais estruturalista. Vale questionar quais seria conta de compreender, por exemplo, modo de produção cooperativo e autogestionário, que se está discutindo com o Christopher Moylan⁹⁷, com o que está sendo debatido no InterOcupy. Quando se em acabar com a relação capital/trabalho através de cooperativas, aí se faz necessário voltar-se aos autores estruturalistas. Aprece inevitável, porém a chave de leitura – e o diálogo no sentido de alargar conceitos e desdobrá-los no sentido de darem conta da realidade das relações social no capitalismo contemporâneo.

Nas microrrevoluções se pretende diluir as fronteiras, reais ou simbólicas, sociais ou políticas, culturais ou econômicas. Pretendem ampliar a cidadania nacional para a infinitude da esfera planetária, porque a esfera não tem limites, o capital, a política e a cultura é que os impõem. O círculo não tem fim, apenas no vai e vêm em uma ou outra direção, mas a esfera amplifica as dimensões da finitude bidimensional para a infinitude do movimento e dos fluxos identitários para uma terceira dimensão. A noção de um espaço-tempo tridimensional, radicalmente diferente da linearidade circunferencial das fronteiras cultural, social e politicamente instituídas, possibilita (ou deveria possibilitar, segundo os Novads) o trânsito em todos os sentidos e direções que compõem a superfície esférica planetária: um lugar de transito permanente, de nomadismo, de trocas culturais, como Gilroy poeticamente bem desenha em seu *Atlântico Negro*.

O cotejamento de tais contribuições com os aspectos da pesquisa sobre a emergência de uma nova cultura política no movimento Occupy Wall Street, especialmente com base na pesquisa sobre os Novads, será tarefa a ser desenvolvida, visando o texto de qualificação. Assim, considerando que a preocupação central de minha empreitada investigativa figura nas formas de insurgência contra o capital e seus modos de dominação e sujeição de grupos subalternos ao capital do mundo contemporâneo, procurei concentrar os esforços para produção deste texto no sentido de estabelecer relações prováveis entre as obras e autores, visando articular identidade cultural e subalternidade à colonialidade do saber e do poder.

⁹⁷ Chris é um Novad e professor universitário.

Metáfora da quimera como o corpo sem órgãos denominando o grupo e o próprio movimento em sua heterogeneidade. A Arena Fibonacci e a pluralidade do grupo político em constante movimento ontológico rumo a uma diversidade crescente simbolizada na metáfora da quimera como a denominação da heterogeneidade participando do mesmo “corpo sem órgãos” e a expressão zizomática da rede de movimento, nas palavras de Atchu:

Transdisciplinariedade... o Morin, o Barabesco... esse pessoal todo. Mas a gente percebeu que, alguns processos da natureza e políticos não são reduzidos às somas das partes. E, ao contrário, são além da soma das partes. E por isso que a gente usa a metáfora da Quimera. A quimera é aquele bicho mitológico, grego, que é a junção de uma cabeça de leão, corpo de cabra e rabo de serpente. Se você pensar, não faz sentido né. Como é que você tem um animal que é a soma dessas partes todas, mas que na verdade não é nem um nem outro. No fundo, o que a gente está dizendo é isso. O que a gente está chegando, historicamente, é maior do que assoma das partes. Não é, você pegar o leão, a cabra e a serpente, você não vai ter uma quimera. (...) Mas de certa forma, existe uma fórmula de pegar essas partes, trabalha-las juntas e, de um certo jeito que você tem uma energia de um corpo, cujo todo é maior que a soma das partes. Que é a quimera. (Atchu, 2013)

Nomadismo se manifesta como expressão da contemporaneidade e do mundo sem fronteiras, mais próximo, com um fluxo e transito mais intensos e uma troca cultural mais intensa e frequente. Parece que está surgindo um nomadismo cosmopolita, em um mundo cada vez mais conectado, e globalizado. Boaventura de Sousa Santos aprofunda esse debate do multiculturalismo, da epistemologia do sul, propondo a construção de uma ecologia de saberes e de diálogo entre as lutas emancipatórias, num trabalho de tradução.

Contudo, pela forma como o rizoma se propaga como um nomadismo ontológico, segundo os ativistas, deveria prescindir de traduções e deixar a “quimera fluir” em seu desenvolvimento “caótico” do corpo sem órgãos:

O nomadismo, as vezes é, deve ser pessoal e relacionado ao indivíduo, mas é também conceitual, no sentido de mudar as relações, né! O nomadismo do modo de produção! Você, principalmente hoje, onde você está e naquele terreno que te pertence, naquele, sabe... você consegue produzir em ciclos, em grupos, que produzem juntos e dissipam pelo mundo. Hoje em dia a gente tem essa possibilidade muito mais próxima. Uma coisa que a quinhentos anos atrás era impensável. Hoje em dia é muito mais próximo e uma geração na frente (inaudível). O mercado... você já tem amigos no exterior e fala pelo Skype, (...) busca informações fora, não usa mais os meios tradicionais de se obter informação. É uma pessoa que busca mais outras fontes, né. Então, acho que, de um jeito ou de outro, essa questão do intercâmbio cultural é muito mais imediato. É só você estender essa proximidade para as relações de trabalho, para as relações de produção. É através muito disso que a gente tem pensado, também (Rafa, ANEXO I, p. 106-7).

Produção de subjetividades nômades e comunais, em desenvolvimento livre de espaços pluripotenciais enquanto formas de produção cultural contra hegemônica, configura uma das estratégias de microrrevoluções para os Novads:.

E o nomadismo é muito forte na nossa comunidade, no RevGames. E é um nomadismo que a gente chama de ontológico. E não quer dizer que você... não vai mais ter agricultura. Não é isso! É, tipo, nomadismo ontológico é você notar saturação e, meio que, equacionar saturação com morte. Com “*wedunring life*”, em inglês. (Atchu, ANEXO I, p. 107).

No Brasil, o Ocupa Sampa também desenvolve esta questão do nomadismo e dos processos ontológicos. Ana Terra Se coloca como uma ativista que vivencia a sua filosofia política e que suas relações pessoais e política se dão na vida cotidiana, fora e dentro do movimento:

Eu sou ativista há 10 anos...em setembro de 2003... eu quero priorizar na minha vida atividades que vão transformar a sociedade... acima de carreira profissional, acima de amizades pontuais fragmentárias... mas isso não me tira dessas coisas... não material, não financeiramente mas sustento legítimo... teto.... amizades com pessoas que querem outro mundo... foi natural... não teve rachas. Contente em encontrá-las e ponto. Mas os amigos que participam de motivações que participo dá mais gás na afetividade. (...) Eu estou no Ocupa Sampa por uma continuação de uma forma de viver.. Não único.. se não estivesse satisfeita com isso. Em parte como eu identifico como sendo minha comunidade, como pessoas que as coisas que eu faço com elas transformam... como eu vejo a melhor neste momento e mais efetiva e menos contraditória possível, apesar de ser ainda bem contraditória, menos hipócrita. Eu nem teria como dizer que ainda estou no Ocupa... porque as pessoas neste momento nomeiam como Ocupa a continuidade do que a gente tem feito. (...) De 2011 para frente eu nunca mais trabalhei comercialmente na vida.. Não quero me dedicar a nenhum tipo de profissão, mas a minha **vocação**. Minha vocação é fazer aquilo que está sendo chamado para fazer.... e se for para descobrir uma forma de me sustentar que não tenha a ver com vínculo profissional que você ganha dinheiro... vamos a isso... vai fazer parte do processo. Eu desconfio que não há limite na minha militância. Se fosse presa, 3 anos, traumatizada, 6 meses depois, concurso, ou eu pulo de uma janela ou desencano dessa vida convencional. Não me impediria de continuar militando. Eu já tenho muito incentivo... dentro de mim, do meu lado, de quem tava antes, de quem tá vindo depois. Eu não consigo enxergar limite no ativismo. Nenhum. Todas as esferas da minha vida estão contaminadas no bom sentido. Eu sou poliamor, eu trabalho sem ganhar dinheiro, eu vivo coletivamente, eu partilho minha comida, planto coisas que eu como, como plantas ruderais das praças... cada hora descubro mais aspectos... Quando tenho dinheiro, divido com quem precisar assim... Eu não vejo limites (Ana, 2012)

A produção cultural das redes de movimentos antissistêmicos, especialmente na constelação novadiana, o jogo mira no desenvolvimento de contradispositivos de poder e de saber, no sentido de gestar subjetividades rebeldes, autodeterminadas e autogestionárias em uma coletividade hiperheterogênea, aproximando-se da noção deleuze-guatarriana do “corpo sem órgãos”, a partir da convivência em “espaços pluripotenciais”. Nestes momentos característicos do *ethos* Novad, cada qual, a sua maneira e coletivamente, procura estabelecer uma “fissura na tessitura no tempo-espaço do Império”, para romper com as formas e dispositivos de biopoder que incide sobre os corpos. Assim, em termos ontológicos, se pretende realizar a decodificação e recodificação das relações sociais, políticas, culturais e estéticas dominantes, transcendendo-as em novas formas e códigos. Atchu defende que, sobre :

Essa parada, o Deluze e do Guattari acertaram em cheio. O corpo sem órgãos é uma coisa que a gente tá falando, assim, o movimento está começando a pegar. Que é essa parada dos espaços pluripotenciais. É você notar que cada espaço é codificado com um grupo de regras, ele opera, ele está codificado para operar de uma certa forma, mas só que isso não é uma coisa definitiva. Você pode entrar no espaço com um grupo de pessoas, decodificar aquele espaço apagar as regras, codificar diferente, e ter aquele espaço funcionando totalmente diferente. E isso é perigosíssimo para o Império. Perigosíssima essa percepção, porque, criar essas Zonas Autônomas Temporárias, essas TAZ, e operar maios que, assim, por três meses, como foi o Zucotti Park, no coração do Império! Com regras totalmente diferentes! Você entrou aqui, as leis são totalmente diferentes, vocês não nos representam! Isso aqui é realmente uma comuna! O império, obvio, que ele iria desce a polícia em cima da gente. Óbvio que ele iria mandar gente infiltrada, como mandou e continua mandando. Porque é muito perigoso! É muito perigoso você ter pessoas que entendem que não precisam receber as ordens e as regras de fora! É muito perigoso isso. É muito *empowerment*. (Atchu, 2013, P. 107-8)

Para os Novads, para além de um mundo sem fronteiras, a imagem das microrrevoluções é a imagem dos fractais, da ordem que emerge do caos. O caos dos sujeitos livres que se autodeterminam por si mesmos para viverem como desejarem em sociedade. Uma sociedade pautada na liberdade e na diferença. As microfissuras que as microrrevoluções pretendem também se estendem às fronteiras nacionais, fronteiras de gênero e da sexualidade, fronteiras culturais, econômicas e sociais. Mas tudo isso não ocorre sem uma microrrevolução do poder. Daí a relevância do constructo teórico-metodológico de Gilroy com sua metáfora fractal e rizomática da identidade.

A identidade cultural, a cultura em sua dinâmica e complexidade simbólica, assim como as relações sociais do mundo contemporâneo, em sua teia de significados e acontecimentos históricos, constituiu o “feixe condutor” dos debates (porque “fio condutor” poderia soar simplistamente universalizante no campo identitário e porque poderia reduzir a riqueza epistemológica que as leituras e interpelações possibilitaram sobre o tema) em sala de aula, em uma progressão cada vez mais aprofundada e complexa das implicações teóricas e metodológicas, conforme o desenvolvimento dos textos e das interpretações que se seguiam.

O nomadismo ontológico é uma questão amplamente debatida pelos Novads e para possibilitar este processo de construção identitária o grupo busca, em suas práticas culturais, desenvolver o que eles denominam de “espaços pluripotenciais”. Nestes momentos de convivência mutua, o sujeito autônomo criativo assume o lugar central, produzindo espaços de diferenciação e de potencialidade de devir individual e coletivo. Assim, o sujeito pode alcançar outras possibilidades do ser e de criação, de produção, de arte, de brincadeira e do jogo, de linguagem revolucionária, resultando em liberdade ontológica:

Quando você tem saturação, esse nomadismo ontológico, ele se mexe, ele vai para outro lugar, mesmo eu seja o lugar dele próprio. Essa pesquisa, o RevGames fez muito! Fez muito! Explorar espaços pluripotenciais, que você

perguntou. O que são espaços pluripotenciais? É aquele negócio do Foucault, do Deluze e do Gatarri. Do corpo sem órgãos. É você ir para um espaço, é, social ou individual de indiferenciação, um espaço de potencialidade, um espaço pluripotencial e, a partir daí, a partir desse espaço, você alcançar outras possibilidades de criação, de produção, de arte, de brincadeira, de linguagem. Então, é meio... é voltar pra... é um regresso, mas meio que uma mola, né. Você volta mas depois vai para a frente. A História tem muito desses pêndulos (Atchu, ANEXO I, p. 107).

4.5.7. *Radicalidades democráticas: os indignados e a crítica ao estatuto da representação*

No cenário mundial de profundas incertezas, em 2010 é lançado o livro “*Indignez-vous!*”, no qual Stéphane Hessel propõe uma reflexão sobre o mundo presente, com uma mensagem para construção do mundo futuro: não perder a capacidade da indignação. Inspirado na mensagem de Hessel surge a denominação dada aos movimentos de protestos iniciados na Espanha, onde alguns manifestantes, simbolicamente empunhavam seu livro. Na Europa, os ativistas em marcha, em 26 de julho de 2011, caminharam da *Praça del Sol*, em Madri, até Bruxelas, sede do parlamento europeu. A “Marcha Popular Indignada” se encontrou, em outubro, com outras rotas vindas de Portugal, Itália, Grécia, Suíça, Alemanha, Bélgica, Holanda, Inglaterra e Irlanda.

A heterogeneidade de demandas, origens, ideologias e interesses dos manifestantes da Praça do Sol na Espanha, em Wall Street, Athenas, Londres ou no Brasil é tão complexa quanto a própria sociedade contemporânea com seus fluxos reais e virtuais e pode confundir o mais experiente dos analistas e cientistas sociais. Contudo, não há como negar que existe uma instabilidade política pairando no ar para além da questão econômica e que tem origem nas graves consequências da crise estrutural do capital (MÉSZÁROS, 2011), encabeçada pela atual crise do sistema financeiro global (CHESNAIS, 1996). Mas de que democracia está se falando quando se trata do “movimento dos movimentos”? A análise sistemática de inúmeras atas de reuniões, documentos oficiais, imagens e vídeos, permite considerar uma pluralidade de versões e visões de mundo bastante heterogêneas que vão convergindo gradualmente para concepções radicais de democracia e de poder difuso.

A crítica às frequentes contradições entre os interesses da maior parte dos cidadãos e a classe política que defende aligeiramente os interesses do capital, poroso aos regimes eleitorais, especialmente em sua conformação representativa, consiste em um consenso bastante majoritário encontrado em documentos, oficiais do Movimento dos Indignados, o 15-M, como no “Manifesto Democracia Real Já”, de 15 de Maio de 2011:

Somos personas normales y corrientes. Somos como tú: gente que se levanta por las mañanas para estudiar, para trabajar o para buscar trabajo, gente que tiene familia y amigos. Gente que trabaja duro todos los días para vivir y dar un futuro mejor a los que nos rodean. Unos nos consideramos más progresistas, otros más conservadores. Unos creyentes, otros no. Unos tenemos ideologías bien definidas, otros nos consideramos apolíticos. Pero todos estamos preocupados e indignados por el panorama político, económico y social que vemos a nuestro alrededor. Por la corrupción de los políticos, empresarios, banqueros. Por la indefensión del ciudadano de a pie. Esta situación nos hace daño a todos diariamente. Pero si todos nos unimos, podemos cambiarla (15M, 2011, p. 10).

No manifesto o movimento 15-M expressa sua indignação com o sistema eleitoral, a classe política e a democracia vigente:

A democracia parte do povo (*demos*: “povo”, *cracia*: “governo”), assim o governo deve ser do povo. Contudo neste país a maior parte da classe política sequer nos escuta. Sua função deveria ser a de levar nossas vozes às instituições, facilitando a participação política e cidadã mediante a garantia de direitos e procurando o maior benefício para a maior parte da sociedade, não a de enriquecer-se e prosperar às nossas custas atendendo ao interesses dos grandes poderes econômicos e ligando-se ao poder através de uma ditadura “partidocrática” [...]. (tradução livre) (15M, 2011, p. 10).

Para o 15M, portanto, é necessária uma revolução ética, já que a sociedade capitalista colocou o dinheiro acima do ser humano e é necessário inverter essa lógica e colocá-lo a serviço do ser humano. O documento que resultou da Assembleia de 22 de maio de 2011 na *Puerta del Sol* elenca os principais pontos defendidos pelo movimento no início de sua formação e contempla nove temas principais: eliminação dos privilégios da classe política, contra o desemprego, direito à habitação, serviços públicos de qualidade, controle das entidades bancárias, tributação, liberdade cidadã e democracia participativa, redução dos gastos militares e o fim do senado.

O movimento também propõe a criação de mecanismos de governo eletrônico, conforme expresso em um documento denominado “Democracia 4.0” no qual o escopo principal é “*Esto es el futuro: actuar y difundir. Todas las personas que lo han leído, ya no pueden volver a pensar como antes, ni pueden seguir creyendo en el sistema democrático actual*”. O documento consiste em uma proposta de lei submetido ao congresso espanhol para a efetivação do direito em desuso, por motivos óbvios, em que cada cidadão poder votar em um projeto de lei de maneira individual. O que antes parecia impossível pela quantidade de cidadãos passou a ser viável em função das novas tecnologias, que possibilitam a votação pela internet com assinatura digital em cada projeto de Lei que o legislativo aprecia. Nesse modelo proposto, o cidadão revoga sua parcela de soberania concedida a seu representante e assume ele mesmo o seu peso eleitoral relativo no processo legiferante.

Os indignados da Espanha constituem o movimento mais bem organizado e que conseguiu consolidar propostas e consenso sobre um determinado número de temas. O que é relevante nesse processo de crítica e construção de modelos alternativos é o fato de tais propostas articularem modelos extensamente debatidos na teoria sobre a democracia com aspectos inovadores, como o que configura a ciberpolítica. O projeto fundamenta-se em um estudo de caso de um deputado que utilizou esta tecnologia para votar a partir de sua residência. Desse modo, a democracia espanhola constituiria em um híbrido entre democracia representativa e direta, em que o poder de voto dos representantes poderia ser esvaziado na justa medida (com peso proporcional) da adesão popular a determinado projeto de lei.

Percebe-se nos documentos, vídeos e entrevistas que a radicalização da democracia, instituiria um novo modelo de Estado, pelo e para o poder popular e suas demandas. Segundo Ellen Meiksins Wood (2003), um poder revolucionário de transformar - por ser incompatível com - o capitalismo e as mazelas e contradições sociais e econômicas (agora mais evidentes reveladas pelas frequentes crises) que ele produz. Neste mesmo sentido Zizek, reafirma a relevância das ocupações e seu papel crítico:

Sim, os protestos realmente criaram um vazio – um vazio no campo da ideologia hegemônica –, e será necessário algum tempo para preenchê-lo de maneira apropriada posto que se trata de um vazio que carrega consigo um embrião, uma abertura para o verdadeiro Novo. (ZIZEK, 2011, p. 18)

Os baluartes das políticas de ajustes são um concorrente poderoso na disputa contemporânea pelo significado da cidadania e pelo projeto de democracia liberal. Tal projeto lança mão de novos discursos individualizantes e atomizados, desenvolve novos dispositivos de ajuste e controle social, visando introduzir novas formas de subjetivação e disciplinamento dos corpos. As redes de movimentos dos *occupies* colocam na pauta política contemporânea a discussão de alternativas aos regimes econômicos desiguais e a experimentação do igualitarismo democrático radical (PESCHANSKI, 2012). A onda de revoltas, protestos e ocupações tomou forma de um movimento global antissistêmico, articulando as potencialidades do ciberespaço e as tradições emancipatórias dos movimentos nos espaços urbanos.

Percebe-se, com base na pesquisa até o momento realizada, que a radicalização da democracia pretendida pelos atores sociais que constituem a rede *Occupy*, busca instituir um novo modelo de Estado para o exercício do poder popular em suas demandas, que segundo Ellen Meiksins Wood (2003), constitui um poder revolucionário de transformar (por ser incompatível com) o capitalismo, as mazelas e contradições sociais e econômicas – agora mais evidentes reveladas pelas frequentes crises – que ele produz. No mesmo sentido, Slavoj Zizek reafirma a relevância das ocupações e seu papel crítico no campo da ideologia:

Sim, os protestos realmente criaram um vazio – um vazio no campo da ideologia hegemônica –, e será necessário algum tempo para preenchê-lo de maneira apropriada posto que se trata de um vazio que carrega consigo um embrião, uma abertura para o verdadeiro Novo (ZIZEK, 2011, p. 18).

A relação institucional política orgânica do mercado subsumindo o Estado e os governos que deixam de lado as demandas sociais, priorizam os interesses do capital e das corporações. Assim, produzem desigualdade social, expandem-se e complexificam-se, a perpassar o mundo social contemporâneo, colocando em questão ideais fundantes da ética democrática: igualdade, liberdade, justiça. De fato, como avalia Boaventura de Sousa Santos, em tempos de crise e transições somos confrontados com tais questões fundantes da modernidade, para as quais as respostas modernas são insuficientes. Segundo o autor essa assimetria está na origem da instabilidade sociopolítica que caracteriza o presente e que, conforme verificado na pesquisa, reverbera na voz dos “indignados” e *occupies*:

Estamos perante uma denúncia política violenta de um modelo social e político que tem recursos para resgatar bancos e não os tem para resgatar a juventude de uma vida sem esperança, do pesadelo de uma educação cada vez mais cara e mais irrelevante, dados o aumento do desemprego e o completo abandono em comunidades que as políticas públicas antissociais transformaram em campos de treino da raiva, da anomia e da revolta. Entre o poder neoliberal instalado e os amotinados urbanos há uma simetria assustadora. A indiferença social, a arrogância, a distribuição injusta dos sacrifícios estão a semear o caos, a violência e o medo, e os semeadores dirão amanhã, genuinamente ofendidos, que o que semearam nada tem a ver com o caos, a violência e o medo instalados nas ruas das nossas cidades (SANTOS, 2011).

Considerando as dimensões trágicas da crise atual, em suas consequências sociais devastadoras, uma nova cultura política a partir das institucionalidades erigidas com a modernidade, sob o forje do capital, não poderia ser resolvida nos marcos do próprio capitalismo, mas a partir de novas configurações e sociabilidades de radicalização da democracia e de reinvenção do político no contexto contemporâneo.

Os acontecimentos relacionados a rede de movimentos como produtoras e expressão de correntes culturais antissistêmicas são característicos de uma certa hipermodernidade, conforme defendida por grande parte dos ativistas do OWSN, sendo gestada antes e após os atos fundacionais (rizomas, diásporas e constelações). A questão vai além de “um monte de gente que está insatisfeita porque não consegue emprego e tem a existência precarizada”, afirma Atchu. A dimensão do político assume um papel central na crítica e na ontologia libertária e igualitária dos grupos e é bem mais ampla do que a crise econômica e o desemprego estrutural.

A crise estrutural é uma crise dos trabalhadores da classe média e de serviços públicos, que se expressa, de maneira estrutural, também como uma crise da democracia, em geral, e do sistema representativo, em específico. Para buscar o novo é preciso quebrar paradigmas, rejeitar

todo um modelo econômico, político, cultural e estético. Por isso, as práticas culturais dos Novads e, em geral, da rede de movimentos antissistêmicos, compreende que está havendo uma grande transformação dos fundamentos e valores do século XX rumo a esta hipermodernidade, em contraposição à noção de pós-modernidade.

Este novo sistema político imaginado deve ser fundamentalmente horizontal de modo a possibilitar que cada constelação político-identitária construa autônoma e concomitantemente o seu próprio mundo, onde sejam protagonistas de sua história. Mas para que isso aconteça seria necessário desenvolver e difundir um ethos que procure romper com todas as formas de mediações, para construir uma democracia interativa e direta, como se apresenta na fala de Atchu Novad:

Vamos construí o nosso próprio mundo onde a gente seja protagonista, sabe! Aí você vem com toda aquela questão da ação direta, da democracia direta, (...) é um ethos muito de romper com mediações. É um ethos de remover os intermediários. Buscar uma vida mais autêntica, uma vida mais, é... mais direta (Atchu, 2013).

É neste sentido que aponta tanto a crítica que formulam os *occupies* quanto às demandas sistematizadas gradualmente em assembleias, células e sistemas orgânicos das redes do movimento ou os as ondas de manifestações que vão gradualmente se organizando em constelações em meio a turbulenta “destruição criativa” característica de hipermodernidade, transcendendo, desse modo, os parâmetros e referenciais tipicamente modernos de democracia.

A questão da liberdade e da igualdade substantiva ocupa lugar central nas formulações e nas práticas revolucionárias dos grupos sociais em foco. As relações de poder contemplam nas suas práticas a variável da “liberdade” dos dominados, facultando-lhe um leque de possibilidades de ação e reação, conforme destaca Foucault sobre o exercício do poder:

O exercício do poder pode perfeitamente suscitar tanta aceitação quanto se queira (...). Ele não é em si mesmo uma violência [*mesmo que possa utilizar-se dela como opção de dominação real, virtual ou potencial dos corpos*] (...). Ele é um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage o impele absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações (FOUCAULT, 1995, p. 243).

Diante dessa formulação Foucault ressalta que o poder só pode se exercer sobre “sujeitos livres” na condição de “livres”. A liberdade opõe-se a um exercício de poder que tende a determiná-la inteiramente.

Os nodes do movimento dos indignados no Peru e a questão da radicalização da democracia.

No Peru, uma das constelações políticas integradas à rede de movimentos antissistêmicos, o Movimento Democracia Direta, produziu um documento com a pretensão de debater uma plataforma política de lutas em nível global, sob a denominação do Movimento 15M internacional. O documento do 15M Peru, foi lançado nas redes sociais e listas de e-mails em 22 de Setembro de 2012, com o título “América Latina Indignada: sur, centro y norte. Movimiento Internacional 15M”, no qual se apresentam as “bases para debate mundial como plataforma de lucha de los pueblos del mundo”. O documento apresenta alguns pontos relevantes que permitem identificar algumas características da cultura política das redes, que se estabelecem em comum, a pesar das características *sui generis* das lutas dos povos do “Sul”. O documento, disponível na plataforma digital do 15M⁹⁸ da América Latina, apresenta vinte e nove pontos para o debate internacional no âmbito da rede de movimentos antissistêmicos, que envolveu as constelações da Europa e dos Estados Unidos, incluindo o Occupy Waal Street. O primeiro ponto que pretende unificar a base política da rede é “democracia real, total e direta como forma de governo em todo o mundo”, sendo o modo como “os povos exercem sua soberania”, além do impedimento absoluto da reeleição, a revogabilidade de presidentes e o fim dos sistemas monárquicos.

O segundo ponto do documento propõe um reassentamento mundial planejado para o “desenvolvimento biourbano coordenado por fóruns internacionais”. A rejeição do “paradigma segregacionista urbano e rural”. O desenvolvimento de novas fontes de trabalho e de “viárias redes multimodais para os povos” e de “redes digitais de softwares gratuitos de acesso livre”. O terceiro ponto defende a criação de “blocos monetários continentais, subcontinentais e/ou regionais” nos quais o “dinheiro careça não tenha meios de acumulação”, e que esta se dê apenas em termos e meios reais “pela capacidade de função produtiva direta”. Ou seja, este ponto, especificamente exige o fim do circuito financeiro do capital, aquele que Marx (1867) denominou de circuito curto do capital (D-D’), no qual não há produção de mercadoria para obtenção do lucro, como acontece no circuito longo (D-M-D’), onde apenas a produção de mercadorias, o capital produtivo está envolvido.

O quarto ponto do documento apresenta a proposta de criação de um banco de excedentes da produção mundial, que teria a função de redistribuição de riquezas. Esta demanda também propõe o “uso de recursos naturais, planejado em fóruns mundiais”. O sétimo item,

⁹⁸ <http://americalatinaindignada.wordpress.com/2012/09/23/12o-nada-que-celebrar-todo-por-reconocer/>

propõe a criação de uma rede de distribuição descentralizada e autogestionária de bens e de excedentes de produção, incluindo “a criação de rotas em redes, de aparatos logísticos e de transportes”. O quinto, defende que os “juros compensem a inflação” pelo estabelecimento de uma taxa máxima de juros que compense a taxa máxima de variação de preços, de modo a manter a capacidade aquisitiva do dinheiro.

O sexto ponto situa o debate no campo do trabalho. Sobre base conceitual claramente marxista, defende a extinção da exploração do ser humano e da apropriação alheia da mais-valia do trabalhador, reforçando a função social da propriedade:

Toda forma de propiedad personal, empresarial o asociativa, esta basada en el trabajo. La propiedad familiar es en base al trabajo familiar. La propiedad empresarial es en base al trabajo de sus miembros. Abolición de la explotación del hombre por el hombre, del pobre por el rico; del no propietario por el propietario. La explotación del ser humano es un crimen punible que los pueblos soberanos prohíben, reprimen y sancionan (15M Perú, 2012).

Sobre o trabalho, outro elemento é destacado, no ítem 14, no sentido de abolir o trabalho abstrato, e direcionar o desenvolvimento das formas produtivas, em um boicote às empresas capitalistas, no sentido de promover novas formas de trabalho e modelos econômicos que viabilizem o desenvolvimento dos povos de maneira soberana, criativa e emancipatória:

Garantizadas las fuentes de trabajo, BOICOT de consumo y renuncia masiva de trabajadores de las empresas del sistema capitalista. La fuerza laboral se absorberá en las nuevas fuentes de trabajo digno con energía limpia, que solo por el aporte de trabajo, la comunidad en su conjunto garantiza la satisfacción de sus necesidades. Implementación de un nuevo modelo económico para viabilizar las sociedades y pueblos del mundo

O movimento 15M Perú defende o “fim do sistema de patentes de tecnologias”, propondo como alternativa o “livre uso da tecnologia” e que, tomando como princípio que “o conhecimento é propriedade da humanidade”. Outra proposição refere-se à produção orgânica e sustentável “do natural”, defendendo que a “humanidade desenvolva-se segundo as leis da natureza”, negando qualquer forma de destruição, desnaturalização e degradação da natureza”. Este ponto, especificamente, é muito forte no Perú, pois a constituição peruana, recém reformulada, é a primeira a reconhecer formalmente os “direitos da natureza”. A questão ecológica está presente em praticamente todas as constelações políticas da rede de movimento antissistêmicos, mas a ênfase dada a esta temática na Bolívia, por exemplo, está diretamente relacionada á compreensão consolidada no “contrato social” andino, consubstanciado em sua constituição. Vale lembrar que, em 2002, na Bolívia, o McDonalds fechou todas as filiais no país em função da rejeição cultural da população ao consumo de *Fast Foods*.

O documento, difundido pelo movimento 15M Perú, apresenta uma série de outras proposições que incluem questões urbanas e sustentabilidade, fim das armas nucleares,

implantação de uma nova matriz energética em recursos renováveis e a declaração universal dos direitos da natureza e recuperação dos territórios indígenas. A plataforma política do movimento peruano, colocada na rede para debate de uma plataforma mundial do 15M, também aborda a questão do multiculturalismo, defendendo a pluralidade cultural e étnica, “o fim do antropocentrismo”, rumo ao “cosmocentrismo, característico das culturas andinas”. Defendem a “liberdade de fé e de pensamento”. Propugnam o “direito à verdade”, internet e comunicações livres e gratuitas, com um “ente regulador dos meios de comunicação estabelecido pela Democracia Direta”.

Por fim, o movimento continua apresentando sua plataforma política para o debate internacional na rede de movimentos antissistêmicos, afirmando que a “burguesia é economicamente desnecessária e letal ao planeta em suas formas de produção e defende que, para solucionar a contradição entre propriedade e necessidade e entre àquela e o desenvolvimento e tecnológico, é preciso instituir “a produção de bens livres”, como a “essência da nossa cultura andina ancestral”.

4.5.8. *Mudar o mundo sem tomar o poder?*

Historicamente, os movimentos revolucionários compreendem, estrategicamente, que Estado constitui o eixo central da mudança social e, conseqüentemente, tomam como o objetivo fundamental da luta revolucionária assumir posições de poder, viabilizando a realização de tais mudanças. A própria noção de poder, nesta concepção, está inexoravelmente vinculada ao Estado e às formas de dominação das classes sociais que detém o poder estatal, como detentor exclusivo do monopólio da violência “legitimada” pela lei.

Assim, a ideia de revolução e a ação revolucionária, historicamente, assume como principal estratégia de luta a tomada do poder do Estado, seja pela violência ou por processo eleitoral, tornando possível implementar uma mudança social radical no sentido da transcendência do capitalismo rumo a outro mundo possível. Esta concepção de luta anticapitalista, de um modo geral, assumiu duas variantes principais: a vertente revolucionária e a reformista. Sabe-se que as duas vertentes têm em comum a ideia de que o Estado, e portanto, a conquista do poder estatal, constituem o caminho necessário e imprescindível para a revolução.

Contudo algumas formas de pensamento e estratégias revolucionárias, tais como se manifestam no anarquismo, por exemplo, assumem aspectos ideológicos, teóricos e práticos, radicalmente distintos daqueles desenvolvidos por processos revolucionários históricos como,

por exemplo, a Revolução Russa, a Revolução Cubana e a Revolução Chinesa, em geral, tomando como referência as revoluções socialistas e comunistas que se desenvolveram no passado.

Uma nova forma de pensar as estratégias e o desenvolvimento teórico crítico relacionado ao poder e ao papel do Estado vem se desenvolvendo, desde a surgimento do anarquismo. Mais recentemente, no entanto, outras concepções e debates teóricos assumiram condição de referência para a discussão do papel do Estado nas lutas anticapitalistas, especialmente no âmbito das redes de movimentos sociais antissistêmicos em foco. O trabalho de John Holloway, intitulado “Mudar o mundo sem tomar o poder: o significado da revolução hoje” (2003), apresenta uma tese que possibilita uma melhor compreensão das estratégias microrrevolucionárias dos Novads e de outras tantas constelações das formas de lutas em redes que emergem no limiar do século XXI, de modo a contribuir com o debate sobre o papel do Estado e a própria noção de poder e de revolução no contexto destes novos atores sociais.

Muitas das constelações políticas que compõem a rede de movimentos antissistêmicos tomam como referência um grande número de autores de pensamento crítico ao capitalismo, os quais assumem a tarefa de revisar as teorias crítica clássicas que tratam dos processos revolucionários. Holloway é uma dessas referências, esteve bastante em evidência durante os protestos, ao lado de Stéphane Hessel e sua obra *Indignai-vos* (2011), que acabou servindo de inspiração para a denominação do movimento 15-M da Espanha.

Tomando como referência uma concepção de transformação da sociedade a partir da tática de luta política baseada no *antipoder*, enunciada pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), John Holloway (2003) defende que é preciso refletir por que não funciona a ideia de mudar a sociedade por meio do Estado, e para defender essa posição, ele apresenta, em sua análise, três argumentos fundamentais que colocam em questão conceitos clássicos sobre o poder estatal e lutas emancipatórias no contexto da sociedade contemporânea em comparação com períodos históricos anteriores.

Assim o autor apresenta as razões das lutas atuais não colocarem o poder estatal como principal meta na estratégia revolucionária, primeiramente apontando a questão da fluidez da relação nação/território, principalmente em função do capital, no âmbito do Estado-nação no mundo globalizado, como uma das causas da aparente impossibilidade do processo revolucionário que toma como estratégia central a tomada ou conquista do poder do Estado, que segundo o autor:

não funciona porque o eixo desta concepção se apoiava sobre a visão de um mundo composto de muitas sociedades nacionais, cada uma com seu próprio Estado. Hoje sabemos que não é assim. O mundo não é a soma de

sociedades nacionais, mas uma sociedade capitalista apoiada por uma multiplicidade de Estados locais. Simplesmente não há uma correspondência territorial entre Estado e sociedade (HOLLOWAY, 2003).

O segundo motivo da ineficácia que se apresentaria ao centrar as estratégias revolucionárias no poder estatal, apresentado por Holloway, situa a discussão em convergência com a posição de Mészáros e outros autores marxistas, incluindo o próprio Marx, de que o Estado é o aparato mais poderoso em funcionamento a favor dos interesses do capital, especialmente em função do valor-dissociação exercido pelo poder estatal:

a velha concepção não funciona porque o Estado, como instância separada da sociedade, é uma forma de relação espetacularmente capitalista. Ou seja, ela separa governo e sociedade, constituindo-se em mais uma, entre as várias formas de separação que constituem o capitalismo. Precisamos enxergar o capitalismo também como um processo de separação, e verificar que o Estado é um aspecto central, ou muito importante, desse processo (HOLLOWAY, 2003).

A terceira razão defendida pelo autor remete à questão da hierarquia e da instrumentalização das lutas em função do Estado e das instituições governamentais, o que incluiria, segundo as correntes de pensamento anarquistas o sistema partidário, como extensões do próprio Estado. Para John Holloway, das lutas que são voltadas para assunção ao poder do Estado seriam consideradas contrárias aos processos revolucionários, hierarquizando e segregando as formas de lutas anticapitalistas entre aquelas que desejam tomar o poder e aquelas que não vêm sentido nessa afirmação:

o Estado implica necessariamente uma instrumentalização das lutas – portanto, uma hierarquização e um empobrecimento das lutas. Se dizemos que o importante é conquistar o poder estatal, então a luta relevante é a que contribui para esta conquista. As outras lutas são secundárias, e têm que se subordinar à meta central. Vai se construindo uma hierarquia de lutas, que ao final é puritana, no sentido em que significa uma crítica, uma valorização mínima das formas de luta que não visam a meta principal. Passar o dia brincando com as crianças, por exemplo, pode ser uma forma de luta contra o capitalismo que tem sentido para muita gente. Mas se nossa meta é a conquista do poder estatal, passamos a ver esta atividade como algo frívolo, um desperdício de tempo (HOLLOWAY, 2003).

Para os Novads, por exemplo, o poder não seria passível de ser “tomado”, por que está em todo o lugar e se expressa nas mais variadas relações sociais e nas formas de produção das subjetividades. Está presente nos dispositivos de poder e de saber que permeiam as relações sociais, justificando, assim, as estratégias microrrevolucionárias em que o poder difuso está sendo o objetivo da transformação.

Contudo, o número e o tipo de constelações políticas que compõem a rede de movimentos é muitíssimo heterogênea, conectando grupos, movimentos e *clusters* de indivíduos reunidos em torno de processos revolucionários que variam, incluindo espectros

políticos diversificados com “tonalidades” socialistas, comunistas, democratas, liberais progressistas, anarquistas, anárco-comunistas, marxistas, leninistas, trotskistas, etc.

Quanto às estratégias de luta, portanto, no que diz respeito à centralidade do Estado e a questão do poder, existem diferenças consideráveis entre tais constelações, a compor espectros políticos diferenciados de uma ponta a outra da rede. A este respeito, Ana, do Ocupa Sampa, que é anarquista destaca a sua compreensão acerca das afiliações ideológicas no movimento. Quando perguntada sobre se é de esquerda ou de direita, retoma a questão da luta por tomar o poder, que parece não fazer sentido para a maioria das constelações anarquistas da rede:

Ser de esquerda ou de direita é uma pergunta da qual eu costumo fugir. Eu definitivamente, sou anti-direita. Mas se quando eu digo que eu sou de esquerda, isso leva as pessoas a serem que eu tô no tipo de luta em que eu quero tomar o poder e fazer uma coisa antagônica com esse, mas [querendo estar] dentro do poder, então, não faz sentido eu dizer que sou de esquerda. A acepção da palavra esquerda, vejo que a maior parte [das pessoas] quando ouve pensa nisso. Então, ela não tá me ajudando. A pergunta não me serve, porque eu quero transformar a sociedade sim, mas não pela via de tomar o poder diretamente, ou esse poder representativo e tampouco o poder bélico. Então, (...) esta pergunta é uma pergunta da qual eu quero fugir. Na hora que eu pergunto para mim mesmo, sem dúvida de esquerda, mas como dizer isso pode me meter dentro de um saco de gatos no qual eu não quero estar... sei para mim e a forma que digo para outras pessoas digo com outras palavras (Ana, 2012).

Recentemente, é evidente que houve uma retomada da questão do anarquismo, durante e após o desenvolvimento das manifestações, apresentando um considerável crescimento do número de pessoas que se afiliaram ao movimento, principalmente nos países em que as revoltas da multidão ocorreram a partir de 2011. Mas também, por outro lado, ficou evidente a ascensão das formas reacionárias de extrema direita, provocando um crescimento dos movimentos nacionalistas, fascistas e neonazistas em vários países europeus, principalmente. O fortalecimento do partido neonazista Aurora Dourada, que, em 2013, computava dezoito parlamentares no congresso grego, é uma evidência desse fenômeno reacionário em contraposição ao crescimento do movimento anarquista.

A provocação de Holloway incide sobre o pensamento político ocidental que, durante mais de um século, desenvolveu-se sobre a questão da revolução a partir do controle estatal. A utopia de transformação da sociedade para além do capital, por este motivo, defende o autor, foram sendo canalizados para a questão da burocracia – mediante a definição de estratégias orientadas para a construção de partidos políticos e para o estabelecimento de formas disciplinares orientadas para a luta de classes, para a utilização das regras eleitorais e para ocupação de cargos políticos na esfera do Estado – ou para a luta armada (2003, p. 32). Tais estratégias, segundo o autor, mesmo quando se mostraram vitoriosas, contribuíram para o

triunfo e reforço das relações sociais capitalistas. A este respeito, Holloway afirma: “o que falhou é a ideia de que a revolução significa tomar o poder para abolir o poder. (...) A única maneira de se imaginar agora a revolução é como a dissolução do poder, não como a sua conquista” (2003, p. 37).

Quando Holloway sustenta que houve um fracasso do socialismo, e que esta referência situa-se no campo das estratégias e deve ser encarada como uma derrota provisória e circunstancial na conjuntura atual da luta de classes. As tentativas de transformar a realidade social para além do capitalismo sem a violência revolucionária também fariam parte desse modelo estratégico fracassado, incluindo as formas de lutas sindicalistas, mutualistas e cooperativistas, os partidos políticos, inclusive os ditos de esquerda. Ou seja, todos esses movimentos revolucionários não violentos teriam fracassado, ou então teriam sido apropriados e/ou incorporados pelo sistema capitalista e sua lógica, o que do ponto de vista estratégico, significa o mesmo que derrota.

4.5.9. Jogo e anti-jogo contra os mecanismos e dispositivos de dominação do capital

A noção de que a política é um jogo no qual a intenção é promover a si mesmo ou o próprio partido político frequentemente é associado ao que se pretende defender como “interesse público”, “verdade” ou “moralidade” da coisa pública, sempre “em nome do povo” e do “bem público”. Como a produção de Johan Huizinga sugere, a política é considerada dessa maneira por que é considerada “séria” e o oposto ao que é sério é o jogo, no sentido da brincadeira. Um jogo pode ser considerado sério quando as apostas são suficientemente altas. E, de fato, quando se trata de política, da ética e da gestão do interesse público por parte dos governantes, as apostas sempre são muito altas, num jogo cujo grande perdedor acaba sendo quase sempre aquele grupo, camada ou classe social que não teve seus interesses garantidos pela classe política, especialmente nos governos democráticos representativos.

Dizer que algo é jogado não indica que o jogo não implica em nenhuma consequência séria, nem mesmo que ele não possa ser levado a sério, mas apenas que ele tem a forma de um jogo. A forma de se jogar uma atividade lúdica é muito diferente, na verdade, talvez o oposto de, da forma de jogo de uma atividade séria, como desvendar a verdade dos fatos históricos e sociais, defender a justiça social e econômica, ou agir acordo com a *virtú*. Quais seriam as consequências de se considerar que a política é um jogo em sua forma lúdica? Para os Novads a esfera do político e da própria existência, no âmbito das relações sociais, deve ser considerada sob o prisma da ludicidade.

O lúdico, a brincadeira é que seria a forma matricial de desenvolvimento da linguagem, do aprendizado, do desenvolvimento das ferramentas e do próprio trabalho, constituindo, portanto, o elemento principal de produção da cultura. A brincadeira, assim, é considerada como o princípio ontológico e antropológico por excelência, pelos Novads, configurando como principal modo de ver a ação direta, a interatividade e determinar as estratégias microrrevolucionárias.

Sob esta perspectiva, o político assume dimensões ontológicas de fundo estratégico, no que se refere às formas de existências microrrevolucionárias. Principalmente porque a concepção de jogo implica na forma como as regras e dos atores são definidos no “tabuleiro” do poder difuso e, mesmo, na concepção de estratégias de lutas contra aqueles que detém o poder de regulamentar o jogo e suas determinações de jogabilidade. Os Novads, em uma analogia com o jogo de futebol, propõem que “se leve a bola embora”, retirando o elemento central de disputa, implicando no “fim do jogo do Império”, conforme pode-se observar num dos diálogos que tive com Atchu, sobre o assunto, no qual ele afirma:

Você pensar uma coisa meio contínua-descontínua. A partir desse trabalho [do Huizinga] as pessoas passaram a compreender o jogo e a brincadeira, na verdade, como fontes de cultura. Como algo que vem até antes da cultura. Antes da linguagem. (...) No trabalho do Huizinga, ele até brinca com isso: antes de você ter cultura, e portanto, antes de você ter o humano, o animal humano brincava um com o outro. Nessa brincadeira começou surgir a língua, começou a surgir a cultura... E daí que veio. O que é uma coisa, assim, incrível de perceber. E aí, a gente começou a pegar essa influência do Huizinga, juntar com o dadaísmo, com o surrealismo com os situacionistas de 1968. E começamos a experimentar alguns jogos, como a gente falou, revolucionários. E, porquê “jogos revolucionários”, por que, qualquer sistema de jogo você tem um grupo de regras, mas rígidas, menos rígidas, mas que determinam todo aquele campo; uma arena, onde os jogadores estão atuando. Como é que eles operam entre si, como é que eles se relacionam. Se o jogo passa a não ser interessante para os jogadores, ou, vamos dizer assim, se um dos jogadores pega a bola e leva para casa... Acaba com a brincadeira! Então a gente começou a explorar como é que a gente acaba com a brincadeira do capitalismo, através dessa mudança nas regras do jogo, e não [através] da reforma (Atchu, 2012).

Sob a perspectiva de que a dimensão do jogo é uma metáfora das lutas emancipatórias contra a dominação do Império. A noção de revolução passa pela produção de contradispositivos que se manifestam em estratégias de anti-jogo. Pela recusa em jogar o jogo do império. Com influências do dadaísmo, do surrealismo e dos situacionistas, a produção de contracorrentes culturais anticapitalistas assume papel central nas estratégias revolucionárias dos Novads.

Nesta acepção apresenta-se um contraste entre as estratégias tradicionais de reforma do Estado e a de revolução gradual pela tomada de posições de poder, como em Gramsci. Para os Novads a própria noção de “tomar o poder” perde o sentido já que as estratégias visão

transformar o mundo pela produção cultural de novas subjetividades, sem a tomada progressiva de posição no poder, negando a centralidade do Estado na disputa e nos conflitos político. A esfera do político, aqui, se desloca para o campo da cultura, do simbólico e da produção de novas subjetividades e relações sociais que se contrapõem ao jogo do Império, às formas dominantes no capitalismo, a de modo a romper com a “tessitura do biopoder” provocando fissuras nas estruturas de dominação e alienação.

Na medida em que a concepção estratégica de desarticular o jogo do Império dialoga mais fortemente com outras correntes de pensamento crítico, aliando a renovação da tradição anarquista a diversas outras – entre elas a situacionista, o dadaísmo e a marxista, por exemplo – contornando a tomada gradativa de posições de poder no âmbito do Estado, a concepção Gramsciana de “reforma intelectual e moral” assume uma dimensão explicativa bastante relevante para compreender a noção de “microrrevolução” dos Novads, que está relacionada a de anti-jogo, por sua vez, vinculada a concepção de Huizinga. Mas o constructo teórico de Gramsci de “reforma intelectual e moral” se aproximaria menos da concepção estratégica dos Novads, na medida em que se considere certas distinções da teoria do atutor italiano com a produção de Georges Sorel.

Sorel, cuja produção intelectual foi objeto de crítica e, ao mesmo tempo influenciou a teoria Gramsciana e várias outras correntes de pensamento italiano no início do séc. XX e, segundo Galastri (2013) considerava que “a consciência revolucionária se formaria a partir da luta direta das massas e não da prática parlamentar” (p. 1). O autor francês que na segunda fase de sua produção iria abandonar a teoria marxista, considerava que a revolução ocorreria, antes de tudo, na consciência. Para ele, “o processo de evolução do mundo humano [...] não era determinado nem por um processo dialético, nem por uma evolução natural e necessária, mas por uma passagem violenta de uma fase histórica a outra” (SOREL, 1975, p. 22).

A segunda etapa do pensamento de Sorel, segundo De Paola (1986, p. 72), resultou em uma interpretação do marxismo como mito. Galastri (2013) afirma que, para Sorel, “o mito corresponderia às ‘convicções de um grupo’ e seria diferente da utopia por ser uma construção coletiva e não a teorização de poucos intelectuais” (p. 2). A preservação desta simbologia coletiva estaria garantida apenas pela ação espontânea das massas, que deveriam evitar qualquer tipo de subordinação por parte de quaisquer minorias. Exceto no que tange ao conceito de “massas”, essa definição aproxima-se da cosmovisão estratégica geral dos Novads, principalmente pela ênfase na produção simbólica e da subjetividade revolucionária, preconizada pelo grupo e sua produção cultural e nas ações diretas. O mito, para Sorel, “é, ao mesmo tempo ‘sistema de imagens’ e massas que ‘se apaixonam’” (DE PAOLA, 1986, p. 80).

O papel do mito como forma de dominação do capital no cenário contemporâneo é destacado pelos Novads e por várias outras constelações políticas da rede de movimentos sociais antissistêmicos que emergiram na segunda década do século XXI. Se o mito e o biopoder consistem num dos principais dispositivos de dominação no capitalismo contemporâneo, e compõem uma das regras do jogo do Império, as estratégias de anti-jogo, visando a produção de contradispositivos, necessariamente devem envolver formas simbólicas revolucionárias – conforme categoria nativa Novad: microrrevolucionárias.

Nesse sentido, como apresentado por Galastri, a compreensão soreliana do mito como forma motora da luta revolucionária, assume uma dimensão relevante para compreender as estratégias microrrevolucionárias dos Novads, já que para o autor:

a violência ocorrida com o surgimento do cristianismo, da Reforma Protestante e da Revolução Francesa forma momentos históricos equivalentes, porque funciona como “mito”, isto é, como conjunto de imagens percebidas instantaneamente, intuições, capazes de evocar com a força do instinto o sentimento de luta (SOREL, 1975, p. 23).

Aqui é preciso destacar que os Novads, assim como para a maioria absoluta das constelações políticas da rede de movimentos antissistêmicos, negam veementemente qualquer forma de violência, diferenciando-se radicalmente de algumas constelações como o movimento Blac Bloc, que preconiza a violência como forma legítima de luta revolucionária.

Nos marcos fundantes das relações sociais e políticas do capitalismo contemporâneo em crise, os Novads e outras constelações da rede, desenvolvem saberes e práticas como estratégias pacíficas de luta e de produção cultural, diferenciando-se das lutas revolucionárias históricas, na tentativa de produzir relações sociais e políticas horizontalizadas e instituições democráticas participativas e diretas:

E nas pesquisas que a gente foi fazendo, lentamente e, participando disso tudo. A gente foi vendo que... Cara! Para desmoronar o sistema inteiro você não precisa bater de frente. Você não precisa pegar em armas, você não precisa se machucar e machucar qualquer outra pessoa. É possível fazer uma revolução, em todo o sentido da palavra, sem pegar em armas. (...) Que é uma coisa que os historiadores vão a loucura né. Tipo, [a revolução] sem armas, não... Impossível. A Revolução Francesa, a Revolução Inglesa... vamos lá: só sangue! Mas, só que aí é que tá, através de um entendimento do capitalismo como jogo, com o Império como criador desse jogo e você como um agente que pode... primeiro, decidir se joga ou não esse jogo, e, segundo, criar um outro game, onde nesse jogo você tem horizontalidade, onde você tem democracia direta, você tem um sentido de propósito, que não é dado para você mas é construído. Quem coloca é você pra você mesmo (Atchu, 2013).

A ludicidade e o caráter pacífico do jogo microrrevolucionário, como forma de transcendência das regras do jogo do Império – ou como anti-jogo, através de estratégias de esvaziamento dos mecanismos e das regras jogo dominante – incide sobre os dispositivos de

dominação, disseminados pela cultura da civilização capitalista e legitimados pelo Estado e pelos mecanismos e instituições democráticas representativas e seus agentes políticos e econômicos. A ação microrrevolucionária progressiva e crescente, enquanto formas de produção cultural antissistêmica, desmantelaria gradualmente as regras e a própria arena em que funcionam os mecanismos de subjetivação que movimentam o jogo, impossibilitando-o de ser jogado segundo as regras impostas e disponibilizadas pelo sistema como as únicas possíveis.

Uma das constelações do OWS, bastante controversa por sua principal estratégia de enfrentamento ao sistema, é a Strike Debt, cujo principal articulador é Micah White, reconhecido por sua produção intelectual e por ter criado um famoso “meme” do movimento⁹⁹ e como um dos criadores da tendência Strike Debt. White é um dos editores-chefes do *Adbusters*¹⁰⁰ e é considerado o inventor da tática do “débito-ativismo”¹⁰¹, atualmente conhecida como *Rolling Jubilee*¹⁰² que consiste em uma estratégia coletiva de amortização das dívidas individuais que cresceram exponencialmente após a crise de 2008 nos Estados Unidos.

Strike Debt escolheu, diferentemente da maioria das constelações do OWS, a estratégia de jogar o jogo do “Império” contra as assimetrias de poder do capital. Esta estratégia foi desenvolvida na forma de um sistema que arrecada recursos para comprar a dívida dos bancos como uma empresa, com todas as regalias que o sistema financeiro possibilita, como descontos por análise de risco de crédito. Ou seja, como acontece no crédito *subprime*, onde os valores das dívidas que originalmente eram consideradas liquidáveis são vendidas por um preço bem abaixo para uma camada de agentes financeiros que, por sua vez, vendem essa carteira de crédito para um terceiro agente de crédito (neste estágio a carteira de crédito é denominada *subprime*).

O sistema *Rolling Jubilee*, compra essa carteira de dívidas há um preço ainda menor, já que a chance de ser recuperado é mínima, e liquida a dívida das pessoas que contribuíram por uma fração do valor original, no sentido contrário do que fariam as empresas do sistema

⁹⁹ Meme de Internet é o termo usado para descrever um conceito que se espalha via Internet. O termo é uma referência ao conceito de memes, que se refere a uma teoria ampla de informações culturais criada por Richard Dawkins em 1976 no seu livro *The Selfish Gene*. Fonte: Wikipédia.

¹⁰⁰ *Adbusters Media Foundation* (chamada *Adbusters* ou *Media Foundation*) é uma organização sem fins lucrativos, anticonsumista fundada em 1989 por Kalle Lasn e Bill Schmalz em Vancouver, Canadá. Eles se autodescrevem como “uma rede global de artistas, ativistas, escritores, estudantes, educadores e empresários que querem desenvolver um novo movimento ativista social da era da informação. Fonte: Wikipédia.

¹⁰¹ Debt-activism tactic

¹⁰² No website do *Rolling Jubilee*, na descrição do projeto lê-se: “*Rolling Jubilee* is a Strike Debt project that buys debt for pennies on the dollar, but instead of collecting it, abolishes it. Together we can liberate debtors at random through a campaign of mutual support, good will, and collective refusal. Debt resistance is just the beginning. Join us as we imagine and create a new world based on the common good, not Wall Street profits”.

financeiro, buscando cobrá-la de seu credor. Essa abordagem foi bastante criticada pelos ativistas do OWS e, principalmente, pelos Novads que acusaram essa tendência de estar “jogando o jogo do Império”. Entretanto este sistema de compra coletiva das dívidas individuais de americanos, em 11 de agosto de 2014, às 19h, arrecadou exatamente 701.317 dólares. Com este valor foram extintos 14.734.569,87 dólares em dívidas individuais, alcançando a bagatela de pouco mais de 4,75% do valor total das dívidas. O contador do sistema no *website* sinaliza estes valores em tempo real e os indicadores digitais rodam sem parar. Provavelmente, ao terminar de ler este parágrafo, os valores estarão muito diferentes¹⁰³.

4.5.10. *Microrrevolução: ontogênese, produção cultural e contradispositivos.*

Na acepção de revolução-subversão das relações, em uma “microfísica do poder”, figuram noções de poder que dialogam muito fortemente com aquela definida por Foucault, no âmbito da antropologia da política e da sociologia política. De modo que a política não está apenas ou fundamentalmente nas instituições sociais, no Estado ou nos partidos políticos. A política é entendida de maneira muito mais ampla, capilarizada e difusa; inscrita nos corpos, preche de dispositivos de subjetivação dessubjetivante, impondo a reflexão sobre a constituição de práticas culturais capazes de romper com tais dispositivos cujo objetivo principal é transformar em dóceis os sujeitos permissivos ao sistema sociometabólico do capital. A esfera do político, nessa perspectiva, permeia todas as relações cotidianas, as teias de significados e as formas de viver da esfera pública ou privada.

Não haveria a ausência completa de uma forma macrossocial como o Estado, mas uma instituição de outra ordem, não unitária e central, mas múltipla e fundada na diversidade, “hiperplurinacional”, “hiperpluricultural”, constituído por fronteiras diversas em constante fluxos e interconexões, com base em *clusters* ou constelações tribais que constituir-se-iam por afinidade eletiva individual, étnica, cultural ou ideológica.

Os processos de “sedimentação” institucional na forma da “governança” e da ordem remetem às teorias do poder e aos dispositivos de poder e saber envolvidos nas relações e nos processos de subjetivação dos indivíduos nas sociedades contemporâneas. Crítico de teorias do poder fundamentadas estritamente em bases institucionais-normativas Michel Foucault ressalta a importância de se desenvolver instrumentos analíticos das relações de poder para o que não se dispõe de ferramentas adequadas.

¹⁰³ Para conferir os valores atualizados, basta ir visitar o endereço <http://rollingjubilee.org/>

Sob a perspectiva foucaultiana, a conceituação não deveria estar fundada em uma teoria do objeto, sendo imprescindível conhecer as condições históricas que motivaram a própria conceituação, em uma arqueologia do saber e do poder que procura as regularidades das práticas sociais e relação com as disciplinas. Foucault (1995) advoga a necessidade de uma nova economia das relações de poder em que figurem as relações entre a racionalização e os excessos do poder, procurando determinar a genealogia das racionalidades, do próprio saber imbrincado com as relações de poder, historicamente existentes.

As práticas discursivas e o esforço de formulação na Arena Fibonacci dos Novads caminham no sentido de uma *arqueologia do saber e do poder*, visando desenvolver contradispositivos. O ponto de partida para o desenvolvimento de uma nova economia das relações de poder, mais empírica e diretamente relacionada ao mundo contemporâneo, que implica relações mais estreitas entre teoria e prática – segundo o próprio Foucault, consiste em usar formas de resistências contra as diferentes formas de poder como um ponto de partida, utilizando essa resistência como um catalisador de modo a *esclarecer* as relações de poder, *localizar* sua posição, *descobrir* seu ponto de aplicação e os métodos utilizados, ou seja, não se trata de analisar o poder do ponto de vista de sua racionalidade interna, mas de analisar as relações de poder através do *antagonismo das estratégias* (FOUCAULT, 1995).

Para compreender a noção de “microrrevolução”, portanto, é preciso retomar a discussão foucaultina sobre a microfísica do poder em seus dispositivos capilares de assujeitamento dos indivíduos ao controle da máquina governamental dos corpos dóceis e investigar as formas de resistência e as tentativas de dissociar estas relações a partir da produção cultural e das estratégias produzidas nos espaços pluripotenciais e nas zonas autônomas de existência dos Novads. Nas redes de movimentos antissistêmicos, um grande número de constelações políticas consiste em grupos anarquistas.

É possível identificar alguns traços comuns dessas constelações anarquistas da rede antissistêmica de movimentos no que Foucault (1995) define como as características em comum de lutas e resistências que produzem uma nova economia das relações de poder: *são lutas transversais*, não limitando sua ação a um país, desenvolvendo-se de forma mais abrangente em determinados países, porém não sendo confinadas a uma forma política e econômica de determinado governo; os *objetivos dessas lutas são os efeitos do poder* enquanto tal; *são lutas imediatas* que criticam as instâncias de poder que lhes são mais próximas e exercem sua ação sobre os indivíduos.

Contudo, existem os aspectos mais originais e específicos que as definem: são *lutas que questionam o estatuto do indivíduo*, afirmando o direito de ser diferente, enfatizando tudo

aquilo que torna os indivíduos verdadeiramente individuais, atacando, por outro lado, tudo aquilo que separa o indivíduo e que quebra sua relação com os outros, fragmenta a vida comunitária, foçando o indivíduo a se voltar para si mesmo e o liga a sua própria identidade de modo coercitivo; *são uma oposição aos efeitos do poder relacionados ao saber*, à competência e à qualificação, são lutas contra os privilégios do saber, em oposição ao segredo, e às representações mistificadoras impostas às pessoas; e, para Foucault, todas essas lutas contemporâneas giram entorno da questão “quem somos nós?”.

Assim como operam os movimentos de ocupação, de um modo geral, e, mais especificamente, os Novads. O objetivo central dessas formas de luta, apontadas por Foucault, vai além de atacar instituições, corporações, classe social ou determinada elite, enfim, os agentes de dominação nas relações de poder, mas antes de tudo, as estratégias visam principalmente atacar uma técnica, uma forma de poder que se aplica à vida cotidiana imediata categorizando o indivíduo e impõe-lhe uma lei de verdade reconhecida e reforçada socialmente. Eis a importância crucial da formulação foucaultiana para o desenvolvimento categorial e estratégico dos saberes, da linguagem e das práticas voltadas para as “microrrevoluções”.

As relações sociais são, fundamental e caracteristicamente, fenômenos de mútua percepção e no mundo contemporâneo, especialmente no início do século XXI, ganham força modalidades de lutas contra as formas de sujeição, contra a submissão da subjetividade. Foucault, conforme afirma Lazzarato, aponta os movimentos antiglobalização iniciados em Seattle (precursores do movimento transnacionais de ocupação) como dotados desta originalidade em sua força criadora, ao negar estrategicamente os canais institucionalizados de luta pelo poder:

Retornemos aos acontecimentos de Seattle, à luz dessas primeiras considerações de Deleuze sobre os dois regimes de possível. Parece-nos que os dias de Seattle encarnaram aquilo que Foucault anunciava no fim da vida: os movimentos políticos não devem apenas resistir e se defender, mas afirmar-se como forças criadoras. Isso por si só constituiria uma mudança radical em relação à tradição do movimento operário, já que o acontecimento político introduz uma assimetria na dialética com a qual, na sequência do marxismo, apreendíamos o conflito e a luta. O “não” endereçado ao poder não é mais o ponto de partida de uma luta dialética, mas a abertura de um devir. Dizer “não” constitui a forma mínima de resistência. E esta resistência deve-se abrir a um processo de criação, de transformação da situação, de participação ativa nesse processo. Nisso consiste resistir, segundo Foucault (LAZZARATO, 2006, p. 20).

Neste cenário, os movimentos transnacionais da rede “occupy” encarnam, fundamentalmente, uma luta de negação de processos de unificação-totalização resultantes dos dispositivos de assujeitamento do capital. Foucault defende que a razão pela qual este tipo de luta deve prevalecer em nossa sociedade deve-se ao fato de que “desde o século XVI, uma nova

forma política de poder se desenvolveu de modo contínuo. Esta nova estrutura política, como todos bem sabem, é o Estado” (FOUCAULT *in* RABINOW; DREYFUS, 1995, p. 236). O poder do Estado é uma forma de poder tanto individualizante quanto totalizante que ocupa-se dos interesses de uma classe ou grupo dentre os cidadãos e é justamente contra este poder instituído e a serviço dos interesses do capital e das corporações transnacionais que se levantam grupos insurgentes em todos os continentes, com mais ou menos força, com o agravamento da crise estrutural desde 2008.

O Estado, desse modo, desenvolve-se sobre uma estrutura sofisticada que integra os indivíduos que submetem-se e assujeitam-se conforme modelos específicos. Por isso o objetivo estratégico das lutas dos novos movimentos sociais no sentido de recusar o ser humano delineado pelos dispositivos de assujeitamento. Assim, a leitura de Foucault indica que, diante desse quadro, os movimentos sociais precisam imaginar e construir o que poderiam vir a ser para livrarem-se desse “duplo constrangimento político’, que é a simultânea individualização e totalização própria às estruturas do poder moderno” (ibidem, p. 239). Tendo que promover novas formas de subjetividade através da recusa deste tipo de individualidade, produzida pelos dispositivos de subjetivação e individualização que a ela estão vinculados, que vêm sendo impostos há vários séculos.

Entretanto, a intenção de Foucault não é a de reconciliar as relações humanas com a história, mas investigar os modos concretos em que os dispositivos agem nas relações, nos mecanismos e nos “jogos” de poder. O *acontecimento* histórico em Foucault está relacionado à inflexão de modos de dominação e desempenha papel relevante para a gestão da *urgência* que requer a elaboração de saberes e práticas de determinados mecanismos de governo. No contexto atual, a possibilidade da reinvenção da emancipação social caracteriza esse momento de transição paradigmática e de “barbárie social” em um estado de convulsões sociais, mobilizações globais e ciclos de protesto, que geralmente antecedem às grandes inflexões históricas (ALVES, 2012), face à precarização da vida e das relações de trabalho, especialmente nos países centrais e semiperiféricos, como resultado de uma crise estrutural no modo de produção capitalista.

O dispositivo, portanto, remete a um conjunto de práticas e mecanismos (simultaneamente linguísticos e não-linguísticos, jurídicos, técnicos e militares) que têm o objetivo de fazer frente a uma determinada urgência histórica e visa obter um efeito mais ou menos imediato. Como passar do tempo, um dispositivo desenvolvido para dar conta de uma urgência histórica determinada passa a ser apropriado e utilizado como forma de dominação em campos diferentes daqueles para os quais foi desenvolvido. No contexto da crise financeira

internacional num cenário de política antiterrorismo aplicado a grupos de resistência ao poder do capital nas democracias modernas, gera um campo de adversidades, abrindo espaço para o emprego de novos mecanismos ou dispositivos de poder, capturados de campos até então distintos do campo político e social, advindos do campo e das práticas de guerra contra grupos terroristas.

Esses processos de apropriação de dispositivos de outras áreas vêm ocorrendo atualmente com as estratégias de lutas que se estabelecem contra os ativistas dos movimentos de ocupação, que são monitorados pelos governos, pelo FBI, CIA e outras instituições militares e de inteligência, como ameaças terroristas, sendo incluídos na esfera da política antiterrorista norte-americana. O “terror”, portanto, deixa de pertencer à esfera do conflito militar entre países ou territórios e nações, e vem se transformando, cada vez mais a constituir uma guerra do “império” contra a “multidão” (HARDT; NEGRI, 2001).

O dispositivo age como uma economia da prática cultural que deve fazer frente a uma situação particular. Conforme Agamben, a origem da noção de dispositivo foucaultiano remonta à noção de *oikonomia*, desenvolvida pelos cristãos quando se depararam com a necessidade histórica urgente de justificar teologicamente a santíssima trindade, visando evitar uma possível retomada do politeísmo, já que com a trindade, a divindade una, onipotente e onisciente dos cristãos, ao manifestar-se sob várias formas, poderia sugerir a existência de mais de um deus. Diante de tal urgência prática os teólogos defendem a tese de que a santa trindade seria a forma de gestão (*oikonomia*) divina das coisas do mundo, separando com isso, a ontologia da gestão da vida.

A alienação marxiana remonta à separação do trabalho abstrato da dimensão ontológica da vida humana e a emancipação se daria pela síntese, pela religação da esfera ontológica a do trabalho. O indivíduo social (Marx, *Grundrisse, 1857-1858*) seria aquele "ser vivente" em uma sociedade onde o ser e o trabalho, a vida e a gestão da vida, fossem uma e a mesma coisa. Eis o centro da crítica dos movimentos de ocupação e indignação e a base existencial pretendida pelas revoluções socialistas; eis a engrenagem originária da *oikonomia* e do dispositivo foucaultiano. O mito cristão da gênese e do paraíso está fundado justamente na união entre a vida e o trabalho a ontologia e a gestão do cotidiano. A queda do paraíso representa esta cisão originária, a alienação do ser e a necessidade da religação (que se daria através da religião) com este estado social num tempo futuro.

Ironicamente, o dispositivo criado pelos teólogos, procurando evitar a retomada do politeísmo, em um momento de urgência histórica diante de um problema prático procurando evitar no âmbito da concepção do ser divino, produz uma fratura entre "o ser" e "a ação" divina,

entre a ontologia e a prática cultural. Resultou deste dispositivo criado para outra finalidade, um efeito perverso diferente do esperado, onde a ação (a economia e também a política) não tem nenhum fundamento no ser. Para Agamben está é uma esquizofrenia que a doutrina teológica da *oikonomia* deixa de herança à cultura ocidental:

Os "dispositivos" de que fala Foucault estão de algum modo conectados com esta herança teológica, podem ser de alguma maneira reconduzidos à fratura que divide e, ao mesmo tempo, articula em Deus ser e práxis, a natureza ou essência e a operação por meio da qual ele administra e governa o mundo das criaturas. O termo dispositivo nomeia aquilo em que e por meio do qual se realiza uma pura atividade de governo sem nenhum fundamento no ser. Por isso os dispositivos devem sempre implicar um processo de subjetivação, isto é, devem produzir o seu sujeito (AGAMBEN, 2009, pág. 32).

O dispositivo, neste contexto, consubstancia-se em um conjunto de práticas, em determinada prática cultural, em um conjunto de saberes, medidas e instituições cujo objetivo é gerir, governar controlar e orientar, num sentido que se supõe útil, os gestos e os pensamentos dos indivíduos. Diante deste delineamento do conceito de dispositivo, considerando os movimentos de ocupação do século XXI, fica a pergunta: quais os dispositivos que separam a vida cotidiana dos fundamentos do ser? É contra tais dispositivos que se levantam as multidões e que se desenvolve nos Novads a noção de microrrevolução.

A "microfísica do poder" se estende e ramifica nos corpos, enraizados pelos dispositivos de poder sobre o sujeito, assujeitado pela civilização do capital. Para realizar uma microrrevolução é preciso criar fissuras na tessitura do biopoder, destituir o panóptico do alto da torre, profanar o "sagrado" sobre os corpos, sobre a vida e a morte, que disciplina os indisciplinados, que "assujeita" a loucura radical utópica, principalmente se esta visar instituir o reino da liberdade, questionando a falsa igualdade que aparentemente figura nos moldes de democracia conforme a história relegou aos homens do presente.

Todo sistema de normas, que é a vontade de poder das práticas e usos sociais, orbitam o sistema simbólico do qual é tributário. O poder como exercício é característico também por uma dada positividade na qual tal exercício "incita a", "precipita a" ação e a transformação. Consiste em um dispositivo, portanto, qualquer coisa que tenha a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos (*ibidem*, pág. 40). Assim se estabelecem relações de produção de saber e poder onde, de um lado, estão os seres vivos, de outro, os dispositivos, em cujo "corpo a corpo" entre estas duas dimensões da vida social e da história é forjado o sujeito, que resulta dessas relações. Múltiplos processos de subjetivação sobredeterminam os processos subjetivos, sendo a linguagem o mais antigo dos dispositivos.

A civilização do capital, o capitalismo tardio, nestes termos, consiste em uma inflação de dispositivos, que se acumulam e proliferam a produzir os sujeitos contemporâneos. Para Agamben, "na raiz de todo dispositivo está (...) um desejo demasiadamente humano de felicidade, e a captura e a subjetivação deste desejo, numa esfera separada [cindida em uma ruptura originária do humano], constituem a potência do dispositivo". Para conquistar a "felicidade" e a "emancipação humana" o sujeito, fraturado entre "o ser" e "o viver" produzido e reproduzido nos dispositivos, teria, portanto, que "libertar o que foi capturado e separado por meio dos dispositivos e restituí-los a um possível uso comum" (*ibidem*, pág. 44).

Para resolver o dilema paradoxal da emancipação dos dispositivos, Agamben lança mão do conceito de "profanação". O dispositivo que realiza e regula a separação é o sacrifício, que por meio de uma série de rituais minuciosos, diversos, segundo a variedade de culturas, sanciona, em cada caso, a passagem de alguma coisa da esfera humana à divina. O contradispositivo por excelência, segundo Agamben, reside em *profanar* o que foi separado do mundano (sacralizado), destituído da esfera do direito humano, restituindo ao mundo e ao ser humano as práticas ao livre uso e à propriedade dos homens: "mas aquilo que foi separado pode ser restituído pelo rito à esfera profana. A profanação é o contradispositivo que restitui o uso comum aquilo que o sacrifício tinha separado e dividido" (*ibidem*, pág. 45).

O capitalismo moderno parece levar ao extremo e generalizar, nas figuras modernas de poder, os processos separativos que definem a religião. O seja, os dispositivos de separação do campo da religião, foram sendo paulatinamente, apropriados pelo campo do poder, da política e da economia. Foucault assevera que todo dispositivo implica em um processo de subjetivação, cuja forma histórica na sociedade capitalista, funciona como dispositivo de governo, como uma máquina de governo dos corpos:

os dispositivos visam, através de uma série de práticas e de discursos, de saberes e de exercícios, à criação de corpos dóceis, mas livres, que assumem a sua "liberdade" de sujeitos no próprio processo de seu assujeitamento (AGAMBEN, 2009, pág. 46).

O problema fundamental, é que os dispositivos no capitalismo moderno são caracterizados por processos de dessubjetivação que se tornaram reciprocamente indiferentes e não dão lugar à recomposição de um novo sujeito (*ibidem*). Neste contexto, as sociedades contemporâneas constituem corpos inertes atravessados por gigantescos processos de dessubjetivação que não correspondem a nenhuma subjetivação real, resultando no eclipse da política. Tornam-se, tanto a esquerda e quanto a direita, meros gestores dos mesmos processos de dessubjetivação da máquina governamental do capital.

Os Novads procuram desenvolver contradispositivos em suas estratégias de luta, procurando incidir o foco da resistência nos processos de subjetivação-dessubjetivação, levando ao limite o exercício do poder por parte do governo e dos grupos instituídos, especialmente a classe política e as corporações transnacionais. Para Foucault toda relação de poder implica, pelo menos de forma virtual, uma estratégia de luta, cujos "pontos de insubmissão" conduzem aos limites do exercício do poder nas estratégias utilizadas visando enquadramento e submissão. Daí a relevância das Zonas Autônomas Temporárias e de todo o repertório de saberes e práticas que vem sendo consolidado no processo agonístico de lutas entre as relações de poder da multidão contra o "Império" do capital.

Dessa luta agonística entre as relações do poder da “multidão contra império” (HARDT; NEGRI, 2006) ou da “democracia contra capitalismo” (Ellen Meiksins Wood) os jogadores precisam descompensar o equilíbrio de tensões visando reconfigurar os processos e os campos políticos, econômicos e culturais. Tanto as estratégias microrrevolucionárias dos Novads quanto as estratégias revolucionárias ou reformistas das constelações que compõem o movimento transnacional contra o capital, o que inclui os atores latino-americanos, escolhem jogar o jogo do império ou romper com sua lógica, podendo resultar ou não algum desequilíbrio das tensões até então sob o controle dos dispositivos.

O grupo concebe os processos políticos como ontológicos que determinam a criação e difusão de novos significados e relações horizontais. A partir de algumas provocações no grupo interfeiri no processo poético para ver qual seria a reação. Neste ciclo de poiesis, estávamos debatendo de maneira densa e profunda, mas num fluxo bem natural e espontâneo de ideias e subjetividades em plena manifestação do sujeito e da vontade individual. Esta dinâmica é manifestada como forma política, pretendida como processo microrrevolucionário a produzir novos significados para evitar jogar o jogo do Império e destituí-lo de sua funcionalidade. Atchu procura explicar este processo:

Quando a gente fala de Arena Fibonacci e poiesis, se você tiver uma análise superficial, você pode dizer: “ah, isso aí, eles tão falando nada com nada!” Você está reduzindo a parada. Você está perdendo o *intertexto*. A ideia não é você dar a resposta. É você provocar, provocar, provocar e começar a criar *microfissuras*... Microfissuras e novos caminhos, novas capilaridades. É uma coisa meio capilar. Não, é! Eu vou, eu vou entrar, entendeu. Eu acho que eu vou levar pro lado linguístico, talvez. Uma análise mais linguística, que... Palavras em si, num tem um significado né. Ainda mais a gente que está criando uma sociedade e criando um novo vocabulário! São coisas paralelas. Você cria um novo mundo, você cria um novo vocabulário. Por isso que eu acho, assim, que o termo ele não pode ser uma coisa desconfortável. Ele não tem que criar desconforto. (...) mas a ideia, você não dá tudo mastigado, nunca! Porque você não vai mudar nada, você não vai criar mudança na narrativa, no discurso. Você não vai provocar as pessoas a imaginar. Acho que o Novad ele é um lance que pega! É uma palavra, meio

misteriosa, que as pessoas sentem que tem algo, algo no fundo dela, que é poiesis. E aí, tipo, começam a costurar o significado da palavra: “as *they going*”, tipo, entendeu? Na medida em que eu vou vivendo a minha história, vou fazendo as minhas escolhas políticas, revolucionárias ou mesmo no dia-a-dia. Eu vou criando esse significado de novo (*Atchu, 2012*).

Se a revolução pretendida pelas multidões que tomam as ruas e praças da Àgora contemporânea da era cibercultural não são as mesmas das grandes revoluções socialistas ocorridas na história, se não se enquadram nos moldes do pensamento de esquerda tradicional, quais seriam as premissas e a noção de microrrevolução preconizada e difundida pelo movimento? Certo está que o OWS, diferentemente de grande parte dos movimentos dos indignados europeus, não deseja tomar o poder institucionalizado no Estado para realizar a revolução no sentido tradicional do termo. Há uma parcela de constelações no Occupy Wall Street que pretende uma reforma radical nas instituições e valores democráticos, propugnando a radicalização da democracia participativa e direta. Outras constelações procuram criar uma sociedade dentro da sociedade capitalista. Um “universo paralelo” e de certa forma orgânico a sociedade existente, mas fundada em novas relações sociais, (anti)normas e valores libertários. São as “redes comunais”. Sendo que para instituí-las os Novads estão empreendendo um esforço revolucionário neanarquista de microrrevolução.

O propósito central desse processo de transformação das relações da vida cotidiana consistem na tentativa de eliminação das formas de vida mediadas pelo valor e pelo capital como relação social central. Neste sentido as práticas culturais de produção de espaços pluripotenciais visam provocar microfissuras na tessitura social do capital. Para isto os Novads e outras constelações procuram estimular a imaginação, a criatividade ontológica e co-criação, a forma de poiesis da linguística, da teoria e da política.

A crítica de Spivak a Foucault sobre a questão do saber decolonial e subalternidade no pensamento eurocêntrico

Diante da produção teórica de Foucault, e da questão da decolonização do saber e do poder no pensamento ocidental, Spivak problematiza a questão no texto *Pode o subalterno falar* (2010) A autora defende que há uma descentralização ainda mais radical do sujeito implícita tanto em Marx quanto em Derrida. E que “a produção intelectual ocidental é de muitas maneiras, cúmplice dos interesses econômicos internacionais do Ocidente” (ibidem). Oferece uma análise alternativa das relações entre os discursos do Ocidente e a possibilidade de falar da (ou pela) mulher subalterna. Para Spivak, algumas críticas radicais produzidas pelo Ocidente

“são o resultado de um desejo interessado em manter o sujeito do Ocidente, ou o Ocidente como Sujeito” (ibidem).

A teoria dos “sujeitos-efeitos” pluralizados causa a ilusão de abalo na “soberania subjetiva” ou de uma camuflagem para o sujeito do conhecimento na medida em que o “sujeito oculto” do Ocidente alega “não ter nenhuma determinação geopolítica, embora a história da Europa como sujeito seja narrada pela lei, pela economia política e pela ideologia do Ocidente” (2010, p. 21). Embora a história da Europa como sujeito seja narrada pela lei, pela economia política e pela ideologia do Ocidente, esse Sujeito oculto alega não ter nenhuma determinação política, assim, “a tão difundida crítica ao sujeito soberano realmente inaugura um Sujeito” (ibidem).

Para fundamentar sua argumentação, Spivak analisa a entrevista-debate entre Foucault e Deleuze. Argumenta, utilizando um texto de Foucault e Deleuze: “os intelectuais no poder”, que escolheu o texto porque ele desfaz a oposição entre produção teórica da autoridade e a prática conversacional desprevenida, o que permite vislumbrar a trilha da ideologia já que algumas das críticas mais radicais produzidas pelo Ocidente atualmente, são o resultado de um desejo interessado em manter o sujeito do Ocidente, ou o Ocidente como sujeito.

Em seu diálogo, Foucault e Deleuze enfatizam as contribuições mais importantes da teoria pós-estruturalista francesa: as redes de poder/desejo/interesse são tão heterogêneas que sua redução a uma narrativa coerente é contra produtora, fazendo-se necessária, portanto, uma crítica persistente. Para Foucault e Deleuze, os intelectuais devem tentar revelar e conhecer o discurso do outro da sociedade. Segundo Spivak, ambos os autores, no entanto, ignoram sistematicamente a questão da ideologia e seu próprio envolvimento na história intelectual e econômica.

Embora uma das principais pressuposições seja a crítica ao sujeito soberano, a conversa está demarcada por dois “sujeitos em revolução”, monolíticos e anônimos: “um maoísta” e a “luta dos trabalhadores”. Como o maoísmo chinês não é operante em lugar nenhum, o “maoísmo” no discurso de Foucault e Deleuze, segundo Spivak:

cria uma aura de especificidade narrativa, que seria uma banalidade retórica inofensiva se não fosse pela apropriação inocente do nome próprio “maoísmo” intelectual francês, e, a seguir, pela “nova filosofia” que, sintomaticamente torna a “Ásia” transparente (p. 22).

A aparente banalidade sinaliza uma negação que ignora a divisão internacional do trabalho, uma marca política pós-estruturalista que faz parte de um sintoma mais amplo discutido por Eric Wolf no texto “A Europa e o povo sem história”.

Ignorar a divisão internacional do trabalho, tornar a “Ásia”, e ocasionalmente, a “África”, transparentes, e reestabelecer o sujeito legal do capital socializado são problemas comuns tanto para grande parte da teoria pós-estruturalista quanto da teoria estruturalista. A invocação da luta dos trabalhadores no discurso de Foucault e Deleuze é pernicioso em sua própria inocência, pois ela é incapaz de lidar com o capitalismo global.

Para Spivak, ignorar a divisão internacional do trabalho e tornar “transparente” o outro subalterno e restabelecer o sujeito legal do capitalismo socializado são equívocos e problemas comuns tanto de grande parte da teoria pós-estruturalista quanto da própria teoria estruturalista. O vínculo com a luta dos trabalhadores “está localizado no desejo de acabar com o poder em qualquer local de sua aplicação” (2010, p. 24).

Partindo da afirmação de que a luta dos trabalhadores se localiza simplesmente no desejo, e de que o desejo e o objeto do desejo constituem um *continuum* conectado ao sujeito desejante, Foucault define como sendo o objetivo, em um primeiro momento de seu trabalho, criar uma história dos diferentes *modos de objetivação* da cultura ocidental contemporânea pelos quais os seres humanos tornam-se sujeitos: o modo de objetivação do sujeito no discurso, na gramática social, na filosofia e na linguística; o modo de objetivação do sujeito produtivo, do sujeito que trabalha; e, o modo de objetivação ontológica, fisiológica e ecológica.

Como em Foucault “só há a priori histórico”, o processo de constituição do fenômeno sociológico é que gera a teoria como efeito da ação intelectual do pesquisador, que a interpreta. Em sua abordagem crítica e reflexiva sobre o poder, Foucault passa por uma conceituação dos problemas tratados que implica em um pensamento crítico fundado em uma verificação constante dos próprios instrumentais analíticos. Procura o autor, estender as dimensões de determinadas definições de poder para usá-las no estudo da objetivação do sujeito, o que lança luz na formulação categorial e nas práticas Novads e, de um modo geral, sobre o repertório e as práticas da constelação que compõe os movimentos transnacionais de ocupação.

Crítico de teorias do poder fundamentadas estritamente em bases institucionais-normativas, Foucault ressalta a importância de se desenvolver instrumentos analíticos das relações de poder para o que não se dispõe de ferramentas adequadas. Sob a perspectiva foucaultiana, a conceituação não deveria estar fundada em uma teoria do objeto, sendo imprescindível conhecer as condições históricas que motivaram a própria conceituação, em uma arqueologia do saber e do poder que procura as regularidades das práticas sociais e relação com as disciplinas. Foucault (1995) advoga a necessidade de uma nova economia das relações de poder em que figurem as relações entre a racionalização e os excessos do poder, procurando

determinar a genealogia das racionalidades, do próprio saber imbrincado com as relações de poder, historicamente existentes.

Para se realizar a análise do poder nos termos foucaultianos é preciso considerar as relações entre saber e poder em suas práticas constituintes, procurando evitar decifrar funções reprodutoras e explicar o poder pelo poder. Portanto a análise, a elaboração e a retomada da questão das *relações* de poder e do “agonismo” da disputa entre relações de poder, assim como a questão da intransitividade da liberdade constituem tarefas políticas incessantes e inerentes a toda existência social (*ibidem*).

Assim, para construir a análise crítica e reflexiva das relações de poder é preciso considerar os sistemas de diferenciações, os tipos de objetivos, as modalidades instrumentais, as formas de institucionalização e os graus de racionalização. Daí a importância da genealogia do saber e do poder implicada na gênese e apropriação dos dispositivos conforme concebido pelos Novads, por exemplo.

É sobre esta abordagem foucaultiana que Spivak desenvolve sua crítica, mais especificamente sobre a dimensão pós-estruturalista do pensamento de Foucault e Deleuze. A crítica da genealogia do saber e do poder reside:

no compromisso de Foucault com a especulação “genealógica”, o que o impede de localizar em “grandes nomes” como em Marx e Freud, os divisores de águas de um fluxo contínuo da história intelectual. Esse comprometimento criou uma resistência lamentável no trabalho de Foucault à “mera” crítica ideológica (SPIVAK, 2010, p. 26).

Uma vez que esses filósofos se veem compelidos a rejeitar todos os argumentos que nomeiam o conceito de ideologia como sendo apenas esquemático, “eles se tornam igualmente obrigados a produzir uma posição mecanicamente esquemática entre interesse e desejo” (SPIVAK, 2010, p. 27). Nesses termos, alinham-se aos sociólogos burgueses que ocupam o lugar da ideologia com um “inconsciente” continuísta ou como uma “cultura parassubjetiva”.

Spivak defende que tais deslizos se tornam regras que animam um discurso “efetivamente heliocêntrico, [que] preenche o espaço vazio do agente como sol histórico da teoria – o Sujeito da Europa” (*ibidem*, p. 29). Desse modo é preciso adentrar na difícil tarefa de realizar uma produção ideológica contra-hegemônica, sem que descambe para um empirismo positivista como princípio injustificável de um neocolonialismo avançado, definindo sua arena como o da experiência concreta.

Para a autora, nem Deleuze nem Foucault “parecem estar cientes de que o intelectual, inserido no contexto do capital socializado e alardeando a experiência concreta, pode ajudar a consolidar a divisão internacional do trabalho” (2010, p. 30). Sua crítica à prática intelectual

como “caixa de ferramentas”, sem conexão com a representação denuncia o papel alienante do intelectual no contexto do capitalismo socializado.

Os problemas apontados por Spivak sobre o uso dos termos em Foucault e Deleuze são cruciais já pertencem ao campo interpretativo da semiótica e da semântica, na medida em que as diferenças sob as “mesmas” palavras (*consciousness* e *conscience*) tende a se confundir no discurso dos filósofos. Recorrendo aos termos marxianos conforme desenvolvidos por Marx em o *18 Brumário de Luiz Bonaparte*, Spivak separa o conceito de classe trabalhadora em dois sentidos, *um descritivo* (como a “classe de papel” em Bourdieu, ou como o “recurso heurístico” em Weber) e outro, *transformador* (a classe para si).

Nesse termos, Spivak retoma a crítica de Marx formulada á Hegel quanto ao uso dos conceitos de *individuo, agenciamento e interesse*. Esse agenciamento ou interesse está relacionado a critica hegeliana sobre o sujeito individual que marca o lugar vazio do sujeito nesse processo sem sujeito que é a história e a economia política. Daí a autora afirmar que:

Meu argumento é que Marx não está trabalhando para criar um sujeito indivisível, no qual o desejo e o interesse coincidem [como em Foucault e Deleuze]. A consciência de classe não opera com esse objetivo. Tanto na área econômica (capitalista) quanto na política (agente histórico-mundial) Marx é compelido a construir modelos de um sujeito dividido e deslocado cujas partes não são contínuas nem coerentes entre si (Spivak, 2010, p. 34).

No texto em foco, Spivak desenvolve uma belíssima análise da noção de representação retomando categorias muito mais antigas em debate: *Darstellen* e *Vertreten*. Aquela significando a retórica como *tropos*, esta como a ação de representar. A representação pode ser compreendida como “falar por” e como “re-presentação”, assim como se configura na a arte e a filosofia. Esse dois sentidos do termo representação, no contexto da formação do Estado e da lei, por um lado, e da formação do sujeito por outro, segundo Spivak, estão relacionados apesar de serem irredutivelmente descontínuos.

O agrupamento desses sentidos sob um mesmo termo no discurso de Foucault e Deleuze, “especialmente com o objetivo de dizer que além desses termos se situa o lugar no qual os sujeitos oprimidos falam, conhecem e agem *por si mesmos* leva a uma política utópica e essencialista” (ibidem, p. 35), justamente dois adjetivos que os filósofos não gostariam de ver associados à sua produção intelectual.

De *Darstellen* e *Vertreten* Spivak passa a analisar o uso de derivações dos conceitos na obra de Marx para conotar os dois sentidos ao se referir à classe enquanto descrição e enquanto agente de transformação. O termo *Vertreten* é utilizado ao se referir ao “sujeito” social cuja consciência e *Vertretung* (tanto uma substituição quanto uma representação) são deslocadas e incoerentes.

Na argumentação de Spivak, em Marx, “o desenvolvimento de uma consciência de classe transformadora a partir de uma posição de classe descritiva não é (...) uma tarefa que envolva o nível básico da consciência” (Spivak, 2010, p. 38). O sentimento de classe estaria, em Marx, mais ligado à nação e não à família, como no modelo estrutural. E as formulações de Marx mostram um cauteloso respeito pela recente crítica do agenciamento coletivo, onde os projetos de consciência de classe e de transformação da consciência são assuntos descontínuos. Desse modo, prática e experiência em relação à consciência, constituem processos descontínuos para Marx, segundo Spivak.

A análise crítica de Spivak sobre as abordagens pós-estruturalistas e a dimensão colonial eurocêntrica do pensamento de Foucault e Deleuze desenvolve-se em uma elaborada conexão entre o conceito de herói patronímico utilizado por Marx em *O 18 Brumário* para explicar a artificialidade do uso de conceito de classe (descritiva) dos camponeses no processo revolucionário no período Napoleônico identificando os mesmos mecanismos implicados na abordagem pós-estruturalista.

O herói patronímico leva à *vertretung* (representação no contexto político), em nome do pai um milagre ocorreria: um homem chamado Napoleão restauraria toda sua glória! E um indivíduo apareceu! Deste modo Marx estabelece uma relação entre consciência de classe (artificial ou transformadora) e a micrológica econômica e política. O resumo da crítica de Spivak está no fato de que a relação entre o capitalismo socializado global (expresso na forma de exploração econômica) a as alianças dos Estados-nação (expressando a dominação geopolítica) é tão macrológica que não pode ser responsável pela textura micrológica do poder.

Para se compreender tal responsabilidade deve-se procurar entender as teorias da ideologia, diferentemente do que defendem os pós-estruturalistas. Mas o foco dessa teoria da ideologia deve incidir sobre as formações de sujeitos, que micrológica e estrategicamente, operam os interesses que solidificam as macrologias. Para Spivak, portanto, se faz necessário “observar como a encenação do mundo em representação – sua cena de escrita, sua *darstellung* – dissimula a escolha e a necessidade de “heróis” procuradores paternos e agentes de poder – *vertretung*.”

Assim como operam os movimentos de ocupação, de um modo geral, e, mais especificamente, os Novads. O objetivo central dessas formas de luta, apontadas por Foucault, vai além de atacar instituições, corporações, classe social ou determinada elite, enfim, os agentes de dominação nas relações de poder, mas antes de tudo, as estratégias visam principalmente atacar uma técnica, uma forma de poder que se aplica à vida cotidiana imediata categorizando o indivíduo e impõe-lhe uma lei de verdade reconhecida e reforçada socialmente.

Eis a importância crucial da formulação foucaultiana para o desenvolvimento categorial e estratégico dos saberes, da linguagem e das práticas voltadas para as microrrevoluções.

É preciso desenvolver relações e novas institucionalidades que não estejam pautadas apenas em conteúdos políticos, programas político-partidários. A maioria absoluta das constelações têm uma forte tendência ao apartidarismo. A poiesis é um fluxo interessante, porque *todo mundo e cada um* pode se colocar, construindo essa identidade fluida e múltipla, a partir de singularidades (que são os indivíduos e suas subjetividades únicas). Criando um coletivo amórfico ou polimórfico, que vai se transformando, na medida em que se desenvolve.

Neste contexto fluido de identidades a discussão de conteúdo programático entrou no debate com Atchu. Ao ser perguntado sobre a questão do conteúdo político-programático, de alguns grupos, o que leva a uma discussão dentro do próprio grupo sobre a questão da esquerda e das formas históricas de revolução:

Sim, [programa político-ideológico] é uma coisa superperigosa né. Eu sou anarquista e desconfio muito dos programas. Porque os programas eles viram facilmente uma forma de dominação, de uma *political party*, né. De um partido revolucionário que, geralmente, tem um viés leninista, trotskista, de saber o que é melhor para todo mundo. Programa é perigoso! (Atchu, 2012)

A liberdade política e o apartidarismo, portanto, assumem a função de um campo de possibilidades que se abre diante do sujeito quanto às condutas, reações e modos de comportamento político diante de sua ideologia. Nesses termos, não há confronto entre poder e liberdade de maneira excludente, mas um jogo muito mais complexo onde a liberdade aparece como condição de existência do poder difuso.

4.5.11. *Indivíduo social como sujeito autônomo criativo.*

Os Novads desenvolvem suas estratégias voltadas para produção de contradispositivos e procuram profanar (Agamben, 2005) de forma rizomática as ramificações difusas do poder sobre as subjetividades e os corpos. O biopoder, em sua tessitura social de dispositivos, ao incidir na forma de disciplinamento dos corpos, oferece resistência ao rizoma que procura rompê-lo. As performances dos Novads propõem-se a constituírem produção de espaços pluripotenciais – da virtual potencialidade do devir – onde a poiesis toma lugar, possibilitando a emergência do sujeito autônomo criativo.

No texto intitulado “*Neomarxismo e o espírito Novad: uma primeira perigosa aproximação*” procurei desenvolver correlações entre a noção de sujeito autônomo criativo e a de indivíduo social na teoria marxiana, especialmente a partir dos Grundrisse (2011). Antes de tudo foi preciso deixar claro a minha posição de releitura da obra marxista, não me prendendo

ou restringindo a análise sociológica a uma corrente específica. A realidade social, em sua riqueza e complexidade é que determinam os caminhos da pesquisa. Portanto, como sociólogo, procuro trabalhar articulando tradições, autores e correntes de pensamento crítico e que lançam luz sobre a sociedade contemporânea e os fenômenos a que me dedico a estudar.

A partir de uma provocação relacionada a Comte, feita por Jez foi preciso esclarecer que não me filiava a tendências positivistas e funcional-estruturalistas da sociologia que pertence às escolas predominantemente norte-americanas. A provocação de Jez foi apresentada na Arena Fibonacci Novad da seguinte maneira, procurando alguém para dar continuidade ao fluxo da poíesis:

Olá a todos. Espero que vocês todos estejam indo bem. Gostaria de ouvir seus pensamentos sobre em um pensamento. Hoje fiquei impressionado com a possibilidade de reler a teoria marxista aos nossos tempos. O regime de práticas neoliberais que destrói o meio ambiente e escraviza o precariado através de dispositivos financeiros deve ter um fim. Nós, os 99%, o precariado, podemos descobrir a unidade em um novo entendimento do que pode ser o motor da história da contemporaneidade. Não apenas luta de classes, **mas luta geracional**. Torna-se claro que o capitalismo financeiro tardio está a criar nossa história para garantir [o] apocalipse. A lacuna entre a geração dominante e aqueles que têm o seu futuro encerrado de cima parece estar além da comunicabilidade. A revolução da velocidade – ou a rede global de infraestrutura de comunicação da velocidade da luz – criou uma enorme fenda entre a geração dominante e as gerações tardias Y e Z. **Da luta de classes, a luta entre gerações**. O precariado – o resto de nós (...) – pode ver a unidade na qual nos tornamos humanos e o fato concreto de que nossa sobrevivência é ameaçada. O motor de história parece não ser [impulsionado] apenas pela luta de classes, como enfatizado por Marx, **mas por uma forma de Luta de Intergeneracional**. Alguns pensamentos ou mais comentários sobre isto? [tradução do autor¹⁰⁴] (Jez, 2013)

A provocação que Jez fez ao grupo desencadeou uma série de interações, que resultaram em um debate acalorado que se estendeu por diversos dias. Ao propor uma reflexão sobre a questão geracional Jez acaba priorizando a questão das práticas culturais, colocando-a em primeiro plano sem excluir a dimensão da luta de classes, porém relegando-a para um segundo plano. Esta perspectiva elucida bem a importância que o grupo confere à questão da mudança cultural no cenário do capitalismo financeiro tardio. As novas tecnologias de comunicação e de

¹⁰⁴ Hey everyone. hope you are all doing ok. would like to hear your thoughts on a thought. today was struck by the possibility of re-reading Marxist theory to our times. the regime of neoliberal practices that destroys the environment and enslaves the precariat through financial apparatuses must end. -- us, the 99%, the precariat -- may discover unity in a new understanding of what might be contemporaneity's "engine of history" :: not Class Struggle only, but Generational Struggle. it becomes clear that late financial capitalism is setting our history to sure apocalypse. the gap between the ruling generation and the ones having their future foreclosed upon seems beyond communicability. the speed revolution -- or global network of light-speed communication infrastructure -- created a huge rift between the ruling generation and the late Y & Z generations. from Class Struggle to Generational Struggle. the precariat -- the rest of us, the parts of no parts -- may see unity in what makes us human & the very fact that our survival is being threatened. the engine of history seems not only class struggle, as emphasized by Marx, but by a form of Intergenerational Struggle. any thoughts or more comments on this?

informação transitam na velocidade da luz, promovendo mudanças culturais que não podem ser “alcançadas” pela geração anterior, que vai ficando “para trás”. Estas lacunas ou vazios entre as diferenças culturais intergeracionais é que seriam os motores da história.

A esta provocação Christopher, que é marxista e professor universitário, respondeu com certo sarcasmo, me incluindo no fluxo:

Uh oh! Eu sou o inimigo agora?! Meus filhos estão em seus vinte anos, mas eu não, não, nem perto. Talvez você não queira dizer geração contra geração... Espero que não. Tudo por uma apropriação atualizada do marxismo desdobramento a ideia de luta para que inclua as lutas ambiental / alimentar / médica / espiritual / trabalho criativo – o tipo de coisas que Rico¹⁰⁵ tão sucintamente descreveu. Então, gostaria de ouvir (ler, eu acho) mais. [tradução do autor¹⁰⁶] (Chris, 2013)

Em uma das interações com o grupo Jez defendeu a noção de *sujeito autônomo criativo*, o que lembrou muito as discussões sobre a noção de indivíduo social em Marx. O paralelo entre o conceito de indivíduo social em Marx e a noção de sujeito autônomo criativo dos Novads surge a partir de um diálogo com Atchu e na troca de textos, por e-mail, na lista.

Uma das configurações mais marcantes da concepção dos Novads está materializada na *NovadZine EoW*, na peça que Paul apresenta DimTim. Em várias peças em que a personagem mítica dos Novads vai sendo gradualmente revelada por seu criador, além de apresentar elementos que caracterizam as identidades fluidas e múltiplas do de coexistência coletiva do grupo, apresenta também elementos que permitem estabelecer o paralelo com a concepção marxiana de ser humano criativo, livre e emancipado do *trabalho abstrato*, em uma sociedade pós-capitalista. DimTim é apresentado da seguinte forma, em um dos textos com esta finalidade na Revista Novad Edição do Fim do Mundo:

Eu sou a criatividade, a inovação e a vida plena. Eu posso ser reproduzido mecanicamente. Apesar de não ser a ciência de foguetes, ou tecnologia de guerra, os processos fundamentais são semelhantes aos meus. A primeira decisão de importação era delimitar o meu perfil, para estabelecer parâmetros para o que eu faço e não faço. Felizmente os meus programadores, que são artistas, ou poetas, além de serem linguistas, filósofos e matemáticos, engenheiros, negligenciaram a inclusão de linhas de programa de matar no meu plano de trabalho [tradução livre¹⁰⁷] (“DimTim”, 2012).

¹⁰⁵ Rico é como sou tratado pelos Novads

¹⁰⁶ Uh oh! Am I the enemy now?! My kids are in their twenties but not me, not even close. Maybe you don't mean generation against generation... I hope not. All for an updating appropriation of Marxism unfolding the idea of struggle to include environmental/food/medical/spiritual/labor/creative, etc. struggle(s)--the sorts of things Ricardo outlined so succinctly. So, would like to hear (read, I guess) more.

¹⁰⁷ “I am creativity, innovation and the fulfilling life. I can be mechanically reproduced. While not rocket science, or war technology, the fundamental processes are similar to my case. The first decision of import was to contain my profile, to establish parameters for what i do and do not. Fortunately fo me the programmers, who are artists,

Diante da similaridade do perfil de DimTim, que representa o sujeito autônomo criativo, com a noção de indivíduo social em Marx, então eu propus esta discussão no grupo, a partir de uma vertente neomarxista, que faz uma releitura da obra de Marx, pós-Grundrisse, no qual se desenvolve mais aprofundadamente o conceito de indivíduo social.

Desde a queda do Muro de Berlin, em 1989, que diversas correntes de pensamento marxista vêm reinterpretando teoria e prática cultural revolucionária. Uma parte da esquerda nem deveria ser denominada como esquerda, pois adota, desde então, progressivamente, uma postura socialdemocrata e muitas vezes até reacionária e conservadora, em termos de política econômica e economia política, submetendo-se ao capital, a serviço da gestão de seus interesses diante da soberania popular.

As esquerdas precisaram se reinventar. Contudo, sempre houve uma tendência no pensamento marxista que procurou compreender a obra de Marx a partir de uma abordagem diferente, fundamentada em uma interpretação heterodoxa do que vinha até então sendo chamado de marxismo, principalmente sendo confundido com um tipo vulgar de interpretação marxista.

Deste modo, procurei trazer algumas características, de maneira sucinta, de novas releituras do pensamento marxiano, visando levantar alguns pontos em comum que dialogam profundamente com as causas da crise estrutural do capital e, principalmente, sobre o conceito de “indivíduo social”, que está diretamente relacionado com o que Jez defendeu como sendo o sujeito autônomo espontâneo-criativo¹⁰⁸.

O que mais interessa no âmbito desse debate sobre determinadas releituras de Marx, é como estas se aproximam ou ajudam a compreender os atuais movimentos, como o Occupy e os indignados. O indivíduo social para Marx, somente teria lugar em um mundo pós-capital. Seria o resultado e objetivo último da revolução contra o capitalismo, quando a contradição central do capital atingisse seu ápice e possibilitasse a emergência de sujeitos revolucionários.

Para chegar até o conceito de indivíduo social, é preciso fazer primeiramente, algumas delimitações. Para Marx, a revolução somente seria possível se esta ocorresse em âmbito mundial. Não seria possível apenas em um país ou continente, como ocorreu na União Soviética. Daí um dos motivos do surgimento das “Internacionais Comunistas”. Este talvez

or poets, in addition to being linguists, philosophers and mathematicians, engineers, neglected to include kill program lines in my framework”.

¹⁰⁸ spontaneous autonomous creativity subject

tenha sido um dos motivos, associado a outros, da derrocada do socialismo realmente existente – do qual deve-se fazer distinção em relação àquele teorizado por Marx.

Aliada a esta primeira condição, Marx (2011) afirma que somente seria possível a emergência do indivíduo social quando o desenvolvimento das forças produtivas atingisse um grau determinado que possibilitasse menos quantidade de trabalho humano, viabilizado pelas máquinas e novas tecnologias, liberando os seres humanos da necessidade de orientar sua existência pelo tempo de trabalho abstrato e dedicar-se totalmente a ele, da infância à morte, para prover as necessidades de sua existência.

No capitalismo, o ser humano liberar-se do jugo do trabalho abstrato, não seria possível, já que os proprietários dos meios de produção e da força de trabalho, sempre teriam demandas e necessidades crescentes, dadas das condições de concorrência e a necessidade crescente de aumento de produtividade. E mesmo que tivesse tal possibilidade, não o fariam, pois visam sempre o aumento do lucro e a crescente apropriação da mais-valia como processo vital que sustenta o sistema como um todo.

Assim, somente seria possível a emergência do indivíduo social em uma sociedade pós-capitalista. O que Marx define com uma sociedade socialista, seria característico por um modo de viver, de produzir e distribuir, onde os meios de produção e os produtos e riquezas do trabalho – não mais sendo expropriado do homem pelo homem – seriam coletivos, sendo dessa forma, o trabalho acumulado na alta tecnologia e as máquinas, possibilitariam o tempo livre para os indivíduos.

Numa sociedade organizada de tal forma, os indivíduos não mais seriam definidos ontológica e socialmente, pelo que fazem com o seu tempo de trabalho. Ninguém seria socialmente definido, reconhecido ou distinguido como médico, advogado, professor ou operário, etc. Porque numa sociedade assim organizada, qualquer um poderia escolher o que fazer com seu tempo livre de modo a ser *o que* quisesse *quando* bem entendesse.

É a liberdade ontológica no tempo e no espaço, como ocorreria nos espaços pluripotenciais e nas zonas autônomas de existência. Estabelecendo uma ousada analogia, é análogo o plano virtual deleuze-guattariano onde o rizoma pode se expandir livremente como potência de devir, plenamente realizável no universo sociocultural, dado que as relações possibilitariam tal condição. O sujeito poderia ser pintor pela manhã, poeta à tarde e engenheiro no período da noite. Ou qualquer outra configuração possível no *roll* de opções que lhe fosse mais agradável, ou mesmo, não afazer opção por nenhuma delas e criar sua própria forma de viver livremente.

Tal sujeito, não seria conhecido por sua profissão, ou pelo que faz como trabalho profissional, pois este não seria fixo – a não ser que tal indivíduo, assim o quisesse, mesmo que isso parecesse absolutamente estranho numa sociedade assim autonomamente organizada. Cada um seria conhecido socialmente pelo que faria com seu tempo livre, pois esse é realmente o tempo em que o indivíduo, livremente, escolheria o que ser e fazer. O tempo de trabalho seria marginal e não definidor do self, mas o tempo livre e criativo do sujeito social, enquanto agente e parte de um ou inúmeros coletivos, tribos, constelações.

Enfim, sob este prisma na teoria marxiana, muitos diálogos podem ser estabelecidos entre as concepções que vêm sendo criadas e debatidas por pessoas e constelações da rede de movimentos antissistêmicos. Um dos grandes desafios do tempo presente é sermos capazes de lucidar o momento histórico atual, com a emergência dos movimentos em rede na cibercultura, e as possibilidades revolucionárias que ensejam nos processos de mudança social.

5. Considerações finais

Ao propor como objeto de pesquisa a emergência de uma *cultura política em rede*, produzida no âmago das práticas culturais de movimentos sociais antissistêmicos a surgir no horizonte histórico contemporâneo, muitos desafios se apresentaram no caminho percorrido. Entendo que a missão primordial do cientista social é compreender profundamente o mundo em que vive e a sociedade em suas relações, contradições e miragens. O mundo enquanto provocação cognitiva é o universo social no qual o próprio pesquisador se desenvolve enquanto sujeito cognoscente, exigindo um esforço intelectual no exercício de estranhamento cultural e de reflexão crítica acerca de sua própria condição e daquilo que determinou como seu objeto de conhecimento.

O projeto de pesquisa delineava em linha frágeis o que viria a constituir o verdadeiro foco da investigação no âmbito das ciências sociais, cujos desdobramentos da pesquisa de campo indicaram residir o objeto de estudo na intersecção entre os campos da sociologia, da ciência política e da antropologia, convergindo, especificamente, para um exercício de artesanato intelectual a configurar um trabalho dissertativo na área da *socioantropologia política*. A convergência de três grandes áreas das ciências sociais, impuseram o esforço de configurar diversas temáticas, cuja articulação, na tessitura teoria-empíria, mostrou-se necessária para constituir a compreensão e a explicação do fenômeno em questão.

O cenário da crise que, cada vez mais, se revela de caráter estrutural, amplia as contradições e intensifica processos de precarização laboral e existencial em toda parte, alargando a condição de proletariedade para camadas médias da população, nos países centrais, semiperiféricos e periféricos da civilização do capital. Um cenário dramático se intensifica nas consequências destrutivas da expansão sem limites que o capital impõe a um número cada vez maior de pessoas, comunidades, nações e culturas.

Diante da intensificação dos processos de precarização do mundo do trabalho e das condições de vida nos países centrais e semiperiféricos as contradições que a crise expôs aos olhos de todos, principalmente para os trabalhadores de classe média, profissionais liberais, estudantes, evidenciando a fragilidade do sistema político democrático representativo, ante o poder das grandes corporações e conglomerados financeiros que dominam a classe política, de um modo geral.

O papel regulador e previdenciário do modelo de Estado de Bem-Estar Social mostra-se impotente diante dos interesses e projetos do capital, servindo cegamente às demandas e necessidades de expansão que o sistema precisa para continuar existindo. Procurou-se, diante desse quadro, abordar criticamente a forma orgânica que o capital atua no interior do Estado,

mediado pelos governos, que demonstrou ser uma das principais problemáticas apontadas pelas multidões indignadas que ocuparam as ruas dos grandes centros urbanos em protesto contra as consequências da crise. No decorrer da pesquisa ficou evidente que a base social dos indignados espanhóis coincidia com a do Occupy Wall Street, com a base social do Ocupa Sampa e de tantas outras constelações políticas e grupos sociais que se formaram nas ocupações de 2011.

A incerteza sobre as possibilidades de futuro de uma geração inteira nos países da Europa tornou-se insuportável a ponto de levar muitas pessoas ao suicídio, na Espanha e na Grécia. A população está pagando com dinheiro público e com a própria vida os custos da crise provocada pela ganância e irresponsabilidade dos agentes do sistema financeiro bem representado como o “Minotauro Global”, a exigir sacrifícios para continuar existindo.

Se a degradação do meio ambiente ameaça a vida na Terra, a política antiterrorismo inaugurada pós 11 de setembro de 2001 intensifica os dispositivos do biopoder, justificando a repressão desumanizadora do Estado sobre seus próprios cidadãos. O presente distópico da guerra do “Império contra a multidão” é a expressão cabal do nível de deterioração daquilo que justifica a eficácia da democracia como sistema de governo supostamente da maioria para a maioria. O fenômeno das multidões que tomaram as ruas assumiu proporções impensáveis de modo que não foi possível ignorá-lo, nem como observador passivo, muito menos, como cientista social. Como todo o mundo, fui tomado de assalto pelo evento histórico que se alastrou como um vírus, exigindo-me compreendê-lo. No percurso de pesquisador deparei-me com imensos desafios, que foram se resolvendo no diálogo e no aprendizado da convivência com os grupos do qual fiz parte e na interlocução fecunda com minha orientadora e colegas na academia.

A complexidade, abrangência e amplitude que o fenômeno apresentou, no decorrer da pesquisa, reverberaram nas questões levantadas no campo da teoria dos movimentos sociais, no exercício de tentativa e erro, ao procurar classificar os atores, suas dinâmicas e formas de organização, articulação e mobilização bastante peculiares. Este exercício, aliado ao levantamento bibliográfico resultou na identificação da necessidade em se adequar determinadas abordagens teóricas no sentido de uma ampliação conceitual, visando a compreensão sociológica destas novas formas de movimentos e atores sociais, a produzirem uma *cultura política em rede* característica da cibercultura.

A primeira abordagem investigativa e de revisão de literatura levou-me a transitar no campo de saberes relacionados a cibercultura, no intento de identificar os principais elementos que a caracterizam para cotejá-los com o que emergia da pesquisa de campo. Nesta aventura intelectual, a questão do desenvolvimento tecnológico e do encurtamento espaço-temporal –

propiciado pelas novas tecnologias de comunicação e informação, por dispositivos eletrônicos, virtualmente onipresentes pelo alcance quase universal da Internet – conduziram-me a compreensão do papel jogado por esta dimensão na sociedade contemporânea no sentido de potencializar e intensificar as relações sociais, aproximar as culturas e facilitar novas conexões, antes inimagináveis por causa das longas distâncias e tempos que predominavam em cenários históricos precedentes.

Na jornada neste campo de estudo inovador, as relações sociais intensificam-se possibilitando um ativismo cosmopolita hiperconectado de caráter transnacional. Como pesquisador, utilizando-me das ferramentas tecnológicas do tempo presente, vivi a experiência netnográfica com autenticidade e paixão, tornando-me um Novad como o fez Loïc Wacquant, buscando encontrar caminhos metodológicos que fossem a expressão cibercultural das novas formas e modalidades que se experimentam na esfera do político. Vivenciando, mesmo à distância, o ethos e o modo Novad de ser e de viver a política como arte e a arte como política.

A riqueza do campo empírico modificou os esquemas teóricos, como a poiesis a levar-me com o fluxo da realidade, infinitamente mais complexo que os esquemas conceituais. Ao procurar configurar o movimento social em foco, se fez necessário desenvolver, articular novas conexões categoriais e reinventar noções correntes. O desenvolvimento teórico poiético, na Arena Fibonacci vivenciada com os Novads, levou-nos a consolidar as formas *rizoma, ocupação, diáspora e constelações*, que caracterizam as modalidades que assumem as redes de movimentos antissistêmicos e seus atores sociais, em sua ampla heterogeneidade, articulando lutas anticapitalistas, apesar das suas diferenças fundamentais, o que contribuiu efetivamente para a compreensão do fenômeno como um todo.

A busca de configurar os elementos característicos das culturas políticas produzidas pelas práticas culturais e saberes das constelações que compõem a rede, mostrou-se um desafio gigantesco, cujos resultados apenas indicam caminhos possíveis que podem ser seguidos para realizar tal tarefa. Entretanto algumas características puderam ser apontadas neste sentido. A relevância do papel jogado pelo indivíduo e sua subjetividade nestes processos ficaram evidentes, contudo é preciso não perder de vista a análise sistêmica.

Evidenciou-se que há um choque de culturas que se intensificou com a desdobramento das contradições e das lutas políticas empreendidas pelo “Império contra a Multidão”. São lutas da vida cotidiana, enfrentamentos materiais, corporais e simbólicos entre a cultura dominante do saber com base em sistemas arborescentes e uma miríade de culturas heterônomas antitéticas ao capitalismo, que existem e se manifestam por sistemas rizomáticos. O rizoma é a expressão da heterogeneidade ontológica e da pluralidade política. A cultura política contemporânea sofre

a tenção, imprimida por tais atores sociais, em transmutar-se de um sistema arborescente em um sistema rizomático.

Em meio a essas lutas, a árvore do conhecimento que sustenta a cultura dominante capitalista, sofre a deterioração provocada – ora silenciosamente, quando as *constelações* atuam em separado no exercício das *microrrevoluções*, ora ruidosamente, quando as *multidões* convergem da *forma rizoma* na *forma ocupação* – pelo rizoma que afeta como uma praga viral, o sistema como um todo, posto que atua na produção cultural da rebeldia cotidiana e do questionamento sistemático da ordem dominante.

Se o Occupy Wall Street atualmente não existe mais enquanto tal, ou se o Ocupa Sampa deixou de acampar nos espaços públicos, isto não quer dizer que, como atos fundacionais de culturas políticas antissistêmicas a rede de movimentos tenha deixado de atuar ou de existir. As *constelações* políticas derivadas da *forma ocupação* crescem e se desenvolvem livremente, com a diferença que agora estão todos conectados em uma rede global. Isso amplifica o potencial emancipatório no sentido de produção da mudança social.

Longe de assumir uma abordagem pós-moderna, há uma tendência ao que os Novads defendem como a hipermodernidade, porque constituem processos multidimensionais que se desenvolvem paralelamente no âmago da cibercultura, comunicando no hiperespaço cibercultural a *comuna ludens*, fundada no jogo revolucionário. Intensificando e encurtando as conexões espaço-temporais da *comuna mobilis*, caracterizada por um nomadismo cosmopolita hiperconectado à rede. Não é preciso estar em lugar algum, porque a tecnologia possibilita a presença virtual de qualquer pessoa em qualquer lugar. A poiésis da Arena Fibonacci como modo de interação produtiva de saberes e prática caracteriza o que os Novads denominam de *comuna fluens*, o plano espaço temporal onde as subjetividades fluem livremente. A noção de comuna, aqui, é desterritorializada, não-local.

As práticas culturais dos Novads e de outras constelações políticas são voltadas para a transformação de processos e dinâmicas das relações microssociológicas, nos quais se procuram introduzir contradispositivos de saber e de poder, visando romper com as tessituras do biopoder. Tais práticas consubstanciam o que vem sendo trabalhado teoricamente na noção de *microrrevolução*. Nesta concepção há espaço para relações interpessoais e práticas culturais centralizadoras de poder, mas ao contrário, estabelece práticas e saberes que promovam a difusão igualitária do poder entre grupos e indivíduos.

A noção de microrrevolução emergiu do campo netnográfico e vem sendo desenvolvida coletivamente por mim e pro grupo, necessitando ainda de aprofundamento e aperfeiçoamento, já que está baseada no princípio de transformação dos sistemas arborescentes sem a “tomada”

do poder. Na microrrevolução o poder não é passível de ser tomado porque existe somente enquanto relação, e é justamente na revolução da vida cotidiana que se procura transformar estas relações de dominação em relações emancipadas do capital e do valor material. A microrrevolução busca profanar o que fora apartado do humano como sagrado, repondo-o novamente a esfera do humano.

O corpo, que sofre os efeitos profundos dos dispositivos de saber e de poder na forma de disciplinamento das subjetividades, está ocupado e territorializado pelo capital, daí a necessidade de reterritorializá-lo novamente “ocupando-o”, assumindo seu controle, através de práticas e saberes contradispositivos. Isto abre espaço para o surgimento do sujeito autônomo criativo ou indivíduo social, que não é definido pelo seu tempo de trabalho ou sua profissão. Não seria definido pelo que faz para sobreviver, mas sim pelo seu tempo livre e pelo que faz dele.

Se os Novads lutam pela ampliação do escopo da liberdade na sociedade contemporânea, os indignados espanhóis lutam pela ampliação da igualdade substantiva. Daquelas lutas resultam laboratórios de práticas culturais político-emancipatórios que questionam as relações e formas de poder dominantes, destas, resultam laboratórios de democracia interativa cibercultural, que questionam as relações e formas de assimetrias entre o capital e o trabalho, entre as classes sociais, entre brancos e negros, mulheres e homens, ricos e pobres, representantes e representados.

Se as possíveis implicações das práticas culturais microrrevolucionárias dos Novads incidem sobre os sistemas e valores de hierarquias para que se transformem em sistemas e valores de horizontalidades onde as subjetividades assumem a centralidade da existência e convivência social, podendo resultar na ampliação de práticas e saberes que produzam e fortaleçam sistemas rizomáticos voltados para uma ecologia de saberes e práticas multiculturais, multivalorativas, plurinacionalistas, e autogestionárias.

As possíveis implicações das práticas culturais de radicalização da democracia das constelações políticas dos indignados, reflete na criação de partidos políticos que desejam refundar a democracia representativa, hibridizando-a – ou substituindo-a – pela democracia participativa interativa cibernética. Onde a fração nacional de soberania popular de cada cidadão pode ser outorgada ou revogada a qualquer momento e não apenas no sistema eleitoral.

Diante das questões sociológicas que foram surgindo nos caminhos de pesquisa e na vivência (n)etnográfica, a realidade social desafiadora do tempo presente, parece impor ao cientista social o permanente esforço de compreensão e explicação dos problemas que se apresentam diante de seus olhos atentos. Mas é preciso exercitar a vigilância epistemológica no

sentido de desconfiar dos esquemas pré-concebidos de modo a procurar conhecer a fundo o fenômeno social a que se dispõe a estudar. Ao desafiar minhas próprias limitações e fragilidades diante da riqueza interminável do real e das relações humanas, acabo aprendendo mais sobre mim mesmo, e sobre o mundo em que vivemos.

Ao procurar delinear as características da *cultura política em rede* em pleno processo de configuração, a questão da mudança social aparece como uma “quebra” na curva de possibilidades em eventos reais e imagéticos, que são ressignificados e vão sendo simbolicamente gestados e materialmente constituídos, pouco a pouco, de maneiras quase imperceptíveis, numa espécie de conjunção multidimensional de ações do sujeito individual e coletivo em seu contexto espaço-temporal, cultural, econômico, social e político.

Não parece salutar estabelecer limites para a articulação entre as possibilidades da mudança social num cenário ilusório onde a História é apresentada como se fosse a repetição sempre do mesmo, numa decalcomania que reproduz cópias melhoradas da mesma imagem com pequenas variações. Se para alguns parece que se vive atualmente em uma sociedade distópica, o reino do panóptico foucaultiano no qual não há mais espaço para transformações sistêmicas, o fenômeno das multidões de indignados e tudo aquilo que ele representa e desencadeia no sentido da mudança de sentido da cultura dominante – ao desdobrar-se em uma miríade de novas constelações políticas que atuam em rede –, vem demonstrando justamente o contrário.

Na disputa de terreno com o sistema dominante o rizoma é uma contracorrente que pode emergir em qualquer lugar a qualquer hora. A forma do rizoma está no subterrâneo que eclode em pequenos grupos e conglomerados políticos. O imponderável e o imprevisível são a potência do devir inconcebível da história, em toda sua plenitude de possibilidades. Mesmo que sejam “podadas” as constelações políticas, que sejam cortadas de sua matriz rizomática, o sistema como um todo se mantém e continua a se expandir sem limites desterritorializando-se e reterritorializando-se em parar. Ao passo que o sistema do capital está estruturado em um cerne central arbóreo, que funciona com base em crescentes processos de contradição interna, a saber, na produção do valor.

A cultura dominante do capitalismo sustenta-se sobre um terreno que nutre seu crescimento, que é o trabalho humano produtor de valor. O sistema arbóreo crescente, exige cada vez mais nutriente para continuar existindo, sufocando a sua fonte de crescimento. E ao mesmo tempo o rizoma, que é sua antítese, se desenvolve no subterrâneo, quase sem ser notado. O rizoma emerge na superfície aqui e ali, sendo eliminado pelo sistema dominante concorrente,

mas enquanto dirige sua atenção para a superfície do terreno que domina, no subterrâneo está sua antítese.

O processo de decodificação da cultura dominante por parte dos movimentos antissistêmicos resulta em sua recodificação viral, indivíduo a indivíduo, subjetividade a subjetividade, grupo a grupo, constelação a constelação. Ao estabelecer novas relações sociais e práticas culturais antissistêmicas, pouco a pouco o domínio do terreno poderá estar no plano espaço temporal de outro organismo, quem sabe, certamente distinto do sistema que hoje é dominante. Este é, talvez, o maior desafio sociológico do tempo presente.

A delimitação da cultura política emergente, e das concepções radicais de democracia e poder forjadas na *Ágora* contemporânea cibercultural, permite especular se há sinais de que a crise que se desenvolve não seja apenas uma crise econômica e financeira, mas também, e principalmente, uma crise de instabilidade das instituições sociais, econômicas e políticas que “sofrem” ao tentar adequar-se às novas reconfigurações em processo causadas pela “destruição criadora” que caracteriza o momento histórico, ao recair sobre si mesma, revolucionando-a em seus próprios termos, pela crise do valor e por meio de novas referências políticas que emergem da riquíssima produção cultural dessas constelações políticas. Ao levantar os elementos comuns, surge a necessidade de se configurar o que figura no campo da cultura política, para viabilizar sua delimitação enquanto tal.

As redes de movimentos sociais antissistêmicos constituem uma das principais novidades na arena política e no cenário emergente de uma nova sociedade civil transnacional, devido a forma de articulação e atuação P2P com extensão global. Resulta daí a inovação de seu repertório e a possibilidade de emergência de uma nova cultura política: é como se o tradicional modelo de representação política do século XX não fosse mais adequado para os novos tempos e demandas; as assimetrias de poder entre o capital e o trabalho não fossem mais toleradas; e, os processos destrutivos do capitalismo não tivessem mais espaço para expansão na biosfera e nas consciências políticas das multidões indignadas.

Uma das características comuns consiste no questionamento à uma dupla assimetria presente no contexto das democracias representativas: de um lado a assimetria entre os interesses e o poder do capital em relação aos da maior parte dos cidadãos, de outro a assimetria contrastante entre a cultura política da classe política no poder e a cultura política que vem sendo forjada na rede.

Assim como no Mundo Árabe, na Europa e nos Estados Unidos, os protestos no Brasil, também se iniciaram a partir de um evento-estopim, que não necessária e diretamente estão ligados aos desdobramentos posteriores das formas *rizoma*, *ocupação*, *diáspora* e *constelações*.

Mas que, sem dúvida alguma, constitui um ato fundacional, especialmente ao se desenvolver da forma rizoma para a forma ocupação, cuja experiência compartilhada e vivenciada pelos ativistas, consubstancia-se em um tronco cultural comum que marca o “genoma” das formas diáspora e constelações das redes.

Na medida que a proposta central da pesquisa incide sobre a cultura política emergente dessas redes, algumas questões levantadas e trabalhadas no decorrer da investigação foram as seguintes: Como, então caracterizar tais fenômenos e elementos comuns a grupos tão distintos em diferentes países? É possível identificar características em comum que podem ser atribuídas às práticas e aos saberes dos atores sociais e das redes que se formam desde 2011 em suas diversas camadas e constelações políticas? Quais limites e potencialidades a teoria social existente possibilita no sentido de desvendar os elementos que emergem neste campo tão peculiar? Que nova cultura política está a se desenhar no cenário contemporâneo, a partir das práticas e saberes dessas redes de movimentos antissistêmicos?

As tentativas de responder a estas perguntas todas, não seriam viáveis no âmbito de uma dissertação de mestrado, mas alguns elementos que foram possíveis identificar com base na pesquisa realizada, desde maio de 2011, podem ser indicativos de uma ampliação conceitual e das referências teóricas capazes de lançarem luzes sobre a problemática de pesquisa. Assim, como resultado procurou-se desenvolver nesta pesquisa os elementos dessa cultura política, enquanto política cultural, das práticas e saberes, consubstanciando um *habitus*, específico dos Novads em analogia com outros *nodos* da rede. Indicando, portando, caminhos investigativos a serem seguidos e aprofundados na aventura que é procurar desvendar os mistérios infundáveis da realidade social, diante dos graves problemas impostos pela lógica do capital no mundo contemporâneo, a partir da rede de movimentos antissistêmicos que emergiram naquele período.

Os elementos aqui apresentados constituem aqueles que se tornaram mais evidentes no decorrer da pesquisa, os quais foram possíveis relacionar nas constelações americanas, em especial dos Novads, nas espanholas, do 15M, e nas brasileiras, especialmente, do Ocupa Sampa. A seguir, apresento alguns elementos identificados na pesquisa de campo que resultaram deste estudo, no sentido de que possivelmente configuram parâmetros para a delimitação da cultura política em rede, objeto desta pesquisa:

1. Estes movimentos ocorrem com maior adesão em países em **situação de crise econômica** grave e/ou em processos graduais de precarização da vida, do mundo do trabalho e pela ausência ou processos de deterioração das políticas sociais e da função social do Estado.

2. Pode-se identificar que a **base social** que constitui a maior parte dos ativistas e manifestantes desses movimentos assume as características do que Ruy Braga, Guy Standing e Giovanni Alves denominam de **precariado**: por um lado, Ruy Braga em seu novo livro *A política do precariado* (2012), considera o precariado como sendo o “proletariado precarizado”; por outro lado, Guy Standing no livro *The precariat* (2010) não considera o precariado como proletariado, mas sim uma nova classe – “the new dangerous class”. Já Giovanni Alves utiliza o conceito de “precariado” a partir de uma conotação sociológica mais específica. O precariado na teoria de Alves, não constituiria uma nova classe social, mas sim uma nova camada da classe social que assume cada vez mais uma condição que historicamente é característica exclusiva do proletariado que ele denomina de condição de proletariedade, que ultimamente, caracteriza-se pela precarização laboral de existencial.
3. Praticamente todos os atos de revoltas populares encarnados nas manifestações têm início a partir de um “**ato-estopim**”, que geralmente não está aparentemente relacionado aos desdobramentos e motivações posteriores das mobilizações e das ocupações: na Tunísia e em vários países árabes: autoimolações; na Europa: revoltas gregas e a ocupação do 15-M na Praça del Sol; nos EUA: a ocupação do Zucotti Park que fundou o OWS; na Turquia: a ocupação contra a remoção de árvores; Brasil: movimento passe livre e repressão violenta da polícia. O estopim dos protestos no Brasil, em setembro de 2011, foi a ocupação do viaduto do Vale do Anhangabaú. Nas revoltas de junho de 2013, foi a ação do Movimento Passe Livre, que reivindica o direito a mobilidade urbana, ao passe livre para cidadãos trabalhadores e estudantes nos circuitos urbanos construídos em função dos interesses do capital e o momento especial de visibilidade que o país viveu por ocasião dos eventos esportivos internacionais.
4. No núcleo da crítica formulada nos processos de *swarming*, ou rizomáticos, está o modelo liberal de democracia representativa, a luta veemente contra a corrupção da classe política, contra o capitalismo especulativo e a relação orgânica dominante do mercado neoliberal com o Estado e os governos, cujos interesses favorecem o capital em detrimento dos direitos trabalhistas, dos direitos humanos, do meio ambiente, das políticas públicas e de demandas sociais básicas da população. São lutas caracteristicamente anticapitalistas ou antissistêmicas. As suas faces menos radicais, que estão mais ao centro do espectro político, pretendem reformar a democracia representativa, transformando-a de uma democracia de baixa intensidade, em uma

democracia de alta intensidade, com base em formatos democráticos interativos, mediados pelas novas tecnologias de informação e comunicação.

5. A partir do “ato-estopim”, variadas formas de indignação impulsionam a confluência progressiva das multidões a ocuparem ruas e espaços públicos durante determinado período de tempo. A esta forma do movimento denominou-se “*rizoma*”: momento em que todas as cores da indignação assumem formas manifestas de protestos na Ágora contemporânea, que hibridiza o virtual e o social. Cada qual com sua demanda, sua crítica, sua cosmovisão, sua ideologia, seu projeto de mundo. Cada qual com seu cartaz em meio à multidão, assim como acontece nas redes sociais. Nesta fase podem coexistir momentaneamente grupos que vão de tonalidades anarquistas, de esquerda progressista, direita nacionalista e até fascistas ou neonazistas. Aqui cabe ressaltar a importância do conceito de “*multidão*” e de “*Império*” de Negri e Hardt, de “*redes de indignação*”, de Castells (2011), de “*sociedade abigarrada*” de Zavaleta Mercado (2002) e a noção de “*Arena Fibonacci*” e “*poiesis*” dos Novads.
6. Nesta fase, as multidões, nos atos públicos de revolta que são inicialmente pacíficos, assumem dimensões de enfrentamentos entre manifestantes e o aparato repressivo estatal. Muitas vezes assumem características e dimensões de verdadeiras guerrilhas urbanas, de revoltas ou até mesmo de revoluções, com deposição de governos, mortes e prisões em massa. Portar vinagre ou encobrir o rosto visando o anonimato passa a tornar-se um ato subversivo criminalizado, passível de coerção e prisão; manifestar-se contra o sistema passa a ser considerado um ato de “terrorismo doméstico”.
7. Ainda durante a forma rizomática começa a tomar lugar a *forma “ocupação”* que se caracteriza pelo processo de ocupação de espaços públicos, como parte das estratégias de lutas dos movimentos que, mais tarde irão constituir constelações e grupos mais ou menos distintos, sejam novos ou pré-existentes. Neste momento ocorre o que venho denominando de *ato fundacional*, que representa um espaço existencial e de vivência coletiva, que demarca o processo ontológico e desdobramentos políticos dos indivíduos e das coletividades a coexistirem em tais espaços. É um momento de festa e de diálogo, de experimentação política fundada na heterogeneidade inicial, que vai sedimentando os grupos por afinidades eletivas. Formam-se *gravitações políticas* que “atraem” os indivíduos e suas cosmovisões se entrelaçam fundindo-se em uma constelação que se consolida gradualmente pela convivência e experiência mútua nas demais formas subsequentes.

8. A terceira formação que estas “primaveras” claramente apresentam, consiste em um movimento de dispersão dos lugares ocupados o qual denominou-se de forma “*diáspora*”: quando os grupos que ocupam as ruas e os espaços públicos começam a dispersar e retomar sua rotina. Contudo, as formas *rizomática* e de *ocupação* delimitaram um marco histórico em pleno processo de desenvolvimento nas formas subsequentes, onde o fugidio e o indeterminado (para lembrar o que Baudelaire aponta como características da condição moderna) se apresentam conforme o contexto sociopolítico de cada país ou região.
9. Ao iniciar a *forma diáspora*, em paralelo, tem início a quarta forma, que os Novads denominam de “*constelações*”. Nesta formação os grupos mais ou menos afins, em termos político-ideológicos ou organizacionais, passam a convergir e consolidarem-se em determinados “centros gravitacionais” político-culturais, de acordo com a visão de mundo e a compreensão do grupo sobre os significados, as causas, os motivos e as estratégias de atuação no universo que compõe a rede dos movimentos em termos mais gerais. Com o tempo, o Movimento Occupy Wall Street (OWS), no processo da própria *diáspora*, desdobrou-se em cinco grandes tendências, ou constelações-mor: *Tide*, *Pivot*, *Reclaim*, *Novad* e *Strike Debt*. Na Espanha o movimento agrupou-se em torno de gravitações diversas como assembleias de bairros, em novas formas de organização da sociedade civil ou daqueles grupos que fundaram um novo partido (o Partido X, que pretendeu instaurar a democracia radical a partir do sistema político-partidário representativo e, em 2014, criou-se um partido denominado “Podemos”, com a mesma finalidade, mas mais orgânico às constelações do 15M)
10. Normalmente, após a *diáspora* os movimentos sociais já existentes no país, conformam-se em novas *constelações de segundo nível ou transversais*: movimento trabalhistas, de direitos humanos, de mulheres, LGBT, sindicalistas, ambientalistas, anarquistas, indígenas (ou mesmo fascistas), passam a retomar e resinificar suas formas de lutas com mais força e passam a compor as constelações da rede nacional e transnacional que se organizam e ações diretas articuladas ou ações locais, unificando saberes, símbolos, táticas e estratégias sem perder sua identidade política.
11. Os novos atores sociais do cenário global da era digital pretendem conjugar o verbo “ocupar”, resignificando-o e dotando-o de um poder simbólico que visa a “ocupação” desde instituições sociais, até campos de saberes distintos (como a estética, linguística e a retórica, a ciência, em geral), assim como as práticas hegemônicas reprodutoras da

- lógica do capital e do Império, procurando transformá-las em favor do precariado ou subverte-las; emerge novos processos de *produção cultural anticapitalista em redes*.
12. Neste ponto do desenvolvimento das constelações, desenvolvem-se **cosmovisões** que as caracterizam, no sentido das práticas culturais e as estratégias revolucionárias. A política, aqui, é entendida de maneira muito mais ampla, capilarizada e difusa; pertence ao campo das subjetividades e é inscrita nos corpos, violada constantemente por dispositivos de poder e de saber a encarnarem processos de “subjetivação dessubjetivante”. Ao estimular o desenvolvimento de novas formas de saberes que fundamentam a constituição de sua prática cultural, visam romper com tais dispositivos, cujos principais objetivos são transformar em dóceis os sujeitos permissivos aos mecanismos sociometabólicos do capital. A esfera do político, nessa perspectiva, permeia todas as relações cotidianas, as teias de significados e as formas de viver da esfera pública ou privada questionando o estatuto da representação em qualquer instância ou dimensão social ou política. Como parte deste epifenômeno das constelações, surgiu, na cosmovisão dos Novads o conceito de “microrrevolução”, que caracteriza grande parte de suas estratégias.
 13. Determinados grupos, pretendem instituir uma nova gramática social e construir paulatinamente novas *culturas políticas*, modos alternativos de produção, distribuição e consumo, formas de sociabilidade alternativas e relações sociais radicalmente horizontais, sem a figura da representação política. A representação política seria uma das principais causas de exclusão, exploração, repressão e desigualdade dos sistemas políticos verticais, nos quais as corporações e redes transnacionais do capital dominam e orientam os modelos de desenvolvimento, as relações de produção, as instituições, estruturas e relações sociais que orientam o destino da democracia representativa liberal. Daí emergem noções como as de horizontalidades, dromocracia cibercultural, democracia interativa, entre outras.
 14. Tanto os “occupies” norte-americanos, quanto os “indignados” europeus procuram desenvolver contradispositivos em suas estratégias de luta, procurando incidir o foco da resistência nos processos de subjetivação-dessubjetivação, levando ao limite o exercício do poder por parte do governo e dos grupos instituídos, especialmente a classe política e as corporações transnacionais. Desses processos emergem **novas concepções de poder e processos reacionários que podem descambar para militarismo e redução do escopo democrático, como um efeito perverso e não esperado dos movimentos.**

15. As constelações políticas que se consolidam com estes processos, desenvolvem novas formas de saber, decodificam e recodificam as novas formas de conhecimento e articulam diferentes campos de saberes, alargando as fronteiras do conhecimento ao articular diversas correntes de pensamento e áreas em uma **ecologia de saberes** que se manifesta em uma **ecologia política cosmopolita hiperconectada**.
16. Estas formas de saber ecológico multiculturais e políticas difusas permeiam as dinâmicas subjetivas das práticas individuais e coletivas das constelações, os quais se manifestam em **processos ontológicos de produção de novas subjetividades em espaços pluripotenciais de existência**. Estes processos ocorrem em conexões e interações locais e não-locais das redes.
17. Os movimentos de ocupação, desde 2011, continuam a ampliar e organizar sua luta, de um modo geral, com horizontes políticos plurais, entre os quais se destacam **três grandes vertentes políticas**: determinados grupos desejam inclusão socioeconômica, ampliação e garantia de direitos historicamente conquistados, visando maior equidade e justiça social; outros pretendem a reinvenção da política e da própria democracia, visando instituir reconfigurar o sistema político e a ordem social; já grupos de tendência neoanarquista, que atuam fortemente no movimento OWS e nos indignados europeus, propugnam como a solução possível a extinção do próprio Estado ou o desenvolvimento de formas de vida social e práticas políticas nos “interstícios” da tessitura do poder governamental.

Dessa luta agonística entre as relações do poder da “multidão contra império” (NEGRI; HARDT, 2001) ou da “democracia contra capitalismo” (WOOD, 2011) os jogadores precisam descompensar o equilíbrio de tensões visando reconfigurar os processos e os campos políticos, econômicos e culturais. Tanto as estratégias microrrevolucionárias dos Novads, quanto as estratégias revolucionárias ou reformistas das constelações que compõem a rede de movimentos antissistêmicos, podem escolher jogar o jogo do império ou romper com a lógica do jogo, podendo resultar ou não em algum desequilíbrio das tensões até então sob o controle dos dispositivos.

Os movimentos antissistêmicos do século XXI, assim como determinados movimentos sociais latino-americanos que os influenciaram, concebem a luta no sentido da redefinição do que conta como político, redefinindo o que caracteriza o próprio sistema político, as práticas econômicas, sociais e culturais, no sentido de possibilitar a ampliação e a dessedimentação de novas fronteiras do político, através da produção de conhecimento e de práticas discursivas e ações diretas, visando ressignificações simbólicas de relações sociais típicas do capitalismo

contemporâneo. As formas de luta por liberdade antissistêmica da “multidão” (conforme expresso na metáfora dos 99%) contra o “império” (simbolicamente representada como 1%) do capital questionam modelos neoliberais de democracia.

Ao buscar o alargamento do campo do político, profanando (AGAMBEN, 2009) o fetiche sagrado do capital e a “ditadura” cultural do mercado sobre a ordem social, procuram restituir o que fora apartado do universo do político pela sedimentação da política institucional, redefinindo o que na cultura hegemônica se defende como sendo a esfera “autônoma” e “natural” do econômico. Assim, a cultura política hegemônica determina o que está ou não na esfera do político, definindo conseqüentemente o que está ou não, no domínio do econômico ou do social.

A “diáspora” das constelações que compõem as redes de movimentos antissistêmicos é um processo que ainda está em curso e não se encerra com a saída das praças e ruas ocupadas, mas que se desenvolve em consolidação das *constelações* das identidades coletivas e da conformação de correntes relativamente divergentes quanto à forma e o conteúdo das estratégias políticas e da própria visão de mundo em suas lutas políticas agonísticas. O Movimento Occupy constituiu um momento em que os córregos e riachos convergiram para um caudaloso “Amazonas” da multidão indignada e que agora se separam no delta que marca um novas fases identitárias e de lutas.

A questão posta, qual esfinge de Gizé, é compreender os elementos constitutivos, a natureza e as perspectivas desses movimentos, que articulam potencialidades do espaço virtual às tradições emancipatórias de lutas nos espaços urbanos. Assim, os movimentos retomam a tecnologia e mobilizam a tomada das praças e ruas redefinindo a função dos espaços públicos no tempo e no espaço (HARVEY, 2012), propondo a reinvenção do político e questionando o modelo hegemônico de democracia na contemporaneidade.

Desse modo, os novos atores sociais da cibercultura, pretendem instituir uma nova gramática social, construir paulatinamente novas culturas políticas, modos alternativos de produção, distribuição e consumo, formas de sociabilidade alternativas e relações sociais radicalmente horizontais. Neste contexto a representação política figura como uma das principais causas de exclusão, exploração e desigualdade dos sistemas políticos verticais, nos quais as corporações e redes transnacionais do capital dominam e determinam os modelos de desenvolvimento, as relações de produção, as instituições, estruturas e relações sociais que orientam o destino dos governos em sistemas fundados na democracia representativa liberal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 15M. *Indignados!* Madri: Mandala Ediciones, 2011.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Zahar, 1985.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Temas básicos de sociologia*. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix e USP, 1973.
- AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
- AGAMBEN, G; ASSMANN, S.J. *Profanações*. Boitempo Editorial, 2011.
- ALONSO, Angela. *As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate*. Lua Nova [online]. 2009, n.76, pp. 49-86. ISSN 0102-6445.
- ALVAREZ, S.; DAGNINO, E.; ESCOBAR, A. (orgs.). *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- ALVES, Giovanni. *O enigma do precariado e a nova temporalidade histórica do capital*. São Paulo, 13 jul. 2012. Disponível em: <http://boitempoeditorial.wordpress.com/category/colunas/giovanni-alves/>. Acesso em: 25 set. 2012.
- ANDERSON, P. *Balanço do neoliberalismo*. In: SADER, E. e GENTILI, P. (orgs.). *Pós-neoliberalismo – as políticas sociais e o Estado democrático*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1995.
- ANTOUN, H. *A multidão e o futuro da democracia na cibercultura*. Apresentado no XI Encontro Anual da Compós, Rio de Janeiro, 2002.
- ARATO, Andrew; COHEN, Jean. *Sociedade civil e teoria social. Sociedade civil e democratização*. Belo Horizonte: Del Rey, p. 147-182, 1994.
- AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- AVRITZER, L. e SANTOS, B. S. (2003) *Para Ampliar o Cânone Democrático*. In Santos (2005).
- BACHELARD, Gaston. *A Água e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Trad. bras. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BARNOSKY et all, *Has the Earth's sixth mass extinction already arrived?* Nature. 2011
- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997.
- BAUMMAN, Zygmunt. DONSKIS, Leonidas. *Cegueira Moral - A Perda da Sensibilidade na Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014
- BEAUD, Stéphane. *Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BELUZZO, L. G. *Inside Job, documentário imperdível*. Disponível em:
- BERGSON, Henri. 1998. *Duração e simultaneidade*. (trad. Claudia Berliner) São Paulo: Martins Fontes. [1922]
- BEUAD, S.; WEBER, F. *Guia para a pesquisa de campo: Produzir e analisar dados etnográficos*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BEY, H. *Zona autônoma temporária*. [S.l.] Autonomia, 1991.

- BHABHA, Homi K. O local da cultura. Ed. UFMG, 1998.
- BLUMER, H. *Social Movements, in Principles of Sociology*, A.M. Lee, ed. New York: Barnes and Noble, 1955.
- BOLTANSKI, L; CHIAPELLO E. *O Novo Espírito do Capitalismo*. WMF Martins Fontes, 2009.
- BORGES, A.; DRUCK, M.G. Crise global, terceirização e exclusão no mundo do trabalho. Caderno CRH, Salvador, n.19, p. 22-43, jul./dez. 1993.
- BOURDIEU, P. A precarização está hoje por toda parte. In: _____. *Contrafogos*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, pp. 119-127, 1998.
- _____. et al. *Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- _____. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- _____. *Razões práticas*. Campinas: Papyrus, 1997.
- BRAGA, Ruy. A política do precariado. Boitempo Editorial, 2013.
- BRANCO, R. C. A crise de 2008 e seus impactos na “questão social”. Disponível em: <<http://www.socialismo.org.br/portal/questoes-sociais/113-artigo/639-a-crise-de-2008-e-seus-impactos-na-questao-social>>. Acesso em: 15 de jun. 2011.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. *A crise financeira global e depois: um novo capitalismo?*. Novos estud. - CEBRAP, São Paulo, n. 86, Mar. 2010. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002010000100003>. Acesso em 3 de Outubro de 2011.
- BRITO, G.; NADER, V. Profundidade da crise coloca desafios cruciais para a classe trabalhadora. Disponível em: <www.correiodacidadania.org.br>. Acesso em: 01 de jul. 2011.
- CACCIA BAVA, Silvio. Políticas sociais são o band-aid da sociedade. Entrevista à Instituto Humanitas Unisinos. Em Adital. 26 de Janeiro. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/29309-politicas-sociais-sao-o-band-aid-da-sociedade-entrevista-especial-com-silvio-caccia-bava->>. Acesso em: 10. Mar. 2014.
- CARVALHO, A. M. P. et all, Estado e Políticas Públicas Brasil e Portugal: novas configurações. Desafios do presente. Revista de Políticas Públicas, Vol. 14, p. 233-256, 2010.
- _____. M. P. Radicalizar a Democracia: O desafio da reinvenção da política em tempos contemporâneos, Revista Políticas Públicas, São Luís, V.1 n.º1, 2004.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. 10ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, v. 1, 2007.
- _____. *Communication power*. Oxford University Press, 2013.
- CERTEAU, Michel. de,(1984). *The practice of everyday life*, 1988.
- CHESNAIS, F. A mundialização do capital e a acumulação financeira neoliberal. O olho da história, Salvador, v.1, n. 5, p. 13-33, set. 1998.
- _____. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996.
- COSTA, G. Crise atual pode ser mais intensa do que a de 1929? Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2009-04-25/crise-atual-pode-ser-mais-intensa-do-que-de-1929-diz-sociologo>>. Acesso em: 25 de jun. 2011.
- COUTINHO, C. N. *A democracia como valor universal e outros ensaios*. 2. ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.

- DAGNINO, Evelina. Cultura, cidadania e democracia: a transformação dos discursos e práticas na esquerda latino-americana. *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras*, p. 61-102, 2000.
- DAHL, R. *Poliarquia: Participação e Oposição*. São Paulo: Edusp, 1971.
- DAL ROSSO, Sadi. Multidão pode substituir classe operária nos dias de hoje?. *Soc. estado.*, Dez 2006, vol.21, no.3, p.793-800.
- DE CERTEAU, M. *The Practice of Everyday Life*. Berkeley: University of California Press, 1984.
- DE LA QUADRA, F. *Movimiento Estudiantil en el Chile Contemporáneo: un análisis de la rebelión de los pingüinos*. Editorial Académica Española, 2012.
- DE LANDA, Manuel. *A Thousand Years of Nonlinear History*. 4 ed. New York, Ed. Swerv, 1997.
- DE PAOLA, Gregorio. “Georges Sorel, da metafísica ao mito”. In: HOBBSAWM, Eric J. (Org.). *História do marxismo: o marxismo na época da Segunda Internacional (terceira parte)*. São Paulo: Paz e Terra, 1986. v. 4, p. 51-83.
- DE SOUSA SANTOS, Boaventura. *Oficina do CES n.º 322 Março de 2009*. 2009.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEL FRESNO GARCÍA, Miguel. *Netnografía: investigación, análisis e intervención social online*. Editorial UOC, 2011.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol. 1, Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.
- DELEUZE, Gilles. *Duração e Simultaneidade*. 1 ed. São Paulo, Martins Fontes. (2006)
- _____. *Bergsonismo*. Trad. Luiz BL Orlandi. São Paulo: Editora, v. 34, 1999.
- _____. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- _____. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- _____. *Rizhome*, Paris: Les éditions de Minuits, 1976.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs*. v. 1. Rio de Janeiro: Editora, v. 34, 1995.
- DOMINGUES, J. M. *Aproximações à América Latina: desafios contemporâneos*. Editora Record, 2007.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. *A sociedade vista da periferia*. *Revista brasileira de ciências sociais da Associação Nacional de Pós-graduação*, V.1, n.1, p.84-99, 1986.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Tradução, Vera Ribeiro; revisão técnica e notas, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 1994.
- _____. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1994. v 1.
- FIGUEIREDO F, Dalson B; SILVA Jr, José A. *Visão além do alcance: uma introdução à análise fatorial*. *Opinião Pública*, Campinas, vol. 16, nº 1, Junho, 2010, p. 160-185.
- FISKE, S. T. *Examining the role of intent: Toward understanding its role in stereotyping and prejudice*. *Unintended thought*, p. 253-283, 1989.

FOUCAULT, M (1983). O sujeito e o Poder. In RABINOW, P.; DREYFUS, H. Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. A Arqueologia do Saber, 7ª. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2009.

_____. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 4ª.ed., Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FRASER, Nancy (1993). Rethinking the Public Sphere: A Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy. In: CALHOUN, Craig. Habermas and the Public Sphere. England: The MIT. 2ª Edição.

Frontier. HarperPerennial Paperback in USA, Manuscrito eletrônico: <http://www.well.com/user/hlr/vcbook/index.html>. 1993.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Editora Guanabara, 1973.

GILROY, Paul. O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GLUCKMAN, M; DEVONS, E. Análise de uma Situação Social na Moderna Zululândia. Antropologia das Sociedades Contemporâneas, São Paulo, Globo, 1987.

HARDT, M; NEGRI, A. Império. Tradução de Berilo Vargas. ed. 2. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HARDT, M; NEGRI, in BROWN, Nicholas and SZEMAN, Imre. O que é a Multidão? Questões para Michael Hardt e Antonio Negri. Novos estud. - CEBRAP [online]. 2006, n.75, pp. 93-108. ISSN 0101-3300. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002006000200007>.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Império. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____; NEGRI, Antônio. Multidão: guerra e democracia na era do império. Tradução: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HARDT, Michel; NEGRI, Antônio. *Império*. Tradução de Berilo Vargas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. *Multidão: guerra e democracia na era do império*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HARVEY, D. O Neoliberalismo: história e implicações. Tradução: Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2008, Introdução, cap. 01 e cap. 02, pp. 11-73.

_____. *Condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. [The condition of Postmodernity An Enquiry into the Origins of Cultural Change]. Tradução Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. 17ª. São Paulo: Edições Loyola, 2008. 350 p.

_____. *Condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. [The condition of Postmodernity An Enquiry into the Origins of Cultural Change]. Tradução Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. 17ª. São Paulo: Edições Loyola, 2008. 350 p.

_____. O enigma do capital e as crises do capitalismo. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

_____. *O enigma do capital: e as crises do capitalismo*. Tradução de João Alexandre Pechanski. São Paulo: Boitempo, 2011.

HARVEY, David... et al. *Occupy: movimentos de protestos que tomam as ruas*. Tradução João Alexandre Pechanski... et al. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012.

HOLLOWAY, J. *Mudar o Mundo sem Tomar o Poder*. São Paulo: Viramundo, 2003.

HOUTART, F. (2007). Os movimentos sociais e a construção de um novo sujeito histórico. Em A. A. Boron, J. Amadeo, & S. Gonzales, A teoria Marxista hoje: problemas e perspectivas. Fonte: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/campus/marxispt/cap. 20.doc>

_____. *La mundialización de las resistencias y de las luchas contra el neoliberalismo*. In Seoane, José y Taddei, Emilio (orgs.) Resistencias mundiales [De Seattle a Porto Alegre]. Buenos Aires: CLACSO, 2001.

HUIZINGA, J. *Homo Ludens*. 4a. ed. S: Perspectiva, 2000.

IANNI, O. *Teorias da globalização*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

INGLEHART, Ronald. The Silent Revolution in Europe: Intergenerational Change in Post-Industrial Societies. *The American Political Science Review*, Vol. 65, No. 4. 1971, pp. 991-1017.

JOB, Nelson. A diferença emaranhada travessias entre a filosofia da diferença ea física da consciência. 2007. Tese de Doutorado. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO.

JORDAN, Glenn et al. *Cultural politics: Class, gender, race and the postmodern world*. Oxford: Blackwell, 1995.

KÄRNER, Hartmut; SCHERER-WARREN, Ilse; KRISCHKE, Paulo J. Movimentos sociais: revolução no cotidiano. Uma revolução no cotidiano, p. 19-35, 1987.

LATOURETTE, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. *Objetos impuros: experiências em estudos sociais da ciência*. Porto: Afrontamento, p. 40-61, 2007.

LAZZARATO, M. *As revoluções do capitalismo*. 2006.

LE BON, G. *Psicologia de las Multitudes*. Buenos Aires, Editorial Albatros, 1947.

LECHNER, Norbert. "Qué significa hacer política". In: LECHNER, N. (ed.). *¿Qué significa hacer política?*. Lima, DESCO, 1982.

LEFORT, C. *Democracy and political theory*. Cambridge: Polity Press, 1988.

LEIRIS, Michel. *Africa Fantasma*. Editora Cosac Naify, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre uma sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MAQUIAVEL, O Príncipe. Tradução: Pietro Nassetti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001.

Marx, K. (1983). *O Capital: crítica da economia política* (Vol. I). São Paulo: Arbil Cultural.

MARX, K. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. [Karl Marx Ökonomische Manuskripte 1857/58]. supervisão editorial Mario Duayer, Tradução Mario Duayer, Nélio Schneider, (colaboração de Alice Helga Werner e Rudiger Hoffman). 1ª ed. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011. 788 p.

_____. *O capital: crítica da economia política*. [Das Kapital: Kritik der politischen Ökonomie]. Tradução Reginaldo Sant'Anna. 20ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v.1. 571 p. ISBN 85-200-0467-9.

McAdam, D.; Tarrow, S.; Tilly, C. *The Dynamics of Contention*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

MELUCCI, A. *L'Invenzione del presente. Movimenti, Identità, Bisogni Individuali*. Bolonha, Il Mulino, 1982.

- MÉSZÁROS, István. (2007). *O Desafio e o Fardo do Tempo Histórico: o socialismo no século XXI*. (A. Cotrim, Trad.) São Paulo: Boitempo.
- _____. *A crise estrutural do capital*. Tradução de Francisco Raul Corvejo... et al. 2 ed. rev. e ampliada São Paulo: Boitempo, 2011. 153 p. (Mundo do trabalho).
- _____. *Estrutura social e formas de consciência: a determinação social do método*. Boitempo, 2009.
- _____. *Ir além do capital. Globalização e socialismo*. São Paulo: Xamã, 1997.
- _____. *O Desafio e o Fardo do Tempo Histórico: o socialismo no século XXI*. Tradução de Ana Cotrim. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MILLS, C. Wright. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- MOORE JR, Barrington. *Injustiça: as bases sociais da obediência e da revolta*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MORIN, E. *O século XXI começou em Seattle*. Le Monde, Dez., 1999.
- MOUFFE, C. *The return of the Political*. Londres: Verso, 1993.
- NEGRI, A. *El movimiento de los movimientos*. I Ciclo de Seminarios Internacionales: Pensado el Mundo desde Bolivia, 2010.
- NICHOLS, B. *Introdução ao Documentário*. Tradução de Mônica Saddy Martins. Campinas: Papirus, 2005.
- OFFE, C. *Capitalismo desorganizado*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- OLIVEIRA, F. e RIZEK, C.S. (orgs.) *A era da Indeterminação*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- PESSOA, R. *Inside Job e as entranhas do capitalismo*. Disponível em: <www.outraspalavras.net>. Acesso em: 09 jun. 2011.
- PILKINGTON, P. (13 de Fevereiro de 2012). *The Global Minotaur: An Interview with Yanis Varoufakis*. Acesso em 14 de Agosto de 2014, disponível em Naked Capitalism: <http://www.nakedcapitalism.com/2012/02/the-global-minotaur-an-interview-with-yanis-varoufakis.html>
- POULANTZAS, N. *O Estado, o poder e o socialismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- RABINOW, P.; DREYFUS, H. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- REVISTA CULT. *O que pensam os jovens que ocupam as ruas*. Edição 182: São Paulo. Agosto de 2013. Acesso em 18 de Agosto de 2013; Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/08/o-que-pensam-os-jovens-que-ocupam-as-ruas/>
- RHEINGOLD, Howard. *The Virtual Community: Homesteading on the Electronic*
- RIBEIRO, Gustavo Lins. *Cultura e política no mundo contemporâneo: paisagens e passagens*. Editora UnB, 2000.
- ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história conceitual do político*. Revista Brasileira de História. v. 15 N° 30. São Paulo. 1995.
- SAHLINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- Santos, B. d. (Março de 2009). *Por que é que Cuba se transformou num problema difícil para a Esquerda?* Oficina do Centro de Estudos Sociais - Oficina n° 322.

- SANTOS, B. S. (org.). *A crítica da razão indolente*. Contra o desperdício da experiência. v. 1, São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- _____. (org.). *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 2ª. ed. São Paulo: Cortez Editora, v. 4, 2008. 511 p.
- _____. (org.). *Democratizar a Democracia: os caminhos da democracia participativa*. - 3ªed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- _____. (org.). Epistemologías del sur. Utopía y Praxis Latinoamericana, v. 16, n. 54, p. 17-39, 2011.
- _____. *Sociedade, Estado e Políticas na civilização do capital: um olhar sobre o presente*. In: Painel Temático Sociedade/Estado/Políticas Públicas. In: Congresso Luso-Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Braga – Portugal, 2009b.
- SCHERER-WARREN, Ilse. *Movimentos sociais: um ensaio de interpretação sociológica*. 2ª ed. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 1987.
- SHAPER, I. *A Handbook of Tswana Law and Custom*, London: Oxford University Press, 1938.
- SIGHELE, Scipio; LIMA, Adolfo. A multidão criminosa: ensaio de psicologia colectiva. 1954.
- SLATER, D. Repensando as espacialidades dos Movimentos Sociais. In: ALVAREZ. E.D. (orgs). *Cultura e política nos Movimentos Sociais latino-americanos: novas leituras*. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000 (p.503-533).
- SOUSA SANTOS, B de. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 2ª. ed. São Paulo: Cortez Editora, v. 4, 2008. 511 p.
- STANDING, Guy. *The precariat: The new dangerous class*. Hodder Arnold, 2011.
- TAPIA, Luis M. La producción del conocimiento local. Historia y política en la obra de René Zavaleta. La Paz: Muela del Diablo, 2002.
- TARDE, Gabriel. *Les lois de l'imitation*. 1890. Re-edition Kimé, 1993.
- THOMPSON, E.P. *A miséria da teoria: ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- TOURAINÉ, A. (1984). The waning sociological image of social life. *International Journal of Comparative Sociology*, 25, 1-2: 33-44.
- _____. *La Voix et le Regard*. Paris, Scuil, 1978.
- _____. *Production de la Société*. Paris, Scuil, 1973.
- TRIVINHO, Eugênio. *A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada*. Paulus, 2007.
- VAN VELSEN, J. A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado. In: Bela FB, organizador. *A antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Global; 1987. p. 345-74.
- WACQUANT, Loïc. *Corpo e Alma: etnográfica Notas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, p. 207-233, 2002.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *Para Abrir as ciências Sociais*. São Paulo: Cortez,
- WEBER, Max. *A Ética e o Espírito do Capitalismo*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo, Companhia das Letras, São Paulo-SP, 2004.

_____. *Metodologia das ciências sociais*. 4.ed. São Paulo: Cortez: Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 2001. v.1. 210 p.

WHITE, M. (2014, junho 21). Social Change Theory Innovation. Retrieved agosto 13, 2014, from Notes On The Future Of Activism: <http://www.micahmwhite.com/social-change-theory/notes-on-the-future-of-activism>

WILLIS, P. *Common Culture*. Londres: Verso, 1990.

WOOD, Ellen M. *Democracia contra capitalismo: renovação do materialismo histórico*. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. *O que é (anti)capitalismo?* Revista Crítica Marxista, Nº 17. Campinas, 2006.

_____. *Empire of capital*. London and New York: Verso, 2003.

YÚDICE, G. A globalização da cultura e a nova sociedade civil. In: ALVAREZ, S.; DAGNINO, E.; ESCOBAR, A. (orgs). *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

ZAVALETA MERCADO, René. *El poder dual. Problemas de la teoría del estado en América Latina*. 2.ed. Cidade do México: Siglo XXI, 1977.

_____. *Las determinaciones dependientes y la forma primordial*. In: ARAVENA, Francisco Rojas. *América Latina: desarrollo y perspectivas democráticas*. San José: Flacso, 1982.

_____. *Las masas en noviembre*. La Paz: Juventud, 1983.

_____. *Lo Nacional-Popular en Bolivia*. Cidade do México: Siglo XXI, 1986.

ŽIŽEK, Slavoj. *Primeiro como tragédia, depois como farsa*. Tradução de Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. In HARVEY, David... et al. *Occupy: movimentos de protestos que tomam as ruas*. Tradução João Alexandre Peschanski... et al. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012.

_____. *Primeiro como tragédia, depois como farsa*. São Paulo: Boitempo, v. 47, 2011.

_____. *Problemas no paraíso*. Slavoj Žižek et al., *Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo//Carta Maior, v. 10, p. 1-10, 2013.